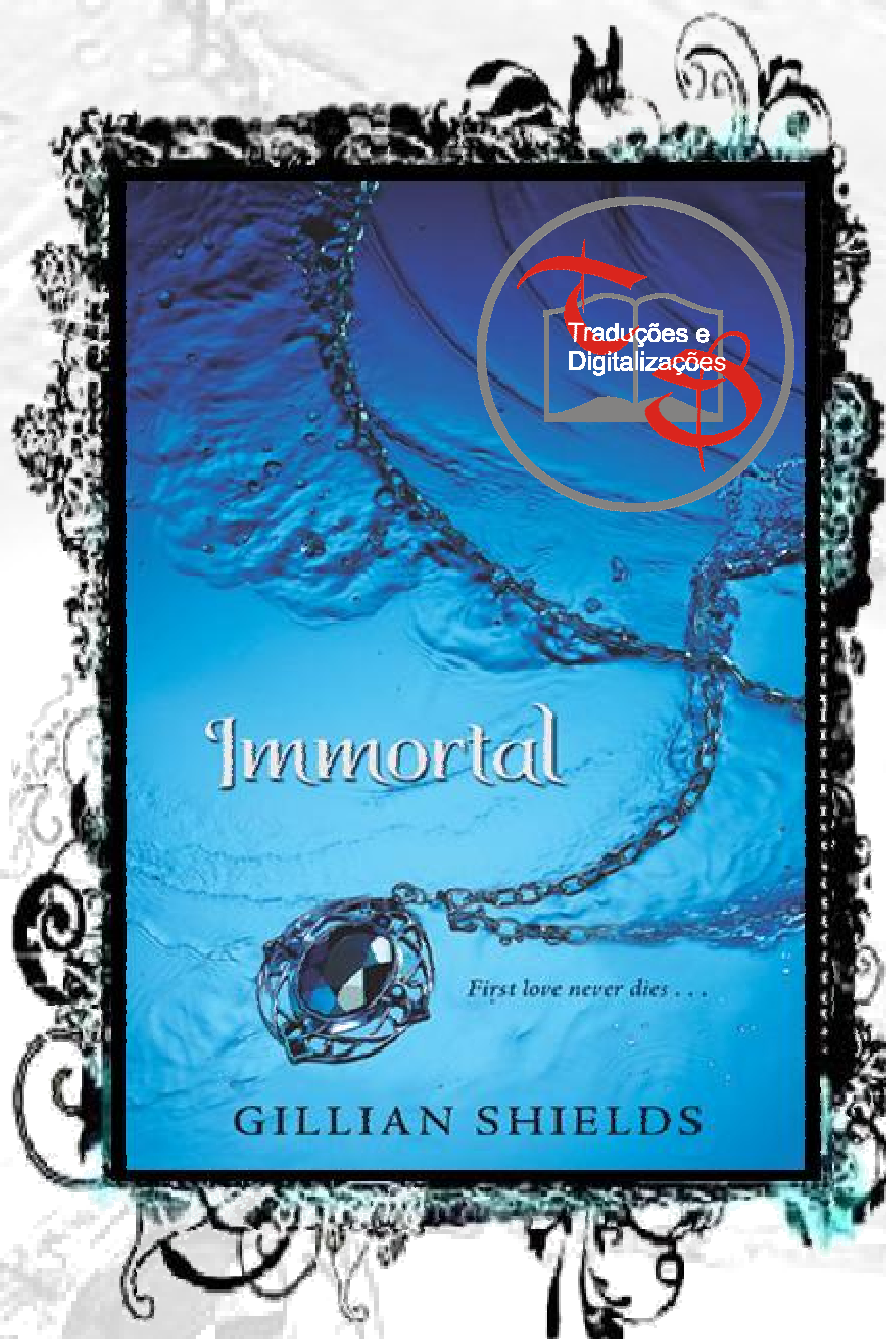


Immortal



First love never dies . . .

GILLIAN SHIELDS

First love never dies . . .

Gillian Shields

GILLIAN SHIELDS





<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Créditos

Comunidade do Orkut: Traduções e Digitalizações



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Tradução Por:



Aislín Salvatore



Hayleyyy Nichole



Mademoiselle Leticia Machado



Malena



Nel Mews Farias



† Srta Barbara†

Revisão:



Regina Bennertz

Formatação de ebook:



Mademoiselle Leticia Machado



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

P.S.: A tradução desse livro foi feita a partir de dois idiomas (Inglês e Espanhol), portanto não é a tradução oficial e pode haver alterações quando (se) vier a sair o livro no Brasil.

Síntese: “O primeiro amor nunca morre...”

A escola Wyldcliffe é um convento¹ para jovens senhoras, é abrigada em uma mansão gótica no norte dos mouros² gelados, que é de elite, cara, e pouco acolhedora. Quando Evie Johnson é arrancada de sua casa à beira mar para se tornar a nova estudante bolsista, ela está mais isolada do que ela poderia ter sonhado. Professores severos, estudantes esnobes, e a atmosfera opressiva de Wyldcliffe deixam Evie afogada em solidão. A única salvação de Evie é Sebastian, um rebelde, zombeteiro, perigosamente atrativo jovem que ela encontra por acaso. Conforme os sentimentos de Evie por Sebastian crescem a cada encontro secreto, ela começa a temer que ele está escondendo alguma coisa sobre seu passado. E ela é assombrada por vislumbres de um estranho, uma menina fantasma – esta garota que é misteriosamente como Evie, ela poderia até ser uma irmã. Evie é lentamente levada para uma teia de passado e presente que ela não pode controlar. E quando as extraordinárias forças elementares da Wyldcliffe se erguem como um mar poderoso, Evie é confrontada por uma verdade assustadora sobre Sebastian e sobre seu próprio inacreditável destino. A história eletrizante de Gillian Shields vai fascinar os leitores com suspense, misticismo e romance.



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

¹ A palavra era “Abbey”, que pode ser traduzido como abadia, convento, mosteiro ou paróquia. Eu escolhi convento pois é uma escola pra moças.

² Os mouros (também chamados de mauros) são um povo árabe-berbere que conquistou a Península Ibérica (A Península Ibérica fica situada no Sudoeste da Europa. Politicamente, quatro países localizam-se nesta península: Portugal, Espanha e Andorra, além de um enclave território britânico ultramarino, Gibraltar), oriundos principalmente da região do Saara ocidental e da Mauritânia.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

*“Porque temos de morrer e somos
como águas derramadas na terra*

[...]”

— 2 Samuel, 14:14

Prólogo

Não acredito em fantasmas. Eu não acredito em bruxaria tampouco, em tabuleiros Ouija³, levitação, cartas de tarô, astrologia, maldições, cristais, segundas visões⁴, vampiros – nenhuma das coisas do “outro lado”. É claro que não. Eu sou inteligente, sensata, a sensível Evie Johnson. Garotas como eu não se misturam com todo esse lixo louco paranormal. Pelo menos, é isso que eu teria dito antes de eu chegar à escola e convento Wyldcliffe. Mas tudo é diferente para mim agora. Eu tenho vislumbrado seu mundo e eu não posso voltar a ser a garota que eu costumava ser. Imagine uma paisagem selvagem, solitária, onde há várias colinas rigorosas dos mouros com concavidades verdes, marrons e roxas. Ovelhas são salpicadas aqui e ali nas encostas dos morros, esperando pacientemente no penetrante vento. Algumas árvores têm conseguido crescer, mas elas parecem nuas e atrofiadas. Os mouros cercam uma pequena aldeia sombria no coração de um vale, como as paredes de uma antiga prisão.

Bem vindo a Wyldcliffe.

Este é o lugar que assombra meu presente, meu passado e meu futuro. Quer dizer, se eu ainda tenho um futuro. Se ele vai permitir isso. Se ele não me destruir primeiro.

Ela está ao meu lado, como minha irmã, mas ele está em minha alma.

Ele é meu inimigo, meu carrasco, meu demônio.

Ele é meu amado.

³ O Tabuleiro Ouija ou Tábua Ouija é qualquer superfície plana com letras, números ou outros símbolos em que se coloca um indicador móvel, utilizada supostamente para comunicação com espíritos. Os participantes colocam os dedos sobre o indicador que então se move pelo tabuleiro para responder perguntas e enviar mensagens. Na verdade, há um jogo de tabuleiro registrado no Departamento de Comércio estadunidense com o nome de Ouija, mas a designação passou a servir a qualquer tabuleiro que se utiliza da mesma idéia.

⁴ Clarivisão é uma alegada capacidade extrasensorial de ver coisas para lá do poder da visão. A clarivisão está normalmente associada à precognição ou retrocognição. A faculdade de ver no futuro chama-se “segunda visão” se não é provocada por drogas, transe ou outro meio artificial.



Capítulo 1

Eu nunca quis ir para um internato.

Passando tempo com uma multidão de crianças ricas em uma ostentosa escola nunca estive na minha lista de desejos. Eu estava contente com a minha vida antiga, em manter a mim mesma nesse tipo de caminho. Não feliz, talvez, mas de conteúdo. E então, em um dia agradável e azul de setembro, a minha avó Frankie ficou gravemente doente. Ela nunca tinha sido uma avó para mim, apenas a querida Frankie, minha mãe substituta, minha melhor amiga.

Eu esperava estupidamente que ela iria ficar inalterada para sempre. Mas ninguém é imortal, nem mesmo as pessoas que amamos. E agora Frankie estava doente e fui obrigada a arrumar minhas malas para a escola Wyldcliffe para jovens senhoras. A vida realmente te dá um pontapé às vezes. Eu estava fazendo o meu melhor para pensar nisso como um desafio.

A viagem para Wyldcliffe pareceu durar horas no trem para o norte. Eu estava viajando sozinha. Papai queria vir comigo, mas eu o convenci de que eu estaria bem indo sozinha. Eu sabia que ele queria passar todos os momentos possíveis da sua licença com Frankie na casa de repouso antes que ele tivesse que voltar para seu exército. Então eu disse que era bem capaz de me sentar em um trem por algumas horas sem acabar em um cartaz para pessoas desaparecidas. Honestamente, pai, eu tenho dezesseis agora, não sou mais uma criança... Não era difícil convencê-lo. A verdade é que eu imaginei que seria mais fácil dizer adeus a ele em casa. A última coisa que eu queria era que as meninas esnobes de Wyldcliffe me vissem chorando enquanto meu pai dirigia para longe.

Não, não ia haver a “pobre” Evie neste momento. Eu já tive o suficiente sobre a mamãe. As pessoas cochichando sobre mim na rua. Os olhares compassivos pelas minhas costas. Não ia ser assim novamente. Eu estava indo para mostrar-lhes que eu não preciso de ninguém. Eu era forte, tão forte como um oceano verde e profundo. Ninguém na Wyldcliffe jamais iria me ver chorar.

Eu fui transferida para um quieto trem local justo quando estava começando a ficar escuro. Nós nos movemos através de uma paisagem desconhecida de suaves colinas cobertas de samambaias e espinheiros. Nas profundezas da minha angústia eu senti uma pontada de curiosidade. Quando eu era pequena, Frankie tinha me contado histórias sobre Wyldcliffe, que ela tinha ouvido de sua mãe, histórias sobre os selvagens mouros e as fazendas solitárias e os céus ríspidos do norte. Eu nunca tinha visto o lugar, mas agora eu estava quase lá. Eu guardei a minha revista e meus fones de ouvido e olhei para fora da janela, para o crepúsculo.



Meia hora depois, o trem parou em uma pequena estação pouco a frente da sombra de um profundo vale. Enquanto eu soltava minhas malas em um surrado táxi, uma rajada de vento chicotou alguns respingos de chuva. Eu disse, “Wyldcliffe, por favor,” e partimos. Eu tentei conversar com o motorista, mas ele mal grunhiu em resposta. Nós dirigimos em silêncio. Entre as nuvens, eu avistava o sol deslizando para trás dos muros como um traço de sangue. O céu pesado como chumbo parecia pressionar pesadamente o solo. Eu tinha vivido toda a minha vida junto ao mar aberto, e as colinas escuras fizeram me sentir encurralada.

Para todas as minhas discussões corajosas, eu de repente me senti muito pequena e só. Quão estúpida eu fui por não deixar papai vir. Em seguida, o carro virou uma esquina, e a torre da igreja e os edifícios de pedra cinzenta da vila Wyldcliffe finalmente entraram em minha visão. O motorista parou do lado de fora de uma pequena loja na rua enegrecida pela chuva.

— Onde, então? – ele rosnou.

— Ao convento – eu respondi. – Você sabe, a escola e convento Wyldcliffe.

Ele girou a cabeça e olhou para mim.

— Eu não vou levá-la para esse lugar amaldiçoado – ele cuspiu. – Você pode sair e andar.

— Ah, mas... – Eu protestei. – Eu não sei em que lugar está. E está chovendo.

O homem pareceu hesitar, mas depois ele grunhiu novamente.

— Não é tão longe para andar. Bata na porta da loja de Jones, se você quiser. Ele vai conduzi-la, mas eu não vou.

Ele saiu do carro e deixou as malas no pavimento molhado. Eu depois de ele se mexer perguntei:

— Mas onde está a escola? Aonde eu vou?

— A igreja é ali – disse ele, apontando com relutância para a igreja. – Não mais do que uma meia milha⁵ do cemitério. Diga a Dan Jones, que é onde você está indo.

Um segundo depois, seu carro rugia para fora da vila, me deixando para trás como um indesejado pacote. Eu não podia acreditar que ele tinha acabado de me largar lá na chuva. Bati furiosamente na porta da pequena loja, onde se podia ler D. JONES, WYLDCLIFFE LOJA E CORREIO. Não houve resposta. Foi um demorado e molhado domingo, e toda a vila parecia estar desligada durante a noite. Xinguei sob a minha respiração. Não houve escolha, se não andar. O sol se punha, e a lua pálida estava lutando para se libertar de uma névoa de nuvens.

Árvores altas e escuras, e oblíquas sepulturas lotavam a pequena igreja. Quando passei, eu me assustei com o som estridente de gralhas no crepúsculo.

Sacudi-me com raiva. Eu não ia ficar assustada por alguns pássaros e uma porcaria de adro⁶. Parecia algum jogo ridiculamente barato em um filme de terror. Procurando em volta, vi um letreiro velho marcado CONVENTO. Parti

⁵ 1 milha = 1,609344 quilômetros. A distância que ela teria que percorrer é metade disso XD

⁶ Adro = pátio, no caso o cemitério.



para a ruela, transportando as malas sobre a lama. Até agora o meu longo cabelo vermelho estava com pingos de chuva e minhas mãos estavam brancas com frio, mas eu sentia dentro de mim uma ebulição quente, vociferando contra a injustiça de tudo: em primeiro lugar Mamãe, em seguida, Frankie, e agora a abandonada escola, o taxista louco, e a estúpida, estúpida chuva... Perdida em meus pensamentos amargos, eu não vi o cavalo ou o cavaleiro, até que fosse tarde demais.

Houve uma grande agitação dos cascos e flancos brilhantes, e o turbilhão de um casaco comprido. Eu olhei para cima e congelei, incapaz de sair do caminho de um cavalo preto que foi arremessado em mim. Em seguida empinou e guinchou, e algo golpeou o lado da minha cabeça. Eu só lembro de cair... cair na escuridão. Quando eu abri meus olhos novamente, o cavaleiro tinha desmontado e estava debruçado sobre mim. Ele era só um menino, alguns anos mais velho que eu, mas ele parecia que tinha vindo de um mundo diferente, uma terra de contos de fadas e élfos, cavaleiros e príncipes. Seus longos cabelos escuros emoldurando um rosto pálido e sensível com maçãs do rosto salientes e brilhantes olhos azuis, e ele estava fitando-me tão intensamente que me senti desconfortável. Isto era irreal. Eu não era o tipo de garota que trombava com caras bonitos. Eu mexi meus pés.

— Me desculpe – balbuciei. – Eu não te vi.

— Não era esperado mesmo.

Ele parecia cansado e tenso, e as sombras sob seus olhos eram como hematomas suaves em uma delicada ameixa.

— Me desculpe – eu repeti estupidamente, esperando por ele para se desculpar em troca. Mas o rapaz simplesmente olhou para mim.

— Você parou meu cavalo de propósito?

— Você me derrubou de propósito? – Eu me enfureci de volta.

— Não há nenhum dano a você – respondeu o garoto. – Mas eu não posso dizer o mesmo para o meu cavalo.

A grande besta estava tremendo e suando, jogando sua cabeça e rolando seus olhos, como se tivesse visto um fantasma.

— Oh, eu lamento – eu rebati. – De onde eu venho, os seres humanos são realmente considerados mais importante do que cavalos.

— O mundo é invadido por seres humanos, como ratos, mas eu raramente encontro um cavalo que me sirva tão bem.

Sua expressão era tão fria quanto um mar de inverno. Ele murmurou para o trêmulo animal, seus longos dedos examinando, respingando lama ao seu lado. Então ele olhou para mim, um pouco menos hostil.

— Felizmente não há nenhum dano real.

— Oh, ótimo. – disse eu. – O cavalo está bem. Bem, isso é um alívio. Eu pensei que poderia estar ferido e coberto de lama após ser derrubado, oh, e atrasado para seu primeiro dia em um hediondo internato, isso é tudo. Mas não, o cavalo está bem. Aleluia!

Eu me mexi furiosamente para recolher as coisas que foram espalhadas das minhas malas. Quem ele acha que ele é, este poser pretensioso, com seus longos cabelos negros e seu longo casaco preto?



Algum tipo de cangaceiro romântico? Apenas uma espécie de idiota. Eu fervia, esmagando tudo de volta para a mala o mais rápido que pude. O suéter azul estava em uma poça. Eu a agarrei, então gani.

— Ouch!

O suéter se abriu para revelar a minha foto emoldurada de mamãe. Ela estava linda nesta foto, rindo para a câmera em um dia de verão. Eu tinha enrolado a preciosa lembrança no suéter durante a minha arrumação apressada, para mantê-la segura. Mas o vidro da pequena moldura tinha quebrado e cortado a palma da minha mão e, agora, uma gota do meu sangue escorria sobre a cara da mamãe.

Eu girei em meus calcanhares. Eu só queria sentar-me na chuva e gritar.

— Olhe o que você fez!

Eu bati com raiva, tentando segurar as lágrimas. O rapaz jogou as rédeas de seu cavalo de seu braço então habilmente dobrou o suéter em volta da moldura quebrada. Ele murmurou algumas palavras rápidas antes de empurrar o pacote de volta para a minha mala.

— A foto era muito estimada por você – disse o menino abruptamente. Ele olhou para mim de um jeito estranho procurando algo, como se estivesse prestes a dizer algo mais. Eu segurei minha respiração. Ele realmente era extraordinário, tão pálido e ainda e intenso.

— Não chore – disse ele. – Por favor.

— Eu não estou chorando. – Engoli em seco, de pé e chupando a minha mão quando ela sangrou. – Eu nunca choro.

— Eu posso ver isso – ele zombou. – Mas o corte deve ser coberto, e parece que eu devo fazer isso para você.

Rapidamente ele torceu um lenço branco em uma gaze e amarrou em volta da minha mão para parar o sangramento. Um arrepio estranho percorreu-me quando sua mão roçou a minha.

— Além disso – disse o rapaz, olhando-me mais suavemente. – Eu fiz algo que compensou qualquer confusão com o meu cavalo, salvando sua vida. Acabei de impedir que você sangrasse até a morte.

Uma insinuação de um sorriso cintilou sobre o seu rosto magro. Notei a curva de seus lábios, e do arco das sobrancelhas negras. Ele ainda estava segurando minha mão na sua e eu senti um nó de atração lutando em minha caixa torácica.

— Não seja ridículo! – Respondi, deixando cair a minha mão com um esforço. – Um pequeno corte como aquele não é perigoso.

— Você realmente sabe que perigos se escondem nessa ruela? – O menino se aproximou de mim e estudou-me com olhos artificialmente brilhantes. Senti seu hálito fresco em minha bochecha. Então ele estendeu a mão e tocou em um fio de meu cabelo molhado e sussurrou: – Como você sabe o que está esperando neste vale de uma garota do selvagem mar?

Eu tremia sob o seu toque, não sabendo o que dizer. Como ele sabia que eu vinha do mar? Quem era ele? E ele podia me fazer algum mal neste lugar solitário? Afastando-me dele, eu estava tensa e comecei a queimar meus miolos



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

lembrando de tudo que já havia aprendido sobre a autodefesa. O garoto parecia ler minha mente.

— Não se preocupe, você vai chegar em casa com segurança esta noite. — Ele sorriu e montado em seu cavalo. — Mas nós nos encontraremos novamente, eu prometo a você!

Ele galopou na direção da vila. Nós nos encontraremos novamente. Eu empurrei o pensamento para um lugar secreto, não querendo admitir para mim mesma que eu esperava que ele estivesse certo. A chuva que caía me trouxe de volta ao meu juízo. Juntei minhas coisas e continuei ruela a abaixo em direção ao convento.

Quando eu alcancei os portões de ferro fixados em um muro de pedra. Um letreiro antigo foi preso em um lado dos portões. Dizia:

*WYLDCLIFFE SEJA LEGAL OU VOCÊ MORRE.*⁷

Por um segundo eu olhei com horror, depois ri fracamente. Eu li o letreiro novamente, preenchendo as lacunas onde as letras pintadas estavam lascadas.

*CONVENTO WYLDCLIFFE ESCOLA PARA JOVENS SENHORAS.*⁸

Eu tinha chegado finalmente..

⁷ No original: "WYLDCLIFFE BE COOL OR YOU DIE."

⁸ No original: "WYLDCLIFFE ABBEY SCHOOL FOR YOUNG LADIES." Na primeira frase, as letras "A,B,B,S,H,F,N,G,L e A" estravam apagadas, por isso formava a frase sinistra, que em português seria traduzido para: "Wyldcliffe seja legal ou você morre"



Capítulo 2

Eu nunca vou esquecer a primeira visão do convento. Eu concluí o percurso estrada a baixo, virei uma esquina e minha nova casa levantou-se diante de mim – a sombria, e cinza Wyldcliffe em todo o seu esplendor gótico. Foi um choque, difícil, um lugar reservado. Torres e muralhas se projetavam loucamente até ao céu, e as linhas das janelas encobridas por uma persiana. Uma lâmpada balançou no vento acima da maciça porta de entrada. Era como se eu tivesse tropeçado em uma época passada. Eu estava lá, oprimida, em seguida, um grupo de meninas frustradas ao virar a esquina do prédio e subir os degraus da frente, correndo para sair da chuva. Elas quebraram o encanto, e eu corri atrás delas.

Alcansei o degrau mais alto, eu abri a porta de carvalho esculpido. Não havia nenhum sinal das meninas. Elas haviam desaparecido no edifício cavernoso. O hall de entrada mal iluminado estava vazio e silencioso. Troféus de escola desbotados eram exibidos em armários e a lareira cintilou em um enorme coração. No final do corredor uma escada de mármore larga se enrolava para cima. A área em torno do pavimento superior era quase vertiginosa se olhada do alto.

O lugar inteiro era como nada que eu tinha visto antes, exceto em museus. Atravessei o chão de ladrilhos até a lareira e tentei me aquecer. É isso, pensei. Minha nova vida. Esse era o famoso convento e escola Wyldcliffe. Ele não era o que eu queria, mas eu gostaria de tentar tirar o máximo dele. Eu não iria reclamar, eu iria estudar muito e fazer o meu pai orgulhoso.

— Você deve ser Evie Johnson – disse uma voz soando custosa.

Me virei e vi uma mulher alta, elegante, saindo das sombras para a luz do fogo.

— Sim, eu sou. – Sorri, alisando meu cabelo molhado. Imaginei que ter boas maneiras era uma grande coisa em Wyldcliffe, então eu estendi a mão e disse:

— Como vai você?

A mulher ignorou a minha mão estendida e meu sorriso. Ela fez uma pausa e examinou meu rosto atentamente, então franziu o cenho.

— Você está atrasada. Nós não toleramos impontualidade na Wyldcliffe.

— Oh, eu não poderia ajudar... – comecei, mas seu olhar advertiu-me para parar. Senti-me contorcendo sob o seu olhar frio, era como se ela soubesse que eu tinha me atrasado na chuva por causa de estranho.

— Eu sinto muito.



— Não deixe que isso aconteça novamente – ela respondeu friamente. – Eu sou Celia Hartle, a diretora de Wyldcliffe Agora siga-me. Deixe aqui a sua bagagem. O guarda irá lidar com isso.

Então, isso foi o principal. Eu esperava que os outros professores fossem um pouco mais humanos. Ela abriu o caminho por um corredor escuro para a esquerda, em seguida, parou em uma porta que tinha uma placa com letras pretas que se lia *diretora*. Nós entramos em uma elegante sala com paredes revestidas de painéis, decorada com livros, pinturas e mobília antiga. Sra. Hartle estava sentada atrás de uma mesa impressionante e eu me sentei em uma cadeira dura oposta a dela. Ela pareceu me examinar novamente antes de anunciar:

— Eu não era a favor de aceitar você na escola.

Oh, ótimo, pensei. Ela não me quer aqui. Este foi um início perfeito.

— O período já começou – ela continuou – e será difícil para você compreender o nível avançado de trabalho na divisão de seniores da escola. Será mesmo mais difícil para você aprender nossos costumes, nossas tradições. Wyldcliffe não é como as outras escolas. Este estabelecimento não é meramente uma academia de sucesso. Ela treina jovens para um lugar na sociedade. Nos últimos anos, o número de vagas de bolsas tem sido muito limitado. – Ela fez uma pausa, e eu sabia que ela estava me esperando para dizer o quão grata eu era, que eu seria boa e humilde e afável, a garota perfeita em uma escola cheia de jovens senhoras. Eu queria falar asperamente de volta com toda a minha fúria ruiva, eu não quero estar na sua podre escola também. Eu quero ir para casa! Mas consegui manter a calma.

Sra. Hartle suspirou e continuou:

— Os administradores da escola, no entanto, pensaram em que nas suas circunstâncias, não poderia negar o auxílio.

Papai tinha me dito que havia uma cláusula antiga na constituição da escola “Criar as filhas necessitadas dos oficiais das Forças Armadas de Sua Majestade.” Em outras palavras, aulas de graças para meninas órfãs de mãe com um pai no exército e com não muito dinheiro. Bem, eu estou necessitada, tudo bem, eu pensei com um sorriso triste.

— Você tem a sorte de se beneficiar de uma bolsa de estudos. Certifique-se de que você merece! – Ela me olhou com desgosto, tendo em minhas roupas enlameadas e meu cabelo molhado. Os olhos dela descansaram por uma fração de segundo sobre o lenço manchado de sangue que ainda estava amarrado em torno de minha mão e então disparou para a corrente de prata em volta do meu pescoço.

— Jóias não são permitidas na escola. – Instintivamente, eu apertei o colar que Frankie tinha dado a mim durante a minha última visita ao lar de idosos. Ela apertou-a a minha mão, incapaz de falar, o rosto torcido pelo acidente vascular cerebral que quase a matou. Era um berloque⁹ antiquado de prata primorosamente trabalhado, com um cristal brilhante em seu coração. Eu não

⁹ Berloque é um pingente, um pequeno enfeite que se traz pendurado em corrente.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

acho que seja valiosa, mas Frankie queria que eu o tivesse, o que o tornou precioso.

— Mas Frankie, minha avó, deu...

— Tenho certeza que sua avó iria querer que você obedecesse as regras de Wyldcliffe – Sra. Hartle me interrompeu em desaprovação. Eu rapidamente empurrei o colar para fora de sua visão para debaixo da camisa.

— Isso é melhor. Eu poderia também acrescentar que o uso de telefones pessoais, rádios, e tal são também proibidos. Na Wyldcliffe não queremos que nossas meninas sejam oprimidas pelos inventos e a assim chamada cultura popular, nem que sejam viciadas nos hábitos modernos de comunicação sem sentidos e estúpidos. Você vai me dar qualquer desses dispositivos para a guardar e eles serão devolvidos no final do período.

Relutante entreguei meu precioso celular e meu iPod. Eu estava começando a não gostar da Sra. Hartle e suas regras.

— Agora, infelizmente, como você chegou tão tarde, as meninas já foram para a ceia. Você não tem tempo de se trocar antes de se juntar a elas. Venha!

Ela levantou-se abruptamente, e imaginei que me mandar para a ceia parecendo uma confusão absoluta foi à punição pelo atraso. Eu tremia, e não do frio.

Sra. Hartle conduziu-me através de um confuso labirinto de corredores de painéis pendurados com sombrias pinturas e finalmente chegou ao refeitório. Era uma sala, fria abobadada, com longas filas de mesas e bancos de madeira.

Uma mesa alta encontrava-se em uma plataforma elevada, onde os professores se sentavam. Eles eram quase todas mulheres e a maioria deles vestindo roupas formais de acadêmicos. Tudo parecia deprimente como algo de uma centena de anos atrás.

O murmúrio das conversas morreu instantaneamente quando a Sra. Hartle deu um passo à frente. Os estudantes prestaram a atenção, a maioria das crianças privilegiadas tinha a partir de onze a dezoito anos de idade. Elas estavam todas vestindo o uniforme da escola cinza escuro e marrom – o tipo doentio de um vermelho-sangue e todas elas são muito parecidas, com seus cabelos brilhantes e tez clara.

— Obrigado, meninas. - disse a Sra. Hartle. – Por estarem sentadas. Mas antes de continuar com a sua ceia, eu gostaria de introduzir uma nova aluna. Esta é a Evie Johnson, que se junta a nós como uma bolsista.

Ela poderia muito bem ter acenado um cartaz dizendo “ELA NÃO ESTÁ PAGANDO PARA ESTAR AQUI”; “ELA NÃO É REALMENTE UM DE NÓS”. Eu olhei para as linhas de meninas bem ordenadas, meu cabelo pingava no chão frio.

— Oi.

Minha voz soou como um eco perdido. Os alunos encararam em silêncio, todos os duzentos, eles julgando, avaliando, a rejeição. O menor relincho do riso ondulado em torno de suas fileiras polidas.

— Tenho certeza que vocês vão fazer o seu melhor para acolher a senhorita Johnson – disse a diretora suavemente. – Boa noite, senhoras.



Ela marchou para fora da sala. Depois do que pareceu uma eternidade, uma menina com cabelos castanhos encaracolados se levantou e disse:

— Há um lugar aqui. – Desci as longas filas de garotas e agi com cautela e caí em um assento com gratidão à sua frente. Enquanto eu me sentei, uma corrida de fofocas rompeu o silêncio.

— Silêncio, por favor! – Repreendida em voz baixa e áspera. Eu olhei para o quadro de professores e vi uma mulher magra com um rosto atormentado e o cabelo raspado e para trás. Ela estava batendo palmas em conjunto para levar à sala a ordem.

— Nós não comemos como hooligans¹⁰. Por favor, continuem a sua ceia em silêncio.

O ruído diminuiu em conversas sussurradas. Eu peguei uma colher de algo servido de um prato na mesa, mas me senti muito cansada para comer. A menina de cabelos encaracolados que tinha me chamado me deu um sorriso encorajador. Acendi um sorriso de volta para ela e tentei força alguma comida para baixo.

— Oi, Evie –, disse ela sobre a mesa. – Eu sou Sarah. Sarah Fitzalan.

— Oi, Evie, Eu sou Sarah – imitou a menina sentada ao lado dela. Ela era do tipo a princesa de gelo, com traços perfeitos e cabelos loiros lisos. Um ar indefinível e um jeito de dinheiro.

— Você está coletando outra criança abandonada e perdida para adicionar à sua coleção, querida Sarah?

— Oh, cale a boca, Celeste – respondeu Sarah. A garota que se chama Celeste olhou para mim e disse docemente:

— Você sempre chega à escola coberta de lama? – Duas meninas do outro lado de Celeste riram como se ela tivesse dito algo engraçado.

— Fiquei molhada vindo da estação – eu disse calmamente.

— Oh, meu Deus. – Celeste engasgou, com horror ridicularizou. – Você realmente entrou no trem?

— Algumas pessoas usam transporte público, Celeste – disse Sarah. – Nem todo mundo tem carros que consomem gás em excesso e com motoristas.

Celeste voltou seu olhar sobre Sarah e disse inocentemente,

— Sério? Deve ser horrível. Lembre-me de nunca tentar.

Um sino soou estridente, fazendo-me saltar. As meninas rapidamente terminaram de comer, em seguida, levantaram-se. Sarah fez um sinal para que eu fizesse o mesmo. A longa oração foi recitada pela professora de rosto fino. Após ecoarem, “Amém”, obedientemente, as meninas começaram a andar em fila para fora da sala. Eu assegui, na esperança de que Sarah teria que me mostrar onde ir. Assim quando eu cheguei à porta uma voz aguda me chamou de volta.

— Evie Johnson!

Virei-me. A professora que tinha feito a oração estava me chamando para ela. Ela tinha um vestido preto pendurado frouxamente em seus ombros estreitos. Deu-lhe o ar de uma freira, pronta para atacar a menor quebra de disciplina.

¹⁰ Hooliganismo refere-se a um comportamento destrutivo e desregrado. Hooligans são grupos de torcedores de eventos esportivos que existem na Europa, mais precisamente: Inglaterra, Rússia, Polónia, Alemanha e Croácia e que sentem prazer em brigar, usando o futebol como o evento alvo para isso.



— Um ... o que é ... Senhorita ... er ...? – Eu perguntei.

— Meu nome é senhorita Scratton – respondeu ela. – Eu estou no comando das meninas na divisão sênior. Eu gostaria que você conhecer alguém. Helen!

Olhei em volta e vi uma menina alta, como uma freira do outro lado da sala de jantar, colocando algumas poucas xícaras de café em bandejas. Ela veio relutantemente, quando senhorita Scratton chamou o seu nome.

— Helen está há um ano em Wyldcliffe e agora é a nossa outra bolsista.

Senhorita Scratton explicou.

[i]"Você vai estar na mesma classe e no mesmo dormitório".

— Oi – eu disse, mas Helen não respondeu.

— Talvez você não saiba ainda, Evie, que as meninas bolsistas são esperadas para executar alguns pequenos serviços como um sinal de gratidão e compromisso com a escola. Você vai ajudar Helen a colocar as bandejas de café para as freiras após o jantar, arrumar os livros de hinos após a aula pratica de coro, esse tipo de coisa. Helen irá lhe mostrar o que fazer.

Olhei para ela com surpresa. Eu não esperava ter que fazer as tarefas. Não se admira que as meninas riram. Por um louco segundo, fui tentada a dizer coisas ruins sobre a sua bolsa e dar o fora. Mas não havia nada à minha espera lá em casa. Nem pai. Nem Frankie. Nem lar. Nada, mas o mar de um azul profundo.

— Bem – Eu menti. – Claro. Não há problema.

— Excelente – disse senhorita Scratton. – Quando terminar aqui, você vai direto para a cama, o sino toca cedo nas noites de domingo. Portanto comece com o seu trabalho agora, Evie, e certifique-se de fazê-lo bem. Não há lugar para preguiçosos¹¹ em Wyldcliffe.

Senhorita Scratton se moveu rapidamente e seu vestido preto ondulou -se à sua volta.

Olhei para Helen. Seu cabelo era tão claro que era branco quase prateado, e ela tinha traços delicados e límpidos, e olhos claros. Ela parecia delicada, como se um vento forte pudesse soprá-la, mas sua expressão era pesada e sombria. Talvez ela fosse apenas tímida, eu pensei. Pelo menos nós estávamos no mesmo barco, talvez pudéssemos ser amigas.

— Obrigado por me ajudar, Helen. – Sorri. – O que eu faço?

Ela não sorriu de volta.

— Organize os copos em bandejas. As freiras irão pegá-los mais tarde. Você precisa de colheres, creme de leite e açúcar. E não quebre nada. – Sua voz era baixa e rouca, como se ela não estivesse acostumada a falar muito.

— Então, eu estou no mesmo dormitório que você – eu disse. – Isso é ótimo.

Silêncio. Tentei novamente:

— Você não acha tudo isto de fazer tarefas é um pouco exagerado? – Eu brincava, e chocalhava as xícaras e pires descuidada em minha bandeja. – Você sabe, como Cinderela, só com cerca de duas centenas de irmãs feias. Que mais que eles esperam que façamos? Dormir em uma caverna?

¹¹ Slackers, não sei o significado então traduzi como preguiçosos. 8D



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Eu gostaria que eles fizessem – Helen disse com raiva inesperada. – Seria melhor que ... – Ela piscou e me deu um olhar estranho. Era simpatia ou compaixão? Mas quando ela falou, foi em uma voz inexpressiva.

— São as regras. Apenas lide com elas.

Suspirei. Eu imaginava que ia ouvir muito mais sobre as regras nos próximos dias. Nós acabamos com as coisas do café e Helen começou a caminhar rapidamente para fora da sala de jantar.

— Espere! – Eu chamei, correndo atrás dela. – Você não vai me mostrar o caminho para o dormitório?

— Ah, tudo bem –, ela respondeu não muito graciosamente. – Vem comigo.

Ela caminhava pelo corredor deserto. Não havia sinal de ninguém, além de um casal de professores em suas roupas escuras. A passagem dava a volta para o salão principal e as escadas de mármore. Estas escadas me intrigaram. O mármore deve ter sido incrivelmente forte, mas as escadas pareciam flutuar para cima em uma curva elegante. Eu coloquei minha mão sobre o ferro do corrimão e olhei para cima.

— Isso é onde os dormitórios estão? – Eu perguntei.

— Sim. Terceiro andar.

Nossos pés ecoavam na pedra fria quando mais subíamos. Eu estava fora do ar no momento em que cheguei ao topo das escadas. Ainda há um outro longo corredor, alinhado com as portas pesadas, estendidas em ambos os lados da escadaria. Olhei para trás sobre o corrimão para o padrão dos pretos e brancos dos azulejos na sala abaixo. Como seria fácil de cair e se quebrar como uma boneca.

— Vamos – disse Helen, caminhando à frente.

— Então estamos bem no topo do edifício, agora?

— Há um sótão acima deste piso, mas cale a boca.

A voz abafada ecoou por trás das portas de painéis. Eu li os sinais nas portas: DRAKE, NELSON, CHURCHILL, WELLINGTON Eles estavam estranhamente bélicos para uma esnobe academia de meninas.

— São estes os nomes dos dormitórios? – Helen concordou.

— Este é o nosso – disse ela. – Cromwell.

Fiquei feliz que o dia estava chegando ao fim, tudo o que eu queria fazer era rastejar para a cama e dormir. Eu não sabia que ainda havia mais uma provação na minha frente.



First love never dies ...



Capítulo 3



eguei Helen no quarto, olhando por cima de seu ombro para ver se Sarah também estaria no dormitório. Ela não estava lá, no entanto meu coração se afundou quando reconheci Celeste descansando em uma das camas.

Helen se aproximou de sua cama e se precipitou nela. Pegou um pequeno livro debaixo do travesseiro e começou a ler, ignorando a todos os demais.

Olhei ao meu redor incertamente, pensando qual cama seria a minha. O quarto era bastante deserto e frio, obviamente devia ter sido de outra época, com uma grande janela arqueada com uma espécie de um sofisticado assento justo ao lado.

As duas garotas que também haviam estado sentadas com Celeste no jantar estavam sentadas encolhidas¹² no assento. Uma tinha olhos azuis e o olhar infantil, quase como o de um bebê, a outra parecia fria e pouco acolhedora.

— Conhece Sophie e India – Celeste disse arrastando as palavras. Acenando com a mão preguiçosamente em direção a elas. – Você se divertiu fazendo as tarefas para as Senhoras¹³, Evie? Que adorável que Helen finalmente tem alguém para ajudá-la a esfregar o piso.

Me dei conta de que Helen se encurvava em forma de bola em sua cama.

— Sim – Eu disse arrastando as palavras de volta. – Nos divertimos muito. Agora, qual é a minha cama? Eu gostaria de desempacotar minhas coisas.

— Oh, nós já fizemos isso por você – Celeste disse com um sorriso inocente. As garotas da janela sorriram uma para a outra. – Sua cama é a do canto.

Havia cinco camas, com cortinas finas que podiam ser deslizadas para obter um pouco de privacidade, parecido com um hospital. Alguém havia fechado as cortinas ao redor da cama no canto, por isso me aproximei e as abri, então dei um passo para trás pelo horror do que eu havia visto.

A cama estava envolta em uma seda preta e rodeada por altas velas fúnebres. Pétalas de rosas haviam sido espalhadas sobre o travesseiro, como gotas de sangue vermelho e uma fotografia de uma adolescente com olhos muito abertos pendurada sobre a cama, me olhando fixamente. Minha roupa havia sido jogada e chutada no chão. Me virei para enfrentar Celeste.

— O que é tudo isso?

¹² A palavra aqui é “acurrucadas” que em espanhol a tradução é encolher-se, no sentido de proteger-se de forma aconchegante

¹³ A palavra em espanhol era “ama” e em inglês “mistresses”, que é a forma feminina para “mestre”, então decidi traduzir como senhoras, no sentido de soberanas, porque colocar “mestra” ficaria estranho.



Seu sorriso desapareceu.

— É sobre o fato de que você não é bem-vida. A última pessoa que dormiu nessa cama foi minha prima Laura. Ela morreu. Não acho que te disseram isso, não é?

— N-não.

— Você está aqui só porque o lugar dela na escola ficou livre. Os idiotas que estão no comando queriam que parecesse que eles estavam fazendo o seu dever cristão, permitindo você vir a Wyldcliffe. Mas se Laura não tivesse morrido, você não estaria aqui. – A voz de Celeste tremia pela raiva de suas palavras. – Só de te olhar faz eu me sentir doente.

— Mas não foi minha culpa – protestei. – Realmente sinto muito sobre sua prima, mas acho que...

— Não me importa o que você acha, Johnson. Nós não te queremos aqui e vamos ter a certeza de que você não dure muito tempo. Não se esqueça - você está dormindo na cama de uma garota morta. E espero que ela te assombre a cada respiração.

Celeste saiu, seguida por sua pequena gangue. Me senti como se houvesse levado um tapa na cara. Por um segundo fiquei paralisada com o choque, em seguida a raiva se apoderou de mim.

— O que... ?

Uma campainha soou no corredor. Helen se levantou e se dirigiu para a porta, segurando uma pequena bolsa de cosméticos.

— Será melhor que você se troque¹⁴. A segunda campainha logo soará para que as luzes se apaguem.

Ela evitou meus olhos e se afastou.

Fervendo pela fúria, agarrei os castiçais e as cobertas de material preto e os atirei na cama de Celeste. Mas não pude conseguir retirar a fotografia da parede. Oh, brilhante, pensei, agora tenho que dormir com a foto bizarra de uma garota morta me encarando todas as noites.

Isso era tudo o que eu precisava.

Eu não podia acreditar que meu primeiro dia em Wyldcliffe houvesse sido tão desastroso.

Celeste estava sendo loucamente injusta. Oh, eu sabia que a dor produzia coisas estranhas nas pessoas, mas ainda assim doía. Respirei fundo e tentei me acalmar. Quase pude escutar a voz de Frankie em minha cabeça me dizendo, Pobre Celeste, nós devemos ser muito amáveis com ela.

Frankie sabia tudo sobre a dor. Havia perdido sua única filha, Clara, há quinze anos, em uma cruel e brilhante manhã de primavera. Clara Johnson. Minha mãe.

Quando eu era um bebê, minha mãe se afogou nadando nas escuras ondas que rodavam pelo Atlântico e chegavam à praia onde era minha casa. As pessoas que se lembravam de mamãe diziam que eu era como ela: longo cabelo ruivo, pele pálida e olhos cinzentos da cor do mar.

¹⁴ No sentido de trocar de roupa.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Eu não tinha nem uma só lembrança dela, nem sequer o som de sua voz, então a querida Frankie havia feito tudo o que podia por mim para substituir o lugar da sua filha morta. E agora eu poderia perder Frankie também. Suponho que eu sabia como Celeste se sentia.

— Eu prometo – Disse para mim mesma. – Vou tentar ser amável com ela – Mas minhas palavras foram vazias. Por mais que eu pudesse tentar simpatizar com Celeste, eu sabia que nós nunca seríamos amigas.

Comecei a pegar minhas roupas amarrotadas. Meu velho suéter azul continuava enrolado ao redor dos pedaços de vidro da foto da mamãe. Eu desembulhei o pacote, com cuidado de não tocar nas peças quebradas e olhei fixamente com assombro.

A fotografia estava com a moldura intacta. O vidro estava completamente impecável, como se não tivesse tido nenhum dano e a mancha de sangue no rosto da mamãe havia desaparecido.

Por um momento achei que tinha imaginado tudo isso: a travessa escura, o garoto, o cavalo – mas eu não tinha imaginado; eu ainda tinha o lenço como bandagem. O rasguei com força e lá estava: uma marca fina de sangue seco que atravessava a palma da minha mão direita. Isso provou que eu realmente havia me cortado. Eu havia visto vidros quebrados. E agora eles já não estavam.

Impossível.

Helen voltou ao quarto. Puxou as cortinas totalmente em torno da cama, deixando para fora eu e todos os demais. Eu decidi fazer o mesmo.

Me deitei e ouvi Celeste e sua tropa de amigas voltando do banheiro, rindo e sussurrando. Em seguida, uma campainha soou e as luzes se apagaram. Mas na realidade eu não podia descansar.

Impossível, impossível, impossível...

A explosão de raiva da Celeste se desvaneceu na insignificância. Não eram suas ameaças as que me mantinham acordada ou a imagem da menina morta, Laura, me encarando abaixo. Era o pensamento sobre o garoto cuja existência havia em tão pouco tempo colidido com a minha. Ele havia consertado o vidro de uma maneira misteriosa?

Não, isso era absurdo, ridículo.

Eu não podia parar de pensar nele, no entanto. Quem era ele? De onde havia saído? Quando tentei dormir, lembrei de seu intenso olhar, seu sorriso, a sombra sob seus olhos... Lembrei do suave toque de sua mão quando roçou meu rosto e a frescura de sua respiração em minha pele. Por mais que eu tentei tirá-lo de meu pensamento, me pareceu escutar sua voz em minha cabeça, rindo. Nos encontraríamos novamente... novamente... novamente...

Eventualmente encontrei o sono, mas não o descanso. Eu sonhei coisas escabrosas e febris, até o último sonho no qual o terrível oceano cinza se levantava sobre os muros e esmagava Wyldcliffe no esquecimento com uma onda poderosa.

Acordei de repente ofegando e suando. Por um momento tive problemas para lembrar onde eu estava. Claro. A escola. O quarto. As outras quatro garotas dormindo tão perto de mim.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Afastei a cortina branca para tentar conseguir mais ar, então tive que parar de gritar em voz alta. Pelo canto do olho eu tinha visto uma garota com um longo cabelo ruivo e um o rosto pálido e assustado. Me virei para olhá-la e em seguida ela afundou para trás, tremendo. Que estupidez a minha. Só havia sido o meu reflexo em um espelho longo que estava colocado ao lado oposto da parede. Apertei meus olhos fechados, mas não havia maneira que eu pudesse voltar a dormir.

O sentimento de que estava sendo observada se apoderou de mim, como o aumento de um nevoeiro. Havia alguém mais no quarto além de nós cinco, eu tinha certeza disso. Eu me esforcei para ouvir. Era o mais suave eco de alguém cantando uma canção de ninar, de muito tempo atrás. Ouvi passos leves, uma tosse, e as páginas de um livro virando. Alguém estava lá, oculto pelas profundas sombras.

Outra impossibilidade. Tentei dar de ombros. Estava nervosa, inquieta por estar em um lugar estranho. Era provavelmente alguém do dormitório do lado ou do andar de baixo. Os sons se distorciam em uma casa tão grande e velha quanto essa; isso era tudo.

Essa primeira noite eu não tinha nada melhor para culpar do que minha imaginação. Nessa primeira noite eu não sabia quem estava me observando. Eu não sabia que sua vida estava enredada com a minha: minha guardiã, minha irmã, meu outro eu. Eu não podia adivinhar que ia chegar a conhecê-la, descobrir seus segredos e até mesmo ler as páginas de seu diário privado.

Fiquei acordada a noite toda, até que o pálido sol surgiu como um fantasma da sepultura.

Immortal



First love never dies . . .



Capítulo 4



DIÁRIO DE LADY¹⁵ AGNES, 13 de setembro de 1882.

Minha notícia é que o querido S. está de volta de sua última viagem enfim, depois de meses viajando no exterior¹⁶ com seu tutor o Senhor Philips. Nós não esperávamos vê-lo novamente até o Natal, mas ele chegou no Hall na noite passada e veio até aqui na carruagem do pai cedo pela manhã. Essa foi uma surpresa maravilhosa em nossa rotina monótona. Sinto como se a vida houvesse me pego pelos ombros e me sacudido bruscamente e que agora estou pronta para qualquer desafio.

Foi tão bom ver meu amigo de infância de novo! Inicialmente, embora, eu estava um pouco tímida. Ele cresceu notavelmente alto e bonito, e fez eu me sentir como um bebê com seus contos de Paris e Constantinopla e Viena – Eu, que mal estive fora do vale solitário de Wyldcliffe. Mas logo estávamos conversando como matracas. Ele ainda tem o mesmo ar ansioso, o mesmo desejo de compartilhar tudo comigo, o mesmo intenso olhar azul. Apesar de que nossas mães serem apenas parentes muito distantes relacionadas por casamento, ele estava mais perto de mim que qualquer primo poderia estar; realmente o irmão que eu nunca tive.

Parecia cansado, entretanto, sob seus sorrisos. Não fiquei surpresa ao saber que ele havia sofrido uma febre em Marrocos e havia estado terrivelmente mal durante muitos dias. Agora ele está preocupado por uma tosse cansativa e está mais magro do que deveria ser, com sombras sob os olhos.

Sua doença é a razão de seu retorno para casa antes do previsto.

Eu não posso parar de ser egoísta, contente que ele foi forçado a voltar. Este ano de 1882 tem sido tão tedioso, tão longo e triste sem ele. Nunca me dei conta antes do quanto que suas conversas e suas idéias, seus livros e poemas animavam minha existência. Mesmo vaguear entre os mouros não era um entusiástico prazer sem ele ao meu lado. A senhorita Binns não podia esperar para ocupar seu lugar e acho que ela está tão encantada quanto eu estou que meu companheiro tenha voltado. Ele não vai para a Universidade de Oxford até o Ano Novo, assim ele terá todas as chances de recuperar sua força, e eu vou tê-lo perto de mim durante muitas semanas felizes.

A pobre senhorita B. tem estado realmente perplexa e triste por mim nos últimos tempos. Ela não entende minha sede de estudo, ainda que seja uma boa pessoa, e estou agradecida de que papai dedica a tão amável, gentil governanta

¹⁵ Prefiro não traduzir esse termo... Acho que fica melhor assim.

¹⁶ Fora do País.



para mim. Mas, pode um pouco de francês e de música e as datas dos reis e rainhas da Inglaterra terem sentido para uma real educação nestes tempos modernos? Se eu pudesse ir ao colégio! Perguntei para mamãe se eu podia assistir a universidade de senhoras em Londres sobre a qual eu li agora que eu tenho dezesseis anos, mas ela disse que era impossível para uma jovem da minha classe¹⁷, e que devo lembrar que sou a Lady Agnes Templeton, não uma garota obscura forçada a ganhar meu pão por meu juízo¹⁸.

Eu confesso que sou levada a distração pelas noções da mamãe. O que a mundana classe social tem a ver com o desejo de conhecimento? Hoje em dia há novas idéias em todos os âmbitos, e quero ser parte desse novo mundo, não só uma boneca decorativa.

Ao longo desses últimos meses tenho me sentido mudar. Mais cedo no verão, minha menstruação começou. Mamãe me abraçou quando eu disse a ela e chorou um pouco, em seguida secou as lágrimas e me disse que logo eu seria uma esposa e mãe. Temo que minha mãe encontre um jovem gago cuja única recomendação é que ele é o filho de um duque e me obrigará a caminhar pelo corredor com ele¹⁹. Mas eu nunca poderia me casar com alguém que eu não amo, nem sequer um príncipe real. No entanto, minha querida mãe parece pensar o contrário. Temo que se ela soubesse meus verdadeiros pensamentos, freqüentemente nós brigáramos. Eu devo ter certeza de que ela nunca veja este diário.

Me sinto... eu não sei como expressar isso... como se eu tivesse um formigamento de um poder invisível, desconhecido, e eu anseio me livrar de tudo que parece pequeno, sem brilho e superficial. Meus sonhos estão cheios de fogo e cor, tanto acordada e adormecida. Há um estranho sonho, em particular, que eu tive muitas vezes recentemente. Nele, eu estou de pé em uma profunda caverna subterrânea onde arde uma chama alta e torcida.

Eu me aproximo desta coluna de fogo e recolho algumas delas na minha mão. As chamas dançam como luminosas folhas ao vento, sem me queimar. Eu estou com medo, embora eufórica...

Sempre que tenho esse sonho acordo me sentindo inquieta e sigo em direção à liberdade dos mouros. Deito na grama, com a terra sob meus ossos e o ar no meu rosto e eu ainda sinto que a chama queima e dança dentro de mim.

Se somente eu tivesse alguém para conversar, um amigo, ou uma irmã. Às vezes eu imagino um amigo tão fortemente que eu juro que quase podia vê-lo. Mas agora, pelo menos, o querido S. está de volta. Eu não posso estar sozinha com ele. Apenas duas milhas de distância no Hall. Seu pai lhe deu uma nova égua negra de raça²⁰, então ele prometeu que teremos muitos passeios juntos assim que ele esteja um pouco mais descansado. Eu vou ter que me contentar com obter minha educação de segunda mão dele, e ver o mundo através de suas

¹⁷ Classe Social.

¹⁸ No sentido de ser forçada a trabalhar para conseguir se sustentar.

¹⁹ Que a mãe dela a obrigue a se casar com o primeiro cara com dinheiro que aparecer.

²⁰ A palavra era: "fine" que quer dizer refinada, fina... Então decidi deixar como "égua de Raça", porque "Égua Refinada" iria ficar parecendo que a égua em si teve aulas de etiqueta ou algo do tipo hshushua... Acho que assim dá mais sentido à frase XD



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

histórias. Mas eu sei em meu coração, que eu sou capaz de fazer algo que vale a pena, e não vou descansar até que eu tenha descoberto isso.

Eu fico com a minha infância atrás de mim e meu destino pela frente, como se eu estivesse equilibrada na crista de uma onda que vai me enviar arremessada para alguma distante, desconhecida costa²¹.

Immortal

First love never dies . . .

²¹ Costa Litorânea; Praia.



Capítulo 5

A campainha tocou de manhã como o som de um alarme de incêndio. Eu me arrastei para fora da cama e fui para o banheiro. Havia duas ou três antigas cabines de moda, cada uma com um chuveiro de antiquado aspecto e um emaranhado de tubos de cobre. Eu fui ao mais próximo e fechei a porta atrás de mim.

Minha cabeça doía por falta de sono, e não pude evitar um sentimento de ansiedade persistente. Enquanto eu me despia, percebi que o corte na minha mão tinha se curado em uma linha de cor vermelho escuro – corte que, aparentemente, veio do nada. Não fazia sentido. Se ao menos houvesse alguém com quem eu pudesse falar sobre isso.

Sentia muita falta de papai e Frankie, tanto que doía.

Sob o chuveiro quente, eu tentei que a água lavasse tudo. Esqueça, eu pensei. Eu devo ter entendido errado. O vidro não quebrou em primeiro lugar. Devo ter me cortado com um dos cantos da moldura de metal, e foi isso. Ou talvez algo afiado tinha caído no suéter quando eu estava fazendo as malas em casa. Não havia mistério. E ninguém estava olhando. Não podia ser.

Impossível.

Precisava me concentrar em lidar com a minha nova escola, as coisas normais, como procurar o meu caminho, ou ser a melhor na minha classe, ficar fora do caminho da Celeste. Eu tinha que esquecer todo esse assunto, tinha que esquecer o menino de cabelos escuros e olhos perturbadores.

Voltei para o dormitório e coloquei o meu uniforme de saia cinza escura, meias vermelho-sangue e a antiquada gravata. Me olhei no espelho pendurado na parede e não conseguia reconhecer a garota refletida no espelho.

— Ei, que adorável²² – disse Celeste. – Ela está admirando seu uniforme. Não é uma tristeza que você não vai usá-lo por muito tempo?

Lembrei-me de minha vontade de ser tolerante e engoli a resposta irritada que tinha preparada. Foi um esforço tremendo.

— Vem, Evie – disse Helen. – Vamos tomar café da manhã.

Olhei para ela surpresa. Não esperava que Helen me mostrasse algum apoio. Agradecida, a segui para fora do quarto, porém ela não desceu a escadaria de mármore, onde as meninas estavam começando a se dirigir a sala principal. Em vez disso, ela me levou para um dormitório em uma parte escondida do

²² Aqui a palavra era “Sweet” que pode ser traduzido como “doce” ou “adorável”, quando dito sarcasticamente, Ok? Acho que “adorável” ficou melhor. (N.R – Mademoiselle Machado) XD



corredor que era ocultado por uma cortina. No fundo da sala havia uma porta de madeira. Helen puxou um ferrolho²³ e abriu a porta.

Celeste, India, e Sophie voltavam do banho aos empurrões. Havia pouca luz, onde uma escada em caracol serpenteava para a escuridão total. Helen apalpou por trás da porta, e pegou uma lanterna e acendeu.

— Eu mantenho isso aqui. Vamos – disse ela. – Isto está oficialmente fora dos limites, mas vou te mostrar o caminho. Você não terá que topa com a Celeste e sua comitiva.

— Mas Onde estamos indo?

— Podemos descer por aqui. É a escada de serviço.

Helen fechou a porta atrás de nós e apontou a luz em direção à escada em espiral. Era tão estreita que parecia que tinha sido embalada entre as paredes, como uma escada que desce em um buraco escuro.

— Você deve estar brincando. – Eu realmente não queria admitir a Helen, mas eu sempre temi espaços escuros e fechados. – Eu não vou descer por aí.

— É perfeitamente seguro. Ou prefere sair com Celeste?

Ela se pôs a andar, a luz flutuando na frente dela.

— Helen! Espere!

Desci as escadas atrás dela, tentando não imaginar que as paredes estavam me prendendo. Após algumas voltas, chegamos a um outro assoalho escuro.

— Esse é o subsolo central – disse Helen. – Vá em frente.

Finalmente chegamos a parte inferior, esta estava úmida e deserta. Helen varreu com a luz as paredes cheias de teias de aranha.

— Onde estamos agora? – Eu perguntei, na esperança de que não importava onde estávamos, se saíssemos rapidamente de lá.

— Isto costumava ser os quartos de serviço, quando o convento era uma casa privada. Essa porta nos leva de volta para a parte principal da escola, perto da escadaria de mármore, mas se você pegar a passagem no sentido oposto chegara à antiga cozinha e aos estúbulos. Eu gosto daqui. Vou lhe mostrar se você quiser.

A última coisa que eu queria explorar era os quartos velhos e sujos que ninguém usava a mais de 100 anos, mas Helen parecia fascinada com o lugar. Eu não tinha escolha a não ser segui-la enquanto ela se dirigia à antiga ala de empregados. Ali tudo foi pintado com uma depressiva cor de café escuro, e tudo estava cheio de poeira. Eu tinha certeza que ouvi os ratos correndo ao longo das paredes. Já era o suficiente. Eu estava prestes a dizer a Helen para voltarmos, quando vi uma fila de sinos velhos em uma moldura de mogno. Com etiquetas com coisas como

SALA DE DESENHO, SALA AZUL, e SALA DE BILHAR.

— Para o que eram?

— Os sinos soavam quando os servos eram necessários em algumas das diferentes salas. Os empregados subiam e desciam as escadas até cerca de 100 vezes por dia, alguns deles mais jovens do que nós. Eles não foram autorizados a utilizar a escadaria de mármore, obviamente. Era apenas para utilização dos Templetons.

²³ Tipo aquelas trancas antigas de ferro (N.R – Mademoiselle Machado)



— Quem eram eles?

— Os proprietários deste lugar.

Helen abriu a porta de uma cozinha abandonada.

— Este é o lugar onde os empregados trabalhavam. – Ela olhou em volta. – Você não pode escutar suas vozes?

Agora sim eu estava começando a me assustar. Eu não queria ouvir as vozes dos empregados mortos da era vitoriana, não importa o quanto Helen gostava disso. O ritmo do meu coração começou a cair e a estranha sensação de ser observada novamente tomou conta de mim. Sussurros e segredos pareciam vibrar na minha cabeça...

Nesse momento, um sino tocou à distância e eu pulei. Helen piscou.

— Esse é o sino do café. Nós não devemos chegar tarde demais! – Ela correu pelo corredor até a casa principal. – Vamos se apresse! – Lutando para manter-me no ritmo de suas pernas longas, e em poucos minutos estávamos na antiga escada de serviço.

Em seguida, Helen abriu uma porta para o corredor principal, perto da escadaria de mármore. O som de passos e o tumulto para a sala de jantar ecoou a distância à nossa esquerda. Corremos para alcançá-los, mas era tarde demais. Ao entrar na sala, niveladas e sem fôlego, as meninas já estavam em suas longas filas de mesas. Sra. Hartle estava sobre a mesa, dando graças. Helen parecia preocupada e esperou nervosamente à porta. Eu vi Celeste, tranqüila e pura como um anjo, sua boca se curvou em um sorriso secreto

A diretora terminou sua oração, em seguida, olhou-me friamente.

— Então, Evie Johnson atrasada de novo? Nós temos que ajudar você e sua amiga Helen a lembrar que o atraso é contra as regras em Wyldcliffe. Senhorita Scratton, dois cartões demérito²⁴, por favor. – Senhorita Scratton veio e nos deu, a cada uma, um cartão vermelho impresso. Ela franziu a testa enquanto nos dava, captei a expressão miserável de Helen e eu sabia que esta era uma desgraça maior. Outra das tradições bobas de Wyldcliffe.

— Este é um lembrete de que as normas devem ser mantidas – disse senhorita Scratton. – E talvez eu deva explicar, Evie, que, quando uma menina acumulou três faltas, se deve informar a diretora para uma detenção.

Tudo isso parecia um escândalo por nada, mas Helen estremeceu, segurando o cartão. Eu percebi com surpresa que ela estava absolutamente aterrorizada pela Sra. Hartle. Helen era estranha, eu pensei com inquietude. Não pude deixar de ficar zangada com ela por me meter em encrencas na minha primeira manhã. No entanto, ela tentou, à sua maneira, me proteger de Celeste. Eu ainda estava tentando livrá-la disso quando o sino do final do café da manhã soou e o do início da aula começava. Saímos da sala, e eu me encontrei com Celeste ao meu lado.

— Você teve um ótimo começo, Johnson. Um Demérito no seu primeiro dia. Deve ser um recorde. Ele apenas mostra o que acontece quando você se junta com uma perdedora como Helen.

Eu tentei manter a calma.

²⁴ Falta de Mérito. Desmerecimento. (N.R – Mademoiselle Machado)



— Não foi culpa de Helen.

— Você a está defendendo? Isso é tão adorável²⁵ – ela zombou. – Mas não espere que Helen seja uma verdadeira amiga. Ela está completamente louca.

— Ela não está – eu disse teimosamente, ainda que eu havia estado pensando bastante sobre o mesmo. – Ela é... muito nervosa. Isso é tudo.

— Então é isso que ela te disse? – o rosto de Celeste, de repente virara um doentio branco sob o seu bronzeado. – Ela estava muito nervosa para falar com a polícia, embora tenha sido a última pessoa a ver Laura com vida? Estava nervosa demais para nos dizer a verdade sobre o que aconteceu naquela noite? – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Não me fale de Helen Black e não se meta em coisas das quais você não sabe nada. – Ela saiu balançando o cabelo loiro.

— Vem, Evie – disse uma voz rouca atrás de mim no corredor. Era senhorita Scratton. – Não quer chegar tarde outra vez hoje. Eu serei sua professora, esta manhã. Siga-me.

Ela manteve um fluxo monótono de informações sobre a minha agenda e onde encontrar as diferentes salas, mas eu não conseguia entender, por que Helen teria necessidade de falar à polícia sobre a Laura? Eu achei que ela tinha morrido em um acidente de carro horrível, mas era como se ele tivesse morrido aqui na Wyldcliffe. Ela estava doente? E porquê envolver a polícia? Ainda mais estranho, Celeste parece sugerir que Helen sabia algo sobre isso.

— Você pode ver na espessura das paredes e tetos baixos que esta parte do edifício é muito mais velha que o resto... – Senhorita Scratton estava dizendo a medida que andávamos, ombro a ombro por um outro corredor. – É a parte do convento medieval original, possivelmente utilizada como uma área do hospital.

Enfoquei minha mente de novo, murmurando:

— Sim, muito interessante.

Ela entrou na sala de aula. As paredes eram brancas, haviam fileiras de mesas e uma prateleira muito alta. Um grande cartaz emoldurado com a produção das bruxas de Macbeth²⁶ pendurado atrás da mesa da senhorita Scratton.

— Encontre uma cadeira.

Havia cerca de vinte meninas na sala. Fiquei contente de ver Sarah sentada na parte traseira. Pelo menos havia uma cara amigável. Ela me deu um sorriso rápido, mas as outras meninas apenas olhavam sobre o cartão de punição que eu ainda tinha, depois se viraram como se não quisessem ser associadas com a minha desgraça. Havia uma mesa vazia ao lado de Helen. Sentei-me e fingi estar ocupada com o meu caderno e canetas.

A atmosfera era de trabalho e estudo, muito diferente da maneira fácil e livre que eu estava acostumada em casa. Senhorita Scratton deu aulas de Inglês e História, e apesar de ser maçante, com sua voz seca, era uma excelente professora. Depois de um tempo me encontrei realmente desfrutando e tentando me manter atualizada com os argumentos e teorias formuladas. Foi um alívio para mim mergulhar no trabalho e esquecer todo o resto. Debrucei-me sobre os

²⁵ Mais uma vez a palavra “Sweet” XD (N.R – Mademoiselle Machado)

²⁶ Macbeth é uma peça política, humana e, sobretudo trágica. Seguindo os moldes da tragédia grega, até certo ponto – pois existem diferenças cruciais entre a tragédia shakespeariana e a grega – as bruxas em Macbeth desempenham papéis semelhantes aos dos oráculos gregos.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

meus livros, absorvida por aquilo que estava lendo. E quando eu olhei para cima, eu tive a maior surpresa da minha vida.

A sala tinha mudado.

Oh, não me refiro às paredes brancas e janelas gradeadas – eram exatamente como haviam sido antes. E a sala estava configurada como uma sala de aula, mas ao invés de fileiras de mesas de madeira e meninas em uniformes escuros, eu vi uma grande mesa polida com papéis e livros pesados espalhados ao longo. A sala estava cheia de mobília antiga e um grande globo era exibido em uma prateleira. Uma gorda mulher de meia idade com bochechas vermelhas e um vestido cheio de frescura salientava algo a um único aluno seu, uma menina vestida de branco.

Os olhos cinzentos da menina estavam observando com atenção total e seus cachos castanhos estavam presos em uma fita preta. A imagem fantasmagórica da menina que tinha visto na noite anterior no espelho veio à minha mente. Esta menina era real, no entanto, não um reflexo, como uma visão de uma irmã perdida há muito tempo. Mas eu não tinha uma irmã e eu nunca tive uma irmã... Enquanto eu a olhava, ouvi o barulho do fogo e imediatamente vi uma luz ofuscante de chamas brancas. Gritei, então senti me dissolver no nada.

Quando voltei, eu estava caída sobre a minha carteira e Helen estava inclinada sobre mim. As outras garotas a empurravam para fora do caminho.

— O está acontecendo? Você se machucou? Porque você está gritando assim? – Uma profunda voz cortou através das perguntas ansiosas.

— Evie desmaiou por alguns segundos, isso é tudo. – Disse senhorita Scratton. – Por favor, não se aglomerem ao seu redor. Voltem para os seus lugares meninas, e comecem a ler em voz baixa. – senhorita Scratton franziu o cenho para mim e enquanto tomava meu pulso. – Você já desmaiou antes?

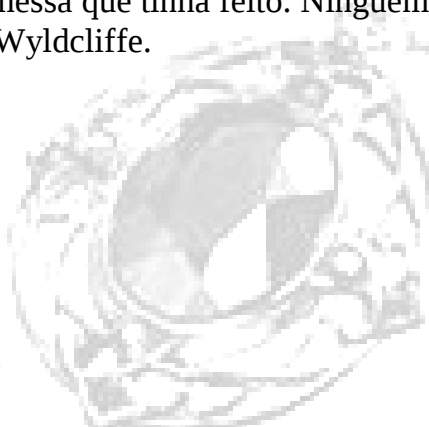
Pensei confusamente em meu encontro com o garoto e seu cavalo, mas eu balancei a cabeça. Eu não sabia o que era real e o que era somente um sonho.

— Senti-me tonta, isso é tudo – eu murmurei.

— Bem, é melhor sair. Talvez foi porque por ficar fechada aqui. – Ela olhou para Helen, ela hesitou uma fração de segundos, depois disse: – Sarah, mostre a Evie os terrenos. Você vai se sentir muito melhor com o ar fresco.

— Vamos, Evie – disse Sarah. – Vamos dar um passeio.

Sua amizade simples me tocou e eu tinha lágrimas ardendo nos meus olhos. Pisquei para afastá-las. Enquanto seguia Sarah para fora da sala, lembrei-me da promessa que tinha feito. Ninguém, absolutamente ninguém iria me ver chorando em Wyldcliffe.



First love never dies ...



Capítulo 6



entamo-nos em um fardo de palha no estábulo quente e empoeirado. Sarah sorriu e me ofereceu uma bolsa de maçãs.

— Eu guardo essas aqui para Bonny²⁷, mas elas estão perfeitamente bem, ainda mais se você não tiver tomado muito café da manhã.

Mordi uma das maçãs amarelas. Era doce e boa. O que também descrevia exatamente Sarah, pensei, com o cabelo castanho escuro e pele sardenta. Parecia que ela pertencia ao estrangeiro, aos campos e florestas. Eu comi minha maçã, bonita e grande, e um pequeno cavalo tentava roubá-la de mim com seus lábios soprando. Sarah riu e então me olhou com curiosidade.

— Então o que aconteceu?

Evitei seus olhos. Eu mesma não estava realmente certa. Tudo o que eu sabia era que não foi a primeira coisa estranha que me aconteceu desde que cheguei a Wyldcliffe. Mas como eu poderia dizer a Sarah sobre esses absurdos como o belo rapaz num cavalo, o vidro quebrado que não estava quebrado, e uma menina ruiva que não poderia estar lá? Sarah parecia a primeira pessoa normal que eu havia conhecido até agora e eu não queria que ela pensasse que eu era totalmente louca. Eu estava apenas estressada, decidi. Nada disso vai acontecer novamente.

— Só uma tontura. — Dei de ombros e me levantei, querendo mudar de assunto. — Você tem que me levar para ver o terreno, como senhorita Scratton disse. Eu ainda não o vi.

— Bom — Ela sorriu. — Adeus, Bonny querida. Te vejo depois. Você não vai acreditar que ela estava muito magra há alguns meses, certo? Meus pais me ajudaram a resgatá-la de algumas pessoas que não sabiam nada sobre cavalos e a maltratavam. Agora é como uma bola de gordura. Meu outro pônei se chama Starlight²⁸. Vamos vê-lo primeiro, então eu vou mostrar tudo.

Segui Sarah para outro lugar, onde um belo cavalo cinza a beijou a mão e gentilmente aceitou uma maçã.

— Graças a Deus Wyldcliffe nos permitiu trazer os cavalos para a escola. Eu passo cada minuto livre com eles. Eu estaria perdida sem um animal por perto. Em casa eu tenho três cachorros, dois gatos e um burro, e todos foram resgatados de um lugar para outro...

²⁷ É o nome do pônei de Sarah, que traduzindo seria: “Alegre” ou “Formosa”.

²⁸ Nome de outro pônei da Sarah, que traduzindo seria algo com “Luz das estrelas”



Ao ver Sarah contar, eu me lembrei do que Celeste tinha dito sobre sua coleção de “crianças abandonadas e cães de rua”. Bem, eu realmente era um deles agora.

Nós andamos em torno do pátio do estábulo, que estava situado no lado principal da casa.

Vi uma porta verde desbotada que parecia pouco utilizada. Achei que levaria para os quartos dos empregados, onde Helen e eu tínhamos ido de manhã. Quando um gato preto atravessou o pátio. Nós o seguimos e chegamos a um muro de um jardim com fileiras de feijão preto e groselhas²⁹.

— Podemos ter nossas próprias hortas aqui – disse Sarah. – Eu gosto de coisas que crescem, cavar a terra e ver a primavera de uma nova vida. E eu amo muito os estábulos. As partes magníficas do convento podem parecer frias e sombrias, mas aqui eu posso ver realmente o que deve ter sido quando o lugar pertenceu à família de direito, com o seu jardineiro e carruagens, os cavalos e cães. Mas isso foi mais de cem anos atrás, quando Lady Agnes viveu.

Ela olhou para mim e franziu o cenho, como se estivesse tentando se lembrar de algo.

— Quem era essa Lady Agnes? – Eu perguntei, tentando parecer interessada.

— Ela era a filha do senhor Charles Templeton, que reconstruiu Wyldcliffe em meados do século XIX. O convento original, da época em que as freiras viveram aqui no período medieval, a maior parte foi destruída há muito tempo, mas eu acho que Sr. Charles Templeton era romântico, portanto, quando ele construiu a sua nova casa para sua esposa e filha fez permanecer aqui até a última pedra. Venha e veja!

Saímos da horta para o terraço de cascalho atrás da casa principal. Do terraço, uma área de gramado de grandes dimensões se inclinava na direção de um lago ao longe. A parte inferior do lago era densamente coberta por densos arbustos verdes, e além deles, marchando como sentinelas em torno do convento, estavam os mouros selvagens.

Era uma visão impressionante, mas havia algo sobre a visão que me tirou o fôlego.

Ao lado do lago, as ruínas da capela do antigo convento se elevavam em direção ao ar. Os arcos delgados pendurados como rendas petrificadas contra um céu cinzento. Pilhas de pedra foram acumuladas sobre a base das muralhas medievais, e onde uma vez ali estava o altar era verde e liso. Tudo era refletido no lago, como se um submarino da catedral estava fantasiado sob a superfície de vidro.

— É inacrível, não é? – Disse Sarah.

— É algo além das palavras. – Um arrepio estranho percorreu meu pescoço.

– Mas tudo parece tão triste, de alguma forma.

— Você sabe sobre Laura, então?

²⁹ A groselha é o fruto da groselheira. A groselha é usada para a fabricação de xaropes, algo apreciado entre portugueses e brasileiros como bebida quando misturado a água (natural ou gasosa), ou ainda leite. Também faz parte da culinária de alguns países europeus, principalmente os do norte da Europa. Aliás, quem nunca bebeu groselha com leite, não é? husahushuas



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Celeste, me disse. – Eu não sei porque, mas meu coração começou a bater com força.

— Laura foi encontrada aqui no lago. Ela tinha se afogado. – Como minha mãe. Senti-me doente, e eu vacilei um pouco.

— Ei, você está bem, Evie? Eu não quero que você desmaie novamente. – Ela deve ter me arrastado, em parte me apoiou em algum lugar com vista para o lago.

— Desculpe. Não é nada. Vamos falar de outra coisa. Fale-me sobre Lady Agnes.

— Não é uma história feliz também – respondeu Sarah com relutância. – Houve algum tipo de acidente e morreu jovem. Li sobre isso uma vez. É assim como este local tornou-se um colégio. Após a morte de Agnes seus pais foram para o exterior deixando o convento.

— Porquê?

— Eu acho que não suportariam ver algo que lembrava ela. Quando ela morreu, não havia ninguém para herdar Wyldcliffe. O prédio estava vazio por um tempo antes de se tornar um colégio, as pessoas locais falam de todos os tipos de histórias sobre ser assombrado. Isso era fácil de imaginar, eu suponho. Uma grande casa e vazia com uma capela em ruínas, não é preciso muita imaginação para inventar alguma coisa, certo?

— Eu acho que não – eu respondi, olhando para as ruínas. A história que Sarah me explicou sobre o motorista de táxi na noite da minha chegada. Esse lugar amaldiçoado.

Eu não podia culpá-lo, realmente. Minha própria imaginação parecia fora de controle em Wyldcliffe. Mas olhando para as pedras jogadas, achei mais fácil ver porque as pessoas inventavam histórias sobre este lugar. Se tornavam obcecadas com que estava assombrada por todo tempo de vida. E esses mesmos montes escuros tinham olhado para baixo para este lugar durante todas e cada uma das tragédias, e o vento gelado tinha cantado através da grama...

— Você gosta daqui? – Eu perguntei. Sarah riu.

— Como é que você vai gostar de qualquer lugar que está cheio de crianças esnobes como Celeste? Não estou certa de quanto tempo a escola e suas tradições vão sobreviver, para ser honesta. O mundo mudou, mas Wyldcliffe não.

— Então por que as pessoas continuam a enviar os seus filhos aqui?

— Wyldcliffe prepara jovens para um lugar na sociedade, não só para o sucesso acadêmico – Sarah repetiu. – Eu sou a quarta geração da minha família que vem para cá.

— Mas você realmente queria vir?

— Eu suponho que sim. O lugar em si é muito especial, você sabe, as ruínas, as paisagens e a velha casa. Eu acho que amo Wyldcliffe ao mesmo tempo que a odeio. E você? Gosta?

— Mmm. Eu não tenho certeza.

— Então por que você veio para cá, Evie?

— Minha mãe está morta, e o meu pai está no exército. Têm sido destaque neste momento no exterior – disse-lhe, tentando parecer o mais indiferente possível. – Minha avó, Frankie, sempre esteve comigo. Mas ela está doente.



— Desculpe. Percebi ... Quer dizer, eu achava que parecia infeliz.

— Sim, bem, é apenas uma maneira de se dizer isso. — Eu não queria qualquer piedade. Mas esta menina não é ameaçadora de qualquer maneira, eu queria falar. Engoli em seco e comecei. — Papai tinha ouvido falar desta escola porque a família da minha avó Frankie era daqui, séculos e séculos atrás. Então soube da bolsa, e estava organizando tudo tão rápido. Eu sei que sou muito sortuda. E então eu vim. Mas eu não acho que posso começar a me encaixar como minha família não veio a esta escola em outras gerações.

— Isso não importa, não a mim de qualquer maneira — disse Sarah. — Além disso, minha família está aqui só pela pele de seus dentes³⁰.

— O que você quer dizer?

— Minha bisavó Maria foi adotada por uma família cigana em uma viagem, quando ela era um bebê. Se não fosse por isso, tudo teria sido diferente.

— Por quê? O que aconteceu? — Eu perguntei.

— Seus pais adotivos eram fazendeiros ricos e desesperados por uma criança. Eles aparentemente ajudaram quando o pai de Maria foi injustamente acusado de caça ilegal na propriedade de um vizinho, e quando a mãe de Maria morreu dando à luz, o persuadiu para que ele desse o bebê. Foi um acordo incomum para ambos os lados, mas amavam Maria e queriam dar-lhe o melhor de tudo, roupas, viagens, educação, o que significa Wyldcliffe, é claro.

— Por quê? O que Wyldcliffe tem de especial?

— Ela sempre foi considerada a escola mais exclusiva da Inglaterra. Em outras palavras, esnobe e incrivelmente caro. — Sarah riu. — A diretora do colégio falou do fedor de Maria e sobre ela ser pobre e disse que eles não iriam deixar uma menina cigana e suja em Wyldcliffe poluindo o sagrado colégio. Mas os pais adotivos doaram uma grande soma de dinheiro para a escola, o que fez o truque, então aqui estou eu. — Ela ficou pensativa. — Frequentemente eu penso nela. É engraçado pensar que uma vez estiveram por aqui pelas mesmas razões que estamos agora. Às vezes sinto que provavelmente soa ridículo que ela esteja me observando.

— Você quer dizer... como um fantasma? — Eu tentei brincar, mas houve um tremor em minha voz.

— Oh, eu não sei, realmente. Mas pergunto-me sobre ela. Quer dizer, eu me pergunto se ela alguma vez pensou em sua família verdadeira, ou se arrependeu de não ser parte da antiga forma de vida cigana. Às vezes, eu acho que teria gostado de viver assim, perto dos cavalos, perto da terra, em contato com o conhecimento antigo — Sarah fez uma pausa e sorriu. — Minha família ainda tem toneladas de dinheiro, que é uma espécie muito útil. Mas não pense que eu sou algo parecido com Celeste e suas amigas porque eu não sou, certo?

— Ok — eu disse. — Eu não acho que você é como uma delas, eu juro.

³⁰ Essa parte é meio exclusiva, mas é isso mesmo que está no texto tanto em inglês, quanto em espanhol... Mas o sentido geral é que a Sarah só foi para Wyldcliffe porque sua bisavó foi adotada por fazendeiros ricos, que se não fosse por isso, Sarah não seria de família rica e não teria como pagar para ir à essa escola... enfim, tem a ver com a antiga geração da Sarah.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Estou contente que esclarecemos isso. — Ela sorriu. — Vamos lá, é melhor voltar para a classe, se você se sente melhor, ou Srta. Scratton estará distribuindo mais deméritos.

Ela me levou ao ritmo dos seus pés. Eu estava relutante em deixar o lago de alguma forma. Foi a única extensão de água que eu tinha visto desde que deixei minha casa à beira-mar, e eu fui atraída por seu profundo verde intenso. No entanto, era um local de uma tragédia terrível, uma menina havia se afogado.

Eu não quero pensar sobre isso. Me separei do lago e olhei para a paisagem.

Talvez o garoto que eu tinha conhecido estivesse por ali, passeando a cavalo pelas colinas. Então, uma nuvem difusa cobriu o sol e uma rajada de vento frio sobre a grama me fez estremecer. Eu comecei a correr.

— Ei, espere! Chamou Sarah. Mas não parei até que estivesse segura e abrigada dentro da casa.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 7



DIÁRIO DE LADY AGNES, 17 de setembro de 1882.

Eu não sei o que fazer com esse recente entusiasmo que parece ter enfeitiçado meu querido, meu único amigo. Tudo o que sei é que estou preocupada, até mesmo com medo por ele. De alguma forma já não me sinto em segurança.

Ontem S. me trouxe uma grande quantidade de presentes de suas viagens. O médico havia ordenado que ele permanecesse em repouso completo, mas ele falou que não poderia ficar na cama por mais nenhum minuto, e saiu caminhando pelo saguão sem que ninguém soubesse. Caminhando! Mas, ele sempre fora teimoso quando se decidia de alguma coisa, e ele estava tão ansioso para me mostrar sua parcela de presentes.

Echarpes, bijuterias e esculturas de modo que o repreendi pela extravagância, mas ele apenas sorriu e falou que haviam custado apenas algumas moedas nos bazares. Então ele estendeu um pacote embrulhado em papel de seda prateado.

— Esse é o melhor presente de todos. — Ele sussurrou. — o dom do conhecimento.

Era um livro com aparência de ser muito velho encadernado em couro verde. Em letras desgastadas pela ação do tempo li as palavras *The Mystique Way*³¹. Abri o fecho de prata e abri o livro. Um cheiro de páginas secas e velhas subiu do livro. As palavras impressas eram grossas, pretas e apertadas. Algumas estavam em Latim, e o restante em uma antiga forma de inglês. Eu li em voz alta:

— Leitor, se você não for puro, detenha suas mãos e não leia mais; Os mistérios antigos aqui proclamados não devem ser contaminados pelo mal.

Olhei para cima e ri.

— Que tipo de conto de fadas é esse que você me trouxe? Você não acha que estamos um pouco velhos para esse tipo de disparate³²?

— Não é disparate, Agnes; é a coisa mais importante que encontrei em todas minhas viagens! Você tem que ler esse livro!

Ele parecia tenso e corado, e me perguntei se ele ainda estaria febril.

Rapidamente ele tirou o livro de mim e começou a ler:

— Os filósofos nos dizem que os quatro Elementos Eternos, o Fogo, Ar, Água, e Terra são o estofado da vida. E o maior deles é o Fogo, que é filho da Chama Sagrada da criação. Você também deve saber que esses elementos são a

³¹ Algo como: “O Caminho Místico” (N.R – Mademoiselle Machado)

³² Tolice. (N.R – Mademoiselle Machado)



chave para os nossos Mistérios. É um erro grave pensar que tais Elementos são meramente matérias físicas, ou substancias corpóreas. O Grande Criador não fez um corpo, mas fez a essência e espírito. Por que, o que é um corpo sem um espírito? Não é nada, por que o corpo se corrompe e decai; mas o espírito vive para sempre. E também é verdade que toda a matéria física possui um espírito invisível dentro. Assim o Ar, a Terra, a Água, e o Fogo contêm seus próprios espíritos, onde ficam escondidos seus verdadeiros poderes.

Ele olhou para mim, seus olhos brilhavam.

— Você escutou isso Agnes? Grande poder. Não é isso que todos nós procuramos nesse mundo?

— Eu não sei. — eu falei cautelosa. — O que mais o livro diz?

— Nós em nossa condição humana somos feitos desses quatro elementos — a Terra sendo nossa carne, o Ar sendo nossa respiração, a Água sendo nosso sangue, e por último o Fogo sendo nossas paixões e desejos. E assim superando a razão pela qual somos ligados aos espíritos eternos dos elementos. Agora aqui fica nosso grande objetivo, que é: aquelas pessoas que verdadeiramente e justamente se dedicarem ao estudo dos Caminhos Místicos, devem aprender a invocar o poder dos elementos...

S, voltou a me encarar, e seus olhos brilhavam como chamas azuis.

— E se nós aprendêssemos a invocar esses poderes, Agnes? Imagine o que poderíamos fazer.

— Acho que ‘imaginar’ é a palavra certa. — Eu repliquei. — É uma fábula, só isso, não é mais real do que os contos das Mil e uma noites, que líamos juntos quando crianças.

— Não, você está errada. Tenho olhado as páginas, e o que tenho lido tem me surpreendido. Há rituais aqui, ensinamentos que destrancam os mistérios sagrados...

— Sagrados? — eu interrompi. — Não é mais provável que esteja cheio de superstições profanas? Deixe-me ver.

Ele me passou o livro com as mãos trêmulas, e olhou as páginas. Meus olhos foram puxados pelas seguintes palavras:

“No entanto deixo os incautos³³ avisados; não há luz capaz de rivalizar com a Terra, Ar, Fogo e Água. Os quatro grandes elementos podem nutrir e proteger, mas também podem destruir.”

— Isso sem dúvida é aviso o suficiente. — Eu falei. — Onde você encontrou esse livro?

— Vou te contar, mas antes você precisa manter isso como um segredo nosso. — Ele me puxou para perto no sofá. — Eu estava em um bazar em Marrakesh com Philips quando encontramos uma barraca coberta com cortinas bordadas e com pilhas de livros antigos e mofados. O vendedor, um homem velho usando vestes longas e dificilmente com um dente na boca, nos chamou para mostrar suas mercadorias. Havia pergaminhos e livros em todas as línguas possíveis, todos jogados em uma grande pilha. Estávamos prestes a sair quando o velho me pegou pela manga e falou. ‘inglês! Jovem mestre inglês! Inglês!’ ele

³³ Crédulo, ingênuo (N.R. - Mademoiselle Machado)



continuava repetindo isso e não me deixava sair, sinalizando urgente para eu entrar em uma das salas de sua pequena loja, que estava escondida como a caverna de Aladim atrás da tenda. Philips não gostou muito da aparência do lugar, mas eu estava determinado a entrar e ver o que o velho falava tão insistentemente. Quando entramos na parte de trás da loja, o vendedor de livros destravou um baú feito de madeira escura, encravado com estranhos emblemas. Com ar de grande reverência ele retirou um livro e falou, 'é isso o que você procura, jovem mestre; isso é para você.' Eu perguntei quanto ele queria pelo livro, mas ele pressionou o livro contra mim e falou, 'nada, nada. esse é o momento; pegue o seu destino'. Então Agnes, o que você me diz disso?

— É uma boa história. — eu sorri. — Estou surpresa por ele ter lhe dado esse livro de graça. Acho que você lhe deu um lindo presente pelo trabalho?

— Eu te falei. — Ele replicou impaciente, tossindo um pouco antes de poder continuar. — Ele não aceitou nada. Ele queria que eu ficasse com isso por uma razão; estou convencido disso. Acredito que se seguirmos esses ritos antigos, poderemos fazer maravilhas juntos. Não era você que sempre falou que desejava aprender coisas novas, de sair do mundo da sua mãe e da senhora Binns, e todas as restrições mesquinhas que prendem você como as paredes de uma prisão? — os olhos dele se tornaram calmos e apelativos, e ele colocou gentilmente a mão no meu braço. Um estremecimento me atravessou, de prazer ou dor, eu não sei dizer. — Então aqui está algo novo. Por favor, Agnes. De uma chance a isso.

Olhei para baixo para o pesado volume no meu colo. Quase que com vontade própria ele se abriu ao meio. Todas as páginas eram decoradas com estranhos símbolos, e meu sangue começou a correr quando comecei a ler os diferentes títulos impressos com tinta vermelha e desbotada: para conjurar chuva. Para acalmar o vento. Para fazer amuletos contra raios. Para enriquecer a terra antes do plantio.

— Pense em todo o bem que poderemos fazer. — Ele falou.

Continuei lendo em transe.

Cura contra a Maladie perigosa. Para acalmar a mente da escuridão e pesar. Para encontrar o desejo do seu coração. Para invocar o Fogo Sagrado.

Naquele instante meu velho e familiar sonho voltou para mim, mas mais vívido que antes. Eu estava como sempre parada em uma coluna de chamas brancas e quentes. Mas agora o fogo parecia estar queimando dentro de mim, e eu tinha que somente estender minha mão para pegar qualquer coisa que eu quisesse.

— Não! — eu bati o livro fechado. — Não quero ter nada a ver com isso. É perigoso. É errado.

— Você quer dizer que a senhora Binns não irá aprovar, e aquele velho vicário medroso na igreja da vila, e todos os reacionários teriam palpitações com qualquer descoberta nova? Pensei que você tinha mais ambições do que sentar com a sua governanta como uma boneca sem se atrever a pensar, ou respirar, ou viver.

— Não é nada disso. — Falei incerta. — Estou feliz em abraçar tudo o que é novo e bom em nossa era moderna. Mas isso não é progresso. É voltar para a era da escuridão.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Há em Deus, alguns dizem, uma profunda e deslumbrante escuridão... – Ele murmurou. – Você não lembra desse poema? Você acha que o Todo Poderoso está limitado à aquilo que sabemos e aprovamos aqui nessa pequena terra, nesse exato momento do tempo? Claro que não! E nem nós vamos. – Ele pegou minha mão na dele e me puxou para perto. – Podemos criar algo bom que iria durar para sempre. Divida isso comigo Agnes.

— Mas é apenas uma confusão de disparates. – Eu protestei.

Inesperadamente rindo, ele soltou minha mão, a paixão saindo de seu rosto.

— Nesse caso não poderemos fazer nenhum mal, exceto por parecermos tolos. Além do mais, nossas intenções são puras, como o livro diz. Que mal pode vir desse jogo que ajudará a passar o tempo da minha convalescença³⁴? Por que não jogarmos mais uma vez, como fazíamos quando éramos crianças?

Ele sorriu para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo que interessasse para ele. Um pequeno nó de atração apertou sob minhas costelas. Olhei para longe, repentinamente consciente e sem palavras.

— Muito bem. – Eu falei. – Vamos jogar.

E então isso seria um jogo. Apenas isso. E espero com toda a minha alma que como em nossas brincadeiras de criança, isso nos leve à um final feliz. Mas se dependesse de mim, eu jogaria esse livro no lago e deixaria que ele afundasse naquelas águas profundas para nunca mais ser visto.

³⁴ Retorno progressivo à saúde. (N.T – Mademoiselle Machado).



Capítulo 8

*E*u estava nadando nas profundidades do mar em casa ao amanhecer. A luz no mar era como madre pérola, e eu estava repleta de alegria em pensar que eu poderia continuar nadando sem parar e nunca ficar cansada. Então senti alguma coisa raspar em meu tornozelo. Chutei para longe, pensando ser somente uma alga marinha solta, mas era uma mão fria que me puxou para baixo da superfície, cada vez mais para baixo, para o fundo. Me debatendo em pânico, vejo Laura, morta e assustadora, o cabelo dela flutuava ao redor de seu rosto sem vida, os olhos eram buracos vazios. Ela estava me arrastando junto com ela para as profundezas. Eu queria gritar, mas estava lutando desesperadamente para respirar. Eu não conseguia respirar; Eu estava em perigo... Que perigos guardavam uma garota no mar... Eu não conseguia respirar...

Abri meus olhos e joguei os cobertores sufocantes para o lado. Procurando por meu relógio, vi que eram três horas da manhã. Meu coração estava agitado e tive que sair da cama para espantar o pesadelo. Ajeitei-me no banco da janela e olhei para o quintal desenhado pela luz da lua e sombras escuras. Cada árvore e arbusto parecia se manter artificialmente, como em um set de teatro. Encostei minha cabeça contra o vidro gelado da janela e tentei controlar novamente minha respiração. Eu não me atrevia a olhar para a foto de Laura na parede. Espero que ela te assombre. Celeste havia me dito. E espero que ela te assombre a cada respiração.

Por favor, deixe Laura estar em paz, por favor, por favor... Eu implorava em uma espécie de oração confusa. Eu ficava doente em pensar nela lutando sozinha no lago, apavorada, lutando pela vida... Tentando respirar sob a água escura e fria, deveria ser uma maneira horrível de se morrer.

Eu sempre havia me recusado a pensar sobre o que havia acontecido com a minha mãe, até agora. Apesar da morte dela, sempre gostei do mar, como se pudesse anular o passado desafiando as ondas eu mesma. Todas as vezes que saía das águas salgadas e me secava na praia, sentia que eu tinha enganado a morte como se eu fosse imortal. Mas no escuro dormitório de Wyldcliffe, a certeza absoluta de minha própria morte surgia para me aterrorizar.

Irá realmente acontecer algum dia, e então não haveria como trapacear. Em um flash de memória lembrei de uma inscrição no muro do porto em casa: Colocado em honra aos marinheiros que perderam suas vidas ao longo dos séculos. Todos nós temos de morrer, como água derramada na terra...



Todos nós temos de morrer. Olhando para fora da janela, eu conseguia ver as ruínas sob o luar e o calmo lago próximo à elas. Como Laura fora morrer em um lago tão calmo?

— Todos nós temos de morrer. – Eu murmurei para mim mesma. Então eu achei ter escutado de algum lugar em minha memória a voz quente e reconfortante de Frankie, como se ela estivesse lendo em voz alta na pequena capela em casa: todos nós temos de morrer... Ainda assim deus não tira a vida... Todo aquele que nele crer terá a vida eterna.

Voltei para a cama e fui dormir.

Parecia ter passado apenas um minuto quando o sino da manhã tocou nos arrastando para fora das camas. Outro implacável dia em Wyldcliffe estava começando.

Me vesti rapidamente e desci as escadas de mármore antes que Helen voltasse do banheiro. Eu não queria ser ingrata, mas realmente não queria ficar vagando no escuro com ela, comungando com os espíritos das empregadas da cozinha que há muito se foram. Além do mais eu não me atrevia a chegar atrasada para o café da manhã novamente. Decidi que contaria esse como meu verdadeiro primeiro dia em Wyldcliffe. Eu não chegaria atrasada, não iria me meter em problemas, e eu definitivamente não iria desmaiar.

Simples.

Pequenos grupos de garotas estavam descendo as escadas, suas blusas, saias e cabelos lisos, limpos e arrumados para o dia que estava começando.

— Olá. – Eu falei alegremente, mas elas apenas me ignoraram. Silêncio total. Era como se eu não existisse.

— Nada de conversa nas escadas. – Alguém falou baixinho atrás de mim. Virei e fiquei grata em ver o rosto amigo de Sarah. Ela colocou um dedo sobre os lábios. Agora eu entendia, outra regra. Eu sorri para ela aliviada e desci os frios degraus brancos.

Quando chegamos ao patamar a diretora estava parada lá, elegante e distante. Nos observando com olhos inexpressivos.

— Pensei ter lhe dito que jóias não são permitidas nesta escola.

Eu havia esquecido tudo sobre aquilo, e a pesada corrente do colar da Frankie aparecia sob o colarinho de minha blusa.

— Sinto muito... Eu esqueci...

— Por favor, fique sabendo que quando eu digo para uma estudante fazer algo, espero que ela não esqueça.

— Vou tirar o colar. – Subi correndo as escadas antes que ela tivesse tempo de falar mais alguma coisa. Havia alguma coisa sobre ela que me apavorava. Aqueles olhos escuros e insondáveis, a maneira muito controlada de falar, e ainda a faísca de raiva visível sob a superfície.

— Cuidado, sua idiota!

Celeste me olhou furiosa quando quase a derrubei da escada.

— Oh... sim, sinto muito. – Eu falei ofegante enquanto passava. Eu não iria dar a ela, (ou a senhora Hartle) a satisfação de me verem chegar atrasada para o café da manhã novamente. Apressei-me para dentro do dormitório, abrindo a corrente enquanto corria, então abri a gaveta ao lado da minha cama.



Eu parei. Senti-me estranhamente relutante em largar o colar na gaveta. Como eu iria saber se ele estaria seguro? Celeste provavelmente não teria dúvidas em mexer nas minhas coisas, e eu não podia suportar a idéia de ela tocando o colar. Ele era muito pessoal, muito privado.

O pendente prateado brilhava hipnoticamente em minha mão. Esse era o meu ultimo link com a Frankie. O rosto dela apareceu em minha mente, e de repente pareceu incrivelmente importante não me separar dessa pequena lembrança.

Remexendo nas gavetas, achei uma camisola que tinha uma fita branca ao redor da gola. Retirei a fita. Então soltei o pingente da corrente e o preendi à fita. Em alguns segundos, o preendi ao redor do meu pescoço, escondendo tudo sob minha camisa. Olhei no espelho. Não se podia notar o colar agora, a Senhora Hartle nunca iria saber que eu ainda o estava usando.

Correndo escada à baixo novamente, cheguei ao refeitório justamente quando as ultimas garotas estavam sentando em seus lugares, e consegui um lugar ao lado de Sarah. Tive que me impedir de sorrir do quão idiota eu era. Desafiar a Sonhara Hartle até mesmo sobre uma coisa tão trivial como isso, fazia eu me sentir bem.

Depois do café a Senhora Scratton me parou na saída do refeitório.

— Espero que você tenha um melhor dia hoje, Evie. — Ela falou com sua voz dura e seca.

— Oh tenho certeza que estarei bem.

Ela se aproximou.

— Quem sabe o que espera por nós a cada novo dia? Tente ficar longe de problemas. — Seus olhos redondos me observavam, e eu imaginei loucamente se ela podia ver o colar da Frankie pendurado sob minha camisa. Mas isso seria um absurdo.

— Você rapidamente irá se adaptar com nossos costumes. — A Senhora Scratton continuou. — Eu espero que logo você irá se sentir em casa em Wyldcliffe. Têm sido o lar de muitos peregrinos ao longo dos anos. — Eu não sabia do que ela estava falando. Eu não conseguia ver Sarah, e eu precisava chegar à sala de aula. Meio que sorri para a Senhora Scratton, esperando que ela já tivesse terminado o que queria comigo, e saí.

Não parecia haver ninguém da minha classe no meio da multidão de meninas no corredor, então examinei a tabela de horários impressa que haviam me dado. Era terça-feira, a primeira aula seria de ginástica. Um mapa da escola havia sido impresso no verso do cartão. Depois de algumas voltas nos corredores sem fim, consegui encontrar o vestiário. O restante da turma já estava se preparando para a aula. Lacrosse, pela aparência dos equipamentos.

— Ola Evie, você já recebeu as suas roupas de ginástica? — Sarah perguntou. Eu balancei minha cabeça.

— Papai encomendou tudo, mas não havia chegado quando sai de casa. A loja falou que enviariam as coisas para cá.

— É melhor você explicar isso para a Senhora Schofield quando você chegar ao campo. Vamos; rápido. Você não vai querer estar...

— Com problemas novamente. — Eu sorri. — Sim, eu sei.



Marchamos para fora por uma porta lateral com as outras garotas e seguimos um caminho que seguia do prédio da escola para o quintal.

Era um dia chato com o céu cinza sujo. À distância os muros se estendiam como um monótono cobertor no horizonte. À nossa direita, as ruínas da capela se elevavam até os céus, fraturada e quebrada, mas até mesmo sob essa luz mortífera era extraordinária. Mas as outras meninas as ignoravam, conversando umas com as outras até chegarmos aos campos e quadra de tênis que estavam escondidas atrás das árvores.

A professora de ginástica, a Senhora Schofield, estava nos esperando impacientemente.

— Vamos, vamos, nada de enrolar! — ela gritou. — Comecem a se aquecer e correr ao redor do campo. — Pelo menos ela parecia mais jovem do que algumas das outras professoras, ou tutoras, como Sarah havia me dito para chamá-las, mas ela soava irritada. — Você, a garota nova, venha aqui. Por que você não está usando suas roupas de ginástica?

Expliquei o que havia acontecido. Por um instante achei que ela iria explodir de irritação, mas ela apenas ladrou.

— Corra até a ala das serventes. Elas saberão se sua roupa chegou.

— Hum... onde?

— Segundo andar, corredor da direita, terceira porta da esquerda. Pergunta pela senhora Edwards. E se apresse! Ou o período já terá acabado quando você conseguir se trocar.

Não esperei para ela me falar duas vezes. Corri de volta para a escola, diminuindo o ritmo apenas quando passei pelas ruínas novamente. Assim que pude, eu prometi para mim mesma, eu viria e exploraria as ruínas com calma. Mas primeiro eu teria que encontrar a sala das serventes. Segundo andar, corredor da esquerda, terceira porta do lado direito, ela havia dito. Ou era ao contrário? Consultei meu mapa impresso, mas apenas as salas de aulas estavam nomeadas: geografia, Francês, arte, música, e o restante. Todas estavam no primeiro andar. Uma série de salas no segundo andar estavam marcadas, escritório dos funcionários e dormitórios, mas era tudo. Não havia menção da sala das serventes.

— Droga!

Segui o mapa de volta à escada de mármore e corri para o segundo andar. O saguão era decorado com pilares de granitos e painéis esculpidos. Olhando por cima da balaustrada eu podia ver os desenhos feitos pelos azulejos no piso do saguão de entrada. O quão fácil seria cair e bater lá embaixo. O pensamento me fez sentir ligeiramente doente, e virei para o corredor da esquerda.

Não havia letreiros em nenhuma das portas. Parada do lado de fora da porta mais próxima, escutei vozes, então bati na porta timidamente, mas não houve resposta. Segui para a próxima porta. Essa parecia mais promissora. Pensei ter escutado um barulho abafado vindo da sala. Bati na porta. Não houve resposta, então segurei a pesada maçaneta e abri a porta em um puxão.

Seis ou sete tutoras estavam sentadas ao redor de uma mesa circular, debruçadas sobre um velho livro que parecia como uma bíblia anciã. Elas estavam recitando baixinho como se estivessem lendo em voz alta. Eu tossi e as



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

mulheres se viraram para olhar para mim. Uma delas rapidamente fechou o livro e o cobriu com um pano roxo. Uma mulher loira e ligeiramente acima do peso pegou algo se cima da mesa e colocou no bolso.

— Como você se atreve vir aqui sem permissão? – falou a mulher alta de cabelos cinza, que havia escondido o livro. Seu rosto estava vermelho e marcado com a raiva. – Você não conhece as regras garota? Essa é a sala privada das tutoras.

— Sinto muito; sou nova aqui. – Eu me desculpei. – Eu bati na porta.

A tutora gorducha veio até a porta. Ela tinha um rosto sorridente e tranqüilizados, mas os dentes dela pareciam ligeiramente grandes e desconfortáveis na boca dela, e por um absurdo momento pensei no lobo na história da Chapeuzinho vermelho.

— Não se preocupe minha querida. – Ela falou. – Vamos dar uma olhada em você. Eu sou a senhora Dalrymple, e você é claro, é a Evie Johnson. Essa é a sua primeira semana não é? Agora, senhora Raglan, não arranque a cabeça da pobre garota. – A mulher de cabelos grisalhos me encarava, mas a senhora Dalrymple parecia determinada a ser amigável. – Entre, entre, não seja tímida.

Ela me apressou para dentro da sala, e seis pares de olhos se viraram para mim.

— Olhem senhoras, para todo esse adorável cabelo vermelho.

— Acho que não deveríamos nos deixar levar pela cor do cabelo da senhorita Johnson. – A Senhora Raglan respondeu friamente. – O que você está fazendo aqui em cima?

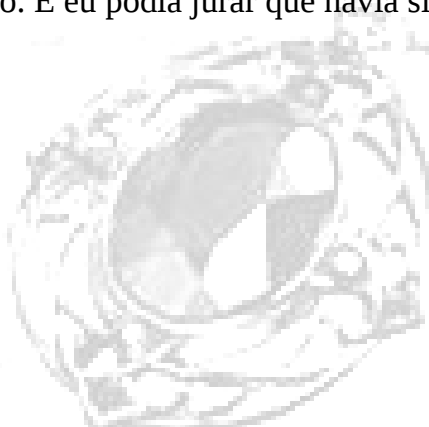
— Procurando pelas serventes. – Eu falei. Por todas elas estavam olhando para mim?

— É a terceira porta do outro lado das escadas. – Ela falou. “ E lembre-se que essa sala é fora dos limites.

— Sim... Sinto muito...

— Adeus por agora Evie. Realmente espero que você esteja em minhas aulas. – A senhora Dalrymple sorriu mostrando seus dentes novamente. – Geografia, querida, não se esqueça.

Sai da sala, gaguejando mais desculpas e então corri para a porta das serventes. Peguei minhas roupas de ginástica e corri de descendo a escada de mármore. Repentinamente eu não estava com vontade de ter aula de geografia. Havia sido a gorducha, e alegre senhora Dalrymple que havia escondido algo no bolso. E eu podia jurar que havia sido uma adaga de prata.



First love never dies ...



Capítulo 9



DIÁRIO DE LADY AGNES, 25 de setembro de 1882.

Ontem traçamos o círculo sagrado pela primeira vez. Para a cerimônia, S. usou uma adaga de prata com o punho negro que ele trouxe de suas viagens, cortando o ar em padrões hábeis para marcar um espaço para trabalhar nos ritos místicos.

Eu tinha muito medo de que estivéssemos fazendo algo mal e supliquei-lhe para parar, mas ele me obrigou a ser paciente. Nós estávamos em uma caverna bruta nos muros iluminada somente por uma vela. Nós permanecemos em nosso círculo esperando. Um silêncio profundo caiu sobre nós. A vela queimava sem vacilações como um único olho brilhante. Então S. disse o encantamento escrito no livro. Parecia ecoar através de mim como o som de uma campainha. Mas nada aconteceu. Depois ele chamou os espíritos dos quatro elementos para que se revelassem a nós. Outra vez não houve resposta. Ela voltou as páginas do livro impientemente chamando as palavras e rezas e feitiços escritos nelas. Cada vez mais frustrado por que não tinha efeito.

Uma pequena voz em minha cabeça dizia que eu sabia que nada aconteceria. Senti meu corpo relaxar. Nós tentamos e falhamos e agora S. esqueceria tudo a respeito dessa bobagem.

No entanto, se eu tivesse que dizer a verdade, em alguma parte secreta de mim eu também estava decepcionada. O que eu havia esperado? Um arrepio de excitação por desafiar as regras que minha mãe e a senhorita Binns impuseram? Ou era para agradar a ele que eu queria que algo acontecesse? De repente ele se voltou para mim e empurrou o livro em minhas mãos.

— Leia você.

— Oh... mas...

— Por favor, Agnes. Só uma vez. Por favor faz isso por mim. Chame o Fogo Sagrado.

Um estranho tremor passou através de mim e eu soube que queria fazer isso. Eu tinha que fazê-lo, então comecei.

Eu escutei minha voz tremer enquanto eu lia o encantamento para convocar os espíritos elementais. Depois seu poder cresceu, e as palavras estranhas saíram de meus lábios como se eu as estivesse falando por toda a minha vida. A terra em baixo dos meus pés começou a tremer e houve um relâmpago. Um vento bricallhão que soava como o mar faminto se estendeu pela caverna. Soltei o livro e estiquei meus braços. Pequenas chamas brancas dançaram em minhas mãos em concha. Eu não senti dor nem tremor e nesse momento me senti mais eu mesma do que havia me sentido antes.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

E eu vi ele cambalear para longe de mim com um grito e o círculo se rompeu. O fogo branco desapareceu, o vento parou, a terra ficou imóvel.

Olhamos um para o outro com cuidado, sobrecarregados pelo espanto.

— Os elementos responderam ao seu chamado, Agnes — Ele disse lentamente — Você chamou os espíritos e eles te responderam. O Fogo falou com você.

Voltamos para o convento em silêncio, tentando acreditar nisso, tentando entender, e eu soube que nada voltaria a ser o mesmo.

Desde então eu havia me sentido transformada. Eu estou sobre o efeito do fogo com esperanças e sonhos. Tudo reluz e brilha ao meu redor. A vida é transbordante, eu vejo pequenos insetos arrastando-se, eu vejo os peixes no lago e aves voando sobre as ruínas da capela — e eu me arrasto e nado e vôo com eles.

E outras coisas também vejo: Estranhos fantasmas resplandecendo nas sombras. Esta manhã, enquanto dexava o salão escolar para obter algo de seda bordada para a senhorita Binns, que minha tia havia enviado de Paris, eu tive uma estranha sensação que estava sendo vigiada. Eu me virei e vi a imagem de uma jovem caminhando no corredor atrás de mim. Eu a princípio pensei que era um truque de luz, mas era como se a cortina estivesse esse mundo e o outro houvesse sido levantada. Ela vestia uma túnica curta e suas pernas estavam cobertas só até a metade, e como eu, ela tinha cabelo da cor da chama. Quando eu vi ela ali brilhando, metade escondida pelo abismo que existia entre nós, me pareceu ouvir o som das ondas e o cheiro de sal do mar...

Nosso “jogo” havia provado ser gloriosa e incrivelmente real. Agora estou queimando para saber mais e para descobrir todos os segredos. Eu nunca havia me sentido tão viva!

Immortal



First love never dies ...



Capítulo 10

Eu nunca havia me sentido tão deprimida. Era como se uma parte de mim tivesse morrido. Tudo sobre Wyldcliffe parecia estranho e incomodo, mas que incomodo, perigoso. Cada sombra me fazia saltar, cada noite me traz sonhos perturbadores, cada manhã eu desperto com um nó no estomago.

Eu me dizia que era só por causa da escola que era tão diferente de tudo o que eu havia conhecido.

Que eu logo me acostumaria com ela. Eu logo me endureceria. Ser insensível como, Evie, claro, que o professor não tem um punhal no bolso. Se trata simplesmente de um abridor de cartas com forma faca. Supondo que eu não havia visto a Laura afogada. Foi só um sonho. E a menina com o cabelo cor de chama era imaginação. Não havia nada para se preocupar. Eu estava ansiosa e nostálgica. Mas por alguma razão não pude convencer a mim mesma.

Quando eu havia estado em Wyldcliffe a mais ou menos uma semana, finalmente recebi uma carta do papai. Foi posta com o resto do correio dos estudantes em uma larga mesa no hall de entrada. Meu coração saltou quando reconheci sua carta escrita a mão. Meti a carta no bolso e contei os segundos, até que soou campainha para o recesso da manha. Quando isso aconteceu, eu sai da classe para o terraço com vista dos jardins. Os outros estudantes estavam ao redor de Celeste enquanto ela continuava falando sobre as maravilhosas férias que já teve em uma ilha paradisíaca. Helen havia permanecido na sala lendo e não havia sinais de Sarah tampouco. Não havia visto ela muito, pois ela passava todo o seu tempo livre nos estábulos.

Ninguém se ofereceu para compartilhar os biscoitos e o chocolate quente que sempre servem nesse momento do dia. Era como se a aversão de Celeste tinha contra mim me deixasse intocável. Eu disse para mim mesma que não prestasse atenção, e corri para as ruínas para abrir minha carta em paz.

Querida E.

Espero que agora que você esteja se acostumando com sua nova escola e faça amigos. O que você acha de Wyldcliffe? O campo é muito bom por ali. Sua mãe e eu visitamos essa zona quando estávamos recém casados.

Clara queria ver a antiga fazenda donde sua família havia vivido. Caminhamos durante quilômetros sem encontrar nenhuma alma viva, eu me lembro, ainda que talvez tenha mudado desde então. Não posso dizer a você quanto me deixa feliz que você tenha sorte de obter uma bolsa para Wyldcliffe. É



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

um peso muito grande que você tira de minha cabeça ao saber que estão te atendendo muito bem.

Volto amanhã ao estrangeiro. Será bom voltar com meus homens e o trabalho que temos que fazer, mas vou estar pensando em você todos os dias. Vi Frankie no lar dos idosos esta manhã, temo que não haja mudanças. Ela não me reconhece. Mas nunca esqueça o quando ela te ama. E eu também minha querida. Seja valente, estude muito, e faça teu velho pai orgulhoso.

Lutei contra o nó que se formou em minha garganta. Não me senti valente. Um corvo grasnou acima da minha cabeça. Eu levantei a vista. As ruínas, os muros e o céu que ameaçava pareciam tão incrivelmente sozinhos e desolados.

O que você acha de Wyndcliffe? Na realidade papai, estou começando a odiar o lugar... mas eu nunca ia te dizer isso. Você que lidar com isso, como o Helen havia dito.

Soprando meu nariz, me levantei então me dei conta com horror que as outras meninas haviam desaparecido do terraço. Devem de ter ido todas para dentro para as aulas seguintes. Fui correndo sobre a grama úmida e me meti no edifício através de uma das portas laterais. Não havia nada ao redor. Busquei em meus bolsos o horário e o mapa que eu havia estado levando a todas as partes.

Tinha desaparecido. Não pude encontrá-lo. Eu ia chegar tarde, me meteria em problemas outra vez e papai irá saber...

Matemática. Isso foi tudo, eu tinha certeza de que tinha matemática com a senhorita Raglan, a professora de cabelo grisalho que havia sido tão perturbadora comigo. E me lembrei que a sala de matemática estava em frente ao edifício, em uma das grandes e velhas habitações, perto da biblioteca. Todo o que tinha que fazer era chegar a escadaria de mármore e estaria perto de lá. Tinha que ser rápido, no entanto. A senhorita Raglan seria precisamente o tipo de amante de distribuir deméritos se você chegou atrasado.

Caminhei ao longo dos corredores desertos. Todo mundo estava na aula, mas eu não. A casa inteira parecia quieta e vazia. Por fim cheguei ao lugar certo. Sim, graças a deus. Abri a porta

Mas não era a sala da senhorita Raglan. Nem sequer era uma sala de aula. Era uma espécie de sala de estar mesclada com móveis de recheio pesado, vasos e quadros de molduras douradas. Uma jovem magra com um rosto escurecido e um vestido preto que se estendia pela chaminé. Fechei a porta e olhei a meu redor selvagemmente.

De repente não reconheci as pinturas ornamentais nas paredes do corredor ou o tapete vermelho no chão.

Agora eu estava completamente perdida.

Okay, Okay, pensei, simplesmente faça seu caminho para a sala da senhorita Scratton, você deve se lembrar como chegar lá.

Só lhe explicarei que não consegui achar o caminho e pedir-lhe outro mapa. Antes que eu pudesse me mover, ouvi um ruído suave atrás de mim. Em seguida voltei a vê-la, a menina de branco, caminhando longe de mim pelo corredor. Ela segurava um pacote de seda das cores do arco-íris em suas mãos. Sem pensar,



segui ela pelo corredor como em um sonho, e todo tempo podia ouvir o sibilo swish-swish da saia longa.

— Ei, pare! – tratei de gritar. Ela fez uma pausa e se virou olhando sobre seu ombro com uma expressão de desconcerto. O chão sob meus pés parecia entrar em colapso. E as cores de seda em suas mãos se rodaram em um caleidoscópio estranho, como se o mundo todo houvesse começado a girar. Vi seu rosto pálido nas sombras que se moviam; então ela se converteu na terrível visão da Laura morta afogada. Comecei a lutar pela respiração quando a escuridão se apoderou de mim mais uma vez. Eu estava caindo e ninguém podia me salvar, ninguém, exceto um menino de cabelo preto rindo sob as estrelas. Senti seu hálito frio em minha bochecha, vi o azul de seus ferozes olhos, ouvi sua voz: eu salvei sua vida... Nos encontraremos de novo. A cicatriz desbotava em minha mão latejava fracamente, como uma pulsação.

Eu gritei a ele:

— Onde você está? Quem é você?

Mas ele apenas riu e murmurou: Evie, Evie...

— Evie! Evie! – Um estranho estava me chamando. Minha cabeça estalava de dor e eu me sentia mal. Lutei para abrir os olhos. Um homem com óculos de armação de ouro inclinava-se sobre mim. Entrei em pânico e tentei empurrá-lo para longe.

— Este é o doutor Harrison, Evie – o rosto contraído da senhora Scratton entrou em foco situando-se atrás do médico. Ela me olhava fixamente – Você desmaiou de novo. Estamos preocupados com você.

Fiz um esforço para me sentar. Eu estava numa sala branca descoberta que eu nunca havia visto antes.

— Onde...?

— Você está no quarto da enfermeira, na enfermaria – Explicou a Senhora Scratton. – Uma das meninas jovens te encontrou no corredor que se estende fora da sala de matemática. O que aconteceu?

Hesitei, em seguida desviei o olhar.

— Não sei.

— Bom, não podemos ter você desmaiando em todo lugar – Disse ela secamente – Tem que ter uma explicação...

— Não acho que haja nada de mal, digo muito mal, senhorita Scratton – O médico interveio. – Sua pressão arterial está normal. Mas esta jovem tem um pouco de agitação em sua vida, afinal de contas e sem dúvidas é difícil trabalhando tão duro. Ela precisa de ar fresco e fazer exercício. – Ele se virou para mim e perguntou: – Você cavalga? Isso traria algum rosa para seu rosto.

Sacudi a cabeça e disse com voz rouca:

— Eu gosto de nadar...

— Nadar?! Excelente! Tenho certeza que isso pode-se arrumar. Há uma piscina no recinto escolar. Não ha senhorita Scratton?

— Ela só é cheia de água no verão – O dr Harrison grunhiu insatisfeito. Mas se levantou para ir. – Vou deixar algumas barras de vitaminas para que você tome, jovem. E não pule as refeições!



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Ele me deu um sorriso e se foi, seguido pela senhorita Scratton. Me deitei, apoiando a cabeça afortunadamente na fria almofada. O que havia realmente acontecido neste corredor? Quem era a menina de branco? Estava ela relacionada com Laura, de alguma maneira? E o garoto que havia estado lá, junto de mim, suficientemente perto para eu sentir seu tato.

Uma onda de náusea me invadiu. Virei o rosto para a parede e fechei os olhos. É ridículo entusiasmar-se por pessoas que nunca voltaria a ver.

Quem eram eles, depois de tudo? Um garoto que havia envontado só uma vez e provavelmente nunca mais voltaria a ver. Uma garota morta de uma fotografia. Uma garota ruiva inexistente que eu havia sonhado em minha imaginação. Sou patética. Eu estava agindo como uma garota triste, demente, tão desesperada para falar com alguém que havia inventado loucos amigos invisíveis. Era estúpido, idiota, estúpido. Eu não preciso de ninguém.

Mas por mais que eu dissesse isso, eu sabia que em meu coração não era verdade. Me fazia falta algum tipo de contato com os humanos, ainda que fosse apenas com os sonhos e ilusões. Pela primeira vez em minha vida, admiti que estava terrivelmente sozinha e que era doloroso. Celeste e as outras garotas tinham amigas confidentes, que estavam auto-satisfeitas de Wydcliffe, haviam deixado claro que não me queriam nos arredores. Talvez eu poderia ter feito um esforço maior para ser amiga de Hellen, mas havia algo nela...esse tipo de medo que para mim. E lá estava Sarah. Eu realmente gostei de Sarah, mas ela parecia muito feliz com seus cavalos e seu jardim. Ela não precisava de mim. Ninguém precisava. Eu estava sozinha.

Enquanto agarrava o frasquinho de pílulas do médico, eu sabia que ia precisar de mais do que umas poucas vitaminas para curar meu coração atormentado.



First love never dies ...



Capítulo 11



DIÁRIO DE LADY AGNES, 30 de setembro 1882.

Que o leitor tome cuidado para que o Caminho Místico seja um caminho de cura, não de escuridão. Ainda que não seja o que aqueles que, através das ignorância e preconceito vulgar, têm chamado de feitiçaria comum. Mas todos os verdadeiros seguidores do Caminho não devem usar o poder para seu próprio bem e não prejudicar a qualquer ser...

Isto é o que diz o livro. Agora eu sei o que estou destinada a fazer. Vou me dedicar ao Caminho Místico e me tornar uma grande curandeira³⁵. Como S. disse no primeiro dia, pense que grande bem poderíamos conseguir? Há tanta doença e ignorância neste mundo para ser curado e conquistado. Até mesmo eu, no meu vale protegido, sei das terríveis dificuldades de alguns dos miseráveis em Londres ou Manchester e os outros nas chamadas “grandes” cidades. Estou determinada a usar nossas descobertas para aliviar esse sofrimento, e fiz um começo muito pequeno.

Há uma árvore de pêras no canto do jardim que está deteriorada, e o jardineiro me disse que pensava em cortá-la na próxima semana. Então, quando senhorita B. e mamãe estavam descansando após o almoço há alguns dias, fechei a porta do meu quarto e as cortinas e consultei o livro.

Primeiro, eu fiz um altar na minha cômoda, revestida em seda branca, iluminada com velas de cera pura, e invoquei as palavras secretas de bênção. No chão diante do altar, desenhei um círculo em volta de mim para a proteção e a força. Então eu falei o encantamento, a queima do pretróleo e gramas como se descrevia no livro. Quando o fiz, eu esvaziei minha mente e me concentrei até parecer ver as estrelas de fogo e luz ao meu redor.

Quando a mistura esfriou, me enfiei no jardim da cozinha, certificando-me de que ninguém me via. Em seguida envolvi um único fio de cabelo em torno dos ramos. Quando pousei minha mão sobre a árvore, eu senti a força de vida dentro dela, respondendo ao meu chamado. Hoje os cancos da haste e da praga estão desaparecendo das folhas. E eu sei que posso fazer mais, muito mais. Como para alguns foram dados o dom de cantar ou dançar ou pintar de uma forma que jamais poderia se esperar imitar, de modo que também me foi dado um dom milagroso: conhecer e servir o Fogo Secreto e o grande Criador. Oh, as minhas palavras parecem selvagens, mas eu sei que vi e fiz!

³⁵ A Palavra aqui em espanhol era “sanadora”. A Tradutora desse capítulo traduziu como curadora, mas acho que “curandeira” fica melhor no texto. (N.R – Mademoiselle Machado)



Posso incendiar o tabaco e velas com um piscar de olhos, e acender o fogo da minha lareira com o pulso do meu braço e com força do meu pensamento. Eu posso ver através da escuridão a luz, onde uma menina com cabelos brilhantes e roupas estranhas caminha ao redor do lago, sozinha e solitária. Quero experimentar tudo isso e mais, e para compreender todos os mistérios profundos contidos no livro. Mas há problemas a respeito de S. e eu. Eu sinto que estamos caminhando em direções diferentes, e isso me faz temer por esta grande aventura. Sim, estou preocupada, mas é difícil explicar exatamente o porquê.

Tudo começou no dia seguinte a nossa primeira tentativa de converter o círculo na caverna nos mouros. Ele me chamou na Abadia, depois do café da manhã, como de costume, mas estava taciturno comigo, mesmo com raiva.

— Por que os espíritos dão respostas a você e não a mim? — Ele perguntou de novo e de novo, como se fizesse com a intenção de irritar.

— Eu não sei, talvez você devesse tentar novamente...

— Sim, vamos voltar agora, imediatamente. — E correu para fora da casa, nos dirigíamos imprudente através das montanhas. Uma vez na caverna, ele mais uma vez repetiu o ritual com uma intensidade feroz, seguindo as instruções cuidadosamente, sem omitir nada do estranho ritual. Com toda sua força e paixão, chamou os poderes e solicitou ao fogo imortal. Mas, novamente, o fogo saltou para a vida em minhas mãos, não nas dele. Ele não se resignou, entretanto, chamou cada palavra do encantamento que ele pode recolher, até que seus olhos queimassem de desespero. Eu não podia suportar ver-lo tão abandonado e triste, e eu secretamente desejava que lhe fosse concedido o seu desejo.

Enquanto as chamas brancas tremulavam em minhas mãos como crianças rindo, me pareceu que havia como se dar uma escolha. Eu não sabia que podia permitir incluir S. nos Mistérios ou não. E eu hesitei. Toda minha vida eu estive a sua sombra: mais jovem, ignorante, uma menina simples. Por um breve momento eu estava tentada a manter este novo poder para mim mesma.

Eu não podia fazê-lo.

— Quero que aconteça — respirei — Que seja como ele deseja...

Houve um ruído terrível na caverna, como um terremoto, eu pensei que as paredes cairiam em cima de nós.

Havia colunas de fumaça escura e línguas de fogo verde e rosa a seus pés e a ferida ao redor de seu corpo até que ele estava vestido de escuridão. Tentei ir até ele, mas eu estava deitada no chão de pedra. Uma luz prata explodiu em minha mente. Em seguida, uma longa fila de rostos de mulheres começou a passar diante dos meus olhos, todos o chamavam pelo nome, chorando, balbuciando e gritando, até que o último foi à garota estranha, cujo rosto começou a assombrar-me nos meus sonhos. Ela parecia tão triste. Um trovão soou forte e eu fechei os olhos e tapei os ouvidos de terror.

Mais tarde, eu não sei exatamente quanto tempo depois que eu abri os olhos e vi S. sobre mim. Ele se abaixou e me ajudou. Um abismo profundo tinha aparecido no chão da caverna onde tinha estado o nosso Círculo.

— Já aconteceu — disse simplesmente. — Eu nasci de novo.

Isso é o que eu queria, depois de tudo. Mas não posso deixar de me perguntar se eu fiz a escolha certa.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Esse pensamento tem me perseguido durante dias, como o grito das gaivotas no mar.

Immortal

First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 49

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 12

*E*u estava suspirando pelo mar. Na realidade, doía, uma dor física que se apoderou do meu peito. Não conseguia esquecer o que o médico me falou sobre ir nadar. Meu corpo ferido pelo agulhão da água e pela inclinação e balanço das ondas grandes. Eu comecei a sentir que se não pudesse nadar entraria em colapso.

— Evie Johnson, você está trabalhando, ou está sonhando acordada? — perguntou senhorita Scratton. As palavras na página que se supunha que eu estava lendo dançavam diante dos meus olhos como uma língua estrangeira. Parecia que um pouco de mim estava morrendo. E então, de repente, eu sabia o que fazer.

“Nadar no lago. Isso é tudo.”, pensei. “Eu fugiria durante a noite, e ninguém nunca vai saber.” Então, a vibração de entusiasmo que cresceu em mim de repente, foi detectada. Laura.

E sobre os pesadelos que tivera sobre ela? Não seria cem vezes pior se eu nadasse nas águas onde ela havia se afogado? Meu coração afundou-se novamente. Era impossível, uma estupidez, era uma má idéia.

— Esqueça isso.

Eu tentei. Eu realmente tentei. Mas uma noite eu não conseguia dormir. Celeste se queixou que estava com frio e acendi o aquecedor até que o quarto estivesse sufocante. Eu estava cansada, mas inquieta, deitada e desperta pelo que pareceram horas enquanto os outros dormiam, sentia-me ansiosa, com calor e sufocada. Eventualmente, eu removi os lençóis e levantei-me para abrir a janela, mas o ferrolho estava fechado. Podia ver o lago, pálido e prata ao luar. Parecia tão fresco, limpo e atraente. Eu não pude resistir. Tinha que sentir o ar em minha pele tinha que sair. Tinha que estar perto do lago. Não nadaria lá, mas se eu pudesse olhar e sentir o vento fresco da noite através da água...

Sabia ou adivinhava o que aconteceria se eu saísse àquela noite? E se soubesse, teria ido? Tudo o que sei é que eu me convenci que o que eu estava fazendo era perfeitamente racional e silenciosamente sai do quarto. Eu decidi usar a velha escada de serviço que Helen tinha me ensinado. Havia menos chance de ser vista por esse caminho. Empurrando a cortina de veludo, afastei os parafusos e abri a porta. Procurei a lanterna de Helen, a acendi, meu coração batia. A pouca luz foi reconfortante, mas odiava a escuridão ao meu redor e as fendas escuras daquelas escadas estreitas. Basta seguir isso, eu disse a mim mesma. Tudo que eu tinha que fazer era ir para baixo tranquilamente por elas e seria livre. Um passo de cada vez, um passo de cada vez...



Cheguei ao fundo e percebi que estava prendendo a respiração durante o caminho para baixo. A porta para o salão principal estava à frente e atrás de mim estaca ala desolada dos funcionários. Dei um passo à frente e pressionei o ouvido na porta. Havia vozes no corredor do lado de fora. Captei algumas palavras

— ... Outra tentativa... em breve. — Parecia Senhora Hartle. Sua voz era muito baixa, para ser ouvida. Outra voz,

— Senhorita Scratton?

Protestaram:

— Não, ainda não. Temos de esperar —. Então a Sra. Hartle cortou friamente:

— Eu sou a diretora, ou você?

A briga dos professores de madrugada. Seria impossível ir por esse caminho. Eu teria que me infiltrar através da ala funcionários e encontrar um caminho até a porta verde que leva ao pátio do estábulo. Era isso ou desistir e voltar, não podia suportar a idéia de desistir. Tinha que seguir.

Forcei-me a andar pelo corredor úmido, segurando a lanterna e tentando imaginar que Helen estava comigo enquanto passava na ponta dos pés pelas salas desertas e áreas de armazenamento, pelas fileiras da velha igreja e através da porta da cozinha fantasmagórica, uma e outra vez até chegar à porta verde coberta de teias de aranha. Retire os parafusos e correntes, e depois fui para fora no frio da noite. A lua estava enorme, baixa e amarela no céu de outono. Um cavalo galopava sem descanso nas proximidades. Havia feito. Tomei algumas respirações profundas de ar e sorri. Havia valido a pena. Estava livre.

Coloquei a lanterna atrás da porta verde e fugi agilmente para fora do estábulo, para o terraço na parte traseira da casa. Certificando-me estar segura e que ninguém estava olhando pelas janelas altas, vibrando em todo o gramado e sob as sombras das árvores. As ruínas escuras do outro lado da água pareciam estar mais altas do que de dia, e por um momento pensei que poderia ver algo flutuando entre os arcos quebrados. Uma coruja piou. Volte, Volte... Parecia gritar. Eu ignorei as suas advertências e fui para o lago tranquilo.

Debrucei-me sobre a água, sentindo-se extremamente feliz. Era eu mesma novamente, não um zumbi com um uniforme de Wyldcliffe. Meu cabelo caiu sobre meus ombros enquanto abaixava as minhas mãos nas águas rasas, a brisa agitou a minha roupa. Fechei os olhos em êxtase, imaginando que estava sentada na praia em casa, com o vento soprando, as ondas competindo e a água me chamando. Então, ouvi passos e sabia que havia alguém atrás de mim, me olhando, esperando por mim. Esqueci de respirar, e eu amaldiçoei por ser tão estúpida. Que perigos podem estar à espera? Abri os olhos e vi meu reflexo na água escura vacilante, e atrás dele uma figura familiar em um longo casaco preto.

— Eu lhe disse que nos encontraríamos novamente.

Virei-me. Ele estava ali de pé sob o luar, o menino com olhos inquietantes.

— Você me assustou!

— E você me enfeitiçou. — Sorriu. — Você parecia uma ninfa das águas dizendo suas orações. O que você estava sonhando?

Ruborizei-me e tentei soar brusca.

— Não é assunto seu.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Eu quero que seja assunto meu. Eu sei tudo de você.

— O que faz você pensar que eu tenho algo a ver com você? – respondi bruscamente. Tinha a secreta esperança de vê-lo novamente, mas agora queria ir e me esconder, como se já soubesse muito sobre mim. – Eu tenho que ir, e você também deveria fazer isso. Você vai estar em problemas terríveis se Sra. Hartle te encontrar aqui.

— Você também. – respondeu. – Qual é a punição para as meninas que perambulam pelo lago à noite?

— Eu não sei, e não gostaria de descobrir. – Eu comecei a andar.

— Não vá ainda. – disse. Sua voz era suave e suplicante, e eu hesitei. – Eu não estou acostumado a pedir coisas. Mas eu estou fazendo agora. Por favor, fique. Eu só quero conversar com você. – Ele veio por trás de mim e colocou seu casaco grosso em meus ombros. O calor do seu corpo ainda se agarrava ao material pesado. A estranha sensação que havia o conhecido antes, muito tempo atrás, me invadiu. Por um instante louco eu queria afundar em seus braços e me perder completamente nele. Mas me separei e virei para ele, tentando ignorar a beleza estranha e cativante.

— O que aconteceu naquela noite que eu cortei a mão? – demandei. – Quem é você e por que você está aqui?

— Para ver você – respondeu ele. – Eu estive esperando por você, menina do mar. Eu acho que esperei você por toda minha vida.

— Como? Como você sabe que eu vim do mar?

— Eu vi seu rosto, isso é tudo. – Seus olhos se mantinham nos meus, como um mágico.

— O que você quer dizer?

— Você já viu alguma coisa que outros não podem?

— Claro que não – eu comecei, mas depois parei lembrando da minha "visão" da velha sala de aula, a menina de branco – Não sei – eu disse, confusa. – Talvez nos meus sonhos.

— O sonho de uma pessoa é a realidade do outro.

— Mas eu me cortei. Você tocou no vidro, e depois foi reparado. Este não era um sonho.

De repente, ele se aproximou da costa do lago.

— Não foi nada.

— Mas...

— Honestamente, não era nada. Basta lançar um velho truque, uma piada, isso é tudo. Eu queria te impressionar. Agradá-la.

— Por quê?

— Eu me comportei como um idiota arrogante quando nos conhecemos. Então você estava triste com essa fotografia e eu queria fazer algo para você. – Sua voz abaixou. – Eu sei como é perder alguém que se importa e não ter nada, exceto uma foto. – Começou a tossir um som rouco que parecia assombrar seu corpo inteiro.

— Você está doente? – perguntei, aproximando-me dele.

— Não... Não... eu estou ficando melhor. – O ataque de tosse diminuiu. – Eu não estou doente. Só estou cansado. Estou cansado de estar sozinho, Evie.



— Eu também. — Disse sem entender. O silêncio pendurou entre nós e os nossos olhos se encontraram. Eu senti como se ele pudesse ver dentro de mim, como se pudéssemos ver cada um para sempre e não nos cansarmos disso ... Abaixei meus olhos e me afastei.

— Como você sabe meu nome?

— Foi fácil. Eu tenho andado em torno da escola desde que nos conhecemos, na esperança de vê-la, tentando encontrar você. — De repente, ele pegou minha mão e me puxou para ele. Mil agulhas subiram e desceram por minhas costas enquanto ele implorava: — Deixe-me conhecê-la. Desculpe-me se te assustei, nunca quis fazê-lo. Por favor, prometa que vamos nos encontrar novamente.

A voz na minha cabeça, um milhão de milhas de distância, estava dizendo: "Não seja boba, Evie, você não sabe nada sobre ele. Pode ser louco. Seja sensata..."

Eu não queria ser sensata Evie por mais tempo. Ser sensata, sem criar problemas, colocando uma cara valente - "Onde eu a tinha enfiado? - Presa a este triste deserto, a milhas de tudo e de todos que me importam. Mas este rapaz queria me conhecer. Ninguém em Wyldcliffe o fez. Olhei para ele, tentando ver dentro de sua mente.

— Qual é seu nome?

Ele hesitou como se estivesse procurando algo ao longe.

— Meu nome é Sebastian. — Segurou as mãos ainda mais forte. Delicadamente, voltou a minha mão e apertou seus lábios na cicatriz quase invisível.

— Amanhã à noite, então.

Não respondi. O casaco caiu de meus ombros e fugiu, sem saber como voltar para a minha cama novamente, só sabendo que meu coração cantava a cada passo.

O dia seguinte voou. Tudo na escola era tão chato como antes, mas agora eu tinha um segredo, como um sonho agradável. Agora havia uma voz na minha cabeça me fazendo companhia, a voz de um menino de bochechas salientes, com olhos azuis zombeteiros. Ele parecia estar comigo onde quer que fosse este dia, conversando, tirando sarro de mim, me orientando. Quando as dúvidas sobre o caminho de volta para a classe da biblioteca, eu o ouvi dizer:

— É para a esquerda. — Pela primeira vez desde que cheguei a Wyldcliffe eu não estava sozinha.

Isso não podia durar. Quando fui para a cama naquela noite, incapaz de ver novamente Sebastian outra vez dentro de mim. Havia saído em uma hora imprudente do recinto escolar, mas não era seguro fazê-lo novamente.

"Mas você disse que ia vê-lo novamente esta noite. Você prometeu. Só mais uma vez." argumentei comigo mesmo.

"É muito arriscado", meu eu racional foi respondida. "Você pode ser pega, você poderia ser expulsa."

"Não! Serei cuidadosa."

"Talvez ele não esteja lá."



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Eu sabia que estaria. Tudo que eu tinha que fazer era deslizar por baixo da escada e podia vê-lo novamente.

“Não faça isso, Evie. Seja sensata.”

Meu lado sensato ganhou a discussão, é claro. Eu não era o tipo de garota que quebra as regras por um cara bonito. Bati meu travesseiro para dar-lhe forma, fechei meus olhos e deixei-me levar a um sonho agitado.

No meu sonho, senhorita Scratton estava furiosa com raiva de mim por algo que eu tinha feito, mas não tenho certeza do que era. Ela estava caminhando para cima e para baixo na sala de aula enquanto eu esperava miseravelmente para a minha punição. De repente, o som do trovão ressoava por toda parte, e as paredes começaram a tremer. Então eu sabia que não era um trovão, mas cavalos a galope. As paredes brancas rachando e entrando em colapso, e vi um exército de cavaleiros cruzando a grama de fora como sombras escuras.

Um deles se virou e era Sebastian. Saltei atrás dele em seu cavalo preto e fomos embora, deixando senhorita Scratton para trás. Ela gritou:

— Seu colar, Evie! Dê-me o seu colar! – Mas eu ri dela e agarrei o corpo tenso de Sebastian enquanto galopávamos livremente sobre os muros. Paramos iluminados pelo luar. Descansei minha cabeça em seu ombro, seu cabelo saiu e se misturou com o vento. Então o sonho mudou. Estávamos sozinhos, sob as estrelas, e respirava o meu nome enquanto se inclinava para me beijar.

Acordei e não reconheci onde estava. Lentamente, lembrei-me e sabia o que eu tinha que fazer. Tirando o fino cobertor em um lado, eu coloquei meus sapatos com cuidado. Depois fui para as escadas estreitas que me levariam a liberdade.

Immortal



First love never dies . . .



Capítulo 13



DIÁRIO DE LADY AGNES, 19 de outubro de 1882.

Eu sou como um pássaro que fora libertado. O caminho místico é lindo, como alguma coisa de uma história á muito esquecida de estrelas, fogo e gelo. Ambos estávamos fazendo novas descobertas todos os dias, e mesmo que por alguma razão S ainda não conseguiu alcançar o Fogo sagrado, ele me surpreendeu com o que tão rapidamente tem dominado. Ontem ele me surpreendeu ao tomar meu pequeno espelho e quebrá-lo em pedaços, então me devolvendo como novo, aparentemente por controlar todos os átomos com sua mente.

Eu não teria acreditado nisso se não tivesse visto com meus próprios olhos, mas agora minha idéia do possível se transformou. Não consigo explicar essa estranha mágica. É o suficiente para eu ser capaz de ver isso e fazer isso. Passo horas estudando as páginas do livro, e S esta traduzindo as passagens que estão em Latim e Grego que escondem muitos mistérios. Mas um capítulo pude ler facilmente sozinha “Para trazer luz á lugares escuros.” Não pude resistir a isso e tive que testar minhas habilidades.

Na noite passada quando Mamãe acreditava que eu estava na cama, tranquei a porta do meu quarto e preparei meu altar mais uma vez. Então desenhei o círculo e fiz os símbolos, sussurrando as palavras secretas do livro. Todas de uma vez as velas se apagaram, e eu estava cercada por uma escuridão tão negra e espessa que quase podia senti-la em minha garganta. Comecei a temer ter feito algo errado, por que isso não era o que eu esperava de maneira nenhuma, mas eu era perseverante, entoando os encantamentos e focando minha mente. Escutei o vento soprar através dos muros e os sons distante do mar, e finalmente uma luz brilhou através da escuridão. Isso teria sido incrível o suficiente, mas houve mais que isso.

A luz parecia totalmente ao meu comando. Tomava qualquer forma que minha imaginação lhe desse, a princípio uma estrela, mas então se tornou um pássaro brilhante com asas azuis luminescentes, então uma flor com vividas pétalas, e então uma pálida lua prata. Ri e peguei a luz em minha mão, então a soltei como uma nuvem de borboletas amarelo brilhante...

Com certeza não poderia haver mal em algo tão bonito?

First love never dies ...



Capítulo 14



ebastian era bonito, justamente como eu lembrava.

— Você sempre morou em Wyldcliffe? – eu perguntei enquanto sentávamos perto do lago, com as altas e escuras ruínas às nossas costas.

— Toda minha vida. Dezenove anos. – Uma sombra passou através do rosto dele. – Mas você não faz idéia de como esses anos realmente parecem longos.

— Onde você mora? Em um daqueles chalés na vila?

— Minha família possui uma velha casa no outro lado do vale. – Ele falou evasivamente. Achei que ele não se dava muito bem com os pais e não queria falar sobre eles. Ele se levantou e passou a caminhar inquieto. – Conheço cada centímetro desse vale, cada colina, e cada caminho para o topo dos mouros. Oh Evie, eu anseio em ver algo novo!

— Mas você falou que esteve viajando através da Índia e Marrocos. – Eu falei. – Você viu muitos lugares!

— Não o suficiente.

— Mas vai fazer coisas novas quando for para a faculdade. – Ele havia me dito que iria estudar filosofia no ano seguinte.

— Oxford! Um bando de garotos de colégio ansiosos para se exibirem sobre quem pode fazer o comentário mais esperto e beber a maior quantidade de cerveja. Não é isso o que quero. – Ele voltou a se abaixar, então fez um esforço para falar mais calmamente. – A única coisa que eu realmente quero é estudar o coração das coisas, para saber os segredos da imortalidade.

— Então você não quer muita coisa. – eu o provoquei. – Saber a verdade, o significado da vida... você não está sendo um pouco ambicioso?

Ele olhou para as águas profundas.

— Eu não vou para Oxford.

— Mas os teus pais não irão ficar desapontados se você desistir?

— Não. – ele respondeu. – Talvez. Eu não sei. Não vamos falar sobre isso. – ele me deu um sorriso encantador. – Eu quero falar sobre você. Quero escutar tudo sobre a sua vida: o que você faz, o que você pensa, o que você come no café da manhã, como você era quando tinha cinco anos de idade.

Eu ri.

— Rechonchuda e mandona, com loucos cachos vermelhos.

— Irresistível.

— Sim, muito.

Era bom vê-lo sorrir.



— Oh, Evie. — Ele falou. — Você fez com que eu me sentisse bem novamente. — Eu estava certa de que ele não estava tão pálido e cansado como antes. Ele olhou para mim sonhadoramente, como se tentando memorizar meu rosto. — Não posso acreditar que você realmente está aqui, falando comigo. Você é tão... diferente...

— Do que?

— Diferente de todas as outras garotas que conheci. — Ele sorriu. Então a luz se esvaneceu do olhar dele. — Não sou muito bom com... relacionamentos.

Eu não queria admitir que eu nem ao menos tivera um relacionamento. Eu não sabia nada sobre garotos ou encontros. Havia garotos na praia, é claro, ruidosos e mal vestidos, somente falando de surf, escutando musica alta e falando de motocicletas. Eles nunca haviam me interessado. Mas Sebastian não era como eles. Sua maneira idiossincrática de vestir, seu olhar intenso, sua maneira precisa de falar. Tudo sobre ele me fascinava.

— O que você quer dizer em ‘não ser muito bom com relacionamentos’? — eu perguntei. — Por que não?

— Eu estrago as coisas. — ele franziu a testa. — Se alguma coisa estiver menos que perfeita, eu destruo.

— Foi isso o que aconteceu. Quero dizer, você falou que havia perdido alguém... — eu procurei pelas palavras certas. — Alguém com quem você se importava, você falou. As coisas deram errado por causa disso?

— Você poderia dizer que sim.

Obriguei-me a fazer a pergunta.

— Então, quem era ela?

— Vamos esquecer isso. Está tudo acabado. — Ele levantou e caminhou para a beirada do lago, ele virou e olhou para mim, seus olhos tão azuis e brilhosos como um dia de verão. — Eu só quero pensar em estar aqui com você. Vamos, quero lhe mostrar uma coisa.

Não pude evitar imaginar sobre a garota que ele não queria falar, enquanto ele me levava para longe do lago. Imaginei se ela havia estado de coração partido quando eles se separaram. E onde ela estaria agora? Tentei deixar isso de lado. Não era importante. Nada importava além desse momento.

Caminhamos sob os arcos da capela em ruínas. No lado mais distante da capela, além de um gramado liso, havia um bosque repleto de arbustos. Uma pequena placa havia sido colocada ali, que dizia: Não ultrapassar.

— Outra regra para você quebrar. — Sebastian sorriu. — Você está disposta?

Tive um breve momento de consciência sobre o que meu pai diria se pudesse me ver. Eu quase conseguia escutar a voz senhora Hartle, perambulando pelo campo à noite com um garoto local Evie? Isso dificilmente é algo que esperamos de nossas garotas em Wyldcliffe. Mas a última pessoa que eu queria escutar era a senhora Hartle.

— Claro. — Eu sorri em resposta.

Caminhamos em meio aos arbustos, arrancando galhos e nos arranhando nas roseiras. Eu estava apenas pensando que fora assim que o príncipe chegou para acordar a Bela Adormecida, quando vi uma massa de rocha que se inclinava



sobre mim na escuridão. A fenda aberta na rocha negra parecia como a boca de uma tumba.

— Nós não vamos entrar aí, vamos?

Sebastian notou o olhar ansioso em meu rosto.

— Não há nada com o que se preocupar, Evie. Estarei com você. – Ele pegou minha mão e de repente o mundo todo pareceu seguro. Eu nunca havia me sentindo tão bem, tão maravilhosamente viva.

Entramos na caverna escura. Escutei o som de água corrente; então Sebastian largou minha mão e se ocupou acendendo um fósforo. Um raio de luz cintilou sobre as paredes úmidas e brilhantes.

— Olhe!

Levantei meus olhos maravilhada. As paredes da caverna não eram vazias e ásperas como eu esperava. Eles eram revestidos com conchas, cristais e pedras coloridas dispostas em um intrincado padrão de formas.

O fósforo se apagou e por um momento ficamos na total escuridão. Sebastian acendeu outro fósforo e em seguida entrou em uma alcova no lado da caverna, encontrou um pedaço de vela e a acendeu. A luz amarela e vacilante caiu sobre os fantásticos mosaicos de flores, frutas e faunos com aparências de maus, tudo brilhando nas paredes escuras. Na parte mais afastada da caverna, uma pequena fonte borbulhava ao redor de uma estatua de Pan, ou algum outro Deus antigo.

— Amo esse lugar. – Sebastian falou. – E você?

Ele parecia encantado, como um garotinho que corre pela praia clamando todo o oceano para si. Eu não queria admitir, mas a caverna me assustava, como se as conchas brilhantes formassem centenas de olhos furtivos.

— É... hum... interessante. Mas que diabos é isso?

— É a caverna do Lorde Charles. As pedras e conchas foram todas enviadas da Itália para ele. Essa foi sua pequena indulgência quando construiu a casa sobre as ruínas do antigo convento. Era a última moda naqueles dias, um refúgio caro, e agora nenhuma das jovens senhoritas na escola provavelmente sabem que existe.

— Então para que era usado?

— Havia piqueniques e festas com músicas. E havia outras reuniões aqui, mais obscuras e sérias.

Os olhos dele brilhavam á luz da vela. Eu não conseguia dizer se ele estava triste ou bravo, mas ele parecia perdido em algum lugar distante.

— Como você sabe sobre os velhos tempos em Wyldcliffe? – eu perguntei. – Sarah me falou que o Lorde Charles e sua família morou aqui mais de cem anos atrás.

— Algumas vezes sinto como se tudo ainda estivesse acontecendo. Você não consegue ver o Lorde Charles e sua tola e esnobe esposa sentados bem aqui e agora, admirando sua cara loucura? E você não pode ver ela... a Agnes? Você pode escutá-la?

Ele me lembrou de Helen. Você não consegue escutar as vozes delas? Por que todos em Wyldcliffe são tão obcecados com o passado? Parece mais real para eles do que o presente.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Mas eu quero viver o agora. — Escutei a mim mesma falando.

Sebastian sorriu tristemente, e o nó sob minhas costelas apertou novamente. Ele parecia preso em sua tristeza pessoal. Eu queria desesperadamente ser capaz de espantar as sombras que pairavam sobre ele.

— Você está certa. — Ele suspirou. — O agora é tudo o que temos. — Ele olhou para mim como se estivesse saindo de um sonho. — Estou feliz por você estar aqui, Evie.

— Bom. — Sorri sem jeito. — Pelo menos alguém me dá valor.

— Não, eu quero dizer isso. Você me faz querer viver novamente.

Sebastian se aproximou, tocando o lado da minha bochecha tão gentilmente quanto uma pena caindo na neve. Ele me olhou, ansioso e inseguro.

— Oh Evie. — Ele começou. — Se apenas...

— O que? — eu respirei.

— Nada. — ele hesitou. Pensei que ele fosse me beijar e meu coração criou asas. Então ele repentinamente se afastou.

— Você irá me ver novamente, Evie? Por favor?

Eu queria abraçá-lo, para poder reconfortá-lo, falar para ele que eu queria vê-lo todas as noites pelo resto de minha vida. Mas é claro que não falei. Eu não era tão maluca assim.

— Claro. Por que não? Vejo você no lago amanhã.

Por um momento Sebastian sorriu seu mais glorioso sorriso.

— Amanhã a noite. Estarei lá.

Somente depois, enquanto eu deitava inquieta na cama, que lembrei que ele não havia respondido minha pergunta. Como ele sabia tantas coisas sobre os Templetons? Isso não importa, eu pensei sonolenta. Eu iria ver o Sebastian na noite seguinte. Amanhã, e na próxima noite, e na próxima... Helen suspirou e se virou na cama ao lado da minha. Fechei meus olhos e tentei me acalmar. Logo iria amanhecer. Não haveria tempo para descobrir tudo.

Cai no sono, ainda sentindo o toque da mão dele na minha.



First love never dies . . .



Capítulo 15



DIÁRIO DE LADY AGNES, 27 de outubro, 1882.

Preciso saber tudo. Preciso saber como realmente fazer feliz o S. sem destruir minha própria felicidade, como agradá-lo sem desagradar a mim mesma. Ele é maldoso e infeliz e isso põe tudo no escuro.

Temo que ele não tenha me perdoado por ser a primeira a tocar no mundo Elemental. Todavia esse momento parece machucá-lo e ele está buscando uma maneira de ser o líder do nosso “jogo” mais uma vez. Por exemplo, ele estava satisfeito por uma parte do livro que ele veio a mim e leu com prazer.

“Tens que prestar atenção que só as mulheres em nosso Caminho são as únicas que se somadas com as forças de seu Elemento escondido e se converterem Nas Irmãs Místicas...”

— Então isso explica, Agnes – Disse com entusiasmo. – Devo alcançar os elementos por outros meios. Escute!

“Os homens também podem alcançar o conhecimento e a sabedoria seguindo os mistérios e ritos. Um homem de nossa espécie, O qual é chamado a um poder profundo e sutil, Pode construir-se em torno de um grupo de Irmãs que lhe serviram como suas mestras.. Através da energia de sua aura, ele pode chegar a alcançar seus poderes elementais. Desta maneira a regra tradicional de sexo forte pode ser restaurada, mas tudo tem que ser usado para o bem comum.”

— é isso que tenho que fazer Agnes; Não está vendo?

Eu ri e disse-lhe que não serviria e que ele teria que procurar em outra parte o seu batalhão de Irmãs que obedeceriam seus caprichos.

— Você é demasiado mimado quando tem a atenção de todos – Eu brinqueei – E além do mais, eu não desejo ter um Mestre.

— Mas um dia você se casará, Agnes e talvez seja rápido. Você sabe que sua mãe tem planos para te levar a Londres ano que vem e te conseguir um bom partido. Você não teria que prometer, de acordo com a sua Igreja, que obedeceria seu marido? Ele não se converteria em seu mestre e em seu Senhor?

— Então não me casarei – Disse rapidamente.

— Você tem certeza? Não há ninguém a quem você poderia entregar seu coração? – Ele chegou mais perto de mim e tocou meu rosto suavemente, tão suavemente que foi como uma pluma caindo sobre a neve. Meu coração estava batendo como as plumas de um pássaro atrapalhado, uma parte de mim desejava que ele me beijasse e a outra parte sentia medo. Me obriguei a rir.

— Eu já te disse, quero ser livre.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Mas talvez no fundo eu não estava dizendo completamente a verdade. Havíamos ficado muito tempo juntos nessas últimas semanas, no entanto nós já não somos mais o que costumávamos a ser. Não somos mais crianças.

Quando ele estudava o livro com seus olhos parecendo famintos, sem perceber eu o olhava em segredo, tentando entender o que havia acontecido com ele desde que foi ao exterior. O ângulo pálido de suas bochechas, a seda escura que era seu cabelo, a linha de seus ombros. Tudo isso mudou de uma maneira estranha que eu mal entendia. Senti que faria qualquer coisa por ele, não importava se era correto ou incorreto, bom ou mal. Tinha medo que se pudesse seria arrastada pela força de sua presença e me perderia nele.

Papai havia sido tão bom em deixar-me ver a S. Sem um acompanhante dando a ele um privilégio como um velho amigo de família. Mas confesso que eu já não o via como um simples irmão.

Quando estamos separados, é seu rosto que eu vejo em minha mente; é sua voz que me chama no vento que atravessa os muros, é seu toque que eu realmente desejo.

O que diria meu querido pai se soubesse a verdade sobre o que estamos fazendo com nosso tempo? Ou se pudesse adivinhar que pensamentos giram em minha cabeça como uma tormenta?

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 16

Eu respondi as cartas de papai com uma falsa alegria. Sim, estou bem; Wyldcliffe é incrível; Estou dando o meu melhor. Convenientemente, esqueci de mencionar a perambulação pelo terreno à meia-noite, já que minha consciência me dissera que papai não ficaria feliz se soubesse da verdade. Eu me iludi que os encontros com Sebastian eram apenas um pouco de diversão, não valia a pena fazer um reboliço desnecessário.

Mesmo que eu soubesse que não receberia outra carta de papai por um longo tempo, não pude me segurar de aguardar pelo correio toda a manhã, esperando de alguma forma que o mundo lá fora não tivesse esquecido completamente de mim. Recebi um cartão postal de uma garota que estudara comigo em minha antiga escola, mas isso foi tudo. Nada de Frankie, é claro.

Porém, em uma manhã, quando a bruma outonal sobrevoava o lago, lá estava uma carta. A caligrafia no envelope era fina e curvada e eu soube rapidamente que era de Sebastian. Não poderia ser de outra pessoa. Havíamos nos encontrado quase que em todas as noites, conversado sem parar sobre... Oh, tudo — natureza e história e filosofia e lugares que gostaríamos de ver e livros que havíamos lido. Mas notei que ele nunca falava sobre sua família.

Livros, estrelas, viagens, sonetos... Uma noite, Sebastian havia prometido entre risadas que iria escrever um poema para mim. Talvez esse fosse o conteúdo da carta. Meu coração pareceu quase explodir dentro de meu peito enquanto alcancei o envelope. Mas alguém pôs a mão primeiro. Era Helen.

— Ei, essa é minha carta!

— Você gosta de poesia, Evie? — ela perguntou com aquela expressão enervante.

— Eu... O quê? — Com toda certeza ela não poderia saber sobre Sebastian, poderia?

— Dizem que palavras podem ser perigosas. Tomaria cuidado se eu fosse você.

Então, ela saiu andando e Celeste apareceu a minha frente.

— Evie Johnson recebeu uma carta? Quem no mundo iria querer escrever para você, Johnson? — Ela apanhou o envelope de minhas mãos. Tentei pegar de volta, mas ela rapidamente passou para Sophie, que jogou para India e logo uma multidão inteira de garotas rindo estava atirando umas para as outras, retrocedendo e esquivando de meu alcance.

— O que é todo esse barulho?

Com o som da voz de Srta. Scratton, elas pararam e estenderam-se em um círculo a meu redor. Eu estava com o rosto vermelho e furiosa.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Elas estão tentando pegar minha carta! – Eu soei como uma garotinha mal-humorada de dez anos.

— Foi bem engraçado, Senhorita Scratton. – Celeste sorriu, passando o envelope para ela. – Senhora Hartle sempre diz que é importante estar em um bom esporte.

Srta. Scratton acenou para que eu me aproximasse. Ela encarou a caligrafia preta do envelope.

— De quem é essa carta, Evie? – perguntou.

— E-eu não sei. Um amigo.

— Um amigo que você não conhece? Que estranho.

— Um amigo de minha cidade – menti.

— Muito bem, Evie, aqui está. – Ela pareceu relutante em me devolver a carta. – Tente não fazer outra cena no futuro. Você faria muito bem se não tentasse chamar atenção para si. – Eu estava muito nervosa para escutar. Estavam colocando a culpa em mim por tudo isso, mesmo tendo sido culpa de Celeste. Voei e passei como um furacão pelo corredor de nossa sala de aula.

Estava vazia. Joguei-me em minha carteira e abri a carta.

Minha querida Evie,

Foi muito bom vê-la noite passada. Bom, você pediu por um poema e aqui está. Leia e perdoe-me por não conseguir me expressar tão bem.

Sebastian.

No outro lado estavam alguns versos. Comecei a lê-los avidamente.

*Minha dama Eva,
Cujo coração é amável,
Que acalma e cura
Esta mente inquieta...*

— Ei, Evie, você está bem? – Eu pulei em meu lugar e olhei para cima. Era Sarah. Pela primeira vez eu não estava feliz em vê-la. Rapidamente escondi a carta. – Ouvi que Celeste estava sendo um tormento.

— Não foi nada.

Sarah olhou para mim de modo indagador, da mesma forma que Srta. Scratton havia feito.

— Evie... – Ela hesitou assim que sentou ao meu lado. – Eu sei que pode parecer um pouco estranho, mas acho que há alguma coisa acontecendo com você. Está em algum tipo de problema?

— Estou perfeitamente bem. Só quero ficar sozinha por cinco minutos sem ter todo mundo se metendo em minha vida ou me encarando como se eu fosse algum tipo de monstruosidade.

— Você não está sozinha, ainda que, parece que está? Eu posso dizer.

— Você não pode dizer nada sobre mim! Nenhum de vocês! – Minha frustração com Wyldcliffe queimou fora de controle. – Sua vida é ótima com seus cavalos e sua família e seu dinheiro e todo esse seu jeito de 'Não sou como



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

eles'. Bem, você também não é como eu também! Você não sabe realmente nada sobre mim e minha vida, então apenas me deixe sozinha!

Logo depois que deixei as palavras saírem, lamentei por elas. Sarah pareceu ferida e pegou seus livros para se sentar em outra carteira. O resto da aula começou a passar. Lancei um olhar suplicante para Sarah, tentando mostrar o quanto eu estava arrependida, mas ela deliberadamente virou-se para outro lado e começou a conversar com uma garota chamada Rosie.

Tudo que eu fazia em Wyldcliffe parecia dar errado.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 17

Sarah não se deu ao trabalho de vir até mim depois disso. Senti-me ruim, mas estava começando a ficar boa em esconder meus sentimentos. Eu a ignorei e ela me ignorou. Disse a mim mesma que já estava cansada de tentar fazer amigos em Wyldcliffe. Por isso, passei pelo resto dos dias como um zumbi. Exercícios de ginástica, coro, notas — nada disso importava. Minha vida era de noite, com aqueles preciosos momentos junto de Sebastian.

Eu não mais sonhava com Laura. Não tive nenhum outro ataque de desmaio ou estranhas "visões" da garota de cabelo vermelho. Pareceu-me já que agora tinha alguém real em minha vida, eu não precisava mais de fantasias.

— Espere por mim!

Nós corremos pelo gramado molhado sob a lua. Sebastian correu sem esforço a minha frente e chegou a uma parede coberta por hera que cercava ao redor dos terrenos do Convento.

— Você roubou! – arquejei assim que cheguei até ele.

— Como isso foi roubar? – Ele riu.

— Suas pernas são maiores que as minhas.

— Você não pode me culpar por isso!

— De qualquer forma, porque estamos aqui? – perguntei, tentando trazer de volta minha respiração.

— Vamos fugir. Precisamos escalar a parede.

Ele agarrou-se a trepadeira e colocou a si mesmo no topo da parede. Então, ele me ajudou a fazer o mesmo.

— Não sei se é uma boa idéia isso – eu disse em um ataque súbito de consciência. Já era ruim o bastante se alguém me pegasse fora de noite, mas se me descobrissem deixando a propriedade...

— Por favor, Evie. – Ele de repente estava sério. – Preciso conversar com você sobre algo importante, mas temos que dar o fora daqui antes. Prometo que não irá se meter em confusão. Irei cuidar de você.

Ele assoviou baixinho e sua égua negra apareceu como uma sombra muito abaixo da pista. Alguns minutos depois, eu já estava montada nas costas do cavalo sem sela.

— Você vai ter de segurar firme em mim.

Entrelacei meus braços ao redor da cintura de Sebastian, agudamente consciente de seu corpo flexível tão próximo do meu. O cavalo começou a andar delicadamente pela pista. Fechei meus olhos e respirei a presença de Sebastian, tentando me convencer de que aquilo estava mesmo acontecendo. Tudo parecia



um sonho: o grande cavalo negro, as estrelas, o arrepio que correu por mim quando um pouco do cabelo preto de Sebastian passou por meu rosto. Vou sempre me lembrar disso, pensei. Não importa o que aconteça comigo, nunca irei esquecer-me desse momento.

Começamos a subir pela charneca alagadiça.

— Onde estamos indo?

— Para as velhas torres de observação. Dizem que foi parte de um forte nos tempos saxônicos. É ainda mais velho que as ruínas do Convento.

Nós cavalgamos mais, passando por algumas casas de fazenda solitárias na escuridão. Tudo era vazio e calmo. Era como se fôssemos as duas únicas pessoas na Terra, andarilhos imortais em uma terra silenciosa. Finalmente, Sebastian parou acima do topo de um monte circundado por pedras.

— Aqui estamos.

Eu estava desapontada. Estive esperando por torres altas com paredes e aberturas para flechas, como um castelo de um conto de fadas, não apenas uma colina sem nada a não ser pedras tombadas.

— Mas não há nada aqui – eu disse enquanto Sebastian me ajudava a desmontar.

— O forte deveria ter sido construído em madeira, então desapareceu há muito tempo. Mas antes disso provavelmente fora um templo ou um lugar santo. – Ele se jogou na urze e olhou para o vale adormecido. – Em tempos antigos, as pessoas adoravam o sol e a lua e os elementos. Um topo de colina como esse devia fazer com que eles se sentissem mais perto dos deuses. Aqui era um lugar de poder.

— Eu nunca tinha pensando nesse tipo de coisa antes – falei. – É como se você não pudesse se livrar do passado em Wyldcliffe.

— Você não pode se livrar do passado, não importa aonde vá – ele disse amargamente.

— Sebastian, o que há de errado?

— Nada. – Ele bateu no chão de modo convidativo. – Venha aqui.

Sentei-me. Vagarosamente, interrogativo, ele pôs seu braço a meu redor e me trouxe para mais perto dele. A melhor sensação de calor e paz se assentou sobre mim. Repousei minha cabeça em seu ombro, meu coração dançando como em uma criatura recém-nascida.

— Ah, Evie – ele respirou. – Minha dama Eva. Agora, nesse momento, estou feliz.

— Eu também – sussurrei.

Ele me abraçou apertado e murmurou:

— Quero me lembrar disso: você e eu, bem longe do Convento e seu passado. Apenas um momento a se lembrar... não importa o que acontecerá.

Não sei por quanto tempo ficamos sentados em silêncio. Não havia necessidade de palavras. Eu estava com Sebastian e era o suficiente estarmos apenas juntos, olhando para as estrelas como as pessoas de milhares de anos atrás. Enquanto estávamos sentados naquele lugar, um vento forte passou por nós e as nuvens mudaram e eventualmente começou a chover.

— Eu poderia ter ficado dessa forma para sempre. – Suspirei.



Para minha surpresa, a expressão de Sebastian se enegreceu.

— Você já pensou em estar presa a um lugar para sempre? Iria ser como estar preso para sempre. — Ele se levantou e andou para longe de mim e começou a falar em uma voz baixa, afetado e artificial, como se tivesse ensaiado o que dizer. — Eu disse que eu precisava falar com você, Evie. Você tem sido uma ótima amiga. Nunca irei esquecer. Mas depois desta noite... depois desta noite não sei se devemos continuar nos vendo. É muito arriscado para você.

O chão abaixo de mim pareceu derreter.

— Mas se eu for cuidadosa, ninguém da escola irá descobrir...

— Não é apenas a escola. Isso tudo... poderia ser perigoso para você.

— Quer dizer que teve seu divertimento e agora eu posso voltar para minha pequenina vida de sonhos — explodi. — É isso?

— Não! Estou tentando pensar no que é melhor para você. Por favor, acredite nisso. Porém, há coisas que fiz no passado, coisas que fiz e que me arrependo.

— Não importa!

— Mas eu sim. — Ele gemeu. — E você também, se soubesse.

— Então me conte — implorei. — Pelo menos me conte a verdade.

A face de Sebastian estava pintada de um branco doentio sob a luz das estrelas.

— Não posso.

Eu estivera tão feliz há alguns minutos. Agora, me sentia como uma pária. Sebastian havia me calado e a dor era quase física. A chuva açoitou o solo. Comecei a correr sobre o terreno alagado.

— Para onde está indo? — Sebastian me chamou. — Você se perderá.

— Com que se importa?

— Evie! — ele choramingou. Ele me alcançou. — Não vá desse jeito, Evie. Deixe que eu te leve de volta para a escola.

— Para que então possamos apertar nossas mãos no portão e dizer que foi tudo muito agradável? Se você realmente não quer me ver novamente, então é muito mais fácil que eu apenas vá agora.

— Eu quero vê-la de novo. É claro que quero. Só não quero estragar tudo de novo. Não com você. Quero fazer disso algo perfeito. E estou tentando... pela primeira vez... em não ser egoísta, não apenas conseguir o que eu quero sem pensar nas consequências. Estou tentando fazer a coisa certa, mas dói demais!

Minha raiva derreteu como uma geada primaveril.

— Sebastian — falei gentilmente. — Não sou como você. Não espero que as coisas sejam perfeitas. E não sou obcecada pelo passado. É um novo dia, uma nova vida. Você não pode ficar andando por aí para sempre sobrecarregado por erros antigos.

— Não foi apenas um erro. Eu machuquei muito alguém. — Ele falou em uma voz sem sentimento.

— É sobre a outra garota que me disse antes?

Ele acenou positivamente.

— Essas coisas acontecem. Não faça as coisas ficarem piores me machucando também.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Não quero nunca te machucar – ele sussurrou. – Importo-me com você mais... mais do que eu jamais conseguirei dizer.

Meu coração clareou. Ele se importava comigo. Era alguma coisa.

— Então não diga que não podemos mais nos ver – implorei. – Nada de ruim irá acontecer. Eu confio em você, Sebastian.

— Talvez não devesse. Às vezes acho que você foi mandada para mim, e às vezes acho que estou apenas dizendo coisas que quero ouvir. Não sei de mais nada. Só sei que estou tentando fazer a coisa certa para você, Evie.

— Como pode saber qual é a coisa certa? Você não me disse que não podemos ver o que acontecerá no futuro? Todos os dias é um risco. Estar vivo é um risco. Bem, estou disposta a arriscar se você estiver.

Ele hesitou, então olhou para mim gratamente.

— Tem certeza? Você quer mesmo dizer isso?

— É claro que quero.

— Então ainda podemos ser amigos?

Peguei sua mão fria na minha.

— Sebastian, eu vou ser sempre sua amiga.

Mas assim que voltamos para escola no vento e na chuva, eu sabia que não estava realmente dizendo a verdade. Queria ser mais do que amiga de Sebastian. Ah, queria ser muito mais.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 18

— Isso não depende de seu nível atual – Senhora Scratton franziu o senho, devolvendo meu uniforme sobre Wiliam Blake. – Quero que você vá a biblioteca depois do jantar e o faça de novo. E realmente deve deixar de bocejar. Evie! É muito descortês. Terá que ir para a cama ao mesmo tempo que as meninas mais jovens se continuar assim.

— Sinto muito, Senhorita Scratton – Eu lhe disse humildemente. A verdade é que eu realmente estava muito cansada.

A cada noite me faltavam exatamente três horas de sono por ver a Sebastian isso não me faz sentir ansiosa por trabalho de escola; Tentando me concentrar no livro de poemas na minha frente, Eu li: No abismo, ou céus distantes/ Queimado pelo fogo dos meus olhos.

Mas os olhos que queimam em minha memória eram os de Sebastian.

Finalmente a lição chegou ao fim.

— Coloquem seus livros longe, garotas. Tenho algo a lhes dizer. Estaremos visitando Fairfax Hall na próxima semana como parte da nossa investigação sobre o século XIX. Algumas de vocês já estiveram lá, mas para a maioria de vocês imagino que será uma experiência nova.

Todo o mundo se olhou ansiosamente.

— Que é, Senhorita Scratton? – Perguntou Celeste a olhando entusiasmada.

— Fairfax Hall é um exemplo perfeito de conservação de uma casa de campo vitoriana. Não é tão grande e imponente como Wyldcliffe, mas afortunadamente a Família Fairfax, manteve a casa praticamente intacta desde a sua construção. O louge se transmitiu através de vários primos e de parentes distantes desde a segunda guerra Mundial, quando tornaram-se grandes casas, já não se pratica o mesmo. Quando o último proprietário da casa morreu esta estava vazia. Recentemente suas portas vêm sendo abertas como um museu, graças aos esforços esplendidos da nossa sociedade histórica local.

— Como vamos ir para lá? – Perguntou uma menina chamada Katherine Thomas.

— O museu está a cerca de duas milhas através do deserto a leste de Wyldcliffe. Tenho arranjado para que possamos comer lá, e um ônibus privado pegará para voltar à escola. Se o tempo estiver bom, eu proponho sair de manhã cedo e caminhar pelo louge.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Um murmúrio de excitação se espalhou por toda a sala de aula. Se supunha que a ideia de sair da escola e a intinerância dos moros era o que atraia a maioria das meninas, ao inves de do lugar realmente ser um Museu.

— Vamos fazer isso meninas calma – Disse a senhorita Scratton. Ela sorriu. – Teram que elvar seus cadernos de bolso com vocês. Todo mundo devera se reunir na porta principal imediatamente depois da refeição do dia.

A campainha do almoço soou, e a classe saiu com empuroes no corredor, Falando com entusiasmo. Encontrei a Sarah ao meu lado, me olhando timida mais decidida.

— Você pode sentar ao meu lado no onibus se quiser – Disse em voz baixa.

Eu a olhei com a cara cheia de culpa e me perguntei como poderia haver estado enjoada dela.

— Eu realmente gostaria. Obrigada. E eu sinto muito Sarah eu nunca quis...

— Não importa.

Ela sorriu e eu sabia que eramos amigas de novo.

— Ja estive naquele lugar antes? – lhe perguntei.

— No passado eu ja viajei para Starlight – Sarah disse.

— Não se pode ver muito, ja que esta rodeado por arvores enormes. Para ser honesta me parecia mais uma casa velha, mas com o beneficio de Miss Scratton quero ir ver-la, não pode ser uma coisa ruim.

A perspectiva de pasar o dia fora da escola na companhia de Sarah era como um sopro de ar fresco que voa atraves dos corredore e Wyldcliffe. Essa noite, quando eu estava limanpando a sala de musica com Helen, lhe perguntei se estava alegre esperando nossa visita ao museu.

— Eu não iria ali nem que me pagassem” Disse ele me olhando mais desajeitada do que nunca.

— Não seja tonta – Eu ri – Não vão te prender no muro.

— Eu gostaria de me perder por ai – Exclamou apaixonadamente. – Eu gostaria de caminhar nas charnecas para sempre e nunca mais voltar

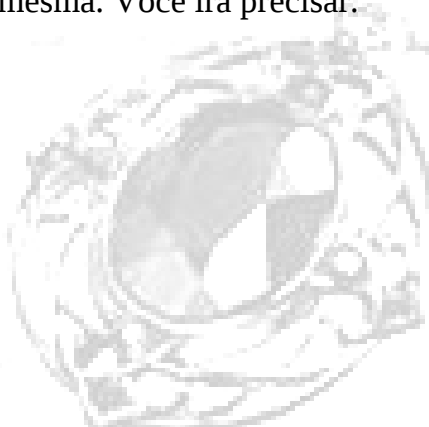
Eu não a entendia. Estava só estranha? Ou estava mal de alguma maneira?

— Esta se sentindo bem, Helen? Você parece muito estressada. Não acha que deve dizer a Sra Heartle.

— Não! – Helen falou. – Não se atreva a dizer nada a ela!

— Sinto muito – Eu disse surpresa – Eu só estava tentando ajudar.

— Melhor não – Ela ajeitou os papeis de musica – Concentre-se em ajudar a si mesma. Você irá precisar.



First love never dies ...



Capítulo 19



DIÁRIO DE LADY AGNES, 4 novembro, 1882

Estou quase louca de preocupação. Eu gostaria de poder curar S. tão facilmente como fiz com Martha. Minha velha enfermeira incomodada por uma catarata no olho que nublava sua visão, mas agora ela chora e ri e declara que é um milagre que possa ver perfeitamente novamente. Eu só sei o que causou esta mudança foi o poder da vida. Fogo, permitindo-me o meu Circulo de cura.

Não posso me alegrar por isso, porque me preocupo com o meu querido amigo. Porque ele está doente com alguma depressão estranha, e está tão pálido e magro como quando chegou em casa depois de suas viagens. Ele não consegue relaxar, e forçado a trabalhar mais para se aprofundar em seus estudos, sem jamais descansar.

Embora não gostava de pensar nisso, acho que S. inveja minhas conquistas, apesar do fato de que seus poderes estão aumentando dia-a-dia. Seus dedos longos e brancos podem dobrar metal, ou quebrar um vidro ou copo e remontar seus átomos tão facilmente como os fluxos líquidos de uma forma para outro. No entanto, esquecia o que tinha aprendido e queria mais. Ontem estava em um humor particularmente negro.

— Os truques de mágica, isso é tudo que eu sei, Agnes. E os meus conhecimentos não parecem produzir qualquer coisa boa ou pelo menos útil. Eu não sou um curador.

É verdade. Ele não tem esse dom. Eu não sei o que dizer.

— Talvez eles venham mais tarde, ao estudar mais. Talvez! Já estou cansado de estudar. E talvez nunca conseguirei nada. Não tenho nenhuma ligação profunda com as competências elementares. Mas você foi tocada pelo fogo, o maior de todos eles.

Ele pensou por um momento, depois falou hesitante.

— Lembre-se que o livro diz que os homens... Os homens devem ter seguidores... Um grupo de mulheres?

Talvez seja isso que eu preciso para ir mais longe: Naquele momento parecia-me vê-lo, rodeado por um grupo de mulheres envolto em mantos escuros.

— Não! – Por alguma razão, essa idéia foi desagradável para mim.

Então, a visão mudou e eu vi com uma menina, a menina que tinha visto antes e ele olhou para ela com tanta ternura, fazendo com que meu coração ficasse tenso por ele com dor...



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Não – repeti com mais calma. – Este é o nosso segredo, para nós dois. Temos de mantê-lo dessa maneira.

— Nós dois? – Seus olhos brilhavam com um brilho, e ele pegou minha mão. – Agnes, eu e você podemos fazer muitas coisas juntos, se você realmente me ajudar.

— Eu vou te ajudar – protestei. – Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

— Então me diga o que você sabe Agnes – insistiu. – Mostre-me seus segredos.

— Não tenho nenhum segredo, especialmente, nenhum seu. Tudo o que sei veio do Livro.

— Isso não é verdade, e você sabe que não é assim. Fazer mais do que está contido em suas páginas. Como você faz? Diga-me!

— Eu não sei, realmente. Levo os rituais a cabo de acordo com as instruções, em seguida, penso, sinto, desejo. E então ...

— Então o que? – Perguntou ansiosamente. Eu balancei minha cabeça. Como poderia escrever as imagens deslumbrantes em minha cabeça, o formigamento nas mãos, o aumento do poder através do meu corpo quando realizava os ritos místicos?

— Eu não posso explicar. Mas quem importa se acontece se o bem vem dela? Martha está feliz agora, e há tantos que eu possa ajudar.

Puxou a minha mão de lado.

— Você tem o poder de fogo, Agnes, e ainda assim você não irá partilhar o seu segredo comigo. Eu vi o que você pode fazer, e você poderia me ensinar o seu segredo, se quisesse.

Eu balancei a cabeça em silêncio, pesando como ele queria primeiro responder aos espíritos, quando ele os chamou.

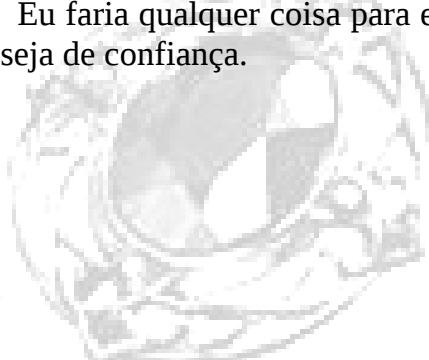
Talvez ele estivesse certo: talvez pudesse ajudar ainda mais. Mas algo em seu desespero me segurou.

— Eu não posso explicar – eu disse lentamente. – É algo que chega a mim sozinha.

Eu estava errada em dizer isso? Eu estava errada em negá-lo? Como eu poderia recusar, quando a sua felicidade significava para mim mais do que a minha? Eu mal me entendo, mas sei que fiz o bem.

Agora o silêncio trovejou entre nós. Às vezes eu o pego olhando para mim fixamente, no entanto, nada a ver, como se ele estivesse perdido em pensamentos. Não posso descrever como isso dói.

Eu faria qualquer coisa para ele... Qualquer coisa menos isto. Receio que já não seja de confiança.



First love never dies ...



Capítulo 20

— Eu pensei que havia dito que confiava em mim – brincou Sebastian.

— Eu confio em você – respondi com uma risada. – Eu não estou segura sobre o barco.

Sebastian de alguma forma conseguiu consertar um barco a remo muito velho, que flutuava lentamente na beira do lago, e estava tão animado como uma criança com a idéia de ir dar uma volta no lago. Rezava para que ninguém nos visse flutuando no lago, mas foi bom vê-lo brincar, como se ele tivesse conseguido se livrar de suas preocupações por um tempo.

Apesar do meu riso, eu não me sentia tão feliz. Era à noite antes da viagem da classe para Fairfax Hall³⁶, clara, sem vento e com um frio cortante. Eu tinha colocado um pesado casaco sobre o pijama, mas ainda me estremecia como se estivesse doente. Não tinha esquecido o meu desejo de nadar, mas esta noite o lago parecia pouco atraente, parecia carrancudo e com águas tão negras como a noite. Senti-me desconfortável. Esta noite não era uma piscina inocente, pensei. Laura tinha morrido aqui, neste lugar.

Estava farta de sombras e segredos.

Eu gostaria que os encontros com Sebastian, fossem como os dos outros garotos, nas cafeteiras, no cinema e em festas. Só fazer coisas normais. Estava tão cansada de me esconder no escuro.

— Se o barco tem um vazamento poderíamos nadar no lago, isso é tudo – disse Sebastian, desatando as cordas. Então me olhou. – Evie, você está bem? Você não está com medo, está?

— Não tenho medo de nada – lhe disse, entrando no barco, tentando me livrar do meu humor estranho. Movi-me de lado a lado. Houve um leve cheiro de mofo da madeira mofada pela umidade. – Onde você encontrou isso? – lhe perguntei.

— Oh, há todo o tipos de coisas que foram abandonadas em Wyldcliffe de pessoas que não as valorizavam. Esta pequena embarcação estava apodrecendo em um antigo galpão, coberto de arbustos de louro³⁷.

Rolando os olhos. Eu gostava da idéia de nossa expedição, ainda menos.

³⁶ Colégio preparatório da High School e Junior College (1936-1956) para garotas, localizado em Waynesboro, Virgínia desde 1920-1975.

³⁷ No Original “Laurel”. Ele é o tão conhecido Laurel, que tem amplos usos a nível gastronômico e medicinal, é um arbusto que com os anos - se está plantado em terra - pode chegar a uma árvore. Seu nome científico é *Laurus nobilis* e é originário das regiões mediterrâneas.



— Será um passeio curto. – Sorriu-me de forma tão lisonjeira. – Não se preocupe. Só descanse e desfrute do passeio. Evie, se cubra com o meu casaco.

Sebastian parecia tão feliz quando me passou o seu grande casaco. Ele começou a remar com habilidade através do lago. Suas bochechas avermelhadas, e as sombras escuras sob os olhos pareciam ter desaparecido. Deu-me um nó no estômago de apenas vê-lo, tão bonito, com cada remada que estendia sua camisa de linho branco. E tinha um desejo enorme de começar a tocá-lo.

Mas não sabia se queria. Eu sempre fui a Evie querida, a doce Evie, Evie é maravilhosa...

Quando terminou parte da nossa viagem, Sebastian tinha sido tão gentil, atencioso e carinhoso, mas não havia tocado a minha mão, ou tentado me abraçar. E ele nunca havia me beijado denovo, nem sequer um beijo na bochecha. Por que não? Me perguntava. Era pouco atraente para ele? E o que realmente aconteceu com a outra menina. À medida que deslizávamos para dentro do lago profundo, um pensamento horrível passou pela minha cabeça.

A menina que Sebastian havia conhecido, poderia ter sido a pobre Laura.

Laura, é claro. Isso explicaria por que havia estado rondando a propriedade do internato na noite em que o voltei a ver. Ele deve manter-se vigiando o lugar onde Laura havia morrido. Era Laura que havia feito com que Sebastian fosse ao lago, não eu. Tudo fazia sentido agora. Eu estava dormindo na cama de Laura, tomando seu lugar na escola, e agora estava com o cara que a tinha deixado morrer. Na esperança de repetir cada passo.

Então porque estava determinado a me ver só como amiga. Afinal, como poderia competir com a memória de uma idealizada vítima trágica? Mas o que ele havia querido dizer, era que ele tinha feito algum dano que havia prejudicado a garota que ele havia conhecido? Como podia ser algo que não era? Talvez eles tenham lutado antes de morrer, talvez se culpe dessa forma.

— Você está muito quieta – Disse Sebastian, deixando os remos pendurados na embarcação. – Quer voltar?

— Não, estou bem – menti. – Só estava pensando.

— Sobre o quê, pode me dizer?

Só lhe disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Sinto falta da minha casa. Este lago, os jardins e as colinas, tudo se parece, não sei. Asfixiante, de alguma forma. Gostaria de poder caminhar no mar quando as ondas estão com raiva e o vento batendo na pele. Realmente não sei como posso explicar, mas me sinto diferente eu não sou livre.

— Eu gostaria disso – sorriu. – Eu adoraria caminhar contigo na praia.

— Poderíamos caminhar, velejar e nadar – a minha voz rachada com nostalgia. Minha mente estava em chamas, e meu corpo inquieto doía, desejos sem nome. Fiz das tripas coração. Não podia ser mais a Evie sensível. – Pelo menos temos um dia livre amanhã – disse a ele. – A minha turma vai fazer um passeio pelos arredores vamos visitar a antiga casa de Fairfax Hall. Você a conhece?

— Claro – disse Sebastian. – Todo mundo aqui conhece esse lugar. Evie, se por isso esperas um grande entusiasmo para amanhã, você vai ficar desapontada. É uma velha casa cheia de memórias de pessoas surdas que já não existem mais.



Amarrou a corda em volta de um galho grosso, e pulou do barco, suas botas fizeram espirrar lama do lago. Então ele se virou e me levou para a grama. Por um momento nós agarramos como amantes.

— Evie – disse ele com urgência. – Prometa-me algo.

— Claro. O que?

— Se você ouvir alguma coisa... na cidade... algo ruim sobre mim, confiara em mim ainda. Certo? Você ainda vai encontrar-se à noite para alguma coisa no lago. Promete?

Ele me abraçou com mais força. Meu coração deu um pulo contra ele.

— Eu prometo... Eu prometo – disse quase sem fôlego. Sebastian recuou o rosto pálido e tenso. – Tenho que ir agora.

— Por quê? – lhe perguntei. – Não vá ainda.

— Eu devo – repetiu. – Desculpe-me Evie – Ele começou a dar passos grandes sobre a grama escura.

— Sebastian, espera. Quando eu vou vê-lo novamente? – Quase gritei.

— Amanhã à noite – parou e mudou de posição. – E lembre-se que você me fez uma promessa.

Senti o frio em meus ossos. Por que alguém iria mudar a minha opinião de Sebastian? Talvez realmente tivesse feito algo para ferir Laura. Talvez encontre algum amigo seu e se preocupe com o que ia descobrir. Ou talvez estivesse tão cansada que simplesmente não podia esperar para voltar à residência.

Quando cheguei ao estábulo, algo parecia diferente. Parei. A porta verde que levava para as salas antigas dos empregados estava aberta. Estranho, pensei. Eu tinha certeza que tinha a fechado cuidadosamente.

Tudo estava calmo nos estábulos, além do ranger das caudas dos cavalos. Me deslizei através da porta, em seguida, bati a porta fechada atrás de mim, e eu ouvi uma fechadura.

Vir-me-ei e puxei a maçaneta, mas a porta não se mexeu. Alguém tinha fechado, e meu peito foi movia-se pelo pânico.

— Quem está aí? – chamei. – Abra a porta. – Mas não houve resposta, apenas o som macio de passos lá fora. Procurei a lanterna de Helen no chão. Não estava lá. Mas é claro que não estava lá e eu sabia quem a havia levado - Celeste. Deve ter feito essa brincadeira de mau gosto. Seria tão a cara dela...

Pense Evie. Pense...

Tinha que voltar para a residência antes que Celeste piorasse as coisas. Havia apenas um pouco de luz passando por cima da porta no corredor antigo. Tinha que ser o suficiente.

Era fácil dizer a mim mesma que eu tinha que me acalmar, mas quanto mais eu andava, mais escuro era, logo estávamos na total escuridão. Havia o murmúrio de uma saia e o ruído de botas caminhando ao meu lado. Não podia ouvir as suas vozes? Eu tinha medo de sentir o toque de uma mão morta no meu braço. Não seja estúpida, dizia-me.

Apenas o escuro, não pode te machucar... Ou realmente pode? Descobri a estreita entrada para as escadas de serviço e a subi as cegas. Respirava aos poucos e estava a chorar, eu estava convencida de que os passos me seguiam. E o



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

swish-swish-swish, que era o som inconfundível de uma mulher com a saia estava muito mais perto.

Finalmente eu podia ver um raio de luz na frente, o contorno da porta sobressaía o da parede do quarto do dormitório. Fiquei quieta justo, a tempo de ouvir o ferrolho do outro lado da casa. Celeste deve ter corrido pela escadaria principal e fechou.

Meus esforços foram em vão. Eu estava trancada na ala antiga dos funcionários. "Armadilha", como não havia previsto. Deixei-me cair no chão com a coluna contra a porta e tratei de respirar. "Não há ninguém comigo", disse-me freneticamente. Estava sozinha. Tudo o que o que tinha a fazer era esperar até amanhã, quando Helen certamente abriria a porta e me encontraria aqui. Respire... Apenas respire.

Lembrei-me de uma canção antiga de Sinatra³⁸ que me cantavam quando criança.

*A noite é escura, mas o dia está próximo,
Baby, silêncio, não tenha medo.*³⁹

A noite é escura. Repeti uma e outra vez, a noite é escura. Então eu pensei que eu iria gritar. Então. A porta por trás de mim se moveu, e alguém a abriu. Cai no corredor, esperando para ver Celeste. Mas não era Celeste quem tinha aberto a porta.

Foi Senhorita Scratton e junto dela Helen.

³⁸ Francis Albert Sinatra (Hoboken, 12 de dezembro de 1915 — Los Angeles, 14 de maio de 1998) foi um cantor e ator americano.

³⁹ No original: "The night is dark, but day is near, Hush, little baby, do not fear...". Não consegui encontrar o nome da música.



Capítulo 21

*E*enho estado completamente errada sobre a Celeste. Ela não tinha nada a ver com o que aconteceu nas escadas. Fora a Helen que me traiu para a senhorita Scratton.

Quando finalmente fomos para a cama, sussurrei para ela com raiva.

— Por que você fez isso? — Ela resmungou que um dia eu iria entender. Eu estava furiosa, mas pela primeira vez concordei com a Celeste: Helen Black era completamente maluca. E agora, graças a ela, eu estava em desgraça.

— Não consigo expressar o quanto estou desapontada com você, Evie. — A senhorita Scratton declarou no dia seguinte. Toda a classe estava esperando em frente à imponente porta da frente da mansão, casacos e chapéus açoitados pelo vento de novembro. A senhorita Dalrymple também estava lá, usando botas para caminhadas e segurando um mapa. — Foi muito tolo de sua parte sair vagando por aquelas escadas no meio da noite. Você poderia facilmente ter caído e quebrado o tornozelo. A diretora não ficará feliz quando souber disso.

Celeste olhou triunfante para Índia e Sophie.

— Esse é o segundo demérito que você ganha em seu curto período em Wyldcliffe. Que esse seja o último!

Peguei o cartão vermelho que a senhorita Scratton me entregou e o coloquei em meu bolso.

— As outras garotas não irão falar com você hoje, e você vai caminhar para Fairfax Hall ao meu lado. Se considere com sorte por estar nos acompanhando.

Eu me afastei das outras meninas. Sarah deu de ombros em simpatia, mas não se atreveu a falar.

— Agora garotas. — A senhorita Scratton falou. — É uma longa caminhada, e não queremos nos atrasar. Senhorita Dalrymple, você poderia gentilmente seguir em frente. — e a classe começou a seguir a estrada.

— Oh espere! — Sarah exclamou. — Onde está a Helen?

— Helen não está se sentindo bem. Ela não irá se juntar a nós.

Eu olhei para cima. A enfermaria ficava no segundo andar, com as janelas para a estrada.

Pensei ter visto um vulto com as características frágeis de Helen na janela. Mas fui distraída pela senhorita Scratton ao meu lado, parecendo mais severa do que nunca.

— Escute Evie. — Ela falou. — Isso é realmente muito importante. Você não pode receber outro demérito. Isto está claro? — então ela enrijeceu e olhou por sobre o ombro. A diretora, a senhora Hartle, estava parada no topo da escada da



porta da frente, nos observando em silêncio. Senti como se alguém tivesse jogado água gelada sobre meu pescoço.

— O seu comportamento tem sido bastante vergonhoso, Evie Johnson. – A senhorita Scratton anunciou em voz alta. – Agora fique ao meu lado.

Seguimos as outras através dos portões da escola. Ao invés de seguirmos em direção da vila e da sombria igreja, como fazíamos nos domingos, pegamos o caminho que levava para os mouros. A senhorita Dalrymple seguiu na frente, apontando para o local do antigo forte, onde eu havia me escondido com o Sebastian. Eu não escutei. Eu estava intrigada sobre o que a senhorita Scratton acabara de falar. Ela estaria simplesmente me dando um conselho, ou teria algum outro aviso escondido em suas palavras?

Olhei para seu rosto severo e plano, e pareceu que havia algum tipo de tensão entre ela e a senhora Hartle. Talvez a senhorita Scratton tenha almejado o cargo de diretora? Mas isso não era problema meu. Tudo o que me importava era que a senhorita Scratton havia aceitado minha fraca explicação na noite anterior, sobre ter me sentindo tonta e querer um pouco de ar puro no pátio. Fingi ter usado as escadas dos fundos por não querer acordar ninguém, então fiquei presa por acidente.

Enquanto começamos a subir mais alto pelo chão duro, me perguntei se a Helen sabia sobre o porquê de eu estar no pátio naquela noite. E se ela sabia sobre o Sebastian, será que ela contaria para a senhora Hartle? Então eu realmente estaria com problemas. Eu podia imaginar o frio na voz da senhora Hartle, quase como um triunfo.

Eu nunca quis aceitar você na escola.

Papai ficaria tão zangado se eles me expulsassem. Eu não poderia decepcioná-lo dessa maneira. Secretamente eu me sentia um pouco envergonhada. Afinal, eu havia vindo para Wyldcliffe para ajudar o papai, não adicionar mais problemas para ele. Eu estava na escola para aprender, não para correr atrás de um garoto de olhos azuis. Alguma coisa teria que mudar. Eu não conseguia tolerar parar de ver o Sebastian, mas deveria haver alguma outra maneira de nos encontrarmos que não quebrasse mais nenhuma regra.

O caminho começou a serpentear descendo do outro lado do vale, para um caminho arborizado mais abaixo. A senhorita Dalrymple começou a falar sobre o calcário e as minas anciãs que haviam deixado um intrincado labirinto de túneis e poços na colina. As garotas se reúnem ao lado dela, fazendo perguntas e admirando a paisagem.

A senhorita Dalrymple se virou e sorriu mais do que desagradada, suas bochechas estavam rosadas por causa do vento.

— Senhorita Scratton não acha que a querida Evie poderia se juntar ao resto de nós? Seria uma pena ela não apreciar a aventura do dia.

— Evie teve aventuras o suficiente na noite passada. – Ela falou para a senhorita Dalrymple friamente. – Ela irá ficar sob minha supervisão.

Estranhamente eu estava feliz com a resposta dela. A senhorita Dalrymple pareceu incomodada por uma fração de segundo, e então guiou a classe, falando entusiasticamente sobre o lugar ao nosso redor. Mas a senhorita Scratton e eu caminhamos atrás delas em silêncio.



Capítulo 22

*F*airfax Hall não era o que eu esperava. Eu crescera acostumada com os prédios cinza e sóbrios da Abbey, mas o hall, atrás da espessa tela de louros, era uma casa graciosa construída com pedras claras, com elegantes pilares na fachada. Parecia deslocada ao lado dos muros acidentados. Mas essa não fora a maior surpresa. Quando chegamos à entrada de carros, vimos dois carros da polícia estacionados em frente à porta. A diretora do museu veio correndo nos encontrar.

— Oh é uma grande pena. — Ela começou apressada. — Tentei ligar para você senhorita Scratton, mas a escola me informou que a senhora já havia saído, então já era tarde para lhe avisar.

— Avisar-nos do que? — perguntou a senhorita Scratton.

— Sobre o terrível arrombamento. Eu quase não posso acreditar. Todo o lugar foi revirado.

A pobre mulher parecia à beira das lágrimas, e continuava a empurrar nervosamente seus óculos para o lugar.

— Oh Deus, alguma coisa foi roubada? — perguntou à senhorita Dalrymple.

— Isso que é a coisa estranha — falou a senhora do museu. — Tudo foi deixado de cabeça para baixo, mas achamos que apenas um item na verdade foi roubado.

— O que foi? — perguntou à senhorita Scratton secamente. — Se a senhora não se importa de responder.

— Não me importo. Acho que tudo vai estar no jornal local, de qualquer maneira. Fora um porta retratos, não um de grande valor, mas de grande interesse: era de um membro da família Fairfax, um personagem fascinante. Oh Deus... é melhor eu voltar a falar com os policiais, e vocês caminharam todo esse caminho para nada. Temo que não será permitida a entrada de ninguém enquanto a polícia está examinando o local.

Algumas garotas deixaram escapar grunhidos com a notícia.

— Mas não podemos voltar imediatamente para a escola, podemos Senhorita Scratton? — Sophie perguntou.

— Não. — concordou a senhorita Scratton. — É longe demais para caminharmos de volta sem descansar, e o ônibus que contratei para nos levar, só ira chegar daqui a um par de horas. Teremos que esperar aqui até que ele chegue.

A mulher da casa parecia estar de coração partido com a idéia de estarmos sendo privadas da chance de vermos seu amado museu.

— Oh Deus, Oh Deus. — Ela falou. — É claro que terei que falar com os policiais, mas talvez vocês pudessem pelo menos caminhar pelos jardins. Mesmo



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

nesta época do ano eles estão cheios de espécimes interessantes. Eles foram trazidos no século dezenove pelo Lorde Edward Fairfax e são consideradas um lindo exemplo... Oh deus, por favor me dêem licença.

Ela correu de volta para dentro da casa, aparecendo novamente alguns minutos depois.

— O sargento falou que as garotas podem caminhar nos jardins mais baixos, perto do lago.

O lago. Olhei para cima com interesse.

— Excelente. Todas podem fazer alguns desenhos garotas. Terá um prêmio para o melhor. — A senhorita Scratton falou.

As garotas se reuniram ao redor da professora, animadas pela idéia da competição. Chegamos ao jardim formal atrás da casa, com suas calçadas e canteiros desenhados e imponentes. Mas o lago acabou sendo um desapontamento. Era um lago estéril feito pelo homem, uma poça glorificada com uma fonte extravagante presa no meio dele.

Encontrei um banco de pedra e sentei fazendo uma fraca tentativa em desenhar a fonte. Sebastian havia estado certo: nossa visita á Fairfax Hall havia sido um completo desapontamento. Me perguntei quando ele havia estado aqui, ele parecia saber tudo sobre o lugar. Imaginei-o sendo arrastado pelo museu pelos pais quando criança. Não, não deveria ser isso, eu lembrei, por que a senhorita Scratton falou que a casa havia sido aberta ao público apenas recentemente. Talvez ele tenha se esgueirado á noite, como ele entra em Wyldcliffe. Isso seria mais o estilo do Sebastian. Sorri para mim mesma, e repentinamente desejei estar com ele.

Sem estar ciente disso, desenhei uma figura usando um casaco longo e escuro próximo ao desenho do lago. Olhei ao redor, meio que esperando ver Sebastian recostado contra uma das árvores, com aquele sorriso irônico nos lábios.

Ele não está lá, é claro. No outro lado do gramado, arbustos escuros haviam sido cortados em formas altas. Além deles, o jardim acabava e começava os muros.

Então notei algo. No alto da encosta que se erguia a partir da borda do jardim, atrás de um emaranhado de árvores retorcidas havia um bloco de pedra escura. Uma menina estava em pé ao lado dele, seu cabelo pálido era soprado pelo vento.

— Helen! — eu gritei e fiquei em pé, deixando meu caderno de desenhos cair no chão. — Helen! Espere!

Grandes gotas de chuva começaram a cair. As garotas ao lado do lago reuniram suas coisas e correram, meio resmungando, meio rindo, em direção da casa. Mas eu estava correndo na direção oposta, tentando ter uma visão melhor da garota. Então a senhorita Dalrymple apareceu na minha frente, bloqueando o meu caminho. Deixei escapar um grito de surpresa.

— Qual é o problema? — ela perguntou suavemente. — Você está indo pelo caminho errado, vai ficar ensopada.

— Mas... mas eu vi a Helen lá na colina!



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Ela deu uma pequena risada estridente. “Não há ninguém lá. Você está imaginando coisas minha querida.

Era verdade. Não havia nada há se ver. Não havia nenhuma garota lá, apenas as árvores retorcidas, a pedra escura e a chuva caindo como lágrimas.

— Evie!

Virei para ver a senhorita Scratton parada alta e magra em seu casaco escuro para chuva.

— Corra para a casa e para fora dessa chuva! Teremos que nos abrigar lá até que o ônibus chegue, a polícia gostando ou não. Rápido!

Ela me mostrou a direção da casa, mas eu não estava certa se ela me queria longe da chuva ou da senhorita Dalrymple.

Quando finalmente retornamos a escola, nos mandaram colocar roupas secas. Corri para o dormitório para colocar uma blusa limpa, então achei o caminho para a enfermaria.

Bati na porta.

— Entre. – A enfermeira olhou por cima da mesa. – Sim, do que se trata?

— Um... eu vi para perguntar sobre a Helen. Como ela está?

— Ela não tem estado nada bem hoje. Parece que ela vai ter uma terrível gripe.

— Então, ela não esteve do lado de fora o dia todo? – eu perguntei, tentando espiar para além da enfermeira, na tentativa de ver algum sinal da paciente.

– Ela não conseguiu sair para um pouco de ar fresco?

— Acho muito difícil, com a febre que estava. E ela está deitada na cama agora.

— Bem... um... diga a ela que eu vim aqui. – Eu terminei, e sai. A garota que eu vira deveria ser alguém da vila. A verdade era eu disse para mim mesma, eu estava com a cabeça zonzinha de exaustão. Eu estava quase invejando Helen em sua cama da enfermaria. Eu ansiava por dormir, dormir e dormir.

Mas ainda não. Eu havia prometido ao Sebastian que eu iria vê-lo à noite, e eu nunca quebraria uma promessa para ele.

Fiz meus planos como uma ladra. Helen iria ficar na enfermaria, então eu sabia que ela não teria como interferir. Depois do jantar, quando estava ficando escuro, rapidamente fui ao galpão de jardinagem e ‘peguei emprestado’ uma lanterna, para não ter que enfrentar aquela escuridão nas escadas novamente. Oh, eu tinha tudo planejado. Prometi a mim mesma roubar mais uma hora de felicidade com o Sebastian; então eu seria sensata e finalmente iria dormir.



First love never dies ...



Capítulo 23

*M*as porque não Sebastian? – Eu disse olhando de mau humor para o lago. Nada estava acontecendo como eu tinha imaginado.

— Eu te disse – Suspirou. – Não posso te ver de dia. Esta é a única maneira que podemos nos ver.

— Posso te encontrar um domingo à tarde. Algumas das meninas eles permitem sair, para montar a cavalo, ou para caminhar.

— Assim que você vai dizer a alta senhora que vá aos bosques para se encontrar com um garoto do povoado? – Ele perguntou – Realmente acredita que ela vai permitir isso?

— Bem...Não. – Disse. – Mas se eu disser a ela que você é um amigo da família... – Tinha que dizer o que estava em minha mente há algum tempo. – Já sei, se seus pais me convidarem para tomar chá ou algo assim, a senhora Hartle não podia opor-se a isso. Jessica Armstrong tem alguns primos que vivem a umas poucas milhas de distância e vai visitá-los.

— Não posso pedir aos meus pais que te conheçam. Eu sinto muito.

— Por que não? – Eu estava ríspida. – Tem vergonha de mim?

— Não é isso!

— Será porque eu não pertenço realmente a Wyldcliffe? Prefere ter Celeste ou a Índia, ou alguém como elas para apresentar a eles? É isso?

— Não tenho idéia do que está falando – Disse ele desconcertado por minha fúria. – Por favor, Evie, é só que é impossível. Não arraste meus pais nisso. Eles...não entenderiam, são antiquados; não podem...Evie por favor não faça essa cara.

— Seus pais não conheceram essa outra menina? – O espetei. Minhas teorias insistentes sobre a menina de seu passado, se havia sido Laura ou alguém mais se incendiou com uma chama branca e quente. – Você a convidou para ir a sua casa?

— Eu não vou mentir. Sim, eles a conheceram.

— Não é justo – Eu estava horrorizada pelo tom da minha voz quebrada e tentei me recompor. – Simplesmente estou tão cansada. – Supliquei-lhe olhando a água negra e ondulante.

— Quer dizer que esta cansada de mim?

— Sabe que não quero dizer isso. Mas estou com um grande problema já, e se me der outro desses malditos deméritos não sei o que acontecerá. Não sei o que pensa de seus pais, mas eu não quero machucar meu pai por conseguir ser



expulsa de Wyldcliffe. E se eu for expulsa – Continuei miseravelmente. – Então realmente nunca mais voltarei a te ver.

— Mas você disse que queria continuar se encontrando, que não te importavam os riscos.

— Mas eu não vejo porque temos que arrastarmos na noite, todos os dias. É ridículo. Estou me pondo em uma má posição na escola, assim como ficando esgotada, incluindo que eu não sei... – Eu olhei sua cara de preocupação. Eu queria dizer, e eu nem sequer sei como você se sente por mim.

As palavras não quiseram vir. Temia ter uma resposta que eu não queria ouvir. Eu sabia no meu coração que havia uma barreira entre nós algo mais além de Sebastian. Sim, eu era sua querida Evie, mas eu precisava de mais. Eu não podia seguir perguntando e esperando, esperando um sinal que nunca chegou. Bati numa velha raiz de louro que cresceu perto a borda da água e grunhi.

— Eu nem sequer sei seu nome completo.

— Sebastian James – Disse com uma reverência abobada. – Encantado em conhecê-la. Então, satisfeita?

— Onde mora? – insisti.

— Já disse a você, Evie, perto dos mouros.

— Mas onde? Qual a direção? Qual seu número de telefone?

— O que está acontecendo com você esta noite? – Explodiu. – Você fala como...uma inquisição policial.

— Talvez é isso que eu preciso para conseguir uma resposta de você. – Meu temperamento explodiu em um instante.

— Te dou resposta quando posso – Sebastian continuava a suas costas. – Mas agora não.

Olhei fixamente para o horizonte escuro. Era difícil ver onde estavam os mouros e onde começava o céu. As lágrimas começaram a borrar minha vista.

— Não vamos brigar – Supliquei-lhe. – Tudo o que quero é encontrar uma outra maneira de nos vermos. Algo normal. Você não parece se dar conta do quão difícil é para mim. – Difícil porque estou louca por você... Por que não sei se ainda sonha com a menina que perdeu tragicamente...porque eu não sei aonde isto está nos levando.

— Duro? Quer saber o que é difícil? Acha que é fácil para mim passar cada dia só, perguntando-me o que esta fazendo, e esperando para te ver por uns momentos arrebatados? Tenho que te ver Evie. Eu...preciso de você.

— Então me leve a sua casa. – Argumentei – Apresente-me a sua família, aos seus amigos. Me trate como alguém que você cuida, não só como uma travessura da meia-noite.

A súplica parecia fazer eco na noite. Por último Sebastian falou:

— Não posso

— Então não posso continuar te vendo – Respondi-lhe com amargura.

Me afastei dele, mas ele agarrou meu braço.

— Não vá – Ele implorou. – Eu faria como você quer se eu pudesse. Confie em mim por favor.

— Como posso confiar em você depois disso? Solte-me!

Ele deu um passo atrás, seu rosto uma máscara de miséria.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Estarei esperando por você Evie.
— Não se preocupe – Gritei-lhe. – Não quero voltar a te ver!
Tropecei de novo para a escola, chorando o caminho todo.

Immortal



First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 84

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 24



DIÁRIO DE LADY AGNES, 13 de novembro de 1882.

Solucei meu coração seco, e agora não consigo chorar mais. Minha antiga felicidade com S. está terminada. Tremo enquanto escrevo isto.

A chuva torrencial impediu-me de andar sobre as campinas durante vários dias. Estava preocupada por não ter ouvido dele todo esse tempo, mas ha dois dias atrás me mandou um bilhete pedindo que nos encontrássemos na gruta:

"Venha em torno da meia-noite, quando todo mundo está dormindo. Dessa forma, não haverá perigo de sermos ouvidos."

Não gostei da idéia, mas odiava decepcioná-lo. Pelo menos esta pequena coisa que me pedia, eu poderia fazer. Quando imaginei que a maior parte da família tinha se retirado para a cama, coloquei uma roupa e sai sigilosamente pela escada de serviço do meu quarto. Pensei que assim iria manter minha excursão em segredo, caso papai estivesse sentado até tarde.

Uma única vela era suficiente para dar alguma luz para as escadas estreitas. Eu tinha vergonha de pensar que nunca tinha pisado nesse lugar antes. Era frio e vazio. Pensei nas criadas, Nellie e Mary, que ficavam subindo e descendo as escadas, cinquenta vezes por dia para nos servir, e me perguntei se as pessoas nos próximos anos, olhariam para trás e pensariam sobre nossas vidas: ricos e pobres lado a lado, e ainda sem saber como são seus mundos. Quando eu crescer gostaria de ter minha própria pequena casa, onde possa aprender a cuidar e não ter criadas, exceto pela pobre Martha, que seria bem vinda como uma fiel amiga.

Cheguei ao piso térreo, fui até a cozinha e sai para o pátio do estábulo. Então corri tão rápido como pude através do gramado em direção ao lago.

Como as sombras das ruínas pareciam brilhar sobre mim na escuridão! Nunca havia sentido medo delas antes, mas agora pareciam estar paradas como uma coroa quebrada, guardando a entrada a uma horrível masmorra. Meu coração começou a bater mais rápido, atravessei entre os arbustos. Escutei a S. chamando - me em voz baixa, e entrei na caverna.

Uma lamparina estava queimando sobre a base de uma estátua de Pan, e o pequeno deus parecia dançar à luz bruxuleante. S. estava sentado encostado à parede. Metade do seu rosto estava escondido no escuro, mas eu percebi, com o coração afundado, que estava com raiva, em um estado de animo premeditado. Parecia-me que estava muito doente, e soube nesse momento que o amava, que



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

sempre o amei. E queria abraçá-lo, confortá-lo, tomá-lo em meus braços. Mas não sabia como.

— O quê está acontecendo? – perguntei – Você está doente?

— Não, não é nada. – respondeu tossindo impaciente, e lutando com seus pés. – Vamos começar os rituais.

Comecei a fazer o círculo sagrado, mas ele me parou, prendendo meu braço rudemente.

— Qual é o problema?

— Não me sinto com ânimo.

— Então posso voltar? – Perguntei, mas não me deu nenhuma resposta. Seus olhos estavam apagados e tingidos de vermelho. O ruído da primavera ecoou no escuro. Ainda não falava, mas se agarrava ao meu braço, com um forte aperto.

— Devo voltar para minha casa? – repeti – Se mamãe descobre que eu saí da cama vai ficar furiosa.

— Mamãe! Mamãe! – Disse com um sorriso selvagem. – Ainda fala como uma criança, Agnes. Não entende o que temos aqui? Logo, ninguém será capaz de nos dizer "Faça isso, faça aquilo, vá para a cama, coma seu jantar", essa antiga vida acabou! Em vez disso, nós lhes ordenaremos, mandaremos em todos.

— Por que íamos querer mandar em alguém, mais do que a nós mesmos?

— Não fale como uma tonta. Realmente quer passar por todo este trabalho secreto, apenas para curar uma dor de dente, sua cozinheira e essas insignificâncias?

— Se isso é tudo que posso fazer é melhor do que nada – eu disse teimosamente. – Por que te irrita que eu queira ajudar os outros?

— Por que não está me ajudando! Eu deveria ser a quem oferece seus talentos, e não a humanidade. Não sou a pessoa mais querida para você? Agnes, não te importo em absoluto? – lentamente me abraçou, até que pudesse sentir seu hálito quente em meus lábios.

Sua boca descansou sobre a minha, e o fogo saltou para a vida dentro do meu corpo enquanto ele me beijava. Eu havia estado sonhando com este momento, quis segurá-lo e não deixá-lo ir. Mas ele me rejeitou.

— Pare! O que importa seus beijos, quando não me dão a única coisa que eu quero?

— O quê? – Cai, sem ar. – O que você quer?

Permaneceu em silêncio por um longo tempo. Nossos batimentos cardíacos pareciam ecoar através da pequena gruta.

— Quero ir além disso ... estes truques que temos aprendido. O livro nos fala que o "Lado Místico" é o caminho da cura e poder – sua voz era artificial e estranha, como se tivesse ensaiado em um discurso. – Você é curandeira, Agnes. Eu vi o que você é capaz de fazer, e sei que poderia fazer grandes maravilhas. Eu quero que me cure.

— Te curar? Então você está doente? Diga-me!

Evitou os meus olhos, e falou com voz muito baixa.

— Sim, Agnes, estou doente. Tenho uma condição que me matara se não me salvar.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Sufoquei um soluço. Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

— É ... foi causada pela febre? – perguntei, obrigando-me a falar.

— Sim. – repetiu estranhamente. – Tenho uma febre ardente em mim. A febre da vida.

— Não entendo.

— Estamos todos doentes, Agnes. O que é essa vida, senão uma sentença de morte lenta? As sementes da nossa destruição estão dentro de nós no segundo em que nascemos. Preciso que me cure da minha humanidade e não morrerei.

— Mas...

— Deve fazê-lo! – Agarrou meus braços novamente. – Esses estudos estão me esgotando. Sinto que agonizam minha mente. E qual é o ponto, de que se esculpir nossos conhecimentos, se vão morrer conosco? Talvez não em dez ou vinte anos, mas sim eventualmente. Nós morreremos Agnes, quando for nossa hora de ir. Então porque não usar seu grandioso dom, que foi colocado em nosso caminho para transcender o tempo? Poder e cura, Agnes! Pense nisso! – Ele me olhou com entusiasmo, o azul de seus olhos eram vidros de aço cinza com a tristeza da caverna.

— Por que não me curar tão completamente que possa transcender a morte? Por que não buscar o lado místico, para a chave da vida eterna?

— Não, pare! Está me assustando.

— Mas por que não, Agnes? O que nos impede de estar lado a lado para sempre: sem alterações, intocáveis, imortais?

Não podia falar ou pensar. Ele tentou me abraçar, mas me libertei dele.

— Porque é errado. É uma loucura.

— É uma loucura não fazê-lo e não vou permitir que me impeça – Sua voz era áspera, e ofegava um pouco como se tivesse febre.

Tentei falar razoavelmente.

— Esqueceu que a vida eterna já foi prometida a toda a humanidade? – Seu rosto endureceu.

— E para chegar a ela tenho que envelhecer morrer e ser punido por meus pecados? Quem pode ter certeza de que existe um paraíso eterno nos esperando, e não uma condenação eterna? Além disso, eu quero viver aqui, neste mundo, ser jovem e forte para sempre, não desvanecer em outro mundo que pode não existir – caiu de joelhos diante de mim.

— Por favor, Agnes, por favor, me ajude. – implorou. – Não posso continuar em frente, neste tormento, sabendo que tudo que desejo está tão perto e ao mesmo tempo tão longe de chegar. Deve me ajudar! Sei que tem o poder de fazê-lo. Sei que tocas o Fogo Sagrado em sua mente, e eu poderia chegar até ele através de você, se só me deixar. Uma faísca seria o suficiente!

Eu queria ajudá-lo de todo meu coração, mas não podia ouvir seus delírios. Pela primeira vez na minha vida queria ficar longe dele.

Soltei meus pés de suas mãos e corri, escorregando no escuro, apenas sabia o que estava fazendo. Quando voltei para o meu quarto estava tremendo. Girei a chave na fechadura, e arrastei uma cadeira contra a porta. Tinha medo dele. Tinha medo de mim mesma.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Certamente as limitações da nossa vida humana foram colocadas para nos manter a salvo. Que nos impede de cair no vazio do caos? O que acontecerá se S. tentar passar por cima destes limites? Havia um olhar selvagem em seus olhos, um desespero que me atormentava.

Sei, nos lugares secretos do meu coração, que eu poderia aprender a fazer o que ele me pedia. Por alguma razão desconhecida, tenho sido abençoada, ou amaldiçoada, com a possibilidade de chamar o Fogo.

Mas ser capaz de fazer algo não significa que esteja certo. Eu poderia submeter meus poderes às trevas e ao desespero, e saber que isso levaria à miséria. - Os quatro grandes elementos podem curar e proteger, mas também podem destruir. Agora sei que tinha razão para ter medo, a primeira vez que nos atrevemos a explorar seus mistérios.

Desde essa terrível briga, eu me declarei doente e não vi ninguém. Não consigo dormir, não posso ficar quieta, não posso me sentar. Vou e volto por meu quarto com incansável energia, e sinto seus beijos ardentes sobre meus lábios novamente. Morro de vontade de demonstrar meu amor, mas não por algo ruim.

À noite, me levantei e me sentei no banco da janela, olhando através dos jardins das ruínas, e pensei que tinha visto algo dele, perto do lago. Ele estava vestido com o casaco de equitação e falava com uma garota, mas ambos estavam velados por uma mística estranha. Era uma menina com uma saia curta que eu vi nas visões. Eu não era ciumenta, mas sim estranhamente atraída por ela, meu coração disparou, por algum motivo desconhecido, como se fosse tão querida para mim como uma irmã.

Abri a janela e suas figuras foram fundidas pelas sombras. Logo, esta manhã estava caminhando nos jardins e pensei que a tinha visto outra vez. Tentei chamá-la, adverti-la, mas ela desapareceu no ar como um sonho.

Hoje fiquei sabendo que ele foi embora para Londres. Acho que levou o livro com ele, já que desapareceu do nosso esconderijo na gruta. Odeio pensar que escuros lugares poderia estar buscando pela cidade grande, e em seu coração. Talvez seja tarde demais para salvar o meu amado. Mas, se não há nada mais, tenho que descobrir quem é essa garota e salvá-la dele. E do que ele poderia se tornar.



First love never dies . . .



Capítulo 25

— *E*vie Johnson! – Senhorita Schofield gritou para mim do outro lado do campo de lacrosse. – É o quarto passe que você perde essa manhã. Pare de sonhar acordada!

Olhei para cima, sobressaltada. Eu estava me sentindo tão miserável por causa do bate-boca que tivera com Sebastian, que nem havia percebido a bola em algum lugar próximo.

— Se recomponha, Johnson – chamou Celeste enquanto, astutamente, enfiou em minhas costelas a ponta de seu taco. Então, India se transportou para cima de mim, uma expressão de zombaria estragando sua carinha bonita, mas eu não liguei. Nada comparado a dor de brigar com Sebastian. Nunca mais quero vê-lo de novo. Nunca mais quero vê-lo de novo... Nunca mais. O vento lamentou através das árvores, e me senti extremamente sozinha.

— Vamos! Traga logo esses equipamentos!

Enquanto eu trotava para lá e para cá, fingindo estar interessada, a luz de repente escureceu como se alguém tivesse apertado um interruptor. Os gritos vindos do jogo desapareceram gradualmente dentro do fino céu azul, até que o único som que eu podia ouvir era o do meu próprio coração, martelando uma mensagem de medo. Fiquei paralisada, enraizada no solo, incapaz de falar. O taco de lacrosse caiu inútil de minhas mãos. E, então, uma garota trajando branco saiu do meio das árvores ao lado do campo. Seu longo vestido flutuou com o vento, seu cabelo vermelho esvoaçando solto em seus ombros, e seus olhos cinza perfuraram os meus. Ela bradou, Fique longe dele... Fique longe... Tenha cuidado.

O que quer dizer? Quem é você? Tentei dizer em resposta, mas minha garganta estava seca e as palavras não conseguiam se formar. Então, ela sumiu aos poucos no ar como um sonho.

Bang! A bola de lacrosse atingiu um lado da minha cabeça e eu cambaleei. Pensei vertiginosamente que Celeste estava rindo de mim, mas então, vi Sarah correndo até mim.

— Oh, me desculpe, Senhorita Schofield – ela ofegou. – Eu errei minha jogada. Desculpe, Evie; você deve estar machucada. – Ela olhou para mim, significativamente.

— Não, não estou – murmurei.

Senhorita Schofield enquadrou seus pesados ombros e me encarou.

— É sua própria culpa por não manter o olho na bola toda hora, Evie. É a primeira regra do jogo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Tenho certeza de que não há nada de errado... – começou Senhorita Schofield. Sarah apertou minha mão de modo doloroso.

— Ai! É... Está doendo.

— Está bem – disse Senhorita Schofield. – Está liberada. Agora, garotas, de volta ao jogo. Vocês duas ai, Becky e Sophie, podem vir para cá e substituir, mas pelo amor de deus, concentrem-se." Naquele instante, Sarah já estava me guiando pelo caminho que levava para os jardins principais e as ruínas da capela. Sentia-me doente e atordoada. Eu tinha pensando que estava curada daquelas visões estranhas, que Sebastian as havia empurrado para fora da minha grande imaginação. Mas a garota parecera tão real. Fique longe dele. Olhei ao redor em pânico. Estava eu tendo alguma espécie de colapso?

— Vem, por aqui – Sarah disse firmemente.

Os restos esmigalhados das ruínas elevavam-se a nosso redor, e Sarah abaixou-se através de uma entrada íngreme. Uma escadaria úmida levava para baixo.

— O que é isso? – perguntei em alarme. Os degraus terminavam em uma pequena, friamente úmida câmara sobre de uma camada de líquen e musgo. Era apenas o tipo de lugar que eu odiava. Tentei me recompor, tentar pensar e falar racionalmente. – Onde estamos indo?

— Precisava falar com você em particular, onde não seríamos ouvidas – Sarah respondeu. – Desculpe por ter jogado a bola em você, mas não tive outra escolha.

—Você quase me fez desmaiar apenas para conversar comigo? Não é um pouco extremo de sua parte?

— Estou apenas tentando te ajudar, Evie. Sei que está em perigo.

— Ah, qual é, você não está vindo com aquele tipo de lixo 'Eu sou uma cigana com sexto sentido'.

— Não é um lixo – Sarah argumentou seriamente. – É real. Nunca pensei que isso fosse especial – ela continuou – porque sempre fui capaz de fazer isso. Não prevendo o fim do mundo, apenas coisas do tipo ser capaz de dizer a alguma pessoa se ela está feliz ou não, saber com certeza como o tempo será no dia seguinte. Uma vez, quando minha avó caiu e quebrou o braço, eu sabia que havia acontecido antes de minha mãe me contar. Mas desde que você chegou a Wyldcliffe, tudo mudou. Continuo recebendo mensagens de alguém de muito longe que quer chegar a você. O que você viu naquela hora?

O que ela queria dizer? Ela havia visto a garota também? As palavras do motorista do taxi de repente ecoaram em minha cabeça. Aquele lugar amaldiçoado, ele nomeara Wyldcliffe. Porque eu havia vindo para cá? Pensei de modo selvagem. Estava me afogando em medo, ficando louca, rodeada de pessoas piradas. E agora, Sarah era um deles também.

— Diga-me o que viu – ela apressou.

— Eu não vi nada! O que há com você? Pensei que era a única normal por aqui, com os pés no chão...

— A terra é cheia de segredos – Sarah disse com um sorriso pálido. – Você também guarda alguns segredos, não é mesmo, Evie? Como perambular pelo terreno a meia noite.



— Como você sabe? – embasbaquei.

— Não há mistérios sobre nisso – ela respondeu. – Fui ver Helen na enfermaria ontem. Ela me disse que você tem fugido noite após noite. Ela vem olhando você. E está preocupada contigo.

— Ah, claro, tão preocupada que contou para a Senhorita Scratton! Foi muito amigável da parte dela.

— Amigos às vezes tem de fazer escolhas difíceis.

— Escute, Helen Black não é minha amiga, e se ela quer perder o tempo dela me espionando, é o problema dela.

— E qual é seu problema, Evie? Porque estava encarando o nada agorinha, falando com o ar? Se eu não tivesse enfiado a bola em você, todo mundo teria notado. O que está acontecendo? Porque deixa os dormitórios todas as noites?

Não consegui mais lutar. Estava tão cansada, muito cansada de continuar fingindo. Afundando até o chão, caí bruscamente contra a parede fria de pedra e deixei que as palavras deslizassem para fora de mim.

— Venho me encontrando com uma pessoa, um garoto que conheço. E eu a vi de novo.

— Quem?

— A garota de branco. Já a vi três vezes até agora. A primeira vez foi naquele dia, na sala da Senhorita Scratton, quando eu havia acabado de chegar e você cuidou de mim.

— Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo – disse Sarah. – Tinha certeza disso. Então, você a viu mais uma vez?

— Sim – eu assenti. – Mas dessa vez ela estava me dizendo para ter cuidado... com ele.

— O garoto que você conheceu?

— Acho que sim – eu disse miseravelmente. – De quem mais ela poderia estar falando?

— Mas quem é ele? – Sarah perguntou. – Porque alguma garota iria te advertir sobre ele?

— E eu vou lá saber! Eu nem ao menos sei se ela existe. Só sinto que estou ficando louca.

— Como a garota é?

A pálida e fantasmagórica imagem flutuou a frente dos meus olhos mais uma vez.

— Ela tem cabelos vermelhos e olhos cinza.

— Você quer dizer que ela parece com você?

Dei de ombros.

— Talvez. Não sei quem é ela ou o que quer dizer. Mas estou com medo.

— Vamos lá. Temos que ir a biblioteca antes que alguém nos veja.

Alguns minutos depois, nós deslizamos para dentro da biblioteca ornamentada, que era alinhada com largas estantes de livro de mogno. Uma parilha de algumas garotas mais velhas estava lendo silenciosamente em uma das enormes mesas. Uma delas olhou para a gente e franziu os olhos.

— Vocês podem estar aqui?



— Senhorita Scratton nos mandou para achar alguma coisa, Emily – Sarah mentiu, andando de propósito até a seção de história. Ela procurou através das prateleiras cheias, tirando alguns livros e procurando por algo.

— O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

— Só um minuto... Ah! Aqui está. – Ela começou a folhear um pequeno livro azul. Era velho e de aparência chata, dificilmente maior que um panfleto. Uma Pequena História da Escola Wyldcliffe Abbey por Reverendo A. J. Flowerdew. – Eu encontrei isso no meu primeiro ano. Sempre gostei muito desse tipo de coisa. Foi escrito por um vigário local — não o que nós temos; outro cara de anos e anos atrás. Espere — olha!

A única pintura sobrevivente de Lady Agnes é guardado no CONvento. Acredita-se que foi encomendada por Lorde Charles para marcar o aniversário de dezesseis anos de sua filha em 1882, dois anos antes de seu acidente fatal a cavalo, que aconteceu após um período de estadia no Continente. O artista é desconhecido.

A pintura havia sido reproduzida no lado oposto da página, suas cores borradas no papel barato. Mas não havia erro com o rosto familiar, aqueles olhos cinza, emoldurados por uma vasta cabeleira ruiva e as longas e antigas roupas.

— É essa a garota que você viu?

Assenti vagarosamente. Um acidente a cavalo, o livro disse. Podia ver tudo muito claro. A garota deitada em um monte rachado na urze arroxeadas. Um cavalo castanho cheirando seu cabelo vermelho e ela encarando sem expressão o céu azul enquanto as cotovias voavam mais acima.

— Ela morreu – eu disse de modo idiota. – Ela está morta.

Mas é claro que ela estava. Mesmo que ela tivesse vivido cem anos atrás, ela teria morrido há muito tempo.

— Ela parece com você, Evie. Eu sabia que você parecia com alguém que já havia visto na primeira vez que a vi. – Sarah franziu o cenho para as páginas desgastadas. – Vocês poderiam ser irmãs.

— Não parecemos tanto assim – respondi em pânico. – Só porque nós duas temos cabelo vermelho...

Emily nos encarou e disse:

— As duas já não encontraram o que procuravam? Estou tentando me concentrar aqui.

Sarah deslizou o livro para de baixo da saia dela e nós duas seguimos até as escadarias de mármore.

— Nós temos que ir até a enfermaria – ela falou – como contamos a Senhorita Schofield. Diga a ela que sua cabeça ainda dói por ter sido acertada. Se ela deixar você ficar deitada por algumas horas, poderá ler o resto desse livro e ver se tem algo útil nisso.

Deixei ser comandada. A enfermeira tirou minha temperatura, me deu uma aspirina e disse para que eu descansasse em uma das macas. Helen estava dormindo profundamente no lado mais longe da sala. Escondi o livro em baixo do meu travesseiro. Não precisava olhar de novo para saber se aquela garota era a mesma que eu havia visto.

Lady Agnes.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Se Sarah esivesse certa, eu havia sido contatada por um espírito de uma garota vitoriana morta que parecia tanto comigo que poderia ser mal-entendida como minha irmã. E ela estivera me advertindo para ficar longe de Sebastian.

Immortal

First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 93

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 26



DIÁRIO DE LADY AGNES, 21 de dezembro de 1882.

S. voltou de Londres há quase duas semanas. Consegui me fazer ficar longe dele por todo esse tempo. Queria vê-lo, mas não desejava repetir nossa desavença. Então, ontem, ele me chamou inesperadamente no Convento e pediu que andasse com ele até os mouros. Foi lá que ele me contou suas novidades, meio orgulhoso e meio desafiador.

— Como você pode fazer isso? – esbravejei. – E porque não me contou?

— Fiz isso porque você não teria me ajudado. Tive de encontrar aliados em outros lugares. E não contei para você porque sabia que iria reagir desta maneira.

Andei através da urze, vagamente ciente da onde eu ia. O sol brilhava pacientemente no topo dos mouros, mas entre nós dois havia uma nuvem de agitação e raiva.

— Pare! Agnes espere! Deixe-me explicar.

Ele segurou minha mão e me fez sentar na relva molhada. A brisa soprou o cabelo de sua testa, e fiquei sem reação com a visão de sua face, tão aberta e impaciente quanto nos antigos dias. Se pelo menos eu conseguisse parar de amá-lo! Tudo seria muito mais simples.

— Então, que explicação você pode dar?

— Não tive escolha, Agnes – ele respondeu com uma estranha luz em seus olhos. – Você sabe tanto quanto eu que o Livro diz que para se tornar o Mestre do nosso ofício, preciso ter um coven⁴⁰ de Irmãs a meu redor. Você deixou claro que não iria me servir, então tive de procurar em outros lugares. Encontrei o que eu queria aqui em Wyldcliffe.

— O que? Algumas simples garotas de vila bajuladas por suas atenções? Como elas poderão te ajudar a conquistar alguma coisa grande ou boa?

— Estou as ensinando. Elas são mais poderosas do que você imagina. E estão dispostas a aprender, para me agradar. – Seus olhos hesitaram em mim e eu corei, dificilmente sabendo o porquê. Então, ele riu de modo cruel. – Porque, Agnes, eu acredito que você está com ciúmes das minhas Irmãs. Mas você não pode recusar a ficar do meu lado e reclamar se as outras escolherem ocupar o lugar que você deixou desocupado?

— Nunca teria deixado esse lugar se não tivesse me feito!

— Como? Como a fiz me deixar?

— Investindo em coisas muito profundas e obscuras – eu disse. – Não posso segui-lo nesse caminho que você está.

⁴⁰ Coven = uma assembléia de 13 bruxas.



Ele veio e se sentou perto de mim, gentil por um momento, como uma águia adestrada.

— Sim, você pode, Agnes. Não é muito tarde. — Ele pegou minhas mãos. — Se juntarmos forças de novo, podemos encontrar a chave do que procuro. Estou tão perto, mas preciso que você me ajude. Pense, Agnes, pense! Vida eterna... uma vida sem morte, sem erros, sem doenças, sem fim. E poderia ser sua, se apenas concordasse. Poderíamos viver juntos para sempre, nunca sermos separados. Você não tem motivo para temer minhas novas servas. Elas são necessárias para mim, mas não significam nada; são apenas meros instrumentos para eu usar como desejar.

Lutei para resisti-lo.

— Você não devia falar dessa forma. Cada uma delas possui uma vida preciosa — uma alma preciosa. E não está ensinando a elas os verdadeiros Mistérios. Está fazendo uma arte antiga virar magias doentes. Nós deveríamos usar nossos poderes para viver bem no tempo que nos foi concedido, não tentar roubar um tempo que não é nosso. Diga a essas garotas para voltar para suas mães e seus próprios caminhos. Você não as traz nenhum bem.

— Elas estão felizes que eu as esteja guiando em direção à imortalidade.

— Você está guiando elas para algo perigoso e cheio de desespero! Há coisas piores do que a morte. Viver para sempre é se tornar algo menos humano. Deixa-as irem! As liberte da sua ocupação.

— Eu tenho um plano melhor — ele disse. — Minhas Irmãs precisam de uma líder para guiá-las. Elas precisam de você, Agnes. Você seria a Alta Sacerdotisa do meu coven, e eu seria o Mestre. Você e eu... não é isso que você quer?

— Não, não dessa forma; é errado. — Olhei para ele, de repente clara e calma. — Além do mais, há outra garota, muito longe. Eu já a vi com você. É ela que você ama, não eu. Você a colocará em perigo se continuar, colocará a todas em perigo...

— Que insanidade, Agnes. — Ele riu. — Nós nunca conheceremos o perigo, apenas poder e glória. E é com você que me importo. Você sabe disso. — Os olhos deles me transpassaram como uma lasca de vidro; e eu estremeci, sem poder sobre seu olhar. — Ah, Agnes — ele suspirou. — Nossa vida poderia ter sido tão bonita. De qualquer modo, não me ama?

Ele beijou meu cabelo, meu rosto e meus olhos. Senti a força de sua vontade batendo contra mim. Balancei vertiginosamente e ele me segurou em seu abraço.

— Sim — confessei. — Eu te amo. Eu te amo.

Ele me beijou e eu o beijei de volta de novo e de novo, até que eu estava tremendo de febre.

Então, ele disse:

— Poderíamos ter esse momento para sempre. Isso e muito mais, prosseguindo sempre e sempre, e nunca sabendo disso. Eu já cheguei até metade desse caminho. Tenho tudo que preciso, com exceção a uma única coisa: Um toque de sua mente e vontade, Agnes, é tudo que peço, uma centelha de Fogo. Me cure dessa vez e para sempre, te imploro. Mas se recusar, você se tornará minha inimiga por toda a eternidade.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Dei um passo para trás. Esse foi o momento em que tudo havia sido levado nessa direção. E naquele momento eu soube que não poderia dar a ele o que queria.

— Desculpe-me. Não posso fazer como pede.

— Você pode, Agnes; você deve – ele apressou. – Divida seu poder comigo. Case-se comigo para que não precisemos ter mais segredos um com o outro, e viveremos felizes por toda a eternidade.

Ele começou a me beijar de novo e tentei empurrá-lo para longe.

— Não posso – soluzei. – Não irei! Deixe-me! Me deixe ir, eu te imploro...

Mas ele não iria. Ele me apertou cruelmente, quase me quebrando em seus braços.

— Preciso de seu poder. Eu o terei!

Em desespero, fechei meus olhos e vi o Círculo Sagrado em minha mente, queimando com um fogo branco na escuridão da noite. Eu repeti os encantos. Explosões de vermelho e azul e laranja queimaram atrás dos meus olhos e eu repeti uma palavra de Poder.

Uma rajada de vento jogou ele longe para o outro lado da urze. Um filete de sangue estava em sua face. Eu corri até ele e deitei sua cabeça em meu colo, tentando aliviar a sua dor. De novo e de novo eu murmurei:

— Desculpe-me, desculpe-me, desculpe-me...

Então ele abriu seus olhos e cambaleou em seus pés, limpando o sangue com sua manga.

— Então, essa é sua resposta. Você não irá se juntar a mim. Você está pesarosa.

— Essa é minha resposta.

O silêncio pendurou pesado sobre nós. Uma cotovia planou e subiu acima de nós.

— Olha, Agnes – ele disse. – Isso é tão bonito. – Ele virou para mim e pausou. – Tão bonito... e tão longe para alcançarmos.

Então, ele se foi, andando pelo vale até que estava longe o suficiente para que não o visse mais.

Não o tenho visto por tantos dias. Não sei se o verei algum dia outra vez.



First love never dies ...



Capítulo 27

*E*u não sabia se voltaria a ver Sebastian de novo, mas me aterrorizava seguir tendo mais visões. Enquanto estive na enfermaria por dois - ou foram três? - dias, um fogo ardia em minha cabeça, trazendo pensamentos confusos e sonhos desconexos.

A enfermeira chamou o Dr. Harrison, que levantou as sobranças novamente quando me viu. Ele disse algo sobre ter um vírus e necessitava de muito descanso e bebidas quentes. Fiz o que ele me disse, mas realmente não estava lá. Eu estava revivendo tudo o que tinha acontecido, analisando cada pedaço da minha mente, tratando de dar um sentido a tudo.

A menina. Advertências. Sebastian. Mas ela está morta, eu disse a mim mesma, ela está morta. Eu não acredito em fantasmas... Não acredito em fantasmas... Não...

Mas aconteceu. Eu já tinha visto, ouvido a sua voz. Por mais que você tente lutar contra isso, havia algo em mim que sabia que era real. Ela de algum modo era parte de mim.

Isso era tudo, eu me disse. A menina com cabelo vermelho era parte do meu subconsciente, uma versão de mim, uma parte escondida em minha mente que tratava de me dizer que tinha que ser cautelosa sobre o relacionamento com Sebastian. Sua recusa em me deixar conhecer sua família havia me assustado, e esta menina e sua mensagem era só uma espécie de reação psicológica.

Tinha visto ela no primeiro dia, contudo, lembrei-me, muito antes de ter começado a ter um relacionamento com o Sebastian. Um relacionamento. Essa palavra desajeitada e feia para algo que era impossível de realizar, uma dança complexa entre duas pessoas, como a força das ondas.

Eu não sou bom com relacionamentos.

Sebastian tinha dito isso. Foi sua culpa desta vez, ou foi minha? Na verdade não importa. Nosso relacionamento, ou seja, lá o que era, acabou agora. Eu havia-me afastado dele, e seu orgulho não vai tolerar isso. Porque eu tinha perdido minhas estribeiras tão estupidamente? Eu estava lamentando. No entanto, ele disse que estaria à espera.

Era noite de domingo. Senti-me melhor, pelo menos fisicamente. Uma bebida fresca estava no criado-mudo. Bebi-a com entusiasmo. Ninguém estava lá. Helen tinha voltado para a classe, curando-se do que tinha trazido aqui. Quando eu estava acordada, ela dormia, ou fingia dormir, por isso não tinha tido a oportunidade de falar com ela. Não importa, de qualquer maneira. Não tinha nada a dizer a Helen Black.



Aos poucos, eu saí da cama e caminhei até o banheiro pequeno. Abri a torneira e lavei o rosto com água fria. Quando eu olho no espelho, minha pele translúcida e pálida mais do que nunca, tão pálida como uma garota vitoriana em uma pintura antiga.

A pintura. Isso não foi apenas uma manifestação psicológica. Era um retrato de Lady Agnes Templeton. Era um fato claro e sólido. O quadro é semelhante ao da garota que tinha visto. E ela parecia a mim. Foi tudo isso uma mera coincidência?

— Evie!

A enfermeira estava me chamando do outro lado da porta. Enxuguei meu rosto e sai do banheiro. Ela estava segurando um termômetro na mão.

— Eu só vim a tomar sua temperatura. Sente-se melhor?

Não estava doente, eu estava só um pouco cansada. Subi na cama.

— Sim, eu creio que sim. Que horas são? – Quase nove. As meninas já devem ter jantado.

Ela pegou minha temperatura eficiente.

— Sua temperatura é normal. Você será capaz de levantar e reunir-se com seus companheiros de classe amanhã. Falando nisso, sua amiga está morrendo de vontade de vê-la. Ela está esperando lá fora. Eu a deixo passar? – Concordei. A enfermeira saiu e falou com alguém no seu pequeno escritório. Eu estava com medo, meio esperando a garota de cabelos vermelhos com sua longa saia branca entrar. Mas era Sarah, feliz e real.

— Sarah! – Eu soltei um suspiro de alívio.

— Como você se sente? – Ela perguntou. – Eu trouxe isso. – Era uma delicada mostra de flores silvestres de cor azul pálido em um frasco pequeno.

— Obrigado. Elas são bonitas.

— Não são de minha parte. Encontrei-me com Helen perto das ruínas. Ela me pediu para dar-lhe e que lhe dissesse que a perdoasse.

— Perdoar por quê?

— Por dizer a senhorita Scratton que você não estava na cama naquela noite. Helen quer que saiba que o fez para te deter e te proteger de um problema maior. Ela disse que espera que você entenda.

— Não entendo. Na verdade, eu não entendo Helen.

— Helen é diferente... – Disse Sarah. – Ela teve uma vida difícil. Eu tinha ouvido dizer que, antes de vir para Wyldcliffe, estava em uma espécie de casa das crianças.

— Você quer dizer, que estava em um orfanato? – Eu não poderia imaginar alguém sem família.

— Acho que sim. Ela não fala sobre isso.

— Uma vez, você sabe, você teve confiança nela? – Perguntei curiosa.

— Você não tem que ter nenhum dom especial para dizer que ela não está feliz. Mas para ser honesta, é como se ela estivesse envolvida em um redemoinho de vento protegendo-se de qualquer estranho. Ela sempre foi um pouco solitária. E algumas das meninas a fazem passar maus momentos. – Eu sabia que ela estava se referindo a Celeste.

— Helen ... Ela era amiga de Laura?



— Não realmente. Laura era totalmente influenciada por Celeste em tudo o que fazia. Não havia se preocupado em tentar conhecer Helen. Muitas pessoas não o fazem.

Eu me senti desconfortável. Eu tinha muito rapidamente me livrado de Helen. Sarah foi assegurar-se que a porta estava fechada, então se virou para mim e perguntou:

— Evie, você já pensou um pouco mais sobre o que você viu?

— Eu não pensei em mais nada. E eu estive me perguntando se todo o assunto com Lady Agnes não é algum tipo de mensagem de meus próprios sentimentos, me dizendo que eu tenho que parar tudo com Sebastian.

Eu disse sem jeito o nome. Ele tinha sido o meu segredo e parecia um erro falar de uma forma tão casual dele.

— Mas você disse que a menina estava vestida como Lady Agnes na pintura, e não tinha visto a pintura antes de te mostrar o livro. Assim que, na primeira vez que você a viu na sala de aula, não poderia ter sido apenas uma imagem projetada de seu subconsciente ou qualquer outra coisa.

— Eu não tenho tanta certeza. O livro do reverendo Flowerdew diz que a pintura se conserva na abadia. Havia um monte de quadros antigos nas paredes. Eu poderia ter passado por ele no passado sem que eu soubesse.

— Ou mesmo possa ter recebido uma mensagem de Lady Agnes.

— Então por que você não a vê? – Perguntei. – Quero dizer você é a única que tem sangue cigano e você é clarividente.

— Não tenho a pretensão de ter o poder de clarividência. Só estou disposta a tirar outras conclusões. Enfim, eu acho que Agnes só aparece diante de você, porque você é o que ela precisa para se comunicar.

Eu não queria ser convencida.

— Eu só acho que devemos ser racionais – disse – Não nos deixemos levar por todo este absurdo.

— Muito bem, então vamos ser racionais. O retrato de Lady Agnes parece de uma maneira estranha como você. Bem, há uma perfeita explicação lógica e científica para as pessoas que têm alguma semelhança.

— O que você quer dizer? – Perguntei em voz alta.

— Genética simples, Evie – disse – Você e Lady Agnes podem ser familiares.

— Isso é impossível.

— Por quê?

— Porque ela era rica, aristocrática – Tentei explicar. – E eu sou... normal.

— Acho que você é qualquer coisa menos comum – disse Sarah. – Ainda assim, as famílias mudam, perdem seu dinheiro, se mudam para áreas diferentes. Sabemos que Agnes não tinha filhos, porque ela morreu em um acidente. O livro do reverendo diz que seus pais morreram poucos anos depois de uma febre. Eles não tinham nenhum descendente direto para assumir o convento, assim que se tornou uma escola.

— Eu não entendo.

— É simples, Evie. Agnes pode ter tido outros parentes, como primos e eles podem ter tido filhos. Você disse que sua avó tinha família nesta área, certo?



Poderíamos tentar encontrar a sua árvore genealógica para ver se está, de alguma forma, relacionada com os Templetons. Isso não seria perder tempo com um velho vodu. Isso seria realista, ok?

Eu estava fascinada com a idéia, que parecia tranquilizadamente prática. Talvez não houvesse nada mais que um velho vínculo familiar e os trabalhos do meu inconsciente.

— Mas eu não sei por onde começar. Não posso pedir a Frankie. Ela está doente demais para poder ajudar.

— Pode escrever e perguntar ao seu pai. Ele poderia se lembrar de algo.

— Sim, ele pode – eu concordei. – Ok, eu vou escrever.

Sarah sorriu encorajadoramente, mas hesitou.

— Evie, quem é esse cara que você estava vendo? – Perguntou. Isso foi uma pergunta que eu estava fazendo para mim mesma uma e outra vez.

— Ele se chama Sebastian James. Ele mora aqui perto. – Busquei pelos fatos brutos. – Ele monta um cavalo negro e vai para a faculdade no próximo ano. A Oxford.

— Estou impressionada. Tem que ser muito inteligente. Mas por que você se encontra com ele à noite?

— Sra. Hartle dificilmente vai convidá-lo para o almoço, você não acha?

— Bem, bem – disse Sarah. – Então, ele está esperando para ir para a faculdade, sabe que não deixariam entrar Wyldcliffe, e obviamente gosta de um romance com encontros à meia-noite... o que mais?

Havia mais, certamente. Como eu poderia descrever o enfoque masculino de sua bochecha, a luz em seus olhos e a calidez do seu sorriso? Como poderia explicar a emoção que sentia em estar com ele, ou a dor de nossa luta? Eu não poderia sequer tentar. Então, eu não disse nada.

— Não sei se você está planejando ver Sebastian novamente, mas eu não acho que você deveria – Sarah continuou. – Não até que tenhamos encontrado algo mais. E definitivamente não deveria se encontrar com ele na noite, Evie. É muito arriscado. Ele pode ser perigoso.

Os estados de ânimo de Sebastian. O segredo de Sebastian. O brilho em seus olhos, o brilho de seu temperamento. Isso o fazia perigoso? Por acaso não são todos os seres humanos potencialmente perigosos? Uma voz irritante na minha cabeça me fez lembrar de algo que Sebastian uma vez disse: “Não quero que isso vá muito longe. Pode ser perigoso para você.”

— Você está dizendo que ele é um assassino? – Eu disse defensivamente.

— Não, eu estou te pedindo que tenha cuidado. Se ele sente algo real, entrara em contato com você. Você sabe, escrever uma carta ou algo assim. E se você for apanhada saindo de novo na noite, você poderia até mesmo ser expulsa.

— Sim, bem, eu poderia ter passado sem que Helen tivesse falado – resmunguei.

— Ela estava apenas tentando...

— Eu sei, eu sei. Só estava tentando ajudar.

— Por favor, Evie.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Não queria dizer a Sarah que provavelmente isso tudo havia sido com Sebastian. Dizer-lhe o fazia muito real. Preferia fingir que fui persuadida por seus argumentos.

— Muito bem – eu concordei. – Esperarei. Não o verei até que saibamos mais. Ok?

— Certo. – Ela parecia aliviada. Naquele momento a enfermeira enfiou a cabeça pela porta.

— Sarah, é hora de ir. Parece mais radiante, Evie. Estar com sua amiga lhe fez bem. – depois foi embora. Sarah apertou minha mão e sorriu.

— Te vejo amanhã.

— Sim, te vejo amanhã. E muito obrigado, Sarah.

Vi como ela ia, me sentindo melhor. Estar com a minha amiga tinha me feito bem. Olhei para as pequenas flores que Helen tinha me dado. Talvez Helen, em sua estranha forma de ser, também queria ter amigas. Minhas amigas. Pareceu uma eternidade desde que tinha sido capaz de dizer isso e as palavras rodavam pela minha cabeça luxuosamente: as minhas amigas, minhas amigas. E ao longe, uma voz ecoou de resposta: minhas irmãs, minhas irmãs.

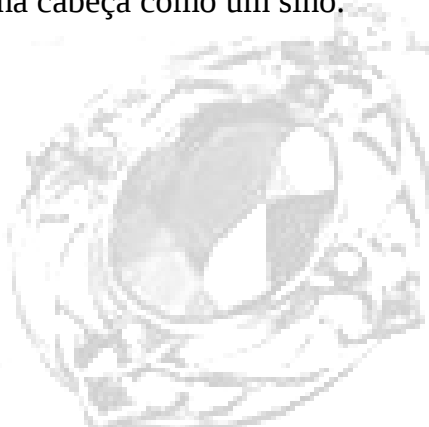
Eu estava cansada. Fechei os olhos, perguntei-me se meu pai poderia saber todas as respostas quando minha carta chegasse a ele. Tudo que eu podia lembrar foi Frankie dizendo que sua avó tinha sido do norte, uma mulher do campo, que havia vivido em uma fazenda perto de Wyldcliffe. Oh, qual era o nome da fazenda? Estava segura de que Frankie tinha o mencionado. Logo, algo tinha ocorrido à fazenda por alguma razão e a avó de Frankie tinha morrido, deixando uma filha. Seu marido - o avô de Frankie - tinha casado de novo e se mudou com sua nova mulher e com a pequena menina, encontrando seu caminho para o oeste e o mar. E a criança cresceu para ser a mãe de Frankie. Tudo parecia muito complicado.

O relógio bateu dez horas na sala branca. Bocejei.

Então, Frankie só tinha conhecido a avódrasta. Lembrei-me de ver uma foto antiga dela "Sally? Molly? - Sentada em um barco e remendando uma rede de pesca.

Mas essa não era a mulher certa, eu não estava familiarizada com ela. Eu estava à deriva, caindo no sono. Eu tive que ir mais para trás, tinha que voltar para a fazenda, o nome da fazenda... a fazenda...

Quando eu abri meus olhos na manhã seguinte, a resposta estava soando na minha cabeça como um sino.



First love never dies ...



Capítulo 28



DIÁRIO DE LADY AGNES, 12 de fevereiro de 1883.

Ontem de manhã, eu acordei com a resposta sobre o que fazer clara e brilhantemente em minha mente.

Mas é muito difícil!

Estas últimas semanas foram terríveis. S. tem estado muito doente. Se tão só pudesse ter ido para Oxford, em janeiro, como o havia previsto, as novas pessoas e idéias que haveria encontrado ali não poderiam haver abalado sua obsessão. Não há esperança disso agora. Há recaído em uma série de ataques e febres que fazem qualquer tentativa impossível. Seus pais estão desesperados e chamaram um conhecido médico de Londres para tratar sua melancolia.

Marta me disse que os empregados cochicham nos salões sobre as cenas terríveis que acontecem lá, como à luta de S. contra o médico e que destruiu os seus instrumentos e delira como um louco até que ele tem que ser controlado por seu pai e os homens do serviço doméstico. Eles imaginam que a febre que sofreu em Marrocos o está consumindo de novo, mas eu sei o que é realmente o que está consumindo ele, em corpo e alma. Sei que sou eu quem ele procura no seu delírio, e o “dom” precioso que ele acha que eu poderia dar-lhe se fosse de minha escolha.

Eu tenho que sair de lá, ficar fora de seu alcance.

Tenho que fazê-lo. Como muitos desesperados antes de mim, resolvi fugir para Londres, onde é tão fácil de esconder-se. Rasgará o meu coração deixar Wyldcliffe, mais do que nada me dói pensar sobre a dor que causarei aos meus pais. Eles nunca vão saber por que tenho que fazê-lo.

Eu escrevi uma carta para eles dizendo que quero liberdade e uma vida nova, e que será inútil procurar-me. Escrevi que devem fingir para o mundo cheio de fofocas que tinha ido ao exterior para ficar com a tia Marchmont em Paris. Quando disse boa noite a eles agora a pouco, eu disse a eles que eu os amava. Eles acreditaram quando lerem a minha carta pela manhã? Não há nada que eu possa fazer, no entanto, não há outra opção que possa tomar.

Amanhã me levantarei cedo, antes até da hora das empregadas, e tomarei o pouco dinheiro que tenho e uma pequena parcela de roupas. Subornarei o carteiro local, Daniel Jones, para que me encontre no final da estrada e me leve até a estação ferroviária mais próxima, em seguida, viajarei para a cidade grande, vestida em uma roupa normal que eu comprei secretamente na cidade.

Pobre papai, tinha prometido levar-me para Londres neste verão. Como teria gostado de mostrar-me a paisagem mudando à medida que se aproximava da cidade. Agora vou estar viajando sozinha.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Mas eu tenho dezesseis anos e eu sou grande o suficiente para ficar em um trem por várias horas.

É inútil fingir que não estou chorando. Meu pai sempre foi tão bom para mim, e incluindo mamãe, agora eu sei que nunca poderei vê-la novamente, e ela era mais amável comigo do que eu pensava possível. Agora eu vejo que ela só queria a minha felicidade, e se ela não pode imaginar uma maior felicidade do que ficar em uma elegante sala, isso não foi sua culpa.

Eu não posso escrever mais. Minha nova vida começa aqui. Depois de amanhã, será como se a Lady Agnes Templeton não existisse. É o fim de tudo. E é um começo.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 29

Era um novo começo.

Deixei a enfermaria e desci as escadas de mármore, faminta pelo café da manhã, segurando minha flor no pequeno vaso. No topo da escada segui descuidadamente em direção do corredor e caminhei direto contra a diretora.

— Oh! Sinto muito!

Um pouco da terra preta do vaso caiu sobre a manga de ceda clara da senhora Hartle. Ela calmamente a limpou, e então me impediu de tocar em seu braço. Aquilo me deu uma sensação estranha, como se tivesse sido tocada por alguma coisa morta.

— É contra as regras da escola correr nas escadas e corredores. Você já deveria saber disso por agora.

— Sinto muito. — Murmurei novamente.

— E o que é isso? — seus olhos escuros descansaram na planta. Ela parecia tão frágil e fácil de esmagar na presença da diretora. — Ah, é uma *Campanula rotundifolia*. Eu devo ter parecido confusa, por que ela explicou com uma ponta de desprezo. — Em inglês a comum harebell. Uma de nossas plantas nativas. Ela cresce nos muros.

— Helen que me deu. Vou plantá-la no velho jardim da cozinha.

— Helen? — ela repetiu com um leve arquear de sobrancelhas. — Que agradável. Só que você deve lembrar que é muito difícil para uma planta selvagem sobreviver depois de arrancada. Acho que você vai descobrir que seu presente não viverá muito tempo.

Minha pele se arrepiou quando os dedos dela se aprofundaram em meu braço. Então a diretora pareceu ter perdido o interesse em mim, e seguiu pelo corredor em direção a sua sala. A observei indo. Eu não gostaria de vê-la realmente irritada, decidi. Segui meu caminho para a sala de jantar, tomando cuidado para não correr.

Deslizei em um assento em frente á Sarah, ansiosa para contar para ela as novidades. Um instante depois alguém bateu em minhas costas. Celeste estava parada sobre mim.

— Bem, vejamos quem esta aqui... nossa amiga Evie, retornando dos mortos. Achei que aquela bola de lacrosse tivesse acabado com você? Que desapontamento. — Ela se afastou, e a senhorita Scratton chamou a atenção de todas paras as orações.

— Por que ela me odeia tanto? — perguntei para a Sarah enquanto estávamos comendo o café da manhã.



— Oh, a Celeste sempre foi um pouco dramática. Ela adorava a Laura, e de alguma forma colocou na cabeça que você está tomando o lugar da Laura. É claro que é totalmente injusto, mas acho que ela ainda esta muito chateada. Tente não deixá-la te aborrecer! – Sarah abaixou a voz. – Você já escreveu para o seu pai?

— Eu não preciso. – Falei animada. – Lembro do nome do lugar onde a família da Frankie viveu. Se chama Fazenda Uppercliffe. Tenho certeza de que é isso. Uppercliffe. – Para minha surpresa Sarah ficou desanimada.

— Não acho que vamos obter muitas informações lá. Já cavaleguei por Uppercliffe muitas vezes. Está em ruínas. Mas ainda podemos ir e dar uma olhada. – Ela adicionou rapidamente, vendo meu desapontamento.

— Tudo bem. Quando?

— Vamos cavalgar por aquele caminho no domingo à tarde. Vamos precisar pedir permissão da senhorita Scraton primeiro. Não posso me dar ao luxo de levar outro demérito, então vamos ter que fazer dentro das regras. tenho certeza de que ela vai nos deixar ir. Ela sabe que venho cavalgando há anos, e ela me deixa sair sozinha algumas vezes.

— Eu não sei nada sobre cavalgar! – A única vez que estive sobre um cavalo fora com o Sebastian, e na ocasião eu podia me segurar nele. Isso seria diferente.

— Vou ensinar você. Temos alguns dias para praticar. Vou montar Starlight, e você pode ficar com Bonny. Ela é um anjo, tudo o que você terá que fazer é ficar sentada lá e não cair.

Mas eu já podia me ver caindo. Tudo o que eu conseguia ver era meu corpo retorcido entre os muros, meus olhos sem vida abertos em direção do dia cinza, justamente como ela há muito tempo atrás. SEJA LEGAL OU VOCÊ MORRE. Empurrei o pensamento para longe.

— Tudo bem. – Falei com um esforço. – Vou me esforçar.

A senhorita Scraton fez um sinal e as meninas começaram a sair. Olhei ao redor á procura da Helen. Ela ainda estava sentada do outro lado da sala, esmagando um pedaço de pão e olhando para o vazio. Caminhei na direção dela.

— Obrigado pelas flores Helen; foi muito gentil da sua parte. – Sem querer eu estava usando a voz que as pessoas usam com quem esta doente. A voz que as enfermeiras usam quando falam com a Frankie. Tentei novamente. – Sarah me falou que posso plantá-la na parte dela do jardim da parede.

— As coisas não deveriam ser emparedadas. – Ela murmurou. Oh senhor, eu pensei, ela é completamente louca. Então ela olhou para cima e me deu um raro e doce sorriso. Vi pela primeira vez o quanto ela era bonita, com seu cabelo branco-dourado e seu rosto delicado. – Estou feliz que tenha gostado, Evie. É a minha flor favorita. E realmente sinto muito sobre o demérito. Eu só queria impedir você de sair à noite.

— Por quê?

Ela olhou ao redor nervosa, então sussurrou.

— Coisas estranhas acontecem em Wyldcliffe. Tenha cuidado.

Eu precisava saber mais.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Helen, acho que vi uma coisa estranha em Fairfax Hall. Sei que você estava doente naquele dia, mas vi alguém que se parecia exatamente como você, com a mesma cor de cabelo e tudo o mais. Era... poderia ter sido você?

A expressão dela mudou, como se uma sombra tivesse caído sobre ela. A senhora Hartle havia entrado na sala, e estava dando uma mensagem para a senhorita Scratton. Helen pulou.

— Não quero falar sobre isso.

— Mas...

— Deixe-me em paz!

Parecia que nós não iríamos finalmente ficar amigas.

Immortal



First love never dies . . .



Capítulo 30



DIÁRIO DE LADY AGNES, 2 de Março de 1883.

Deixei todos meus amigos para trás. Meus pais, Martha, o pessoal da vila... Todos estão perdidos para mim. Eu daria tudo para ser capaz de sair desse sonho ruim que é a cidade e caminhar nos muros novamente, com as harebells florescendo e com ele ao meu lado...

Mas não devo pensar dessa maneira. Minha vida agora é aqui. Esse é meu lar.

Encontrei um lugar barato para ficar, e até mesmo um emprego. Sou paga para costurar linho fino para mulheres ricas, juntamente com outra dúzia de garotas amontoadas em uma sala decadente sobre uma loja em Covent Garden.

Trabalhamos até tarde da noite para terminar os pedidos, e nosso chefe o senhor Carley é muito severo. Sinto vergonha por já ter usado roupas assim sem questionar como elas haviam sido feitas, ou a que custo. Pelo menos em minha nova vida, ganho minha vida honestamente. Espero poder manter esse emprego; se não, vou ficar rapidamente sem dinheiro.

Eu nunca precisei me preocupar com dinheiro antes. Tem tanta coisa que preciso aprender.

Uma das outras garotas, uma garota magra chamada Polly, tem sido especialmente boa comigo, me levando nos lugares e me ajudando quando pode. Acho que ela tem se apegado a mim, por que sei ler e prometi a ensiná-la.

A princípio, as outras garotas duvidaram da minha história e me olhavam com suspeita, mas elas estão começando a me aceitar.

Falei para elas que tenho dezenove anos e sou órfã, e que era empregada como governanta de uma grande família, mas fui mandada embora sem nenhuma referência depois que o patrão ficou muito interessado em mim.

Era um conto pobre e comum demais, mas elas aparentemente o acharam até mesmo romântico.

Elas suspiram e desejam que eu seja milagrosamente encontrada por meus pais, que seriam segundo elas, um Lorde e uma Lady ricos, prontos para me levar junto em sua carruagem.

Se ao menos elas soubessem a verdade.

Mas não devo pensar no passado. Não devo olhar para trás. Meu único conforto é a garota de cabelos vermelhos que assombra meus sonhos como um outro ser. Noite passada a vi novamente, caminhando em uma praia com o mar revolto.

Sei que meu destino está de alguma maneira conectado ao dela. A não ser por ela, devo esquecer tudo o mais que me ligue a Wyldcliffe.



Capítulo 31

Realmente não sei por que, mas me pareceu importante encontrar alguma ligação entre Wyldcliffe e eu, estava entusiasmada com a viagem a Uppercliffe.

Os dias passaram rapidamente pela saída com Sarah e as práticas de equitação. Apesar destas distrações, me doía pensar em Sebastian. Implorava que, por favor, ele tivesse me perdoado, que se colocasse em contato comigo, eu rezava cada noite e cada manhã com entusiasmo, buscava entre as cartas do corredor. Ele não escrevia.

Teria que superar, esquecer dele. Mas uma voz gritava dentro de mim, você não pode... Você não vai.

Aquela manhã de domingo parecia ser a mais longa que eu alguma vez tivesse experimentado. O café da manhã estava atrasado, mas tranquilo. A caminhada para a igreja, com nuvens ameaçando chuva. Os hinos sombrios, as longas orações, a leitura do Evangelho. E os homens gostavam da escuridão mais do que a luz porque as suas obras eram más. E depois o frio da volta a pé para a escola, antes de finalmente nos deixarem livres.

Eu fui para o quarto e vesti uma calça jeans e botas que tinha emprestado de Sarah.

Um velho suéter de gola alta escondia da vista o colar de Frankie. Fiquei feliz que eu ainda o tinha no meu pescoço, especialmente hoje, quando ia ver onde tinha vivido alguma vez a Família de Frankie.

Quando mudei minha roupa me perguntei se ela alguma vez pensaria em mim, e meu coração foi esfaqueado com a dor. Sentia tanta falta dela....Como ela sempre me acordava de manhã com um copo grande de chá e um grande sorriso. Como ela gostava do mar e das estrelas e suas simples flores da casinha de campo. Como ela me fez sentir importante durante todos aqueles anos, só para me agradar. Faço isso por você também querida, tratei de dizer quando apressadamente corri pelas escadas de mármore.

Quando cheguei aos estábulos, Celeste e Sophie já estavam lá, todas em impecáveis calças de montaria e jaquetas de lã. Um rapaz que nunca tinha visto antes tinha longas rendas entre as longas patas dos cavalos. Seu cabelo era da cor do milho e seus olhos castanhos eram calmos. Achei que devia ser um rapaz local ajudando nos estábulos no fim de semana.

— Obrigada, Josh — Celeste disse, balançando facilmente na cela. Ela e Sophie faziam barulho. Esperei que não nos encontrássemos por acaso nas campinas. O menino deu-me um sorriso rápido, então se afastou, ocupando-se em lidar com os outros cavalos.



— Ei, Evie – chamou Sarah, assumindo a dianteira, Bonny podia ver Starlight através das pedras. Subi na parte traseira bonita e espaçosa de Bonny, e logo andávamos na calçada em frente aos portões da escola. Expirei e tratei de confiar no estável trote do pequeno e forte pônei. Não devo cair. Não devo terminar como Agnes...

— Passemos por aqui – disse Sarah. – Há um caminho que leva a Uppercliffe. – No alto das campinas. Aparentemente, havia uma aldeia lá antes, apenas algumas fazendas e casas de campo. Mas o povo se foi há muito tempo. Talvez a terra já não produzisse o suficiente.

Um pássaro, não sei de que tipo piou com tristeza, e o vento suspirava pelas colinas nuas. Deve ter sido tão dura a vida solitária nos velhos tempos, pensei. Não era de estranhar que houvessem renunciado e tivessem se mudado. Seguimos galopando, e o som do vento parecia ser pesado com vozes do passado...

— Encontrei algo mais sobre Agnes – Sarah disse enquanto viajava ao meu lado. – Fui à biblioteca após o jantar na noite anterior para conseguir um livro para a minha aula de francês, e encontrei com a Senhorita Scratton. Pensei que pudesse saber alguma coisa, por ser professora de história e tudo mais. Eu disse a ela que estávamos interessadas em saber coisas sobre a história local e que tinha olhado para aquele livro da escola.

— Então, o que ela disse?

— Ela disse que o reverendo Flowerdew não era exatamente um historiador confiável, e não estava totalmente claro que a Agnes havia morrido em um acidente de equitação. Essa foi a história oficial que as pessoas como Flowerdew repetiam, e que a família reconheceu. Agnes foi encontrada morta na base, supostamente caiu de seu cavalo, mas a conversa entre os funcionários foi a de que havia sido assassinada por algum tipo de intruso em Wyldcliffe.

— Você quer dizer... assassinada? Isso é tão horrível.

— É apenas uma possibilidade, de acordo com a Senhorita Scratton.

— O que mais disse a senhorita Scratton? – Eu perguntei a medida que ela avançava lentamente a meu lado.

— Ela disse que pelas histórias dos funcionários que foram testemunhas do ataque, foram demitidos como mentirosos. O oficial forense de apoio manteve a teoria do acidente a cavalo.

— Mas, por que havia duas versões contraditórias de sua morte?

— Não sei. Talvez os funcionários simplesmente se enganassem. A senhorita Scratton disse que Agnes era muito popular com as pessoas comuns. Sua velha enfermeira, inclusive teve um tipo de ataque quando soube que Agnes tinha morrido. Suponho que só bastaria que um par de histéricas donzelas se deixasse levar, para que a notícia estourasse e em seguida, os rumores tomaram todo o lugar de Wyldcliffe. Talvez as autoridades e os pais só se deram a conhecer mais tarde, e disseram a verdade - que foi um acidente.

Eu pensava. A idéia de que alguém deliberadamente matara uma garota magra, com olhos estrelados e cabelos brilhantes era demasiado terrível. Mas



estas coisas aconteceram, e estranhamente aconteciam em Wyldcliffe... Isso fazia o lugar maldito.

Não, não pode ser verdade. Impossível.

— Você realmente acredita em fantasmas, Sarah? – disse bruscamente.

— Sim – respondeu ela. – Sim, acredito que sim. Não posso acreditar que a energia que faz com que a identidade de uma pessoa só pode ser destruída ou desaparecer no nada. Acho que parte de nós vive depois da morte, se o chamam de espírito ou alma ou o que seja. Portanto, se os nossos espíritos vão depois da morte, é possível que alguns espíritos possam se perder, ou ficar preso entre os mundos, como uma moeda que caiu por uma fenda.

— É isso que você acha que aconteceu a Agnes?

Sarah deu de ombros.

— Não dizem que algo ou alguém que passou por experiências muito traumáticas, como ser assassinado, poderia deixar uma espécie de energia elétrica por trás deles? Uma espécie de sombra ou uma pegada? E as pessoas que são sensíveis poderiam ser capazes de recolher isso?

— Você quer dizer como um sinal de rádio, mas é a pessoa real que recebe, em lugar da música? – Eu falava em tom de brincadeira, mas Sarah não riu.

— Sim, eu penso assim. Além disso – acrescentou – eu permaneço fiel aos meus antepassados ciganos. O povo cigano sempre manteve que a vida dos mortos continua, e que os mortos podem voltar para perseguir os vivos.

— Os mortos podem voltar – repeti. Meu coração começou a bater forte, e mudei de assunto.

— Vamos, senão vai escurecer antes de chegar a Uppercliffe.

— Esta bem, então. Pronta?

Tínhamos chegado a um amplo caminho através da campina, e Sarah galopava pela distância sem nenhum problema. Tentei copiá-la.

Bonny obediente ouviu e saiu depois de Starlight. No começo eu pensei que iria cair então me assentei no ritmo e me agarrei com gravidade e rapidez sobre as rédeas dos mouros.

Sarah tinha me dito tudo o que tinha descoberto. Eu não tinha sido tão honesta com ela. Eu também tinha feito algumas pesquisas, mas eu tinha guardado para mim mesma.

Sem contar a ela, eu tinha ido à sala de telefones da escola e procurado pelo nome de James na lista e seu endereço. Havia duas entradas, e me tinham voltado a chamar pelos dois nomes. Mas não, eles não tinham Sebastian James lá. Não conheciam ninguém com esse nome na área de Wyldcliffe.

Não conseguir nada não me fazia impaciente, mas não podia pensar em como eu poderia contatá-lo. Mas não encontrar seu número não significava nada, pensei. Sua família provavelmente não fazia parte de nada disso, isso era tudo. Eu imaginava que viviam em uma casa grande com um muro alto em torno, afastando todo o mundo. Como Sebastian queria afastar-me do resto de sua vida.

Sarah desceu de Starlight para poder andar.

— Aí está – disse. – A Fazenda Uppercliffe.

Localizada em um terreno no pântano era pouco maior que uma casa de campo.



As ervas daninhas cresciam das rachaduras nas paredes.

— O que você acha que aconteceu? – Perguntei.

— Suponho que quando a família deixou a fazenda, outras pessoas vieram e levaram algumas das pedras para reparar as suas casas. Parece triste, né?

— Vou entrar.

— Tenha cuidado. O telhado não parece muito seguro. Tenho uma sensação estranha. Acho que é melhor irmos. – disse olhando em volta ansiosamente.

— Oh, vamos Sarah – eu implorei – Nós chegamos tão longe, não podemos voltar ainda.

Desmontamos e deixamos alguma grama para os pôneis e então, nos aproximamos da casa abandonada.

A porta tinha caído das dobradiças, e as escadas tinham apodrecido. Fezes de ovelhas e coelhos cobriam a terra. O lugar todo parecia à beira do colapso.

Fiquei muito decepcionada. Não havia nada para ver, nada para me conectar com as pessoas que viveram aqui. Era hora de seguir em frente. Então o vi.

— Olha! – Eu disse, apontando o espaço onde a porta tinha sido ligeiramente levantada. – Olhe essa forma, ali encima...

Sobre a porta havia um bloco de pedra toscamente talhada com uma data. Mas por baixo havia outra marca de letras esculpidas, uma curiosa forma que tinha certeza de ter visto antes.

— O que é isso? – Perguntei. – Os agricultores comuns não teriam um brasão da família ou qualquer coisa assim, certo?

— Eu creio que não. Pergunto-me o que isso significa.

Olhando as ruínas, tentei imaginar a casa, que uma vez teria sido, com sólidas paredes de pedra e fumaça saindo da chaminé. Quando as ervas daninhas e gramas não cresciam como agora, tinha cebola e batata e algumas flores brilhantes. Fechei os olhos e concentrei-me, uma imagem que brilhava no escuro por trás de minhas pálpebras. Podia sentir o cheiro da lenha. Podia ver a porta aberta, alguma vez havia sido azul claro. Também uma gorda criança de bochechas rosadas engatinhando sentou-se na escada. Ela tinha uma maçã na mão, e o sol brilhava em seus cachos de bronze.

Uma suave e agradável voz de mulher chamou da casa:

— Effie? Effie, minha boa menina esta por aí, minha menina.

Effie, Effie... ... Evie.

— Evie! – Um alto e fino grito chegou a nós com o vento. Abri os olhos com um sobressalto. Alguma coisa tinha acontecido.

— Eeeee Saraaah ... Eee...veee!

— Alguém está nos chamando – disse Sarah. – Vamos!

Atropelamos Bonnie e Starlight na fuga, cuidamos de correr na direção dos gritos. Logo vimos dois cavalos perambulando soltos e duas meninas encolhidas como fetos. Uma delas estava deitada de forma desajeitada, sua perna dobrada embaixo dela. Era Celeste. Sophie estava agachada ao lado dela com cara aterrorizada tornando-se branca.

— Graças a Deus – reclamou. – Pensei que nunca ouviriam.

— O quê? O que aconteceu?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Um coelho assustado, ele disparou e assustou o cavalo de Celeste e ela caiu. Agora esta desmaiada. Eu não queria deixá-la sozinha para ir buscar ajuda. Avistamos um cavalo na antiga casa, então eu sabia que não podiam estar muito longe. Tenho estado chamando e chamando. Eu estava tão preocupada de que Celeste poderia... como Laura ...

Ela começou a chorar alto.

Sarah tentou acalmá-la.

— Ouça, Sophie, ela certamente não vai morrer, mas ela feriu-se. Voltarei a galope a Wyldcliffe e trarei um médico. Evie ficara aqui com você. Não vai demorar muito tempo. Você não tem que se preocupar. Tudo vai ficar bem.

Em um segundo Sarah tinha ido embora. Começou a chover. Sophie deixou de chorar e começou a tremer. Coloquei meu braço em volta sem jeito.

— Obrig - obrigada.

Sentamo-nos em um silêncio desconfortável. Celeste gemia fracamente, entrando e saindo da consciência. Um pássaro cantou acima de nós, sem se preocupar com a chuva, indiferente à nossa presença. Tentei pensar em algo para dizer...

— Não se preocupe. Tudo vai ficar bem – soava tão sem sentido.

Sophie olhou para mim de lado. Após uma longa pausa, disse:

— Celeste não tem sido muito agradável com você, certo? nenhuma de nós também.

— Não importa.

Sophie enxugou o rosto com a manga.

— É só que ela realmente amava Laura. Você não vai acreditar que Celeste é um emocional, mas elas eram como irmãs.

— Oh!

Ela levantou os olhos para os meus.

— Creio que o amor é a coisa mais importante do mundo, certo?

— Humm.

— Tenho um cachorro em casa. Ele me ama. Sinto falta dele.

Encolheu-se na chuva ficando em silêncio. Eu a tinha descrito como uma pessoa despota, e agora via que ela estava apenas triste: ela foi mandada para um internato distancia-a de seus pais, agarrando-se à amizade de Celeste, sentia falta de seu cachorro como uma criança que perde seu ursinho de pelúcia. Mas suas palavras abriram meus olhos para uma profunda revelação.

— O amor é a coisa mais importante do mundo.

Então eu percebi que não tinha sentido tentar desenterrar o passado. Eu tinha me deixado levar pela minha imaginação, procurando por coisas que não poderiam estar lá, e todo o tempo havia estado diante de algo novo, algo real.

A Lady Agnes, seu retrato, o povo da antiga fazenda, nada disso importava em comparação com o que sentia por Sebastian.

Sentada na terra molhada, eu finalmente admitia para mim mesma que eu o amava. E eu não podia dar-lhe as costas agora, sem me importar com o que tinha prometido a Sarah. O amor era o mais importante. Eu não poderia deixar que uma briga boba, ou visões neuróticas, me destruíssem.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Fique longe dele, a moça de branco tinha dito. Mas eu sabia que não podia. Precisava ver Sebastian de novo. Precisava saber se havia algo real entre nós. E se houvesse me agarraria a ele e nunca lhe deixaria ir.

Immortal



First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 113

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 32



DIÁRIO DE LADY AGNES. 15 de abril de 1883.

Como pude abandoná-lo tão facilmente? Como pude chegar a esse trem para Londres e deixá-lo para trás? Quando cheguei tive que colocar todos os meus esforços em encontrar uma maneira de seguir vivendo, simplesmente me alimentando e vestindo-me e me manter fora das ruas, era um esforço. Meu trabalho parece agradar ao Carley e estou ganhando dinheiro suficiente para sobreviver. Agora eu posso olhar para além do básico para sobreviver, estou muito infeliz.

Sem amor, a vida é mera existência.

Ontem eu fui ao rio. Não é como o riacho brilhante de casa, é hediondo, e a maré está envolta em trevas. Como seria, pensei, cair nas profundezas e cair...

Voltei aos meus sentimentos de doença e exaustão. Logo que cheguei ao meu quarto, fechei a porta, as cortinas, e desenhei o círculo, murmurando os encantamentos tão baixo quanto pude. Era a primeira vez que me rendia aos mistérios desde a chegada à cidade, e que era com um objetivo: ver os rostos das pessoas que eu amo.

O brilho claro de vermelho, dourado e branco surgiram do nada, como flores na estufa. Cortei com a ponta da faca de prata, esculpindo seu nome no ar. Em seguida, as chamas baixaram, e no centro brilhante vi a imagem do meu amado, tão longe. Seu rosto estava cheio de dor, dizia meu nome... Chamava-me, e amaldiçoava-me. Então emití em minha mente a casa dos meus pais e os vi também como pequenas imagens em chamas, abraçados um ao outro e chorando.

Uma onda de raiva se estendeu através do meu corpo. Uma faísca disparou do círculo e criou um turbilhão de fantasmas, estrelas e planetas, pareciam girar sobre minha cabeça, a cascata de luz caiu no chão por minhas mãos estendidas, e uma série de criaturas fantásticas saltaram à minha volta: tigres de bronze, brilhante pavões, cavalos a galope, todos rosnavam com o fogo. Gritei em minha mente com toda potência.

— Como é que pude chamar tais maravilhas, mas não posso estar com as pessoas que amo? Porque tive que causar-lhes tanta dor?

Não tive resposta. Ajoelhei-me no chão em desespero, e rompi o círculo. As luzes e as chamas desapareceram, e me deitei tremendo no escuro, dolorida e alerta como um animal ferido. Naquele momento teria feito qualquer coisa para voltar junto a ele.

Agora sei que nunca vou casar ou ter filhos. Mas se eu tivesse tido a sorte de ter uma filha, eu teria dito a ela para encontrar o amor, se agarrar a ele e nunca deixá-lo ir.



Capítulo 33



esse é o momento. Estou totalmente acordada, tensa e cautelosa como um animal.

Assim que eu tiver certeza de que os outros estão dormindo, descerei voando a tão conhecida escada dos empregados, sem me importar com a escuridão. Penso em apenas ver Sebastian de novo. Rezo para que ele não tenha ficado cansado de me esperar noite após noite. Tenho que vê-lo. Tenho que descobrir a verdade. Tudo me guiou para esse momento. Agora vou saber a verdade.

A grande casa ao meu redor está anormalmente quieta, como se todos houvessem caído em um profundo sono encantado, até mesmo aquele rato. Tateio a fechadura da porta, saindo no quintal do estábulo. Estou do lado de fora. O céu é limpo e escuro, carregado de milhares de estrelas frias e iluminadas. Tudo está parado. O tempo parou. Começo a correr. Em minha pressa, esqueci de calçar algum sapato e meu pé está afundando na grama úmida. As ruínas elevam-se a frente: tão paradas, tão escuras. O lago brilha. Uma coruja pia de uma das arcadas quebradas da capela.

Sebastian havia dito que esperaria.

Eu escuto e procuro, retorcendo cada nervo. Não há ninguém lá. Então agora sei.

Acabou tudo.

Não significo nada para Sebastian. Sou apenas uma garota idiota varrida para longe por um rosto bonito.

Minha respiração sai em rápidas lufadas. Meu coração está batendo tão forte que dói. Então, eu o vejo, descansando contra uma parede baixa nas sombras.

— Evie? — Ele põe-se de pé. Vou voando até lá e ele me segura em seus braços. Seguramo-nos sem dizer nada; então, ele me move para longe.

— Oh, Evie, me desculpe. Pensei que nunca mais a veria de novo.

— Está tudo bem, tudo bem. Desculpe-me também; foi minha culpa.

— Não! Não diga isso. Eu quero explicar...

— Não ligo; não é importante. — Olho para seu rosto. Ele está anormalmente pálido e magro. Medo corre por mim. — Sebastian, o que houve? Você está terrível. Ficou doente?

— Não é importante. — Ele tosse, fatigado. — Escute, toda aquela coisa de encontrar com meus pais. Eu deveria ter-lhe dito a verdade. Meus pais estão mortos. Não há quem encontrar. Cuido de mim mesmo.

— Porque não me contou?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Eu não queria que você... sentisse pena de mim. — Um brilho de orgulho passa por sua face. — Foi idiota. Por favor, me perdoe.

— Não há o que perdoar. Eu também fui idiota. Senti tanta falta sua.

— Sentiu? — ele diz avidamente. — Oh, Evie, eu nem ao menos me sentia vivo sem você.

— Bem, estou aqui agora — respondo, abraçando ele forte. Ele parece tão abatido e doente que tenho vontade de tirar toda a sua dor. — Farei você ficar melhor. Nunca mais vou te deixar. Não se preocupe, estou aqui.

Ele sorri como um anjo frágil e desperdiçado.

— Sim, você está aqui. Vamos celebrar. O que devemos fazer?

— O que sugere? — rio suavemente. — Um piquenique? Ver filmes? Não temos muitas opções.

Os olhos de Sebastian brilham.

— Eu sei o que quero fazer. Vamos nadar no lago juntos. Podemos fingir que é seu mar selvagem. Você quer?

— Mas você não está bem e o frio...

Ele toca um chumaço de meu cabelo, como ele fizera na primeira vez que nos conhecemos. Sinto-me cedendo.

— Não ligo — ele diz, seus olhos procurando por meu rosto como se tentasse me memorizar.

— Mas eu nem ao menos tenho um biquíni. — Ainda que eu saiba que não posso resistir.

Vagarosamente, Sebastian procura por mim e desamarra meu roupão, deixando que caísse na grama molhada. O ar frio me morde através de minha camisola. Tiro o colar de Frankie e jogo em cima do roupão desdobrado.

— O que é isso? — ele pergunta, encarando o chão com cuidado.

— O colar da minha avó. Não quero que molhe.

Ele sorri doce e terno.

— Você é sempre tão sensível, Evie, mesmo quando está nadando em um lago proibido no meio da noite. — Então ele tira seu casaco e sua camiseta larga. Seus braços e tronco como uma pedra pálida contra sua calça negra de andar a cavalo. — Está pronta? — murmura. Ele me pega em seus braços, como se eu fosse uma noiva sendo carregada através da soleira, e avança contra as águas calmas do lago.

Sua escuridão se espalha ao nosso redor enquanto nadamos lado a lado. Então, nossas mãos se tocam, nossos olhos se encontram e nossos membros enroscam-se como hera. Nossas bocas procuram uma pela outra. Naquele momento, um flash como luz elétrica passa por mim. Eu arfo e engulo um pouco de água. Sou puxada para a superfície. Pânico agarra-se a mim, e não consigo me lembrar como se nada. Não sou mais eu — sou Laura, asfixiando em terror nas águas barrentas do lago. Alguma coisa — alguém — me aperta, puxando-me para baixo. Mergulho fundo abaixo da superfície do lago. Estou rodeada por um anel de faces cobertas por túnicas negras: mulheres aterrorizantes e monstruosas tentam chegar até mim. Elas estão gritando, chamando um nome que toca em minha cabeça:

— Sebastian! Sebastian!



Então, outra voz choraminga:

— Evie, Evie...

É minha mãe. Nunca ouvi essa voz antes, mas eu sei instintivamente que é ela. Com minha última força, eu chuto e tento chegar até a superfície, ansiando para estar livre.

— Evie! Evie! – Agora é Sebastian me chamando. Estou em seus braços na grama macia ao lado do lago, vomitando água e tremendo. Eu o empurro para longe com meus punhos.

— Não – ele acalma. – Não, Evie. Está tudo bem.

— Fique longe de mim; não me toque.

— O que está dizendo? Evie, sou eu, Sebastian.

Começo a ter soluços secos e violentos.

— Eu... Eu vi elas. Eu... vi aquelas mulheres.

— Que? O que você viu?

Olho direito para aqueles olhos angelicais. Era sobre isso que a garota de cabelos vermelhos estava tentando me advertir?

— Aquelas mulheres. Elas tentaram me matar. E estavam chamando seu nome.

Ele parece estar assustado, com medo até; então, sua feição endurece.

— Não havia ninguém lá, Evie. E não deixarei ninguém machucar você. Tem de acreditar nisso.

— Mas elas estavam lá dentro da água!

— Você só teve uma câibra e entrou em pânico.

— Não foi só isso – apresso. – Eu venho vendo outras coisas, pessoas que não conheço, escutando vozes, imaginando todo tipo de coisas. Pensei que poderia ignorar isso, mas acho que estou ficando louca.

— Você não está, Evie; você é boa e verdadeira e bonita, e não vou deixar que ninguém te machuque. Tomarei conta de você, juro. – Ele me puxa para perto, como se nunca fosse me deixar ir embora, e diz – Eu te amo.

Todas as outras coisas caem para longe. Estou parada, mais do que em qualquer outra vez em toda a minha vida. O mundo não é mais um lugar aterrorizante. Não estou sozinha. Sebastian me ama. Nada é mais importante que aquilo. Ele começa a acariciar meu rosto e cabelo.

— Fique comigo, Evie. Quero que você fique comigo... para sempre.

Ele me ergue facilmente e me carrega para longe do lago. Abraço seu pescoço e respiro o cheiro de sua pele molhada. Quero cantar para as montanhas, para as árvores e estrelas: eu amo, eu amo, eu amo ele, como músicas sem fim do oceano.

Esse é o momento.

Ele anda abaixo dos arcos quebrados da capela e me senta entre as profundas e silenciosas sombras. Através da abóbada sem telhado acima de mim, vejo as estrelas coroarem a cabeça de Sebastian com fogo frio e branco enquanto ele se inclina para me beijar ao final.

É felicidade, pura felicidade. Beijamos-nos de novo e de novo, então abrimos os olhos e encaramos maravilhados para os milagres de cada um. E uma



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

por uma, as estrelas vão piscando e desaparecendo e os pássaros começam a cantar.

Immortal



First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 118

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 34

Eu flutuei para o andar de baixo para tomar café no dia seguinte. Quis correr ao invés de andar, voar ao invés de correr. Toda dúvida e medo havia se ido. Nunca havia estado tão feliz em toda minha vida.

— Aqui, isso é para você. – Sophie estava à frente da mesa, ajudando a distribuir as cartas da manhã. Desde o acidente de Celeste, ela estava determinadamente amigável.

— Obrigada, Sophie. – Peguei a carta avidamente, esperando que fosse de Sebastian, mas o envelope que ela me entregou estava endereçado à Senhorita Evelyn Johnson em uma letra de mão não familiar. Um selo do outro lado dizia, Clínica Beechwood⁴¹.

— Espero que não seja mais notícias ruins – Sophie disse, seu lábio tremendo um pouco. – Você escutou que Celeste quebrou uma perna? Ela não vai voltar para escola por muito tempo.

— Oh... desculpe. Eu não sabia.

— Pobre Celeste.

— É. Bem, nos vemos mais tarde, Sophie.

Corri para longe, sem vontade de abrir a carta por algum motivo. Notícias ruins, Sophie havia dito. Eu não conseguiria agüentar mais más notícias de Frankie. Não queria que nada estragasse minha felicidade com Sebastian.

No momento em que o intervalo do meio dia veio, estava com vergonha de minha covardia. Estava sendo totalmente egoísta. É claro que eu queria ouvir como Frankie estava indo. Poderia ser até mesmo uma carta da própria Frankie, de volta ao normal, como nos antigos dias. Decidi ir do lado de fora e ler sem ninguém por perto.

— Ei – disse Sarah, vindo até mim assim que cheguei à porta. – Quer ir comigo até os estábulos?

— Claro.

Senti-me culpada por ter quebrado minha promessa de não ver mais Sebastian. Eu ia ter de explicar a ela, mas não agora.

— Recebi uma carta – eu disse com um brilho falso, tirando o envelope do meu bolso. – Pode ser boas notícias sobre Frankie.

— Okay. Eu vou e ver os pôneis e deixá-la sozinha para ler.

⁴¹ Também pode ser traduzido para "Casa de Repouso/Saúde Beechwood.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Sentei em um banco do lado de fora da sala das selas. Dentro do envelope havia um bilhete e dobrado com isso estava um pedaço de papel amarelado. Enquanto lia ambos, sangue parecia cantar em minha cabeça.

— Sarah! Sarah!

Ela veio correndo do outro lado do pátio.

— O que é? O que houve?

Não consegui responder. Apenas passei o bilhete. Ela sentou no banco e começou a ler.

Querida Evelyn,

Você não me conhece, mas eu sou uma das enfermeiras que cuidam de sua avó aqui em Beechwood. Todas nós gostamos muito dela. Semana passada ela pareceu um pouco melhor, até mesmo conseguiu indicar que queria que este documento fosse mandando a você. Pedi a gerente se estaria tudo bem, e ela me deu o endereço da escola interna. Você é bem sortuda por estar aí, não é? Mas eu me esqueci de mandar porque no dia seguinte sua avó teve uma recaída. Tenho certeza que seu pai a está mantendo informada. Ela está estabilizada agora, ainda assim, não tenho certeza se ela sabe o que está acontecendo ao redor dela. É triste, mas você não deve ficar para baixo, estamos dando nosso melhor por ela e tenho certeza que ela vai melhorar logo.

Com carinho,

Margaret Walsh.

— Então, o que há nesse documento?

Eu passei o papel velho a ela.

— As gerações de sua família – Sarah leu – começando com Evelyn Frances Smith, que era conhecida como Effie. Nascida em 1884, ela legalmente pertencia a outro lugar, mas era amada por todos de Uppercliffe. Então, há uma lista de nomes de mulheres, todas com diferentes caligrafias.

— Leia os nomes – murmurei.

— Eliza Agnes, filha de Effie, nascida em 1904, levada do vale aos dois anos de idade. Frances Mary, nascida em 1933; então, diz, ‘Clara — minha filha amada. Afogada um pouco depois de seu aniversário de trinta anos’. – Sarah parou e olhou para mim.

— Continue.

— O último nome na lista é Evelyn Johnson. Essa é você?

— Todos me chamam de Evie.

— Então Clara era sua mãe e Frances Mary deve ser Frankie?

Acenei positivamente. Não consegui falar.

Sarah encarou o papel mais uma vez.

— Eliza era sua tataravó e a outra Evelyn – Effie – era sua tatara-tatara-avó.

A imagem de uma pequena garota com cachos cor de bronze sentada sobre o sol passou por minha mente. Aquela era Effie? Realmente a tinha visto?

— Tem uma espécie de desenho do outro lado do papel – continuou Sarah.

— Um esboço de alguma coisa. E isso diz, ‘A relíquia das filhas de Evelyn



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Frances Smith. Que isso nunca se perca de suas mãos ou recaía às trevas'. Não sei o que isso tem a ver contigo; você sabe, Evie?

— Acho que eu sei – respondi vagarosamente.

Minhas mãos tremiam enquanto tirava meu colar de seu lugar escondido em baixo da camisa do uniforme escolar. O berloque prata era exatamente do mesmo formato do esboço no papel.

— Evie, nós vimos isso na soleira da porta perto da casa de fazenda... não se lembra? Esse papel e aquela casa e seu colar... estão todos ligados.

— Então o colar deve ser a relíquia. – Eu encarei para o colar em admiração. – E agora pertence a mim.

O sinal tocou. Wyldcliffe não parava por nada. Escondi o colar novamente em mim.

— Temos que voltar para as aulas – disse Sarah. – Mas temos que tentar encontrar onde Lady Agnes se encaixa nisso tudo. Espere um minuto... 1884 – quando essa Effie nasceu – foi o ano em que Agnes morreu. Não se lembra que aquela pintura havia sido feita em 1882, dois anos antes do acidente dela?

— Não sei o que isso tem a ver com Agnes.

— Mas uma dessas mulheres, suas ancestrais, tem o mesmo nome. Veja, diz aqui, 'Eliza Agnes'.

— Eu acho que era um nome comum naquela época. Não necessariamente tem uma ligação entre essa tal de Eliza Agnes e com Lady Agnes Templeton.

— Mas já é um começo, não é? – disse Sarah avidamente. Então ela franziu o cenho. – É engraçado que Frankie tenha conseguido mandar isso para você agora, quase como se soubesse que você precisava.

Frankie poderia realmente ter sabido? Perguntei-me. Enquanto voltávamos para dentro, desejei com todo meu coração que pudesse vê-la e conversar com ela. Havia tanta coisa que eu precisava saber.

Durante todo aquele dia minha mente vagou para longe, com aquelas mulheres que suas vidas estavam tão longe da minha. Eu até mesmo dividia meu nome com uma delas. Evelyn... Evie... Effie. Ela era a ligação perdida, a avó que Frankie nunca conhecera. Minha tatara-tatara-avó. Era o nome dela que eu escutara na charneca perto das ruínas da casa de campo. E sabia que eu realmente a havia visto sentada na soleira da porta comendo uma maçã em uma manhã primaveril há muito tempo. Não queria poder ver coisas que outras pessoas não podiam. Eu não era como Sarah, excitada pela idéia de coisas desconhecidas. Queria ser a sana e sensível Evie Johnson, a salvo nos braços de Sebastian.

Mas alguma coisa me preocupava, como se não pudesse me livrar disso.

Porque Effie – Evelyn Frances Smith, uma mulher humilde de um sítio pobre da encosta – teria sido importante o bastante para possuir uma relíquia que fora passado de filha para filha por gerações? A pergunta me assombrou durante todo o dia. De onde o colar havia vindo? Seria valioso? E como eu poderia descobrir?

First love never dies ...



Capítulo 35



DIÁRIO DE LADY AGNES, 23 de maio de 1883

O colar de prata é tudo que me resta. O caminho místico está fechado para mim. Eu não tenho nenhuma energia, nem mesmo o suficiente para acender uma vela. Quase não posso suportar escrever sobre o que eu fiz, mas devo fazê-lo. Tenho que aceitar minha nova realidade.

Vi S. muitas vezes nas chamas, noite após noite. Era como uma droga. Não podia deter-me, eu precisava saber o que estava acontecendo. Finalmente, eu vi que ele havia se recuperado de sua doença e que tinha a intenção de vir a Londres, desesperado para encontrar-me. Não, isso não era verdade. Não era a mim que queria encontrar, era apenas uma maneira de chegar ao fogo.

Depois de muito pensar e sofrer, eu decidi por a possibilidade de dar-lhe o que ele busca, mas além do meu alcance próprio para sempre. Agora, mesmo se ele descobrisse o meu esconderijo, não posso ser tentada por seus gritos angustiados e olhar suplicante.

Não posso fazer-lhe nenhum mal, e os segredos seriam guardados para a menina que um dia os utilizaria bem.

Uma vez que havia tomado a minha decisão, percorri os mercados e separei meus últimos centavos para comprar um curioso berloque gravado de um comerciante oriental que pouco falava Inglês. Havia muitas e diversas nacionalidades amontoadas nas apertadas ruas, todos vendendo algo. Pechinchei sobre o preço, então entramos em acordo, e ele colocou o medalhão em uma corrente de prata pesada. Fui para casa muito satisfeita com o meu negócio. Naquela noite eu fiz o círculo sagrado pela ultima vez.

Eu fiz tudo com muito cuidado, tentando lembrar a beleza do dom que estava prestes a deixar para trás. Uma vez que havia convocado as chamas, as fiz dançar alto em torno de mim, como uma floresta de árvores de prata balançando ao vento. Durante muito tempo eu estive instalada no prazer, apenas vendo a luz e as cores, mas depois tive que começar meu trabalho. Concentrando todas as minhas energias até que já não podia ver com meus olhos, mas sim com minha mente.

Necessitava entrar no coração do fogo, por isso chamei o seu espírito guardião, e o Espírito me contestou. Então me pareceu que eu estava na caverna que uma vez havia sonhado, onde uma coluna interminável de chamas girava sem cessar, se levantando a partir do centro do mundo. Eu não tinha medo. A mim se permitia chegar perto, e então eu tinha uma escolha. Tudo que eu tinha que fazer era alcançar a minha mão e seria parte dessa beleza e do poder para ser imortal para sempre. Mas em vez disso meti o berloque de prata na coluna de



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

fogo. E agora, pela primeira vez, o calor queimava-me, até pensei que iria morrer. Minha força de vida parecia ser arrastada para fora de mim para a jóia de prata. Vi dois rostos queridos, o dele e dela, e prometi-me para protegê-los. Logo a dor se tornou tão grande que não pensei em nada. Quando acordei, estava sozinha no meu quarto pobre, nua, e o colar estava frio na minha mão.

Minha luta tinha terminado. Meus poderes agora estavam bloqueados neste talismã brilhante, muito mais além de seu alcance, ou do meu próprio. Eu sei que ele nunca realmente me amou, embora eu não o culpe por isso. Seus sentimentos eram os de um menino ansioso com o destino a uma aventura maravilhosa. Fui à emoção e energia que ele precisava não meu amor.

Ela será a que vai ensinar-lhe os segredos de seu coração.

E agora tenho que pôr de lado meu amor por ele, como um vestido de noiva que já não é mais necessário. Coloquei minha vida de lado para salvar as suas. Essa é a minha escolha. Essa é a minha liberdade.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 36

*F*oi um dia longo e agitado. Deixei de lado meus pensamentos sobre Sebastian, e secretamente li as cartas do lar de idosos uma e outra vez, escondidas nas páginas dos meus livros e tentei dar sentido a tudo.

Finalmente chegou à hora de preparar-me para ir para a cama. Fui ao banheiro e tranquei a porta. Sentada no chão, desfiz a cinta em volta do meu pescoço e examinei cuidadosamente o colar. Era feito com fios de prata com um cristal brilhando no centro o qual parecia brilhar em cores diferentes quando se colocava à luz. Era lindo, eu não tinha imaginado como uma jóia até agora, mas sim como um vínculo com Frankie.

Alguém bateu na porta do banheiro.

— Depressa!

Era India, impaciente como sempre e ágil como nunca, sem Celeste ao redor para acalmar o seu ego. Suspirei e levantei-me. Rapidamente olhei-me no espelho para assegurar o colar novamente, entrei em choque. Um rosto diferente, não o meu, estava olhando para mim. Uma garota com longos cabelos castanhos, vestida de preto, com uma corrente de prata brilhante no pescoço e um bebê pequeno nos seus braços. Era Agnes.

Agarrei um lado da pia, então ouvi a cantar:

— A noite é escura, mas o dia está próximo, Baby, silêncio, não tenha medo. Silêncio, pequena Effie, mamãe está aqui...

Os golpes na porta recomeçaram.

— Você morreu ou algo assim?

Eu abri a porta, empurrei a India, e dirigi-me para o quarto. Ignorando a todas, fechei as cortinas em volta da minha cama e me cobri com o cobertor até o queixo.

Agnes tinha um bebê chamado Effie. Agnes teve um bebê, Agnes era a mãe de Effie... as palavras passaram pela minha cabeça. Isto era real. Pela primeira vez comecei a acreditar que Agnes estava tratando de dizer a verdade sobre o que tinha acontecido.

Ela teve um bebê, mas não tinha casado. E seu bebê era a pequena Effie com vividos cachos. Eu suponho que naqueles dias Agnes não podia manter-la, teria sido um grande escândalo. Então se Effie tinha sido enviada para viver em uma fazenda local? E se tinham-lhe dado um outro nome para escondê-la - Evelyn Frances Smith - e para que crescesse como a filha de um fazendeiro comum? Então ela havia se casada e teve sua própria filha, Eliza Agnes, minha



bisavó, cujo nome do meio implica uma conexão com o Abadia. Ali era onde Effie pertencia.

Minha mente estava girando. Com uma sensação de desconforto no estômago lembrando dos rumores sobre a morte de Agnes, dizendo que não havia sido um acidente. E se ela tivesse sido livrada de pegar a terra pelo escândalo sobre o bebê? Lord Charles era rico e poderoso, poderia ter contratado capangas, enquadrado tudo com as autoridades, espalhou a história sobre o acidente a cavalo. Eu imaginei como um pai vitoriano frio e cruel se preocupou mais com a sua reputação que por sua única filha. Não admira que Wyldcliffe foi amaldiçoada.

Não, isso era impossível. Agora eu estava indo longe demais, nenhum pai iria permitir uma coisa dessas. Além disso, Sarah tinha dito que o Lord Charles tinha quebrado e ruído após sua morte. Mas, havia sido por dor ou pela culpa?

Sentei-me na cama, minha cabeça estava estourando, desesperada para resolver tudo.

Qualquer que tenham sido os detalhes, uma coisa ficou clara para mim: Agnes morreu em circunstâncias misteriosas, e com a violência de sua morte, havia deixado um rastro de energia em Wyldcliffe. E eu havia tomado, sintonizando com ela, assim como Sarah tinha dito que poderia ser, já que Agnes era minha antepassada distante.

De alguma forma, tudo fez sentido. Minhas idéias sobre o seu mundo eram surpreendentes, mas perfeitamente lógicas, uma espécie de fenômeno científico.

Eu não estava ficando louca, afinal. Queria dançar com alívio, depois me lembrei do rosto amigável da jovem mãe que tinha vislumbrado através da barreira do tempo. "Pobre Agnes", pensei. Ela tinha sido um pouco maior do que eu, e deve ter tido tanto medo. Eu me perguntava como era o homem que ela havia se apaixonado. Tinha esperança de que haviam sido felizes juntos, pelo menos por pouco tempo. Mas ele deve tê-la decepcionado, ou ela não teria lidado com a situação sozinha. Então me golpeou: "Fique longe dele".

Suas palavras não tinham nenhuma conexão com Sebastian. Ela deve ter pensado sobre o homem que a traiu não em Sebastian.

A alegria que sentira na noite anterior voltou. Estava bem. Não havia nada a temer. Estava bem apaixonar-me por ele.

Senti como se as últimas peças do quebra-cabeça se encaixaram. Agora podia compartilhar isso com Sebastian, ele poderia até mesmo saber sobre a história de Agnes. Afinal, ele havia dito coisas sobre Lord Charles e sua família anterior.

Tinha que vê-lo, assim que as outras meninas dormissem. E então, de manhã, apresentaria orgulhosamente toda a história a Sarah, como um detetive que tinha acabado de encerrar um caso impossível.

Senti o colar debaixo da minha camisola. Agora sempre o levaria, não só por Frankie, mas por todas aquelas mulheres que vieram antes de mim, especialmente Agnes. Era o mínimo que eu poderia fazer.



Capítulo 37



DIÁRIO DE LADY AGNES, 13 de novembro de 1884.

Faz mais de dois anos desde que comecei a manter este diário. Já não escrevo nele por muitos meses, mas o mínimo que posso fazer agora é pegar uma caneta e continuar com minha história, nem que seja apenas para manter um arquivo para minha filha sobre esses tempos extraordinários.

Quando olho para trás, através destas páginas, para mim aqueles velhos dias em Wyldcliffe, parecem ter pertencido à outra vida, como sonhos acordados. Quando fugi para Londres, eu era apenas uma criança, presa em uma grande aventura, e mesmos seus perigos se pareciam como uma parte da aventura romântica que eu estava vivendo. Mas agora eu mudei. Sou uma mulher, com uma criança para cuidar e proteger, faço parte de uma grande quantidade de mãos que tem esperanças no futuro e relembram o passado.

Minha filha, pobre criança, nunca irá conhecer o pai. Enterramos Francis há apenas quatro semanas. Ele era gentil, bom e paciente até o fim. Eu sabia quando nos conhecemos que ele já havia sido tocado pela tuberculose, mas eu não sabia o quão pouco tempo nós teríamos. Ele declinou, e uma vez que começou foi rápido. É quase doloroso e privado demais para escrever sobre isso, mas tenho aprendido de uma maneira estranha, que o sofrimento tem me dado forças.

Não importa o quanto foi terrível perdê-lo, estou muito agradecida por termos tido aqueles breves meses de felicidade.

Nos conhecemos por acaso, quando Polly me falou sobre um jovem, Francis Howard, que morava na vizinhança, um artista que fora excluído da fortuna de sua família por ter perseguido seus sonhos, e que agora estava tão pobre que trocava suas pinturas por alimento quente. Ele havia feito o desenho de Polly em uma tarde, e ela estava ansiosa para me mostrar o resultado. E dessa maneira nos conhecemos, e minha vida mudou. Aquilo foi coincidência, ou destino? Se eu não tivesse ido naquele domingo admirar o retrato de Polly, nós não teríamos nos encontrado? Eu não sei, mas tenho fé de que voltaremos a nos encontrar em circunstâncias melhores.

Depois de ter fugido de Wyldcliffe, pensei que nunca iria amar novamente. Mas agora sei que há diferentes tipos de amor. Francis me ensinou que amar alguém não precisa ser doloroso. Ele era gentil, honesto e bom.

Seus quadros, assim como seu gentil coração, eram cheios de alegria e vida. E agora acho que ninguém irá apreciar seu trabalho. Precisei trocar os poucos trabalhos que ele havia deixado por comida.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Sou grata por Francis ter vivido o suficiente para ver nossa filha. Ela é a alegria de meu coração, e mesmo tendo ficando tão doente depois de seu nascimento, ela me manteve viva. Tudo sobre ela é bonito: suas pequeninas mãos, seus olhos brilhantes, o delicioso cheiro de sua pele macia. A seguro perto de mim e a embalo até que durma todas as noites, cantando assim como Marta um dia fizera comigo:

*A noite é escura, mas o dia está próximo,
Baby, silêncio, não tenha medo.*

Mas agora estou com medo. Não posso nos sustentar com meu trabalho de costureira, e mesmo que as pessoas ao meu redor tenham provado serem bons amigos, Polly, sua mãe e outros vizinhos, não posso permanecer aqui. Decidi voltar para Wyldcliffe. Vou tentar ver meus pais. Não é o dinheiro ou a casa que quero para minha pequenina, apenas o amor. Quero que ela conheça sua família e o vale selvagem onde ela verdadeiramente pertence. Eu não mereço perdão pelo mal que causei a eles, mas minha filha merece.

Não irei diretamente ao Convento, no caso de não ser bem recebida. Irei ficar com Martha, que vem conseguindo escrever para mim de tempos em tempos. Ela esta morando com um sobrinho em uma fazenda agora, e falou que adoraria conhecer minha “criança”. E estou ansiosa para estar em casa.

Immortal



First love never dies . . .



Capítulo 38

*E*u ansiava com cada átomo ver o Sebastian. Eu não podia esperar outro segundo. Tudo no dormitório parecia calmo, então decidi arriscar. Arrastei-me pelo quarto, tão quieta quanto um gato e segui para a porta.

— Evie!

Era Helen, seus olhos brilhavam no escuro.

— O que? – sussurrei de volta, tentando soar despreocupada.

— Não saia essa noite. Você não deve.

— Não sei do que você está falando.

— É lua nova. – Ela falou. – Eles estarão lá fora.

— Quem? Quem vai estar lá?

— Eu... eu não posso falar.

— Oh você está me levando à loucura. – Sibilei. – Mas não vou deixar esse lugar me pegar; você está entendendo?

— Há coisas sobre esse lugar que você não sabe. – Ela replicou. – Você precisa ter cuidado.

Índia se mexeu dormindo. Estávamos correndo o risco de acordá-la. Aproximei-me mais de Helen.

— Olhe, Helen, estou grata por seu conselho e tudo o mais, mas não preciso da sua ajuda. Posso cuidar de mim mesma.

Virei minhas costas para ela e sai, abrindo caminho o mais silenciosamente que pude através das escadas estreitas. Por último, abri a velha porta verde e sai na noite fria.

Sebastian estava esperando por mim, caminhando de um lado para outro no jardim.

Ele me puxou para as sombras e me beijou então me abraçou apertado.

— Graças a Deus você está a salvo. Eu estava tão preocupado.

— Por quê? Qual o problema?

— Toda vez que tenho que te deixar ir, não sei quando vamos nos ver novamente. Estou em agonia a cada segundo que fico longe de você. – Ele beijou meus lábios, meus olhos, minha testa, como asas de borboleta acariciando meu rosto. – Adorada Evie, querida Evie. – Ele murmurou. – Não podemos ficar aqui.

Ele me guiou através dos estábulos até o jardim da cozinha. Os postes pareciam sentinelas.

— Por que estamos aqui? – perguntei.

— Acho que alguém está observando o lago.”

— Quem?



Ele deu de ombros.

— Um dos empregados patrulhando o pátio, mantendo as pessoas indesejáveis como eu fora. Vamos conversar aqui. — Acharmos um banco de pedra em um canto escuro. Sebastian respirou com mais tranquilidade, e sorriu. — Sentiu minha falta hoje?

— A cada hora, a cada minuto e segundo. — Sorri para ele. Ele passou os braços ao meu redor e eu me aconcheguei contra ele, aquecida e segura. Tudo iria ficar bem. Eu confiava completamente nele, e não havia nada que eu não pudesse contar para ele.

— Sebastian, quero te perguntar o que você sabe sobre a Lady Agnes.

— Agnes? O que sobre ela? — o corpo dele ficou tenso repentinamente e rígido ao lado do meu.

— Você estava me contando todas aquelas coisas sobre Lord Charles quando você me mostrou a velha gruta, então pensei que você poderia saber mais sobre a Agnes. — Falei. — Tenho pensado muito sobre ela, e essas coisas estranhas que estou vendo — acho que elas estão ligadas à Agnes. Ela é de alguma maneira... ligada à mim. Como que conectada. É difícil de explicar, mas me pergunto se você escutou alguma coisa sobre ela ter tido um bebê antes de morrer? Sei que isso soa completamente maluco.

Sebastian me largou e levantou.

— É verdade. — Ele falou lentamente. — Ela fugiu de Wyldcliffe e casou com um pintorzinho, um que lutava para ser artista. Eles tiveram um bebê. Uma filha.

Então a primeira parte de minha teoria estava errada. Agnes havia se casado afinal de contas. Então e quanto a Effie? Ela realmente era a filha de Agnes?

— Você sabe o que aconteceu com o bebê? — perguntei curiosa.

Sebastian virou para mim com olhos cansados.

— Por que você está perguntando tudo isso?

— Pensei ter encontrado algo sobre a Agnes que levava à uma conexão com minha família, mas devo ter entendido tudo errado.

— O que você quer dizer?

Tudo tropeçou para fora da minha boca às pressas: a carta do asilo; o bebê, Effie que havia chegado a Fazenda Uppercliffe no ano em que Agnes morrera; e minha desconfiança dela poder ser a filha ilegítima de Agnes. Contei a ele sobre o papel enigmático falando sobre a “herança” dos descendentes de Evelyn Smith, e sobre o último presente que Frankie me dera.

— Um colar? — a voz do Sebastian ficou mais urgente. — É aquele que você estava usando no outro dia? Não cheguei a vê-lo bem. Deixe-me ver.

— Tudo bem. — Respondi. — Espere um minuto.

Alguma coisa se moveu nos arbustos escuros enquanto eu desatava a fita. Olhei ao redor, sentindo estranhamente relutante em tirar o colar, mesmo que fosse para o Sebastian. Mas o entreguei para ele, sua prata brilhou a luz da lua, e ele estendeu a mão para pegá-lo.

Ouve um raio de luz azul, e Sebastian cambaleou para trás, segurando seu braço. O colar caiu no chão.

— Sebastian! O que aconteceu?



Seus olhos estavam fechados, e ele não falou; então ele lentamente olhou para cima me deu um sorriso assombrado e distorcido.

— Foi apenas um choque – eletricidade estática. Você possui esse efeito em mim. – Ele caiu no banco com as mãos cobrindo o rosto. Eu corri para o lado dele e coloquei meus braços ao seu redor.

— O que foi aquilo? Qual o problema?

Ele gemeu.

— O que vai acontecer conosco Evie?

— Nada vai acontecer. Vou persuadir a senhorita Scratton a deixar com que nos encontremos de maneira apropriada – você sabe, nos finais de semana. Vou escrever e explicar para o meu pai, e ele vai resolver tudo com a escola. Não há nada com o que se preocupar.

Mas mesmo enquanto eu falava isso, sabia que não era o suficiente.

— Não vai funcionar. – Ele falou olhando para o chão. – Não pode funcionar. Preciso ir embora.

Meu cérebro parou. Aquilo não estava acontecendo. Ele não estava falando aquelas palavras. Mas ele estava se levantando, caminhando para longe de mim, se preparando para partir.

— Você não pode... não desse jeito, Sebastian. – Eu gritei desesperada.

— Evie, um dia você me prometeu que não pensaria mal de mim. Preciso que você se lembre daquela promessa quando eu me for.

— E quanto à noite passada? – eu gaguejei. – Você falou que sempre ficaríamos juntos.

— E você iria se arrepender disso por toda a eternidade.

— Eu não irei, não irei!

— Mas eu irei. – Ele falou asperamente. – Eu irei Evie.

Lágrimas queimavam meus olhos. Um peso terrível se alojou em meu coração. Eu devo ter feito alguma coisa errada na noite anterior. Ainda assim, eu havia apenas retribuído os beijos com um prazer honesto. Eu me senti perdida em um mar perigoso sem ninguém para me guiar. Corri atrás dele.

— Para onde você vai? Fique comigo. – Eu implorei.

— Não posso. Há algo que preciso saber. Tudo depende disso. Encontre-me perto dos portões da escola amanhã à noite. Estarei esperando. – Ele caminhou para longe, então se virou por um último momento, com um olhar de dor e desespero em seu rosto. – Lembre-se que te amo.

Em alguns momentos, ele havia desaparecido, e a noite estava escura ao meu redor como se todas as luzes tivessem se apagado. Eu sabia que quando nos encontrássemos novamente seria para dizer adeus. E eu sabia que não importando o que o Sebastian havia dito, o raio de luz azul não havia sido eletricidade estática.

Meu colar jazia brilhando no chão molhado. Abaixei-me para pegá-lo e lentamente abri caminho para fora do jardim como uma sonâmbula.



Capítulo 39

Colar. O fogo. A menina. Sebastian.

Como estava tudo conectado? Não sabia como nem por que, mas senti que Lady Agnes estava no centro de tudo. Foi só após a menção de que Sebastian estava agindo estranhamente, muito ansioso e tenso... Dirigi-me ao quarto e assim que adormeci vi o que me pareceu o rosto de Agnes, não o de Laura, cuidando de mim. Quando acordei, eu não podia tirá-la da minha mente.

Eu tinha planejado contar tudo a Sarah esta manhã, confiando que houvesse resolvido todos os mistérios, mas agora estava confusa e assustada. Fiquei quieta, preocupando-me com o que Sebastian precisava encontrar. O que poderia ser? E se ele me amava, porque estava falando em ir embora?

Os segundos e minutos pareciam dolorosamente lentos. Esforcei-me para me concentrar no que o professor de biologia explicava para nublar minha mente e evitar conseguir uma detenção em latim por um trecho confuso em Virgílio. Mas cada tormentosa hora me traía sobre as respostas que eu precisava.

O sol de dezembro estava amarelo e sujou o céu como uma fruta dura e amarga. Estava escuro lá fora e as luzes se acenderam para o jantar. Continuava olhando o relógio.

Logo o iria ver. Logo o encontraria...

— Evie, o que está acontecendo? — Sarah se debruçou sobre a mesa de jantar.

— Dor de cabeça — eu menti, mas ela não pareceu convencida. Fiz um esforço. — Aniversário de Frankie. É meio difícil.

Isso era verdade, mas não era toda a verdade. Não era apenas Frankie que estava quebrando meu coração.

Finalmente, terminamos as orações e os estudantes foram dispensados. Sarah me deu um sorriso rápido, e eu fiquei como de costume, para recolher as bandejas de café com Helen. Intencionalmente não disse nada enquanto trabalhávamos. Já tinha muitas coisas em minha mente sem ter que lidar com Helen. Quando terminamos de colocar em seu lugar a última colher de prata, ela colocou um pedaço de papel na minha mão.

— O que é isso? — Perguntei secamente.

— É algo que você precisa saber. — Ela se via terrível, muito nervosa e esgotada. — Basta lê-lo, isso é tudo.

Ela saiu caminhando com os ombros caídos e cabeça baixa. Desdobrei o papel e espalhei-o sobre uma mesa.

Era um recorte de jornal local. **Valioso quadro roubado**, dizia a manchete.



Sentei-me perplexa e comecei a ler.

O recente assalto em um edifício local histórico, Fairfax Hall, resultou na perda de um retrato de uma família antiga. A pintura a óleo estava pendurada lá desde a época vitoriana. Os ladrões invadiram a residência, que é agora um museu popular, e levaram um retrato de Sebastian Fairfax, o filho rebelde do senhor Edward Fairfax.

Uma mão fria parecia tocar a parte de trás do meu corpo e meus olhos passaram pelo resto do artigo.

Dizia-se que Sebastian tinha tomado sua própria vida, embora seu corpo nunca fosse encontrado. A Sra. Melinda Dawson, diretora do museu, comentou: - *“É uma pena perder a única imagem que tínhamos desse personagem pitoresco. E é um mistério porque não levaram outras coisas. A pintura não tinha grande valor, mas é uma grande perda para a sala.”*

Na parte inferior do artigo estava uma foto da pintura perdida. Era um retrato preciso do meu Sebastian. Mesmos olhos, mesmo cabelo, mesma expressão irônica. Impossível.

Corri atrás de Helen, mas ela já tinha ido embora.

— Vocês viram Helen Black? – Eu perguntei a um grupo que se dirigia pelas escadas de mármore para as camas, mas apenas encolheram os ombros e balançaram a cabeça.

— Quem procura Helen? – Disse uma voz atrás de mim. Era a Senhorita Dalrymple, e ao lado dela estava a azeda e robusta professora de matemática, senhorita Raglan. Pareciam corvos negros em roupas cinza, mas senhorita Dalrymple era toda sorrisos.

— Pobre Helena tem detenção esta noite, eu temo. Menina tonta! Ela já deveria conhecer as regras.

— Algumas pessoas não conseguem manter-se afastadas de problemas. – Senhorita Raglan disse friamente.

— Mas eu preciso falar com ela, só por um segundo. – Supliquei. – Onde ela está?

— Oh querida, eu temo que você tenha que esperar – disse Senhorita Dalrymple. – A menos que... – Seus olhos se estreitaram ligeiramente. – A menos que lhe agrade mandar uma mensagem para ela e nós a entregaremos?

— Não... não... – Me apressei – Não, obrigada.

Deitada na cama no quarto esperei que Helen voltasse, mas como as horas passavam e ela não chegava, eu não podia atrasar isso por mais tempo. Talvez ela esteja doente e tenha ido à enfermaria novamente, pensei. Mas não tinha tempo para me preocupar com Helen.

Tinha que encontrar Sebastian antes que fosse tarde demais. Demasiado tarde, demasiado tarde. As palavras ecoaram na minha mente como um aviso.

Sebastian estava nas portas, como havíamos combinado. O recorte do jornal estava profundamente escondido no meu bolso.



Teria que esperar. Eu queria ouvir primeiro o que ele tinha a dizer.

— Obrigado por vir – disse ele, como se eu fosse convidada para um jantar surreal. Sua voz e sua mão tremiam quando ele me ajudou a montar o cavalo. Agarrei-me a ele como se pudesse tocá-lo para sempre, mas à medida que nos afastávamos galopando, tudo parecia dar uma mensagem: Tarde demais, tarde demais, tarde demais... O nevoeiro rodeava as colinas, e a lua estava acima de nós. Sebastian incitou o cavalo mais rápido à campina. Logo reconheci o contorno escuro de um prédio sob a colina. Tínhamos chegado a Fairfax Hall.

Sebastian parou e o cavalo tomou seu caminho para um lado da colina até a antiga casa, eu podia ver a sombra do lago onde estivemos sentados. A água estava calma e agora tudo estava tranqüilo e silencioso.

— P - p - porque estamos aqui? – Meus dentes batiam de frio.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele deslizou pelo dorso do cavalo e o segui pela grama até chegarmos a uma área escura, uma placa de pedra estava meio enterrada sob um emaranhado de espinhos. Era o ponto exato onde eu tinha visto Helen, ou onde eu pensava que a tinha visto quando visitamos o Hall.

— Vem e veja, Evie. – Sebastian pegou minha mão com seus dedos frios e paramos ao lado um do outro na frente da placa de granito.

**Em memória de um filho amado,
Sebastian James Fairfax,
Nascido em 1865.
Pensa-se que partiu desta vida em 1884,
Por suas próprias mãos.
DEUS DE DESCANSO A SUA ALMA.**

— Este memorial é para mim. Isto é o que eu sou.
O medo se rompeu em mim como uma onda de gelo.

— Pare de ser tão dramático, isso é algo estúpido.

— É a verdade. – Ele parecia extremamente cansado e triste. – Meus pais colocaram esta lápide. Mas tem algo de errado. Eu não morri em 1884. Eu nunca morri.

Não, não, não. Eu queria gritar, mas fiz meu melhor esforço para manter a calma. Sóbria, a sensata Evie, tranqüila, lógica e razoável...

— Mas você não é Fairfax. – Argumentei.

— Sebastian James, lembra? Apenas disse meus dois primeiros nomes. Convenientemente omiti o Fairfax. Me desculpe, eu menti. Não tinha escolha.

— Por favor, pare.

— Pobre Evie, você acha que estou louco, não é? E você tem razão. Foi uma coisa louca me permitir ver você de novo, foi louco deixar isto acontecer, e foi louco permitir-me te amar.

Amor.

Parecia uma palavra de um mundo diferente. Mas era tudo o que teria. Sebastian me amava. Eu amava Sebastian. Teria que segurar-me a isso e não deixá-lo ir.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— É porque te amo que tenho que dizer a verdade – Ele disse. – É tarde demais para continuar fingindo que tudo vai ter um final feliz.

Demasiado tarde. Meu coração se sentia vazio, como uma tumba saqueada.

— Quando você voltar para a escola hoje à noite não poderá me ver de novo. Tenho que fazer você entender. Por favor, me dê esta oportunidade para explicar.

— Tudo bem – respondi mecanicamente, mas as minhas palavras pareciam vir de um sonho profundo.

Afastamo-nos para longe da chapa de granito e Sebastian estendeu seu casaco para mim na grama. Sentei-me, mas ele andava inquieto, como se não soubesse como começar. Então, pegou um livro preto de seu bolso e colocou-o em minhas mãos.

— Você tem que ler isto. Se você não acredita no que estou dizendo, então acredite nela.

— Em quem? Do que você está falando?

— Estou falando de Agnes, é claro. Este é o seu diário. Tudo que você precisa saber está aí.

Olhei com espanto as manchas de umidade do pequeno livro. Suas páginas estavam cobertas com uma pequena letra cursiva, algumas das letras pareciam manchas porque a tinta se espalhou e desbotou. Parecia algo muito antigo.

Minha voz rachou em pânico.

— De onde você tirou isso?

— Por favor, Evie, apenas leia-o, por mim. Por nós. Por favor.

As palavras dançavam diante dos meus olhos. Eu estava prestes a descobrir a verdade por fim? Comecei a ler: *Minha notícia é que o querido S. está de volta de sua última viagem enfim.*

Immortal

First love never dies ...



Capítulo 40

*F*inalmente havia chegado ao último ponto do diário. Sebastian e eu tínhamos sentado um ao lado do outro ao longo da noite, ignorando o tempo, enquanto seguia Agnes em cada passo do seu diário. E agora ela tinha quase terminado sua história:

11 de dezembro de 1884

Tínhamos chegado a Wyldcliffe depois de uma viagem desgastante e passamos vários dias aqui. Martha e sua família foram obrigadas a guardar segredo sobre nossa presença, até que eu encontre a hora certa para me aproximar dos meus pais.

O povo de Martha está sendo muito amável. Seu sobrinho John é recém-casado e sua esposa me pediu que a deixasse mimar a bebê, maravilhando-se com seus pequenos dedos das mãos e pés. Juro que todos gostam dela. Seu amor e compreensão facilitam meu trabalho, mas estou com medo da primeira reunião com minha família. Mas ainda não decidi se vou bater à sua porta ou escrever-lhes primeiro. Tenho feito longos passeios ao pôr do sol, deixando meu bebê e o outro tesouro que guardo seguro, com Martha, assim ando por meus antigos lugares favoritos, pensando sobre minhas memórias.

Uma vez, pensei ter visto ao longe um cavaleiro sobre um cavalo preto, e meu coração pulou com a idéia de que poderia ser ele. Mas Martha disse que ele só se deslocava ao redor de Hall e vivia quase em isolamento total. É melhor assim, embora eu confesse que adoraria vê-lo uma vez mais e saber se ele se arrependeu de sua loucura. Rezo que assim tenha sido, para o bem de todos.

Se somente pudéssemos voltar atrás, antes de tudo isto começar, e só ter uma caminhada longa sobre os muros, como quando éramos crianças. E, no entanto, não poderia lamentar tudo o que tinha acontecido, porque sem esta enredada história não teria tido minha menina linda, minha querida Effie. Só sua vida importa agora. Dentro de pouco tempo terei que encontrar coragem para enfrentar meus pais e descobrir o destino da minha pequena, será que eles iriam protegê-la quando eu tiver ido? Mas algo em mim sussurra dizendo que voltei a Wyldcliffe para morrer. Apesar disso, meu coração está cheio de esperança. Sinto que minha filha terá uma vida mais feliz que a minha. E quando olho para o futuro com a pouca força que me resta sei que depois de que minha filha e as filhas de minha filha tenham deixado este mundo, a menina que tenho visto em minha mente vira do mar selvagem e colocara descanso em toda essa dor.



As lágrimas nublaram minha visão. Mal conseguia ler as últimas linhas.

Sonhei com ela noite passada. Ela estava de pé em cima do pântano com seu cabelo revirando-se livremente e o colar estava pendurado em seu pescoço. Quando olhei para ela, a vi levantar a mão e as colinas ao redor voltaram-se em ondas verdes lutando em uma forte tempestade. Não sei o que isso significa. Mas ela também é minha filha, minha irmã, minha esperança. Sei que estarei com ela sempre e de alguma forma sempre a ajudarei, antes do final.

Com toda essa grande dor. Limpei meus olhos, vendo Agnes em minha mente de forma tão clara como via a grama áspera em meus pés. Ela estava inclinada em uma mesa com uma pena antiga, levantou seu pálido e sério rosto e me sorriu.

Minha cabeça dava voltas com as imagens de fogo e água, de reuniões e discussões, de estranhos rituais e sombras ameaçadoras. E além de tudo ainda estava o garoto de cabelos escuros, apaixonado, obstinado e formoso. Um garoto chamado Sebastian James Fairfax. Deixei cair o livro nos meus joelhos e fechei e os olhos.

— Assim que já sabe – disse Sebastian em voz baixa.

— O quê? – Obriguei-me a dizer. – O diário deve ser falso, uma piada. – Mas sabia em meu coração que não era.

— Não é falso. Este diário foi enterrado em um caixão de chumbo junto ao túmulo de Agnes. Por todos estes anos, tenho respeitado este lugar de descanso, mas ontem à noite o pensamento desses papéis escondidos me atormentava além da minha resistência. Agnes me disse uma vez sobre a garota com quem ela teve uma estranha visão. Eu tinha que saber que a garota era você, se você era parte de nossa enredada história. – Ele desviou o olhar, como se estivesse envergonhado. – Eu... Desenterrei o caixão a noite passada. Tinha que averiguar se Agnes tinha deixado uma pista que me dissesse a verdade.

— Oh, meu Deus...

— Você é a que ela escreveu a que ela estava esperando. É verdade. É descendente dela. A última vez que vi Agnes ela me disse que a bebê estava morta, mas na realidade estava viva e bem, escondida na fazenda com Martha. Depois de que Agnes morreu, a família de Martha escondeu seu diário e tiveram a menina como se fosse uma deles. Já tinha suposto essa parte da história e sabia que era o colar de Effie que usava. – Um olhar faminto cruzou seu rosto – O colar é a chave para tudo.

Tentei mais uma vez fugir da realidade.

— Agnes não pode ter-lhe dito algo, Sebastian. Ela morreu há mais de cem anos, e agora você está comigo. Está tudo no passado. Acabou-se. Você só está confuso, você não está bem.

Sebastian balançou a cabeça.

— É inútil, Evie. Pense no que você acabou de ler. No que Agnes advertiu a seu amigo, a seu amado. Ela não lhe disse que envenenaria a sua própria existência?



O céu parecia pressionar-se sobre mim e as colinas me olhavam, esperando que um desastre acontecesse. Não queria falar sobre essas palavras. Mas eu tinha que fazê-lo.

— Disse-lhe que não buscasse a vida eterna.

— E ele a ignorou. Ele se foi por esses caminhos escuros, tão longe quanto podia, sem sua ajuda. Não foi o suficiente para alcançar a verdadeira imortalidade, mas foi o suficiente para viver centenas de anos, talvez duzentos. O suficiente para falar com Agnes e depois com você, cinco gerações depois.

— Eu tenho que ir. — Comecei a andar. Tudo o que eu queria fazer era voltar para a escola, ir para a cama e tirar essa loucura da minha cabeça.

— Evie espera. Posso prová-lo. Espere!

Virei-me relutantemente e vi Sebastian tomar algo do bolso. Seu reflexo era cinza quando ele colocou em sua cabeça.

— Olhe para mim, Evie.

— Não! — O barulho de um tiro ecoou através da campina, ampliada cem vezes mais na noite tranqüila. As aves se agitaram por cima das árvores. Corri para o corpo caído de Sebastian. Uma antiga pistola de prata havia caído de sua mão. O sangue escorria pelo lado de seu rosto e seus olhos estavam olhando para as estrelas. Eu cobri o rosto com horror, tremendo e aterrorizada. Poucos minutos depois, uma voz baixa se misturou com o vento.

— Não chore Evie. Tinha que provar que estava dizendo a verdade.

Levantei os olhos e gritei. Sebastian estava ajoelhado ao meu lado, tentando me consolar.

Onde estava o buraco na lateral de sua cabeça, não havia sequer uma marca, como se nunca tivesse acontecido.

— Está vendo? Não posso morrer. Nunca morri. Eu sou Sebastian Fairfax. Acredita em mim agora?

Eu não poderia responder. Levantei-me e vacilei, inclinei - me sobre a grama sentindo-me violentamente doente.

— Se sente melhor?

Não pude responder. Sebastian tinha limpado meu rosto e me cobriu com seu casaco, mas ainda estava tremendo.

— Sinto que tenha te chocado tanto. Era a única maneira que tinha para te convencer.

— Eu sei.

Finalmente sabia a verdade. Sebastian tinha conhecido Agnes. Ele estava vivo por quase cento e cinquenta anos, sem dúvida, entretanto ainda tinha dezenove anos... Dezenove... Ele nunca poderia morrer... Eu precisava repetir a mim mesma uma e outra vez. Peguei o recorte de jornal do bolso e dei-lhe.

— Você roubou o quadro da Sala Fairfax, certo? Assim não imaginaria que era você?

— Sim. Pensei que isso seria o fim de tudo para nós. E não poderia suportar não te ver novamente. Sei que fui egoísta. Mas você é a única coisa boa que tenho a única luz na escuridão terrível que me rodeia. Sinto muito.

— Conte-me tudo, Sebastian. Quero entendê-lo.

Ele duvidou.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Há tanto que desejaria que não soubesse. Mas depois que eu lhe tenha dito, você vai entender porque não podemos nos ver novamente.

— Mas se nos amamos... – Comecei.

— O amor pode ser destruído, Evie – Ele respondeu gravemente. – Não acredito que você sinta mais amor por mim depois que tenha lhe dito tudo.

Não pensei que algo mais poderia me aterrorizar novamente.

— Só quero a verdade.

— Tudo o que Agnes escreveu no diário é verdade – Sebastian começou. – Como encontrei o livro? Como começamos a seguir o Caminho Místico? No início parecia um jogo, mas Agnes tinha um dom extraordinário. Ela tinha razão: eu estava com ciúmes dela. Estava acostumado a que me adorassem, a ser o maior, o mais sábio, mais experiente, ou assim eu pensava. Tentei superá-la trabalhando muito duro, me esforcei para aprender e aprofundar mais, mas ela era completamente natural.

"Sabe o que aconteceu depois? Minha louca ambição cresceu. Intimidava-a uma e outra vez a dar-me o que eu queria. Sabia que ela me amava, mas eu era muito egoísta para sentir amor verdadeiro em troca. Queria poder, não amor. Queria viver para sempre. Agnes podia ter encontrado uma maneira de realizar o que lhe pedia, mas ela sabia que seria um erro. Isso poderia distorcer seus poderes e a levariam para lugares perigosos. E sem dúvida para ela era um tormento não ser capaz de me dar o que eu ansiava, então fugiu de mim. Quando ela se foi, fiquei furioso. Meu orgulho me obrigou a provar que eu podia realizar meus sonhos sem ela, sem nem sequer pensar nisso. Oh, Evie, não posso descrever os espantosos lugares onde fui! Mas estava feliz comigo mesmo, acreditei que estava fazendo algo ousado, corajoso e magnífico. Com o tempo aprendi a expressar minha vida para além dos sonhos de um homem. Viverei por muitas gerações, mas um dia meu tempo se esgotara. A verdadeira imortalidade me escapa. Eu ainda preciso de contato com o fogo eterno, o qual Agnes alcançou tão facilmente com sua mente incorruptível. Agnes tinha se escondido nas ruas fétidas de Londres, enquanto seus pais afirmavam que ela estava em uma viagem por toda Europa. Eles tinham medo pelo possível escândalo e se encheram com a esperança de que sua amada filha voltaria para casa algum dia, como se nada tivesse acontecido. Tentei desesperadamente encontrar Agnes, sem nenhum sucesso. Mas quando finalmente ousei voltar a Wyldcliffe, meus espiões a encontraram com bastante facilidade. Ela caminhava toda noite pelas ruínas dos muros da Abadia, tomando forças para encontrar a coragem de voltar para casa. A esperei, e uma noite finalmente nos encontramos novamente."

Ele gemeu e cobriu o rosto com as mãos.

— Oh, Evie, me diga que você me ama agora, pela última vez.

Tomei suas mãos nas minhas e olhei-o diretamente, sua beleza estava perturbada pelo medo, dor e cansaço, mas isso não importava.

— Eu te amo, Sebastian. Sempre o amarei.

Ele beijou minhas mãos e se obrigou a continuar.

— Agnes estava mais bonita do que nunca, mas magra e exausta. Ela estava feliz em me ver novamente. Mas eu era pouco amável, como sempre. Ela me contou sobre seu casamento e do bebê. Eu a acusei de degradar-se a si mesma



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

casando com alguém que não fosse eu. Fiz loucas ameaças contra seu marido e sua filha. Então ela me disse que seu marido - Francis - havia morrido e que sua filha estava morta também. Eu acreditei nela, então lhe pedi que viesse comigo para começar de novo. Ela se recusou e disse que não poderia me amar como marido, só como um irmão. Irritei-me. Disse-lhe que a amava; isso era mentira. Disse-lhe que precisava dela; isso era verdade. Você vê Evie, ainda sonhava em ganhar a perfeita imortalidade. Viver por duzentos, ou mesmo quinhentos anos, não seria suficiente para mim.

“Pedi a Agnes que me ajudasse. Mas ela disse que tinha renunciado a seus poderes e que os havia encerrado em um Talismã secreto que eu nunca encontraria. Meu temperamento se incendiou e a sacudi violentamente, exigindo saber onde estava escondido. Ela tentou se libertar, mas uma raiva cega e desenfreada se apoderou de mim. Não a deixaria ir. Eu queria fazer-lhe mal pela dor que me causava. Empurrei-a com raiva, e ela... ela...”

Ele se deteve.

— O que aconteceu? Diga-me!

— Ela bateu com a cabeça contra a parede quando caiu. Tudo aconteceu muito rápido, foi apenas um pequeno momento. Seu corpo jazia no chão, como uma flor na luz da lua. Comecei a chorar, pedindo-lhe perdão, pedindo-lhe que falasse. Não havia nada que ela pudesse dizer.

Ele me olhou com vergonha e miséria queimando seu rosto.

— Agnes morreu. Eu a tinha destruído.

Immortal

First love never dies ...



Capítulo 41

*U*m pássaro começou a cantar a distância sobre a campina. O céu começava a clarear. A noite acabaria logo mais, mas o amanhecer não traria nenhuma esperança ou consolo. Sebastian havia matado Agnes e ficamos para continuar a confusão, cansados da vida.

— Odeio e desprezo a mim mesmo.

— Não – disse eu. – Você não deve dizer isso.

— Por que não, se é verdade?

Não respondi. Eu estava muito cansada. Nada parecia suficientemente real.

— Então, o que vai acontecer agora? – Perguntei, forçando-me a falar.

— Quero que vá embora de Wyldcliffe o mais rapidamente possível – disse Sebastian. – É a sua única esperança de ficar a salvo de tudo isso.

— Não tenho para onde ir. E eu quero estar perto de você.

— Evie, é a última coisa que você deve querer! Sou um monstro e um assassino.

— Você não é! Foi um acidente. Sei que nunca quis machucar Agnes, eu sei que não queria.

— Minha querida Evie. Você é sempre tão boa e tão confiante. – Suspirou. – Mas há mais. Você não ouviu a história completa ainda. Tenho que dizê-la agora, enquanto eu tenho coragem. Mas vamos sair daqui.

Começamos a caminhar lentamente na direção da distante abadia, conduzindo o cavalo pela grama áspera. Fiquei contente de deixar o monumento escuro sob as árvores espinhosas.

Olhei para o rosto atormentado de Sebastian.

Nesse momento eu não sabia se o amava ou tinha pena, mas eu sabia que meu coração estava destruído.

— Então, o que você quer me dizer? Tem algo a ver com Agnes?

Ele assentiu com a cabeça.

— Quando eu percebi que Agnes foi-se...que tudo tinha acabado... eu não podia deixá-la ali caída. Eu a peguei e a levei por uma pequena porta nos muros do Convento, nos jardins. Ninguém estava por perto. Fui para as ruínas da antiga capela e a coloquei sobre um leito de grama verde, onde o santo altar alguma vez havia estado. Mesmo assim, estava mais preocupado comigo mesmo que com ela, preocupado com a minha dor e meus medos e vergonha. Ocorreu-me que o talismã de que ela tinha falado poderia estar em seu pescoço, e que eu poderia usar os poderes que ela tinha selado dentro para revivê-la. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo. Ela não estava usando, então olhei no seu bolso. Não



havia nada neles, exceto um pedaço de fita, em memória de seu bebê, eu supunha.

— Então eu ouvi um barulho nas árvores. O vigia noturno levantou-se do fogão junto à porta de entrada para fazer uma inspeção nos jardins. Ele deve ter visto o vestido de Agnes esvoaçando na grama e a mim de joelhos junto a ela. Ele veio correndo em minha direção com um par de pistolas de prata, pedindo ajuda. Eu joguei-o no chão e peguei uma das pistolas, segurei-a contra sua cabeça e ameacei matá-lo. Mas eu estava doente com a idéia de levar outra vida. Deixei-o ir e saiu correndo. Até àquela hora o alarme tinha sido ativado. Funcionários estavam correndo para fora de camisolas. Manobrei para evitá-los, mas o vigia apontou sua pistola e disparou. A bala atravessou meu coração.

Ele riu de repente, um estranho som discordante.

— Foi tão estranho, Evie. Fiquei feliz de morrer. Depois de tudo o que tinha feito para evitar a morte, finalmente, deu-me boas-vindas. Mas não funcionou dessa forma. Senti o sangue jorrando do meu peito. Deixei-me cair no chão e depois... Eu não posso descrever... ainda estava consciente, mas transformado. Tinha entrado num mundo de sombras. A dor me deixou e me levantei. Os funcionários estavam correndo para mim, gritando: *Onde está? Foi embora?*. Eu estou aqui, tolos! - Eu chorei. - Venha para mim. - Mas pareciam não me ouvir ou ver-me. Não estava morto, mas não estava vivo. Não sentia fome ou sede ou dor. As poções secretas que havia tomado, os rituais do mal que tinha sofrido na busca da imortalidade me deixaram como isso: já não vivia, mas não podia realmente morrer.

Olhou para baixo pelo vale.

— Eu teria que aceitar isso, Evie, como um castigo justo para o que tinha feito. Uma existência sem fim, sem sentido ou alegria. Então, quando saí da Abadia, logo se tornou evidente para mim que o que encontrei era pior do que isso. - Um arrepio percorreu seu corpo como um espasmo de dor. Os professores obscuros, aqueles a quem tinha servido na minha busca do conhecimento proibido me disseram que era uma opção apresentada a mim no mundo das sombras que habito agora. Tenho uma última chance de tornar-me um dos invencíveis como eles, existindo para sempre além do alcance do tempo e das regras de Deus e do homem. Para isso, preciso do Talismã.

— Por quê? O que o torna tão especial?

— Agnes tinha selado não apenas seus poderes, mas também seu amor por mim dentro do objeto sagrado. Nada mais pode ajudar-me.

— Mas e se você não encontrá-lo?

Sebastian fez uma careta, vacilante ante uma memória terrível.

— Sem o talismã, não vou ser como era. Não poderei ser morto por uma bala ou uma pela ponta de uma faca, mas sem o Talismã eventualmente sumirei.

— Sumir? Eu não entendo. - Acho que nunca o entenderia.

— Sumir é murchar e decair, hora a hora, minuto a minuto, até se tornar um espírito maligno das trevas, um escravo, um tormento para si e aos outros. Em outras palavras - ele disse - um demônio. Sumir é perder qualquer centelha de humanidade, no entanto, ser eternamente consciente da própria degradação. E



isso é o que vai acontecer comigo. Ah, poderia levar muitos anos, mais de uma centena, mas ocorrerá no final.

Ele estremeceu. Senti-me mal ante a idéia de Sebastian, tão bonito, tão cheio de vida, tornando-se um espectro horrível. Fiquei pensando, isso não pode ser verdade, não pode estar acontecendo. Mas assim era. A terra estava sob meus pés, e o céu estava acima de mim. Eu estava acordada. E a voz de Sebastian continuou inexoravelmente derramando seus segredos terríveis.

— Eu tinha medo desse destino. Tinha desejado a vida, não uma morte em vida. Jurei que faria todo o possível para encontrar o talismã e desbloquear seus poderes. Recorri a meu grupo de seguidores em torno de mim e ordenei-lhes que me ajudassem a manter minhas esperanças atormentadas vivas. Tentei me convencer de que se eu pudesse encontrar o Talismã, viveria não como um invencível, mas como um homem outra vez, eu me tornaria a pessoa que Agnes queria que eu fosse, tive centenas de vidas para corrigir os erros que tinha cometido. E busquei-o por muitos anos sombrios e vazios. E então algo aconteceu... algo tão terrível...

— O quê? — Eu perguntei, horrorizada. — O que aconteceu?

— Eu... não posso suportar a lhe dizer. Mas eu juro que me fez enfrentar até o último dos meus crimes. Eu desisti da luta pelo talismã. Dei as costas para o que havia sido... alimentava-me. Aceitei meu destino final. Para chegar a ser um vil demônio não era mais do que eu merecia. E nesse preciso momento, quando estava fraco e começava a desaparecer, foi quando eu te conheci.

Sebastian virou e pegou minha mão sobre a sua. Traçou a fraca cicatriz onde eu tinha cortado com o vidro na noite que nos conhecemos. Agora eu sabia como ele foi capaz de repará-lo, e porque ele parecia tão doente e pálido quando nos conhecemos. Sebastian não estava doente, estava desaparecendo, deixando de existir, deixando-me para trás, deixando este mundo e virando-se para as sombras...

— Nessa primeira noite fiquei surpreso que me visse — disse ele. — Geralmente me oculto dos inocentes.

— Como? E onde tem vivido todo esse tempo? Aonde vai quando eu não estou com você? Como você vive? — Havia milhares de coisas que eu queria perguntar.

— Caminho nas sombras preso entre a vida e a morte. Eu ainda tenho poderes suficientes. Aprendi a me deixar ver pelos vivos, ou posso escolher estar oculto. Às vezes eu entro na vida de novo, tentando esquecer tudo. Fui um trabalhador, um pastor, um viajante. Por um tempo vivi com alguns andarilhos romani. Eles eram bons para mim, como irmãos. Mas eu não podia ficar muito tempo em um lugar, ou com um grupo de pessoas. Aos dezenove anos de idade, alguém que nunca cresce, que parece não comer ou dormir ou ter qualquer relação familiar? Era impossível pertencer a algum lugar. Então, eu sempre voltava para Wyldcliffe. A noite que nos conhecemos eu soube que havia algo especial em você, Evie. Eu tinha ocultado a mim e ao meu cavalo através de alguns feitiços simples, como de costume. E ainda assim você me viu. Eu não sabia como ser educado, ou mesmo apenas humano, quando falei com você pela primeira vez, mas algo em você me fez sentir vivo, e não foi só porque me



lembrava de Agnes. Estava desesperado, tão triste e solitário que não pude resistir a vê-la novamente. Depois de tudo, eu estava condenado, o que mais dava uma última auto-indulgência? Mas você era jovem e confiante e boa - tudo o que havia perdido, por isso depois de um tempo eu disse que tinha que parar de ver você, para teu bem. Pela primeira vez em toda minha existência realmente sabia o que era preocupar-se com alguém. Tinha sido obcecado por Agnes, ligado a ela de uma forma que apenas entendia, mas com você era diferente. – Seus olhos azuis encontraram com os meus. – Para mim, só existe você. Você me ensinou a amar.

— Fico feliz – disse ferozmente.

— Eu também – um leve sorriso suavizou seu rosto, em seguida, suspirou.

– Mas eu estava muito fraco para sustentar a minha resolução, deixei-me continuar te vendo, e a maior ironia é que foi você quem me levou ao Talismã.

— Como?

—Foi tão simples, mas tão parecido a Agnes. Houve todo tipo de boatos sobre nós dois depois da morte de Agnes e meu desaparecimento, que seus pais tentaram encobrir. Disseram que tinha morrido em um acidente. Eles queriam acreditar, e queriam que todo mundo acreditasse. As histórias persistiram, entretanto. A população local sussurrava que Agnes tinha trazido um grande tesouro com ela de Londres antes de morrer. Ah, disseram todos os tipos de coisas loucas: documentos secretos que havia sido enterrado junto a seu túmulo, que seu fantasma tinha sido visto na antiga capela, e que ia voltar um dia como um anjo de luz para cuidar de Wyldcliffe de algum castigo severo. Ainda afirmaram que tocar em seu túmulo poderia curar os enfermos.

Sebastian chegou a tocar o meu cabelo.

— Quando te conheci, pensei que você poderia me curar, menina do mar. – sorriu tristemente. – Sensata, Evie sensível, não teria ouvido todo esse absurdo, não é? Mas me agarrei a história do tesouro. Tinha certeza de que isso significava o talismã, e como um estúpido arrogante que não pensava que para ela seu verdadeiro tesouro era - sua filha. Uma pequena menina crescendo despercebida em uma fazenda local, com uma corrente no pescoço era o suficiente para enganar a grande magia e astúcia que eu imaginei que seria. Mas na noite que eu toquei seu colar, percebi como havia sido enganado. Em meu desespero segui as velhas histórias novamente, cavando na terra por mais pistas. Tentei fazer a única coisa que havia sido o suficientemente decente para resistir: recuperei os documentos secretos de onde seus amigos haviam escondido no chão sagrado. E seu diário me contou tudo.

Agora entendo. Pendurado em meu pescoço, este precioso talismã, transmitido de cada mãe para filha, os descendentes de Evelyn Frances Smith, o segredo de herança: nunca cair na escuridão. Tudo o que eu tinha que fazer era dar a Sebastian, dar o que ele sempre quis, e salvá-lo de seu terrível destino. Talvez este - invencível - lhe permitiria ser, pensei desesperadamente, talvez seja realmente possível para Sebastian ser restaurado para a vida humana, como meu presente Imortal, poderíamos estar juntos...

— Aqui – eu disse. – Pegue-o. Você pode tê-lo.

Ele me olhou com ternura infinita.



— Querida Evie, ainda que fosse tão simples. Só em estar perto dele me deu alguma força e energia nas últimas semanas. Mas não lembra o que aconteceu na outra noite quando tentei tocá-lo? Agnes não era estúpida. Ele tem os poderes ligados a você e somente a você. E sabia que se eu tentasse colocar um dedo sobre ele, estes poderes trabalhariam contra mim.

— Porque não ia querer te ajudar?

— Ela não sabia que eu já estava preso em minha própria loucura. Ela pensou que me protegia de um erro terrível ao selar o Talismã. Mas já era tarde demais. Já tinha me colocado nas mãos de meus professores, como um tolo cego. E assim, também selei a única coisa que poderia ter-me ajudado: a memória do seu amor.

— Não podem estes... professores teus abri-lo para você?

— Não! Eles são cruéis. Não ajudam os fracos. – Um lampejo de dor passou sobre seu rosto.

— Os invencíveis tem alcançado a imortalidade com suas artes negras, e já não podem ser tocados pela morte, a verdade, ou o amor. Governam as sombras, e são terríveis. – Ele estremeceu e apertou as mãos.

Por um instante, pareceu-me ver através dos olhos de Sebastian: as figuras chocantes de homens vestidos de preto e vermelho, com coroas de ferro na cabeça. Um virou o rosto para mim, e eu vi a sua devastação, a beleza desumana, e senti que me pulverizava sob seu olhar fulminante. Eu rastejei longe da visão terrível e tentei entender o que Sebastian tinha me dito.

— Meus professores me deixaram claro que agora só há uma maneira que eu possa usar o amuleto para parar o processo de desaparecimento.

— Como? Conte-me!

Sebastian estava mais pálido do que nunca, e sua respiração veio em uma forma rápida em um soluço cortante.

— Para conquistar o talismã, eu devo tirá-lo de você pela força e reclamar minha coroa imortal. E para fazer isso teria que matá-la.

Sabia por seu rosto que estava dizendo a verdade.

— Não posso estar mais perto de você, Evie. Sei que quanto mais eu desaparecer na obscuridade serei menos do que sou agora, serei tentado a vir atrás do Talismã. Para me tornar um invencível, ou em seu escravo eterno. Como posso ter certeza o que escolherei quando finalmente chegar o momento? Tenho tanto medo de matá-la, como destruí Agnes. Porque não posso amar você? Meu amor não vale nada.

— E o meu amor por você? – Eu chorei. – Tudo isso para nada?

— Deve deixar de me amar. Sua vida está em perigo, e não apenas pelo que sou tentado a fazer. Há outras forças te vigiando, ansiosas para te possuir. Não posso controlá-las por mais tempo. Não sou o único miserável que tem procurado o talismã. Você não deve ficar aqui – insistiu ele. – Vá embora. Não volte para o convento abadia, não esta noite, nem nunca. Não há nada para você lá só perigo e problemas. Não existe nada para você, apenas a morte.

Em um movimento rápido, levantou-me sobre seu cavalo, empurrando as rédeas em minhas mãos.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Colocou meu rosto junto ao dele para um último e desesperado beijo, depois virou seu cavalo em direção ao outro lado do vale dormente, longe da abadia.

— Mas, Sebastian...

— Deve fazer o que te digo! Saia de Wyldcliffe agora, enquanto você pode. De agora em diante teremos que ser nada um para o outro, Evie. Devemos ser estranhos. — Seu rosto era como a morte, e sua voz tão dura como gelo. — Devemos ser inimigos. — Deu uma palmada no flanco do cavalo, e o poderoso animal balançou a cabeça e subiu sobre a grama. Puxei as rédeas para fazer o cavalo parar e virar.

— Sebastian! Sebastian! — chamei ao vento. — Onde você está?

Não houve resposta. O topo da colina estava nua e vasta, vazia de esconderijos como um deserto aberto. Sebastian tinha desaparecido no ar. Ele tinha ido embora e não deixou vestígios por detrás destes montes desolados. Estava sozinha. Esperei e esperei, mas ele nunca voltou. Deixei que o cavalo perambulasse lentamente indo para onde ele quisesse. Eu não tinha vontade nenhuma de fazer qualquer escolha, boa ou má. No momento em que o brilhante amanhecer filtrava-se lentamente nas colinas, o cavalo tinha chegado às portas do Convento. Deslizei para descer do cavalo e este continuou a galopar para longe.

Estava de volta para onde havia começado todas essas semanas atrás. O sinal depositado nas portas com uma estranha mensagem:

WYLDCLIFFE
SEJA LEGAL
OU VOCÊ MORRE.

Empurrei os portões de ferro abertos e me dirigi cansada ao único lugar que me esperava. O que importava o que me esperava lá? Sebastian tinha ido embora. Era meu inimigo, e me senti como se já tivesse morrido.

First love never dies ...



Capítulo 42

*C*aminhei pela estrada deserta.

A casa parecia como uma grande prisão nos primeiros raios da luz fria da manhã. Se eu corresse, talvez conseguisse voltar para a cama antes que alguém notasse que eu havia saído. Evitando a porta da frente, segui pelo caminho dos estábulos. Quando eu estava passando pelo jardim, alguém saiu das sombras.

— Sarah! – falei assustada.

— Graças a Deus encontrei você!

Ela me abraçou rapidamente, então me arrastou na direção do jardim.

— O que você está fazendo aqui fora? – falei surpresa.

— Helen me pediu para cuidar de você na noite passada. Ela me viu á caminho da detenção e falou que estava preocupada com você. Expliquei que você estava chateada por causa da Frankie, e falei para ela não se preocupar. Mas então. — Sarah continuou. — Depois que fui para a cama, tive a estranha impressão de que havia alguma coisa realmente errada. Eu tinha a imagem de você perdida nos muros em minha mente. Esgueirei-me até o seu quarto, mas você não estava lá, e a Helen também não. Então vim aqui fora para procurar por vocês duas. Eu estava prestes a contar para a Senhorita Scratton que vocês estavam desaparecidas.

Ela olhou para mim ansiosa.

— Então onde está a Helen? E onde vocês estavam?

— Você lembra que me falou que eu deveria saber mais sobre o Sebastian? — respirei fundo. “Bem, eu descobri.

O mais brevemente que pude, contei tudo para ela. Vi a expressão dela mudar de descrença para repulsa e para pena. E sob tudo isso havia medo.

— Então ele é um... Fantasma?

— Acho que não. — eu dei de ombros. — Ele está preso entre mundos. Nas sombras como ele falou. Ele não está vivo como nós estamos, mas também ele não pode morrer.

— E se ele não conseguir a ajuda desse talismã — do teu colar — ele vai se tornar um tipo de demônio?

— Aparentemente. — Eu falei. Não havia mais energia em mim para qualquer tipo de emoção. — E o plano B é que ele terá que me matar para pegar o talismã.

Sarah olhou para mim horrorizada.

— Evie, você precisa sair daqui.



— Como posso fazer isso? Você espera que eu escreva para o meu pai e diga, ‘por favor, me tire de Wyldcliffe; meu namorado se revelou um espírito perigoso de cento e cinquenta anos de idade?’ ele vai achar que enlouqueci. Além do mais, não tenho para onde ir. Papai está fora do país; o chalé está alugado à maioria das vezes. Não tenho família, apenas uma velha tia em Wales, para onde serei mandada no verão se tiver sorte.

— Você não pode fingir estar doente ou algo assim?

— Não tem jeito Sarah. – Falei em uma voz vazia e morta. – Não posso fugir disso. Não há escapatória. E eu nunca mais poderei ver o Sebastian novamente. – Eu explodi em lágrimas novamente.

— Vamos. Você está exausta. – Sarah falou. – Vamos voltar para dentro.

Ela segurou meu braço e começou a me guiar em direção da casa, quando senti seus dedos se cravarem na minha pele.

— Evie olhe! – ela gritou. – Olha para cima!

Sarah apontou para cima do telhado de ardósia. Atrás de uma torre pontuda, olhando para baixo na parte mais distante do prédio estava à figura de uma garota. E não havia como confundir quem ela era dessa vez. Os cabelos pálidos de Helen se espalhavam por suas costas sobre a camisola, e ela levantou os braços e rosto para o céu, como se estivessem idolatrando o pálido amanhecer.

— Mas o que...? Helen! – eu gritei.

— Shhh! – Sarah falou. – Se você distraí-la, ela pode cair.

Mas era muito pior que isso. No instante seguinte, Helen abriu seus braços, caminhou para fora do telhado e pulou para baixo. Ela caiu tão rápido como uma sombra, desaparecendo da vista do outro lado do casarão.

Corremos para frente da casa, nossos pés voando na grama.

— Por favor, não esteja ferida, por favor, por favor... – eu implorava cegamente. Tudo o que eu conseguia ver em minha mente era o corpo de Helen jazendo no chão, como um amontoado em frente à porta principal.

Mas quando chegamos aos degraus da frente não havia ninguém lá.

Impossível.

Nos esgueiramos até o salão da entrada. Não havia fogo na lareira de pedra, e nenhum dos empregados estava por ali ainda. Vozes baixas vinham do corredor à nossa esquerda.

Sarah sinalizou para que eu a seguisse.

Caminhamos o mais silenciosamente que pudemos, passando pelos porta retratos, painéis e aposentos fechados. As vozes pareciam vir da sala da senhora Hartle, e parecia com pessoas discutindo. A porta estava levemente aberta. Caminhamos sorrateiramente até a porta e espiamos para dentro, tomando cuidado para não sermos vistas. Helen estava parada na frente da mesa da diretora, desafiadora, silenciosa, mas sem ferimentos.

Como ela poderia ter pulado do telhado sem ter se espedaçado como uma boneca de porcelana?

A senhora Hartle entretanto, não parecia estar interessada na queda de Helen. Sua expressão, normalmente calma, estava transformada pela raiva.

— Como você ousa fazer uma coisa como essa? Você não pensou que alguém poderia ver? Você quer entregar tudo?



— Sim, eu quero. – Helen respondeu. – Eu quero que as pessoas saibam o que está acontecendo aqui.

— Não desperdice sua energia Helen. Ninguém iria acreditar em você. Pular do telhado só irá fazer você aterrissar em uma instituição novamente, e não será um aconchegante lar para crianças desta vez. Não, vai ser melhor para todos se você começar a fazer o que eu disser.

— Não vou cooperar. E você não pode me obrigar.

A diretora pareceu trocar de tática. Ela se reclinou na cadeira não mais irritada, mas friamente divertida.

— Acho que você vai descobrir que eu posso. Oh, você se saiu bem até agora contra mim, mas você não vai ser capaz de continuar assim por muito tempo.

— Eu posso... eu vou. – Helen falou, mas as palavras pareciam fracas, como se ela estivesse lutando para respirar.

— Não se esqueça Helen, que nós somos muitas, e você está sozinha.

— Eu prefiro morrer sozinha em uma vala a estar associada em qualquer coisa com você!

A senhora Hartle saltou de sua cadeira e ficou em frente à Helen, sombria e ameaçadora. Havia uma estranha conexão entre as duas, como uma luta que estava acontecendo. Então Helen riu suavemente. Instantaneamente, a mão da senhora Hartle chicoteou o rosto de Helen com um tapa pungente.

— Saia! – ela rosnou.

Sarah se agarrou em minha manga e nós corremos de volta pelo corredor. Ela começou a correr na direção da escada de mármore, mas eu a puxei para alcova escondida por cortinas que levava até a velha ala dos serventes. Eu lutei com a porta, então abrimos caminho através dos corredores mofados.

— Nós podemos usar esse caminho para não sermos vistas. – Eu expliquei rapidamente.

— Mas e quanto a Helen?

— Shhh!

Eu podia escutar passos leves do outro lado da porta. Meu coração estava batendo como um martelo. Eu estava certa de que seria a senhora Hartle vindo atrás de nós. Então a porta se abriu e Helen ficou parada lá por um segundo, contornada pela luz.

— Evie? Sarah? – ela sussurrou. – Vocês estão aí? Eu estava tão preocupada com vocês.

— E quanto a você? – Sarah saiu de onde estávamos escondidas. – Nós vimos você cair!

— Bom. Eu queria que você também me visse, ou não iria acreditar.

— Você poderia ter se ferido, e a senhora Hartle não se importa nem um pouco. – Eu protestei. – E professores não podem bater em você como ela fez!

— Eu sei. Mas ela não é somente uma professora. – Helen suspirou na escuridão. – Ela é minha mãe.



Capítulo 43

*U*m sino tocou, ecoando no corredor lá fora. Um novo dia havia começado.

— Nós temos que ir – disse Helen, de repente, alerta. – Vejo você depois da aula.

— Onde?

— Em baixo, na gruta velha. Você sabe onde eu quero dizer? Não deixe ninguém te ver. E não fale comigo hoje, faça como se não tivéssemos nada a ver umas com as outras. Eles estão observando o tempo todo.

— Quem está observando? – Perguntei.

— Eu vou explicar mais tarde. Vamos lá, temos que ir.

Corremos pelas escadas para nossos quartos.

Não sei como agüentarei esse dia. Sebastian, Agnes... O talismã... Senhorita Hartle. Eu senti como se estivesse me afogando.

Para piorar a situação, Celeste voltou do hospital com uma perna engessada. Ela fez um grande show fingindo ser uma mártir ferida, mancando bravamente pela escadaria de mármore, exigindo atenção e simpatia. Mas quando Sophie se ofereceu para emprestar-me um atlas de geografia, Celeste pareceu atordoada. A idéia de que suas amigas poderiam ter parado de me odiar tanto, parecia enfurecê-la bastante, então ela decidiu me irritar toda à tarde, até que eu queria gritar ‘me deixe sozinha, me deixe sozinha...’

Mas nada podia Celeste fazer ou dizer, que me atormentasse mais do que meus próprios pensamentos. Assim que terminou a aula, saí do prédio e corri em direção ao lago.

Suas águas pareciam maçantes e escuras, refletindo o céu de inverno. Umas centenas de recordações inundaram-me de ter estado lá com Sebastian: rir, conversar, nadar, os beijos, tudo o que eu nunca poderia fazer novamente.

Andei para frente, determinada a não ceder às lágrimas, escorregando por entre os arbustos emaranhados na gruta.

— Sarah? – Chamei baixinho. – Helen?

— Aqui – responderam-me em um sussurro. Eu vi o brilho de uma lanterna na minha frente, o segui. Encontrei as outras que estavam esperando-me ao lado dos mosaicos brilhantes. – Diga-nos o que estava acontecendo esta manhã, Helen – disse sem rodeios.

— Você realmente caiu do telhado? E a senhorita Hartle é realmente sua mãe?



— A resposta a ambas as perguntas é sim. E eu vou tentar explicar. Mas provavelmente não vão acreditar.”

— Não se preocupe. Estou me acostumando a acreditar no inacreditável. Experimente

Helen começou a falar com uma voz rápida e monótona.

— Eu cresci em um lar de crianças, e eu nunca soube quem eram meus pais, as pessoas da casa trataram de ser agradáveis, mas eu não me encaixava, tenho uma reputação de ser difícil. Se alguém tratava de ajudar, gritava-lhe que só queria ficar sozinha. Assim depois de um tempo deixaram de tentar. Causei tantos problemas na escola que fui expulsa. — Ela corou conscientemente. Eu nunca a tinha ouvido falar tanto, e ela continuava falando.

— Era o tipo de garota que girava em torno de si mesma, minha verdadeira vida estava em meus sonhos. Quando eu era pequena, sempre tive essa fantasia de ser capaz de voar, como as crianças fazem. Mas mesmo quando fiquei mais velha, eu costumava ter o mesmo sonho. Finalmente, quando eu tinha uns treze anos, comecei a ser sonâmbula⁴². Uma noite eu acordei e estava no telhado da casa. Eu não sei como cheguei lá. Olhei para baixo e pensei que, se eu me jogasse, seria capaz de voar para um lugar completamente novo e diferente, algum lugar onde realmente pertencesse. Mas uma outra voz na minha cabeça estava dizendo, não seja boba, você vai se matar, mas de alguma forma sabia que ia estar muito bem. Então, eu fechei os olhos e pulei. — Helen fechou os olhos como se estivesse procurando lembranças. — Sentia o ar correndo junto a mim, e o som do vento encheu minha cabeça como um fogo ardente. Eu estava esperando algum tipo de acidente, mas quando eu abri meus olhos novamente, havia aterrissado na Terra com a agilidade de um gato. E a queda foi de cerca de quarenta pés⁴³. Eu não podia acreditar, então eu repeti novamente e novamente. Toda vez que eu fiz, aterrissava sem problemas. Era como se eu pudesse deslizar para baixo como o vento, ou como se pudesse nadar no ar tão facilmente como nadar na água. É realmente difícil de explicar.

Olhamos-nos todas, tentando avaliar nossas reações.

— Havia outras coisas também. Descobri que eu podia mudar as coisas apenas pensando sobre isso. Se eu quisesse mover um livro, por exemplo, eu imaginei que o vento estava soprando, e mover-se-ia por si mesmo. Eu poderia fazer uma tempestade de primavera do nada. Poderia até me transportar-me de um lugar para outro, apenas pelo poder do meu pensamento.

— O poder da sua mente? — Disse Sarah. — O que você quer dizer?

— Isso é o que Lady Agnes escreveu — Interrompi — Eu sinto, eu desejo, e acontece... Só que ela estava atraída pelo fogo, e você sente-se atraída pelo ar.

⁴² O sonambulismo é um transtorno classificado como uma parassonia do sono, também chamado noctambulismo, durante o qual a pessoa pode desenvolver habilidades motoras simples ou complexas. O sonâmbulo sai da cama e pode andar, urinar, comer, realizar tarefas comuns e mesmo sair de casa, enquanto permanece inconsciente e sem possibilidade de comunicação.

⁴³ O pé norte-americano é definido exatamente como sendo 1200/3937 metros, aproximadamente 0,30480061 m.



— Sim, bem isso – disse Helen. – Digamos que eu seria trancada no meu quarto, depois de agitar uns problemas na casa, mas eu queria ir e sair. Bem, se eu queria forte o suficiente, eu como se eu tinha que entrar neste tipo de... Oh, eu não sei, como um túnel de vento⁴⁴ correndo, e sair na outra extremidade para o lugar que eu tinha imaginado: no parque ou nas ruas, ou ao longo do velho canal. Ninguém parecia saber ou ver-me. Pensei que era uma espécie de monstro. Isso fez tudo piorar, nada de bom. Eu tinha pavor de alguém descobrir, e que pensassem que eu era louca. – Ela me olhou nervosamente. – Eu suponho que você pensa que eu sou um caso perdido de loucura, né? Eu sei o que dizem: Helen a louca.

— Eu não penso sobre isso – murmurou Sarah.

— Não – eu disse com firmeza. – Você é nossa amiga.

Helen olhou tímida, desajeitada e satisfeita.

— Obrigado.

—Então como você acabou em Wyldcliffe? – Perguntei.

— Cerca de um ano atrás, uma mulher chegou a casa. Era muito inteligente, bem vestida, não era o tipo de pessoa que eu tinha visto antes. Era a Sra. Hartle. Ela explicou que era a minha mãe, que era muito jovem e não estava casada, quando eu nasci. Meu pai tinha fugido, e não tinha sido capaz de cuidar de mim. Mais tarde, ela se casou com um homem mais velho, um homem rico. Ele estava morto e agora estava em uma boa posição em uma escola, e nós estaríamos juntas novamente. E então ela me disse, que sabia que eu estava em contato com especiais poderes elementares, que era um presente da família e que só ela poderia entender-me. Foi estranho ouvi-la dizer tudo isso, mas eu estava tão feliz que eu não era louca e que tudo tinha vindo do passado da minha mãe.

Senti o meu pulso se acelerar de inveja, tinha imaginado tantas vezes que minha própria mãe, por sua vez, um dia apareceria dizendo: não me afoguei, foi tudo um erro, eu estou viva... Assim como a mãe de Helen, de repente entrou em sua vida.

— Eu estava em êxtase no primeiro momento – disse Helen. – Mas assim quando chegamos a Wyldcliffe, disse-me que não devia dizer a ninguém quem eu era, porque não seria bom para sua reputação. O que me limitaria a ser simplesmente uma menina conhecida com bolsa de estudos, uma órfã. Logo imaginei que minha mãe não estava realmente interessada em mim, só no que eu podia fazer. Ela queria usar os meus dons para seus próprios fins.

— Como você soube deles? – Disse Sarah.

Helen ficou vermelha, como se as palavras tivessem sido queimadas em sua boca.

— Minha mãe, a Sra. Hartle, é uma das Irmãs Escuras, A Alta Patrona Da Seita De Wyldcliffe. Eles pegam os poderes elementares onde quer que estejam e tentam submetê-los à sua própria vontade e de seu mestre.

— Quem é esse? – Perguntei debilmente.

⁴⁴ Túnel de vento: é uma instalação que tem por objetivo simular e estudar o efeito do movimento de ar sobre ou ao redor de objetos sólidos. É muito utilizado em laboratórios (modelos físicos) para a determinação de parâmetros nos projetos de aviões, automóveis, cápsulas espaciais, edifícios, pontes, antenas e outras estruturas de construções civis



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

- Ela me olhou com piedade em seus olhos claros e brilhantes.
- Você sabe quem é o mestre dela, não sabe, Evie?
 - Não? – Sim, eu sabia. Não poderia ser mais ninguém.
 - É o Sebastian, não é?
 - Sim. – Helen suspirou. – Sinto muito, Evie. Eu realmente sinto muito.

Immortal

First love never dies . . .

Immortal - Gillian Shields

Página 152

GILLIAN SHIELDS



Capítulo 44

*P*ingos de água gotejavam ao redor da estátua de Pan⁴⁵. Parecia que existiam milhares de olhos fixos na escuridão, esperando para ver o que iria acontecer. Senti como se uma rede invisível começava a se aproximar de mim, e me capturava em cada direção. Algo se moveu em uma esquina, e eu pulei.

— O que é isso? – Eu disse.

— Provavelmente, um rato ou um ratazana – Helen respondeu. – Há túneis antigos, que vão desde a gruta a outras partes dos terrenos. Eu acho que estão habitadas.

Suprimi um calafrio e tentei me concentrar.

— Então sua mãe é uma dessas Irmãs Escuras? Sarah perguntou, com os olhos bem abertos.

— O que é tudo isso?

— Há uma tradição de mulheres que se juntam a um mestre do caminho místico, são responsáveis por alimentá-lo, protegê-lo, ganhando força de sua irmandade. Elas podem ser curandeiras e trabalhadoras de bem, conectadas por laços de lealdade e de conhecimento. Mas se o mestre está errado, a seita pode envenenar o seu tempo, também.

— Continue – eu disse rapidamente. Eu tinha que saber de tudo.

— Evie, as Irmãs Escuras em Wyldcliffe são perigosas. Elas não se preocupam com a cura ou a aprendizagem. Seguem um mestre corrupto, e se obrigam a ele para fins egoístas. Após a noite em que Sebastian lutou com Agnes, ele reuniu um grupo de seguidoras e prometeu que se descobrisse o segredo da imortalidade, seria compartilhado com elas. Em troca, tinham que servir-lhe incondicionalmente.

— Mas deveriam ter morrido há muito tempo – disse Sarah.

⁴⁵ Para o caso de você estar pensando, sim, é mesmo Deus Grego que aparece nos livros do Percy Jackson e os olímpianos (quem leu sabe do que eu tô falando XD) Pan (Lupércio ou Lupercus em Roma) era o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores na mitologia grega. Residia em grutas e vagava pelos vales e pelas montanhas, caçando ou dançando com as ninfas. Era representado com orelhas, chifres e pernas de bode. Amante da música, trazia sempre consigo uma flauta. Era temido por todos aqueles que necessitavam atravessar as florestas à noite, pois as trevas e a solidão da travessia os predispunham a pavoros súbitos, desprovidos de qualquer causa aparente e que eram atribuídos a Pã; daí o nome pânico. Os latinos chamavam-no também de Fauno e Silvano.



— As Irmãs Escuras passaram seus lugares na seita para suas filhas e as filhas de suas filhas. E por todos os longos anos desde a morte de Agnes e Sebastian atravessou para as Sombras, elas têm alimentado e apoiado ele em segredo. Seu principal objetivo tem sido o de ajudá-lo a encontrar o talismã.

— Então, você sabe quem são elas? – Perguntou Sarah.

— Absolutamente não, não mais do que suspeitas. Mesmo em seus rituais e reuniões, tiveram o cuidado de ocultar suas identidades. Elas podem ser as mulheres da aldeia ou esposas de agricultores ou professoras aqui na escola, como minha mãe. Tudo o que sei é que são assassinas.

Sarah e eu olhamos uma para a outra com a incerteza. Por um momento eu quis saber se Helen inventou tudo. Ela percebeu a nossa hesitação.

— Desculpe, mas você tem que saber a verdade – disse Helen. – Se você não acredita em mim, olhe e escute. E não falo...

Fechou os olhos e levantou os braços, desenhando um círculo no ar com a ponta dos dedos. Um vento frio veio do nada, e de alguma forma esse vento impetuoso, apareceu um balão de prata na luz e flutuava no ar diante de nossos olhos. Exclamei em voz alta e Sarah agarrou a minha mão. Helen cantou baixinho, e o estranho mundo de luz girava cada vez mais rápido, até que vimos os números como quadros vivos, no fundo prata. Um deles era Helen, e os outro era sua mãe, a Alta Senhora⁴⁶.

— Você pode ser grande entre a nossa espécie, Helen – a senhora Hartle estava dizendo. – Você é natural. Mas você pode aprender muito mais se só me deixar ensinar.

— O que você pode me ensinar? – Respondeu Helen.

— Nossos rituais podem levar a um grande poder – disse a Alta Senhora impressionantemente. – Mesmo, para ele, e uns poucos favorecidos, a vida eterna.

— O poder único que eu quero é o poder de ser eu mesma. E eu quero ser livre para viver minha vida, não me misturar com seus esquemas.

— Então você recusa? Deixe-me dizer, eu posso fazer a sua vida em Wyldcliffe muito desagradável.

— Eu não vou deixar. Eu vou dizer às pessoas quem você realmente é, e que te detenham...

A Sra. Hartle riu friamente.

— Helen Black louca que se queixa da Alta e venerada Senhora da Abadia da Escola Wyldcliffe. O que você vai dizer que eu sou uma espécie de bruxa? Acho que não. Sabe que vão trancar-te, não a mim. Você realmente não tem outra opção, Helen! Você é uma de nós. É hora de abraçar o seu destino.

Então a cena mudou. Helen estava vestindo uma longa capa e um capuz que mostrou apenas uma visão de seu cabelo brilhante. Ela estava em um lugar subterrâneo escuro com muitas outras mulheres, todas vestidas de preto. Eles estavam cantando em um círculo. Eu vi um olho, a boca e a inclinação de uma bochecha.

⁴⁶ Alta Senhora, no caso seria como uma Alta Sacerdotisa. Sacerdotisa é uma ministra religiosa, habilitada para dirigir ou participar em cerimônias de culto.



Pensei que talvez reconhecesse: uma professora, uma cozinheira, uma limpadora. Estas foram às mulheres de Wyldcliffe reunidas na seita, e Helen estava entre elas. Minha boca estava seca. Eu sabia que tinha visto isto antes, essas mulheres terríveis com capuz, ou pelo menos uma espécie de sombra delas.

Elas haviam tentado chegar até mim, em meu pânico frenético, no lago naquela noite com Sebastian. Eu queria que Helen parasse. Eu não queria saber mais nada. Mas não tinha escolha senão assistir ao fascinante campo de luz e a cena que estava sendo atuada dentro dela.

— Nosso mestre não tem encontrado o que buscamos – entoou a voz da Alta Senhora.

— Ele está começando a desaparecer, de acordo com as leis do Invencível. Se não o mantermos, virá o fim de todas as nossas esperanças. Já lhe damos de comer a força da nossa vida. Cada uma das Irmãs Escuras deu um ano de sua própria vida para prolongar a sua vida. Isso é tudo o que estamos autorizados a dar. Agora temos de encontrar outras vítimas menos dispostas. Nós nos tornaremos ladrões de almas.

A imagem desvaneceu-se e foi substituído por Helen e sua mãe olhando uma para a outra.

— Eu não vou permitir-lhe fazer isso! – Helen gritou. – Roubar almas é mau, vocês são como vampiros...

— Na verdade – a Sra. Hartle zombou. – Assim como os vampiros sugam o sangue, a seita suga a vida de quem está no nosso caminho e a usa para alimentar o nosso Mestre. Felizmente, temos uma fonte de vida jovem, tão convenientemente na mão, os alunos Wyldcliffe. Qualquer garota estúpida o suficiente para adquirir três faltas será enviada para mim para a punição, mas não para a detenção que ela espera. Nós estaremos prontas para ela. Ela acorda no dia seguinte sem saber nada a respeito, mas parte de sua força de vida, foi transferida para o nosso Mestre.

— Está louca! E eu não ajudarei a fazer isso, eu me recuso.

Em seguida, as imagens mudaram rapidamente. Vi Laura e que lhe deram um cartão de demérito pela Srta. Raglan, em seguida, ela estava batendo na porta do escritório de Sra. Hartle, e então estava dormindo em uma espécie de cripta subterrânea, com as figuras vestidas balançando-se e cantando ao seu redor. Ela estava pálida, pálida como a morte. Em seguida, uma das mulheres puxou a frente dela, e outra tentou acordá-la, mas ela não acordou.

— Laura, Laura! Meu Deus, você matou ela....! – o sino da mulher caiu para trás. Era Helen, e ela estava chorando incontrolavelmente sobre o corpo frio de Laura.

— Nós fomos muito fundo – disse a Alta Senhora com uma voz inexpressiva, enquanto examinava o rosto branco de Laura. – Ela não é muito útil para nós agora. Peguem seu corpo e joguem-no no lago. Vai parecer como se ela tivesse se afogado lá.

— Você não pode fazer isso! – Helen gritou. – Eu te odeio, eu te odeio.

Então eu ouvi Helen tomar um suspiro longo, estremeando. Ela baixou as mãos, e o mundo de luz se apagou. Nós olhamos em seus olhos vermelhos e assustados.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Eu estava lá – disse.

— Eu não podia fazer nada para detê-las. Vi o rosto de Laura, vi os olhos quando a sua vida evaporava. As vi jogar seu corpo no lago. – Ela lutava para não chorar. – E essa é a mulher que eu tenho que chamar de mãe! Não lhe importava o que aconteceu com Laura enquanto não descobrissem o segredo do Coven. Ameacei de ir à polícia, mas ela riu.

Exclamei.

— Então, Celeste estava certa.

— Sim – disse Helen, enxugando o rosto com a manga. – Celeste é esnobe e imperfeita e todo o resto, mas ela estava certa. Tentei insinuar a ela, que Laura não se tinha afogado, mas ela começou a acusar-me de todos os tipos de coisas, então me fechei completamente. Mas Celeste tinha razão, é minha culpa! Eu sabia o que estava acontecendo, e eu devia ter feito algo para pará-las.

— Não havia nada que poderia ter feito – disse Sarah calmamente.

— Pelo menos eu disse a Sra. Hartle, que nunca faria parte de seu Coven de novo, o que quer que ela tenha feito. E ela sabe que nunca vai mudar minha mente.

Me senti totalmente doente. Assim que havia sido a conexão de Sebastian com Laura.

— Como pode que Sebastian tenha concordado com tudo isso? – Eu gritei.

— Evie, eu juro que não sabia nada sobre ele. O Coven lhe disse que a força da vida que alimenta ele era sua própria, e que estavam dispostas a dar-lhe. Disseram que iam ser amplamente recompensadas quando Sebastian encontrar o talismã e levá-las todas para a imortalidade. Quando Sebastian descobriu o que aconteceu com a Laura, se recusou a ter mais apoio das Irmãs. Ele e minha mãe tiveram uma luta quente. Sebastian disse que ficou enojado com o que fizeram e que era melhor para ele aceitar seu destino e se deixou cair no que se converteria. Mas ela gritou que ele havia prometido-lhes a imortalidade e que ele tinha prometido. Desde então, a seita há sido ainda mais desesperada para encontrar o talismã. Sra. Hartle acredita que pode forçar Sebastian a usar seus poderes, se ele relutar. Com Sebastian se tornando cada vez mais fraco, não tenho certeza de quem será capaz de controlá-la. – Isso era o que Sebastian não se atrevia a dizer-me a sangue frio, a destruição de uma criança inocente. A morte de Agnes foi um acidente terrível, mas isso era outra coisa. Eu não sabia por quem eu queria chorar mais: Laura ou Agnes ou Sebastian. Eu não tinha lágrimas para mim.

— Evie, quando chegou a Wyldcliffe, eu sabia que havia algo diferente em você. E eu não podia dar-me ao luxo de ser gentil, eu não gostaria de chamar a atenção da Sra. Hartle para você. Então eu comecei a vigiar secretamente, noite após noite, prestando atenção onde quer que você fosse. Desculpe. Eu não tinha a intenção de espiar.

— Então foi você aquele dia em Fairfax Hall!

— Sim – disse com um sorriso triste. – Eu pensei que poderia cuidar de ti sem que ninguém soubesse; e eu lhe coloquei em problemas na noite anterior para lhe assustar e você desistir de se encontrar com Sebastian. Queria avisá-la diretamente sobre ele, mas eu nunca sabia quem estava secretamente nos ouvindo. De qualquer maneira, meus esforços não funcionaram. E notei que



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

vocês estavam envolvidos mais e mais profundamente. Eu ouvi o que você e Sarah disseram sobre sua possível relação com a Sra. Agnes. E eu estava louca de preocupação, quando eu descobri que você tinha o Talismã.

— Como você descobriu?

— Eu estava vendo no jardim, na noite em que Sebastian tocou o colar. Depois disso tinha certeza de que realmente era. Estou estarelecida com o que acontecerá se minha mãe ou Sebastian sabem que você tem a mesma coisa que estão à procura todos estes anos. Você não deve dizer-lhes nunca. – Meu coração estava pulando. Olhei para Sarah e para o rosto branco de Helen.

— Ele já sabe – confessei. – Mas ele prometeu que iria ficar de fora. Ele não quer.

— Evie, você não pode confiar nele! Quando ele desaparece, aumenta-lhe mais o desejo de agarrar a vida humana. Até que seja uma fome insuportável. E o desejo final de Sebastian para o Talismã será muito mais forte do que qualquer outro sentimento que ele tem por você. – Helen olhou para mim com piedade. – A partir de agora, deve tratá-lo como um inimigo.

— Diga-me algo que eu já não saiba. Sebastian e seu grupo de Irmãs Escuras poderiam me matar a qualquer momento. E não há nada que eu possa fazer sobre isso. – Meu tom frívolo era um pobre disfarce de meus receios.

— Não – disse Helen. – Eu poderia ajudar.

Olhei para cima, um movimento de esperança vibrando dentro de mim.

— Há somente uma coisa que você pode fazer. Você tem o Talismã. Use-o para liberar seus próprios poderes, Evie. – Seus olhos brilhavam no escuro. – Siga o caminho místico.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 45

Eu olhei para Helen.
— Você deve estar brincando.
— É claro que não estou.

— Não vou me meter nessas coisas. foi o que começou todo esse problema em primeiro lugar. Além do mais, eu não posso fazer todos esses rituais, encantamentos e danças ao redor de um mastro, ou seja lá o que for que elas fazem...

— Você quer dizer toda aquela feitiçaria? – Sarah falou com um sorriso fraco.

Sorri de volta fracamente, mas aquilo não era mais engraçado.

— Evie, você ainda não aprendeu nada? – Helen falou impaciente. – Não é feitiçaria. É tão real quanto o chão em que estamos pisando. E você já está envolvida com os caminhos místicos. Está no seu sangue.

Eu não falei nada. O frio e a umidade da caverna pareciam estar se infiltrando em minhas veias, congelando minha mente. Eu não conseguia pensar.

— Então o que você vai fazer? – ela insistiu. – Apenas esperar que o Sebastian ou o Coven venham atrás de você?

Arranquei a fita do meu pescoço e levantei o colar com aparência inofensiva.

— Vou parar de usar isso. Vou mandá-lo embora, de volta para a Frankie...

— E colocá-la no mesmo tipo de perigo?

— Então vou me livrar dele! Vou... Vou jogá-lo no lago, ou enterrá-lo no poço de uma das velhas minas no topo dos muros.

— Então elas poderão pegá-lo para a conveniência delas? Você não pode abandonar o Talismã, e ele será impossível de se destruir. – Seu rosto pálido ficou mais etéreo do que nunca enquanto ela estava parada na minha frente, querendo que eu acreditasse nela. – Apenas abra sua mente, Evie. Aprenda como usar sua magia.

— Mas eu não sei como!

Helen colocou sua mão na minha. Um raio de luz azul se inflamou para fora do talismã e iluminou a caverna, fazendo os mosaicos ganharem vida em milhares de reflexos.

— Você vê? O Talismã está pronto para acordar, se você o permitir.

— Mas eu não tenho poderes. – Eu discuti. – Não sou como você.

— Você viu lady Agnes. – Sarah falou. – E você pode ver o Sebastian.

Eu não podia negar isso. Olhei para o Talismã que jazia em minha mão. O que isso ira exigir de mim? Agnes morreu por causa dos caminhos místicos, e ele



havia levado Sebastian a sua danação... Eu seria capaz de fazer melhor? Helen e Sarah estavam olhando para mim em expectativa. Eu estava parada em um precipício, me balançando entre dois mundos.

— Você pode mesmo me ensinar o que fazer?

— Eu posso tentar. – Helen respondeu.

— Algumas coisas eu aprendi desde que cheguei a Wyldcliffe; outras eu apenas sei desde o começo. Mas acho que todos possuem uma voz dentro de si contando a história do próprio poder; é que as pessoas não se incomodam em escutar. Olhe para as garotas aqui em Wyldclieffe. Tudo o que importa para elas é ser popular e ser convidadas para as festas certas nos feriados. Elas não escutam o que realmente há dentro delas. Algumas pessoas são naturalmente mais sensíveis como você e Sarah.

— Do que você está falando? – Sarah perguntou.

— Eu normalmente sinto sua mente procurando pela minha. Tenho que me esforçar para te manter de fora, algumas vezes. Ninguém ensinou você a como desenvolver os teus instintos em poder, mas eu sei que você pode fazer isso. Evie, você não pode negar o que tem vivido. Vocês duas possuem um grande potencial para acordar o seu eu real. e o caminho místico é um tipo de chave que pode destravar esse potencial.

— Mas nem todos podem fazer essa mágicas estranhas, levitação, cura, e essas coisa. – eu falei.

— Não tem lógica! – ela riu. – Isso não é um conto de fadas, Evie. As coisas que posso fazer e o que a Agnes podia fazer... é tudo parte dos mistérios da natureza. Nós achamos que temos todas as respostas, mas nossa própria existência é um milagre. O que você entende realmente sobre o universo e as estrelas, o oceano, e, oh eu não sei... Eletricidade, e o magnetismo, e sobre a teoria string e física quântica? Tudo isso não é ‘inacreditável’?

— Isso é diferente. – Eu objetei.

— É? Quando as pessoas começaram a pensar que a terra girava ao redor do sol e não ao contrário, elas eram consideradas loucas e perigosas. Mas agora é aceito. E é a mesma coisa com isso. As pessoas irão aceitar isso um dia.” Ela ficou em silêncio, então deu de ombros. “Isso não se trata de uma teoria filosófica, Evie; é sobre sobrevivência. De que outra forma você vai se proteger? Agnes te deixou o Talismã. Ela devia querer que você o usasse.

— É por isso que ela vem tentando entrar em contato com você. – Sarah falou seriamente. – Tenho certeza de que Helen está certa. Você precisa fazer isso, Evie. Apenas abra sua mente.

Você pode fazer isso Evie; você pode fazer qualquer coisa que quiser. Achei ouvir um pálido eco da voz da minha mãe, e o pensamento que passou em minha mente foi que se eu pudesse usar o Talismã para me ajudar, então talvez eu pudesse usá-lo para ajudar o Sebastian. Era uma chance minúscula, mas era o suficiente.

— Tudo bem. – Eu resmunguei. – Vou dar uma chance a isso.

— E quanto a você Sarah? Evie precisa de toda a ajuda que puder.

— Claro. – Sarah rapidamente apertou minha mão. – Eu acredito no mundo invisível. Contem comigo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

O lindo sorriso de Helen iluminou o rosto dela.

— Ótimo. Precisamos começar desde o principio, com o círculo. E precisamos de algumas velas.

Tateei na alcova atrás da estatua de Pan, lembrando minha ultima visita. As velas e os fósforos que o Sebastian havia usado ainda estavam lá.

— Isso é perfeito. – Helen falou. Ela acendeu as velas, e sua luz amarela e quente dançou nas paredes da gruta. Então ela procurou em sua bolsa e achou um pedaço de giz de seu material de artes.

— Coloque o Talismã no chão.

Eu fiz o que a Helen falou. Sarah colocou as cintilantes velas ao redor dele. Então Helen desenhou com o giz no chão marcando um circulo ao redor de nós três, com o talismã no centro.

— Não saiam do círculo, não importa o que façam. Agora dêem as mãos.

Nós conectamos nossas mãos. Eu me sentia tola, como uma criança em uma festa de aniversário esperando que o mágico puxasse o coelho da cartola. Mas Helen parecia mortalmente séria.

— Tentem esvaziar suas mentes. – Ela falou. – Concentrem-se nos elementos que vêm: do ar que respiramos, da água em nossas veias, da terra em nossos corpos e do fogo de nossos desejos.

Ela começou a entoar isso repetidamente, e nós a seguimos.

— A água em nossas veias... O fogo de nossos desejos...

Então ela levantou os braços e o rosto, exatamente como a vimos parada no telhado, e falou com uma voz baixa e clara:

— Estamos aqui com intenções puras, com bravura em nossos corações jovens de espírito, unidas em um propósito. Pedimos que os poderes em nós acordem. Pedimos que Agnes nos mostre a verdade sobre seu Talismã. Nós chamamos nossas irmãs: o vento, a terra e os mares. Invocamos o fogo da vida.

Até mesmo ai, parte de mim estava dizendo. Nada vai acontecer; eu realmente não posso fazer isso... Eu não estava preparada para o que aconteceu a seguir.

As luzes piscaram para um brilho fantasmagórico. Um vento se elevou nos envolvendo, soprando nossos cabelos, me deixando sem ar.

— Estendam suas mãos.

Tremendo, eu as entendi a minha frente e Sarah fez o mesmo. Uma coluna de um forte fogo branco saiu do Talismã, e pequenas chamas dançaram ao redor do círculo que Helen havia desenhado no chão. Eu arfei. Água estava fluindo de minhas mãos, caindo no chão como uma cachoeira. Olhei para a Sarah. Poeira fina estava saindo dos dedos dela. Terra, água, ar, fogo... Então eu vi uma garota de branco no coração da coluna de fogo.

— Agnes! – eu gritei enquanto comecei a girar sem controle, caindo em outro mundo...

Tudo estava escuro. Estava acabado.

— Não saia do círculo!

Eu pisquei e abri meus olhos. A única luz vinha das velas que brilhavam firmemente. O Talismã jazia frio e intocado no chão. Eu me curvei e o peguei, e escutei Agnes sussurrar, estarei sempre com você...



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Helen rapidamente limpou as marcas de giz com os pés. Então se virou para nós com as bochechas coradas.

— Os elementos falaram. Terra através da Sarah, água da Evie. Achei que seria dessa forma. — Ela sorriu. — Então agora estamos completas. Quatro amigas, quatro elementos, quatro cantos do círculo.

— Mas há somente três de nós. — Sarah falou.

— Não, não há. — Eu falei, olhando lentamente para cima. — Não se esqueça da Agnes. Ela também está nisso.

Agora eu havia vislumbrado seu mundo, e eu nunca mais poderia voltar a ser a garota de antes.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 46

Agnes. Eu estava ciente dela todos os dias. Ela estava ao meu lado enquanto eu caminhava pelos corredores longos e cheios de ecos de Wyldcliffe. Algumas vezes ela era vívida e real como qualquer outra garota, algumas vezes somente uma sombra, como uma aparição. Eu estava com medo do que o Sebastian me falou, e das coisas que a Helen nos mostrou, mas Agnes de alguma maneira me dava coragem para que eu continuasse naquele lugar cheio de segredos distorcidos. Ela até mesmo me dava forças para lidar com a Celeste, que parecia mais determinada do que nunca a me colocar em problemas.

Ela deve ter tido tempo de sobra deitada na cama do hospital, para formar sua campanha patética – coisas estúpidas como arrancar páginas dos meus livros, ou esconder minhas roupas de ginástica, todas as coisas que deixam a vida desconfortável. Não era suficiente para ela não gostar de mim; ela queria que a Índia, a Sophie e toda a sua turma me odiassem também. Sophie parecia um pouco incomodada, mas ela era fraca demais para falar alguma coisa e logo caiu de volta nos controles da Celeste. Eu não ligava. Eu sabia quem eram minhas amigas.

— Você realmente acha que vai conseguir minha expulsão com essas coisas infantis? – perguntei para a Celeste quando entrei no dormitório e encontrei minhas roupas espalhadas pelo chão, pela terceira vez naquela semana.

— Não com isso, Johnson. – Ela respondeu. – Isso é apenas para te alertar. Acho meio que engraçado.

— Sabe Celeste, você é doente.

— Verdade? Que gentil você me falar isso. – Ela falou. Então riu. – É você que vai estar doente quando fizer as suas malas para partir.

Sai sem falar. Eu tinha que me afastar dela antes de perder a paciência. Eu não devo chamar atenção para mim mesma – a senhorita Scrutton já não falou isso antes? Corri pelas escadas de mármore sem direção certa – os estábulos, a biblioteca, não importava.

— Não corra nas escadas!

Eu parei e olhei para trás. Era a senhorita Dalrymple.

— Para onde você está indo desse jeito? – ela parecia alegre e sorridente, mas me observou sem piscar como se fosse uma cobra. Ela se aproximou e comecei a me sentir doente. As luzes pareciam pressionar meus olhos até que vi uma mancha brilhante pairando na minha frente. Era do formato de uma cruz – não, era um tipo de espada, e então por um rápido momento vi Sebastian como era há muito tempo atrás, seu belo rosto tenso e concentrado enquanto ele cortava



o ar em rápidos movimentos e uma adaga de prata brilhou em sua mão. A adaga de prata...

Tentei falar:

— Me desculpe.

— Lembre-se que correr nas escadas pode ser perigoso. — Ela falou calmamente. — Nós não queremos que nada aconteça, queremos? Evie por que você está tão pálida. Você está bem?

— Estou ótima.

— Mas você está tão descuidada. — Seus olhos percorreram meu corpo de cima a baixo. — Certifique-se que seu cabelo esteja preso no futuro. E você não está usando jóias está?

Jóias. Meu coração estava grande e audível em meu peito. O sangue soava em minha cabeça.

— Nã-o... não... é claro que não.

Seria ela uma professora extremamente zelosa procurando por regras sendo quebradas, ou um membro do Coven a procura do Talismã? De qualquer maneira eu estava presa. Ela estava parada tão próxima a mim agora que eu conseguia ver as finas linhas nas bochechas dela, podia sentir o cheiro pesado e hipnótico do perfume que ela usava. Eu tinha que fugir. Entrei em pânico e abri os dois primeiros botões de minha blusa, mostrando meu pescoço nu.

— Não tenho nenhuma jóia. — Eu gaguejei. — Eu não tenho nada.

O rosto da senhorita Dalrymple se desfez enquanto ela se afastava; então ela sorriu novamente.

— É claro que não. Por que você teria?

Ela me deixou ir. Eu estava tremendo, mas segura. A senhorita Dalrymple não poderia saber que segundos antes de eu correr pelos degraus de mármore, obedecendo a um impulso cego, escondi meu colar na escuridão da escada das serventes. Mas eu não poderia escondê-lo para sempre.

— Você precisa progredir nos rituais, Evie. — Helen me apressou. — Olhe para o que aconteceu com a Dalrymple. Ela pode estar envolvida. Tenho certeza que está. Se o Coven descobrir que você está escondendo o Talismã, eles irão se aproximar de você. E o Sebastian pode atacar a qualquer momento.

— Ele não vai!

— Evie, você não pode ter certeza disso. — Helen suspirou. — É desesperadamente importante você estar preparada.

— Estou tentando! Tenho praticado os rituais com você e a Sarah todos os dias. É que eu...

— O que? — Sarah perguntou.

— Não posso fazer nada acontecer. — Eu falei. — Não desde a primeira vez.

Eu não sabia o que esperava. Talvez eu tenha imaginado que eu seria capaz de balançar uma varinha e fazer milagres, fazer o tempo voltar e concertar tudo com magia. Porém não é dessa maneira. Eu não posso dançar no vento como a Helen ou curar pessoas como a Agnes. Eu não posso fazer nada.

Eu parei sobre o Talismã, o chamando, o virando em minhas mãos, e o pendurando ao redor do meu pescoço mais uma vez, mas eu não fora capaz de acordá-lo de seu longo sono. E quando Helen desenha o círculo em nossas



reuniões secretas, nada acontece comigo. Sarah por outro lado está me deixando para trás. Ela sabe como fazer os encantamentos, e quando ela coloca sua mão sobre um punhado de terra espalhado dentro do círculo durante o ritual, um broto verde minúsculo surge diante de nossos olhos, como um filme em alta velocidade. Mas eu era completamente inútil.

Então aqui estávamos nós novamente, dentro da gruta, tentando tudo mais uma vez.

— Você precisa confiar em si mesma. — Sarah falou. — Tudo vai surgir.

Elas me olhavam ansiosas enquanto eu abanava minhas mãos como uma idiota sobre uma bacia com água, tentando transformá-la em vapor, ou criar ondas, ou fazê-la ficar rosa, ou qualquer coisa que eu deveria poder fazer...

— Abra a sua mente. — Helen me apressou. — Sinta o seu elemento chamando você; sinta seus poderes...

— Não posso!

Ela olhou para mim pensativa.

— Ou você não quer.

— Eu quero, eu quero. — Eu choraminguei. — Eu sei que é importante.

— Não é uma questão de saber, Evie. Você precisa sentir.

Talvez seja esse o problema. Eu não queria sentir nada. A morte da minha mãe há muitos anos atrás havia fechado algo dentro de mim. Eu cresci me convencendo que sou forte, e independente, que não preciso de ninguém, mas agora eu vejo que eu simplesmente estava com medo de amar no caso da pessoa que eu amasse desaparecesse como ela fez. E então o Sebastian apareceu, e eu sai da minha armadura protetora. Me joguei de cabeça no meu amor por Sebastian, mas ele se foi, me deixando ainda mais dolorosamente solitária que antes. O garoto que amo é um assassino, um espírito errante, um dos condenados, e ele estava lá fora em algum lugar, começando a desaparecer. Ele era meu inimigo.

Eu estava tão infeliz que doía, era como ser cortada com uma faca. É claro que eu não conseguia sentir nada; eu não queria, nunca mais.

— Evie, você está prestando atenção? — A voz da Helen me puxou para fora dos meus pensamentos.

— Tente novamente, Evie. — Sarah pediu. — Elas estão se aproximando; tenho certeza disso. Você precisa ser capaz de se defender!

E outra voz distante ecoou através dos anos em minha cabeça, tão brilhante e viva como prata: encontre seus poderes, minha irmã, encontre-se.

— Estou tentando. — Eu menti. Esticando minhas mãos sobre a bacia com água, fechei meus olhos e comecei a recitar.

Água.

Uma única gota caindo de uma folha até o chão. O oceano distante unimaginavelmente vasto, tão profundo e escuro quanto o espaço atrás das estrelas. Á nevoa fina sobre os muros pela manhã. A chuva caindo na terra rica. Um córrego em uma montanha, cantando enquanto corre para baixo em direção do mar.

Eu não podia fazer nada para comandar a água, mas eu sonhava com isso. O sonho que tive em minha primeira noite em Wyldcliffe, em que uma grande onda se ergue e varre tudo, me assombra noite após noite. E no minuto em que acordo



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

e lavo meu rosto no banheiro, estou consciente do quão impossível é viver sem água. Água da vida nos purifique e refresque... Uma vaga lembrança de um hino que a Frankie costumava cantarolar baixinho surgiu em minha memória. Todas as vezes que bebo um copo de água morna no jantar, penso nesses pequenos pedaços de informações inúteis que se vai pegando sem notar.

Fato: há mais átomos em um único copo de água, do que há copos de água em todos os oceanos do mundo. Tudo o que tenho que fazer é abrir a torneira para tocar um em milagre vivo.

Mais fatos: a superfície do mundo é setenta por cento água; uma criança cresce no útero em um saco de água; nosso 'corpo humano é grandemente composto de água...'

Água. O mundo. A criança. Meu corpo. Minhas lágrimas.

Água para Evie. O velho desejo de nadar voltou novamente, mas o ignorei. Fechei-me para a chuva, a neblina e para os sonhos. Você precisa sentir. Helen falou, mas eu não iria ficar tentada. Eu não queria sentir.

Meu coração estava torcido tão seco quanto um osso, e eu iria mantê-lo desse jeito.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 47

— Então, para o que é esta Procissão Memorial realmente? – Perguntei. – Isso é outra de suas malucas tradições em Wyldcliffe?

Estávamos nos estábulos, em uma noite fria de dezembro, escovando Bonny e Starlight.

Sarah parou de escovar a cauda castanha de Bonny e olhou para o banheiro, só para certificar-se de que não havia ninguém lá.

— É para a Lady Agnes – disse ela. – Ao pôr do sol do décimo segundo dia, do décimo segundo mês, no aniversário de sua morte, todas as meninas na escola devem se recolher nas ruínas da antiga capela para rezar por sua alma. Tive a sensação de que o pessoal queria eliminar a procissão, mas foi uma condição estabelecida pelo Sr. Charles quando a escola assumiu a Abadia, assim estamos apegados com ela.

— Oh. – Eu não esperava isso. Uma parte de mim ainda não podia aceitar que Agnes tinha morrido. Eu tinha chegado a conhecer o seu rosto, sua voz, seu sorriso, até que foi parte de mim. Pisquei e continuei escovando a cauda de Starlight, tentando manter a voz firme. – Bem, é uma coisa boa, certo? Honrar sua memória e tudo isso?

— Sim, claro – disse Sarah. – É só que houve alguns problemas há um par de anos atrás. Uma das meninas ficou histérica, e jurou ter visto o fantasma de Agnes flutuando na capela. O assunto tornou-se uma espécie de drama mórbido, e os pais da menina a tiraram da escola. Assim, que estão sempre preocupados, de que as coisas saiam do controle de novo. Estou preocupada também. Eu não consigo me livrar desse sentimento de que estamos sendo observadas.

Nesse momento alguém se aproximou com um balde de ração para os cavalos. Era o menino que havia visto trabalhando antes na quadra.

— Olá, Josh – Sarah disse, dirigindo-se a ele alegremente. – Obrigada por trazer isso.

Os cavalos saudaram o garoto como a um velho amigo. Ele riu e deixou o balde. Suas roupas estavam desalinhasadas, mas ele se movia com a graça e a confiança de um cavaleiro experiente.

— Sem problema. – Ele sorriu. – Pensei que Bonny estivesse arrastando a pata traseira antes, mas eu limpei seus cascos, e ela parece estar bem agora. Eu pensei que você deveria sabê-lo – Virou o calor de seu sorriso em mim, mas desviou o olhar.

— Ok, vou ter cuidado com ela – disse Sarah. – Obrigada, Josh.

— Nos vemos. – Ele se afastou, assobiando.



Eu me ocupava com os cavalos, meus pensamentos correndo rápido. Eu apenas podia suportar a idéia de caminhar ao redor das ruínas com todas as outras garotas de Wyldcliffe, pisoteando o chão onde Agnes tinha estado, onde Sebastian e eu tínhamos andado juntos. Mas não devo pensar em Sebastian...

Logo a Procissão Memorial tornou-se o único tema de conversa na escola. Os uniformes foram passados e os sapatos engraxados, para a satisfação da Senhorita Scratton. Tinas de flores brancas das estufas foram organizadas no salão principal, enchendo os corredores com seu aroma secreto, como de papel. O professor de música, o Sr Brooke, um dos poucos professores do sexo masculino permitido no limiar de Wyldcliffe, insistiu em dar aulas extras todas as manhãs para a prática dos hinos. Olhei para Celeste e suas amigas loiras presumidas. Pergunto-me o que diriam se soubessem que estavam indo cantar para minha antepassada, Sra. Agnes Templeton? Eu era parte da abadia agora, tanto como elas eram. Como Effie, pertencia por direito.

Esta era uma tradição de Wyldcliffe que eu estaria orgulhosa de defender.

Estávamos alinhadas na escadaria de mármore, com os mais jovens na frente, e a classe sênior no topo da escada, e na parte traseira. A escola inteira estava lá, com exceção de Celeste, que havia sido dispensada por causa de sua perna machucada. Estávamos todas com nossos casacos de inverno vermelhas sangue, segurando um único lírio branco em nossas mãos enluvadas. Os sussurros emocionados corriam pela multidão de garotas, como umas poucas chamuscas dançando. Não sentiam nada por Agnes, é claro, a procissão da noite só seria uma emoção teatral, nada mais.

Houve um barulho de saltos sobre os azulejos em preto e branco, e os professores varreram a vista abaixo de nós:

A Senhorita Scratton, senhorita Schofield, senhorita Raglan e senhorita Dalrymple e o resto delas. Elas estavam vestidas com seus trajes acadêmicos escuros e levavam velas brancas e altas em suportes de prata. A Senhora Hartle levava o que parecia ser um livro pesado de orações, e ela franziu a testa ao olhar para as filas de garotas esperando na escadaria. Eu tentei ver alguma semelhança com a Helen, mas, embora ambas fossem altas, não poderiam ter sido mais diferentes. O rosto da senhora Hartle era escuro, suave e pesado, e o de Helen está cheio de luz, como um anjo da Idade Média. Era difícil acreditar que eram mãe e filha. Não é de admirar que tivesse sido tão fácil de manter em segredo.

— Silêncio! — Chamou senhorita Scratton. Seus olhos caíram sobre nós. — Elizabeth Fisher, seu casaco desabotoou.

A desafortunada, Elizabeth procurou abotoar seus botões.

— Vamos começar a partir da porta principal das ruínas da capela. Não vão falar. Não haverá nenhum risinho. Não haverá nenhuma tolice. Vamos começar.

— Senhor Brooke, está pronto?

O professor de música um pouco nervoso nos deu a nota e começamos a cantar nossas vozes ecoando alto e claro. Em seguida, a alta professora nos conduziu pelos pisos da Abadia. Algumas manchas de sol carmesim eram visíveis no céu cinzento pérola. O dia estava morrendo. Estabelecemos o passo



lentamente com o momento do nosso canto solene, que flutuavam na grama como a sombra dos finos cantos das freiras nos velhos tempos. Os vestidos pretos das professoras voavam no penetrante vento, e eu fiquei feliz por meu casaco grosso.

A procissão fez o seu caminho ao redor do lago e até as ruínas. Logo ficamos em silêncio e de pé em um círculo ao redor do cume verde do altar. As colunas quebradas e os arcos da antiga igreja brilhavam a luz das velas. O lugar todo parecia como uma etapa à espera que algo acontecesse. A Senhora Hartle entregou o livro a senhorita Scratton, que começou a cantar uma espécie de oração, sua voz levada pelo vento.

— O homem nascido da mulher, tem pouco tempo para viver, e está cheio de miséria. Ele vem de cima, e se corta como uma flor... No meio da vida estamos em morte...

As palavras se apoderaram de mim. Vi a cada garota subir ao monte e colocar suas flores nele, sussurrando as palavras, Em memória de Lady Agnes.

— Todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. O último inimigo que será destruído é a morte...

Era minha vez. Caminhei lentamente. Este era o lugar onde ela tinha encontrado a morte, assassinada pelo homem que amava. Em um Flash, eu vi tudo de novo: a luta no escuro, o vestido claro de Agnes, a fúria nos olhos de Sebastian, e o terrível, lamento eterno...

— Para Agnes – eu disse. Então me lembrei de outra vítima silenciosa deste lugar encantado e acrescentei baixinho – Para Laura.

Eu me virei e olhei com surpresa as filas de garotas que me observavam. Eu tinha esquecido de que outras pessoas estavam lá comigo. Com voz seca a senhorita Scratton seguia cantando ao fundo.

— Nós damos graças satisfeitas por entregar a nossa irmã Agnes as misérias deste mundo pecaminoso.

E então aconteceu: um grito atravessou o ar tranquilo da noite.

— Olha! Olha lá! – O pânico se alastrou através das garotas. – É lá! – Apontando os dedos, e os olhos foram levantados para o arco irregular onde a janela do leste alguma vez havia estado. Uma figura em um vestido branco que estava se aproximando, com o rosto coberto por um véu longo e esvoaçante. De repente, balançou sobre as garotas aterrorizadas, e os gritos e cresciam como uma tempestade...

— É ela! É a Lady Agnes! – Houve um tumulto confuso já que corriam, derrubando as velas e pisando sobre as flores.

— Garotas, parem com isto de uma vez! – gritou senhorita Scratton desesperadamente, mas ninguém a estava ouvindo. Todo mundo estava correndo em volta de mim, mas eu continuei imóvel como a alta professora, que estava como uma estátua esculpida no marco do arco, seus olhos escuros me olhavam com triunfo.

Mais tarde, quando todos estavam seguros no interior, estava parada diante de todos quando a Senhora Hartle mostrava o conjunto de lençóis e camisolas que tinha sido improvisada para espantar o grupo de alunas.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

— Evelyn Johnson – ela disse friamente. – Seu nome está claramente marcado por estes artigos. Suas ações desta noite não apenas mostram uma lamentável falta de consideração pelos outros e um desprezo pelas tradições da nossa Wyldcliffe, mas um considerável grau de estupidez. Como você acha que sairia com a sua brincadeira sem sentido?

Olhei para o chão e não respondi. Era fácil adivinhar que Celeste era a que tinha organizado a coisa toda.

Ela tinha usado minhas coisas para montar a versão do espantalho de Agnes, que tinha sido o suficiente para assustar as garotas mais jovens e para arruinar a procissão. Ela tinha feito isso, mas ela sabia que eles iriam me culpar. Celeste se safaria com isso, mas eu não. Mesmo antes que a Senhora Hartle falasse, eu sabia o que viria.

— Seu registro nesta escola tem sido muito decepcionante. Você já ganhou dois cartões de demérito este semestre. Este será o terceiro. Seu comportamento é vergonhoso. Os supervisores talvez desejem rever sua posição na escola. Enquanto isso, eles serão informados da sua detenção e punição.

Você não deve ter outro demérito, Evie. Com um sobressalto no meu estômago doente, me lembrei do que a senhorita Scratton tinha dito. Ela sabia algo? Olhei para as filas com olhos curiosos me olhando sem piedade quando a noite havia chegado a Wyldcliffe. Helen me viu e se virou, mas Sarah olhou para trás, a ponto de chorar. Eu não podia ver a senhorita Scratton em nenhum lugar.

— Isto é tudo. Meninas, peço desculpas porque a celebração desta noite foi marcada por um membro indigno da nossa comunidade. Todas vocês podem ir direto para a cama. Evie, você vem comigo.

A segui em silêncio. Parecia que tudo estava levando a este momento. Eu estava nas mãos da Alta Sacerdotista, e eu estava totalmente sozinha.



First love never dies . . .



Capítulo 48

*E*ste é o tempo.

Eu estou no estúdio da Senhora Hartle. Lembro-me do meu primeiro dia em Wyldcliffe, todos esses meses atrás. Mas eu mudei. Já não sou a mesma pessoa, pensando na Senhora Hartle, ela é tão secreta e mortal como era quando a conheci. Estou assustada. Agora, como Helen; tenho medo da diretora. Ela anda ao redor da sala, recolhendo coisas, olhando os livros, ignorando-me, me faz esperar. Finalmente, se coloca de pé diante de mim e fala.

— Eu sei tudo sobre você, Evie. Eu sei quem você é. A primeira vez que nos conhecemos, devo admitir que fiquei surpresa por sua semelhança com o retrato da que chamamos de traidora. — Seus olhos fixos em um canto da sala. Uma pintura na qual eu nunca tinha notado antes pendurara na parede, e reconheci a moça de cabelo vermelho longo...

— Não a chame assim! Agnes era fiel ao Caminhos Místico. São vocês quem tem alterado para algo vil.

— Agnes era uma tola — A senhora Hartle permaneceu calma. — Ela não devia ter confiado os seus poderes a uma simples menina que não sabe nada sobre nossas profundas artes. Mas logo te aliviaremos dessa carga. Dê-me o Talismã.

— Não sei do que está falando.

— Realmente não imagina que pode escondê-lo mais tempo de mim? — Ela riu. — Minha pobre filha louca me disse teu segredo não faz muito tempo. Oh, não de propósito, mas eram como crianças brincando com fósforos quando tentam dominar os rituais. Logo estava alerta de suas débeis tentativas para convocar os poderes... A diretora vê mais do que você sabe. Suas tentativas patéticas me levaram direto a você. E agora eu encontrei o que tenho buscado há tanto tempo.

— Mas o Talismã não é bom para você — me arrisco. — Só eu posso usá-lo.

— Você! Não se engane. Você não tem poderes. Não trabalhou duro o suficiente, ou o fez, Evie? E agora você será destruída por seu adorado Sebastian. — Há desprezo em sua voz quando pronuncia seu nome. Ela me enche de raiva.

— Ele não me machucará sob suas ordens. Ele é seu mestre, não seu servo.

— Seu rosto escureceu — Nosso chamado mestre traiu-nos. Ele recusou a nossa ajuda e está desaparecendo rapidamente. Mas não vamos permitir que isso aconteça. Ele nos prometeu a imortalidade, e deve manter sua promessa. Agora ele está fraco e nós fortes, tomaremos o Talismã para ele e o obrigaremos a usá-lo.

Esticou sua mão.



— Me de agora – ordenou. – Eu quero.

Algo encaixou em meu cérebro. Sebastian rejeitou sua ajuda. Isso significa que ele decidiu não me ferir. Ele não quer que eu morra. Não é meu inimigo depois de tudo, e nunca será. Meu medo desapareceu como um sonho. Senti-me forte, mais forte do que ela poderia ser. Sei o que fazer.

Desatei a fita em volta do meu pescoço. O colar brilhava inocentemente, uma ninharia bonita. Isso era tudo. O deixei cair sobre a mão estendida da Senhora Hartle.

Um grito de luzes azuis iluminou o quarto. Ela tropeçou sobre a mesa. Tomei o colar de onde havia caído. A diretora havia sido tomada de surpresa, eliminada, mas apenas por um momento. Tinha que afastar-me antes que ela recuperasse a consciência. Teria que deixar o Talismã em um lugar seguro.

Corri para a porta e abri-a. Duas mulheres em ternos escuros e máscaras montavam guarda. Lançaram-se para me agarrar. Fechei a porta e coloquei o ferrolho com as mãos trêmulas. Estou presa. A senhora Hartle geme e se mexe. Em desespero, corri para a janela. É pequena e com grades.

Bati no vidro, mas não havia escapatória.

— Por favor, ajude, por favor, Agnes – soluzei. Estou de pé junto a seu retrato. Seus olhos cinza procurando os meus. Chego e toco a pintura, a parte da parede que prendia a pintura se abre como uma porta.

Vejo um corredor rudimentar que desce e desaparece da minha vista. Lembro-me de Helen dizendo algo sobre um labirinto de túneis debaixo da Abadia. Talvez isso levasse à saída, mas é tão escuro, tão estreito.

As mulheres estão lá fora batendo na porta. Sem parar para pensar, vou para o corredor e fecho a porta secreta atrás de mim com um baque. Estou trancada. Eu cambaleio e sigo cegamente, seguindo o caminho no escuro com minhas mãos no frio, as paredes úmidas.

Está escuro, tão escuro que posso saborear na minha garganta. Cada passo vacilante me leva mais profundo para baixo da terra. Você pode fazer Evie, continua, um passo de cada vez. Posso ouvir vozes, há alguém atrás de mim, o silvo fraco de saias. Segui em frente. Mas estou presa pelo peso da terra em torno de mim, e a escuridão por trás de meus olhos. Não posso respirar, estou me afogando em um túmulo, esperando a morte.

E depois escuto a memória de uma voz alta e clara de uma garota, quente e suave como uma mãe: *A noite é escura, mas o dia está próximo, Baby, silêncio, não tenha medo.*

Uma tênue luz prata começou a brilhar. Eu percebo que é o Talismã. Embalava-o em minhas mãos, e brilha como uma estrela.

Já não estou sozinha. Agnes está comigo. Vou encontrar um jeito de sair daqui. De alguma maneira o farei esta noite.

Estive vagando muito por estes labirintos, dando voltas em corredores sem fim, em círculos, entre becos sem saída. Mas parecia que tinha chegado a algum lugar. Este lugar parece maior, como uma caverna aberta. Meus passos ecoavam aqui. Sei, sem saber como, que estou embaixo da capela, e que em algum lugar acima de mim as estrelas brilham.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Eu congelei. Sons fazem eco adiante. Passos de outra pessoa. Em seguida, um rápido sopro de brisa fresca entra pela caverna subterrânea, e o aroma de velas perfumadas.

— Helen, Helen, você está aí?

Uma lanterna deslumbra os meus olhos, então me sinto oprimida pelo calor de vida de Sarah e Helen abraçando-me, chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Como me encontraram?

— Pensei que minha mãe te traria até aqui – respondeu Helen. – É onde levou Laura. Como pode escapar dela?

— Ela tentou tomar o Talismã, mas não conseguiu. Virá atrás de mim outra vez, mas não sei se posso detê-la desta vez.

— Ela vai convocar o Coven para que a ajudem – diz Helen ansiosamente. – Não devemos ficar presas aqui embaixo.

— Posso guiá-las para a saída – disse Sarah. – Descemos pelo túnel da gruta, Evie. Retornaremos por aí.

Sarah varre a lanterna ao redor e vejo que estamos sob uma cripta grande com teto abobadado. É o ponto de encontro de muitas passagens. No final há uma mesa de pedra bruta, como um altar. Uma passagem debaixo da mesa leva para trás, e corremos para lá, mas rapidamente ouvimos o arrastar de muitos pés diante de nós e cânticos, como o rugido de um trovão.

— Voltem! – sussurra Sarah. – Teremos que encontrar outra saída, o Coven está se reunindo. Já estão vindo!

Voltamos por onde havíamos vindo, mas uma multidão de mulheres em vestidos e encapuzadas já estavam chegando a cripta, espalhando-se por todos os lados. Elas não tinham uma personalidade individual, nem distinção alguma, só uma terrível, presença de anonimato. Seu canto crescia. Algumas delas tinham tochas. Elas nos vêm a luz das chamas vermelhas e gritam descontroladamente em torno de nós, com fome pelo Talismã. Há muitas delas. Estamos presas e indefesas.

Uma figura alta e vestida de preto entrou, e as irmãs se afastam para que sua líder se posicione. Ela levava um punhal de prata. Todo mundo está em silêncio.

— Você disse que me daria o Talismã – diz ela. Você vai. – Há alguém aqui que não pode recusar. Tragam-no!

As mulheres estremecem e suspiram, enquanto uma forma curvada é transportada em uma cadeira esculpida.

— Sebastian? – sussurro. Não há resposta. Tudo que ouço são os gemidos horríveis da seita.

— Sebastian, Lord Sebastian! – gemem. – Este é o momento! Cumpre seu voto!

A forma desmorona na cadeira esculpida e levanta sua mão. As mulheres silenciam, como um chocalho de folhas secas antes da tempestade. Devo ter entendido tudo errado, completamente equivocado. Sebastian decidiu trabalhar com suas irmãs depois de tudo. Ele está aqui para reivindicar seu prêmio. É o Talismã que ele quer não a mim.



Ele se levanta e caminha em minha direção, hesitante e lento. Seus olhos estão fundos e vermelhos, com dificuldade para respirar. Ele está desaparecendo. Está acontecendo, como ele disse. Não há como escapar, não para qualquer um de nós. Não posso suportar ver o rosto de Sebastian. Não suporto vê-lo tomar o Talismã de mim. Não posso suportar que faça meu coração em pedaços por isso. Este é o fim, finalmente.

Ele chega até mim, e eu espero seu ataque, mas tudo que ele faz é tocar uma mecha de meu cabelo.

— Eu amo você, menina do mar – sussurra. Então ele vai até as mulheres que esperavam e as golpeia com suas últimas forças. – Não se aproxime! Se machucarem ela, eu as destruirei.

A diretora grita:

— Não prestem atenção nele. Peguem os dois!

Todas se voltam para frente como uma onda escura, e alguém fala com uma voz tão clara como o amanhecer: *uma relíquia da nossa casa, não pode nunca cair na escuridão. Você pode fazer isso, Evie. Você pode fazer qualquer coisa, minha irmã.*

Sei o que tenho que fazer. Sebastian desabou no chão. Mais rápido que um relâmpago, me agacho e desenho um círculo em torno de nós com as pontas dos meus dedos, clara e brilhante em minha mente. Pequenas chamas brancas ganham vida ao longo do círculo. Coloquei minha mão sobre o Talismã pendurado no meu pescoço e com os segredos mais profundos da minha mente.

Penso, sinto, desejo... Uma deslumbrante luz branca enche a cripta e golpeia de volta para a diretora e suas seguidoras.

— Eu te ordeno... – grita. Mas eu rio dela. Não vou viver por suas regras. Vejo Helen e Sarah confusas e tomo suas mãos puxando-as para dentro do círculo. Minha mente se esvazia de tudo. Começo a gritar:

— O ar que respiramos, a água em nossas veias, a terra de nossos corpos, e o fogo de nossos desejos... – Damos as mãos, mas algo está faltando, a quarta parte do círculo. Então, abro meus olhos e ela está lá: Agnes, vestida de branco, sorrindo para mim. Deixo de lutar contra meu destino. Creio; desejo; sinto... Ah, sim, eu sinto e não estou com medo. Encanta-me e não me arrependo dele. O amor é tudo o que importa agora: meu amor por Sebastian, meu amor não menos precioso por Sarah e Helen. E, finalmente, dirijo-me a Agnes, minha antepassada, minha amiga, minha irmã... Ela pega minha mão e estamos completas. Helen levanta os braços para o brilho invisível acima de nós, e Sarah se ajoelha e pressiona suas mãos contra o chão. Mas como Agnes, continuamos paradas, com Sebastian caído aos nossos pés. Seus lábios estavam secos. Grita:

— Água...

Água. Claro. A água da vida.

Tudo à minha volta desaparece como a névoa, vejo-me caminhando sobre a campina, Sebastian está comigo. Minhas irmãs estão comigo, Helen, Sarah e Agnes... Estou subindo mais alto. Andando pela terra verde. Minha mãe está lá. *Evie querida*, ela me chama. Eu sou levada por uma grande onda de amor. Frankie está lá. Há coisas piores que a morte. Ela sorri. *Adeus, meu cordeiro*. Então, todos eles desaparecem, e estou subindo sozinha, até a parte alta da antiga



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

colina onde uma vez estive forte, uma torre de terra sob as estrelas. Olho para baixo e vejo um córrego, cada fluxo de água em um vale escuro. Vejo o lago, vejo o mar, negro no horizonte. Agora finalmente eu sei. Este é o momento, e o poder para ser eu mesma. As estrelas fugiram, a noite acabou, e quando levanto a mão, a água me obedece e se levanta em uma onda poderosa. Abro os olhos. Abaixo, na cripta existe um grande estrondo e agitação. Pela primeira vez vejo o medo na cara da diretora, e suas seguidoras, que em seu pânico a abandonaram. A terra se racha, as paredes desmoronam, o vento sopra através da escuridão, e então a água vem. Não pode entrar no nosso círculo, mas percorre o resto da cripta, como um mar em ebulição. E me parece que nossos inimigos são varridos como pequenas pedras pela praia.

Immortal

First love never dies . . .



Capítulo 49

As cheias repentinas nos antigos porões sob as ruínas podem ser explicadas: um acidente que havia canalizado a água do lago através de um das muitas eclusas e túneis que foram construídos nos velhos tempos. Um acidente, nada mais. Qualquer outra explicação seria impossível, claro.

Continuamos com o conhecimento de nós mesmas. Nós tínhamos escapado do rio através do túnel e da velha gruta. Sebastian deixou-me enrolada em seu casaco, sob a estátua do Pan. Molhei os lábios da primavera, beijei suas mãos, e prometi voltar. Mas quando eu voltei no dia seguinte ele tinha sumido. Helen e Sarah acompanhavam-me com a maior quantidade de buscas que podiam no labirinto subterrâneo, mas não encontraram nenhum traço dele.

Não havia nenhum sinal do Coven tampouco. A água tinha escorrido, deixando um cheiro rançoso de barro e lama, e eu meio que receava atravessar os corpos sem nome das mulheres que se afogaram, suas roupas torcidas e os olhos em branco e vazios. Mas não havia nada. Elas tinham escapado.

Parecia que ninguém ficou ferido, mas algo tinha mudado. O dia depois da inundação. Sentia uma estranha sensação de alívio. Eu sabia que devia ter medo da Alta Sacerdotisa, que poderia atacar novamente, mas o dia passou em silêncio como uma espécie de espera entre uma batalha e a seguinte.

E então, quando estávamos em oração depois do jantar, a Srta. Scranton fez o anúncio.

— É meu triste o dever de informar as meninas, que a Sra. Hartle foi reportada a polícia como desaparecida. Ela não foi vista desde o final da procissão na noite passada. Se bem não estamos seguras sobre seu paradeiro, garanto-vos que as autoridades não acreditam que ela esteja morta. Rezemos para que nossa direota esteja conosco novamente, muito em breve.

Novamente, me causou uma sensação de algumas fofocas e dúvidas. Algo que nunca aconteceu antes na história da Wyldcliffe. Para nós era diferente. Helen avariou-se em silêncio, lágrimas de tristeza saíam com a notícia, mas ninguém se preocupou. Era apenas a louca Helen Black...

Só nós sabíamos por que ela chorava, dividida entre o amor e o ódio. O anúncio da Srta. Scranton não foi a única notícia. Mais tarde, à noite, o telefonema veio do lar de idosos, para dizer que Frankie tinha morrido. Como o romper do dia, estava muito calma, disse. Eu não chorei. Senti o colar da prata debaixo da camisa e disse:

— Estou contente por ter dito adeus a ela. — A pessoa da escola e a enfermeira que me deram a mensagem me olharam estranhamente, murmurando que devia ser um choque...



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Todo mundo tem que morrer. Acho que Frankie sabia que eu não estava sozinha, e poderia se deixar ir. Não chorei. Deus não remove a vida... Adeus, minha querida. Adeus.

O dia passou muito lentamente. Passei o tempo com Helen e Sarah, imaginando o que iria acontecer. O que realmente tinha destruído a Alta Sacerdotisa? Ou estaria ela em algum lugar, esperando seu tempo e reunindo forças para o próximo ataque?

Como toda a escola estava à espera de notícias, foi a Srta. Scratton que assumiu. Ela organizou tudo, a defesa dos estudantes da intrusão da imprensa e das perguntas da polícia. Foi de classe em classe para ter certeza que tudo estava funcionando como um relógio e que Wyldcliffe sobreviveria. Se eu não tivesse lembrado os rostos mascarados que tinha visto na cripta, se eu não tivesse aprendido a não confiar em qualquer mulher sob o teto da abadia, haveria chamado para o conforto da sua presença, calma.

Havíamos vencido a primeira batalha. Sabia, entretanto, que se Celia Hartle realmente estava desaparecida, ou mesmo morta, outra Alta Sacerdotisa logo iria surgir das sombras para liderar o Coven.

Como um cão de caça faminto por um pedaço de comida, elas não iriam desistir de sua busca do Talismã. Haviam-nos detido uma vez, mas enquanto pendurava ao redor do meu pescoço, estava em perigo, enquanto Sebastian ainda estava ali para dar-lhes o menor aroma de esperança.

Sebastian.

Meu princípio e meu fim. Um garoto que nunca iria encontrar tinha mudado a minha vida. E agora que eu tinha atingido e Tocado o talismã com minha mente. Não poderia deixá-lo descansar. De alguma forma, prometi, que queria dominar todos os segredos que Agnes sabia, e chegar ao meu destino, com uma chave de Sebastian em minhas mãos.

Eu não iria deixá-lo cair no tormento por mim. Tinha que encontrá-lo, antes que fosse tarde demais, porque tudo o que tinha deixado, me agarrava às últimas palavras as quais ele havia me dito.

Eu te amo.

Não havia uma força maior do que isso, um mistério tão profundo.

O vento soprava em dezembro, frio e amargo no gramado do Convento.

Era o fim do período.

Meu pai conseguiu uma autorização para que pudéssemos passar as férias os dois.

Em casa, nós andamos ao longo da praia todos os dias, vendo a queda das verdes ondas como golfinhos, tranquilos, na nossa tristeza compartilhada sobre Frankie. Eu tentei ser a garota que ele disse adeus em setembro, mas ele notou a diferença.

— Pobre Evie – disse. – Não tem sido fácil.

— Não – eu respondi. – Tudo bem, no entanto. Eu posso lidar...

Ele me abraçou.

— Eu sei. Mas você ficará feliz de voltar a Wyldcliffe novamente. Você tem amigas agora, certo?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=65618057>

Concordei. As palavras eram tão inadequadas. Sim, eu tinha amigas. Sim, eu tinha que voltar a Wyldcliffe. Minhas amigas estavam me esperando.

Minhas amigas. Minhas irmãs.

Meu amado.

Fim

“Immortal” é o primeiro livro da série de Gillian Shields. O segundo livro será lançado em Agosto de 2010, e assim que o ebook estiver disponível, o mesmo será traduzido pela comunidade que traduziu o primeiro livro (Traduções e Digitalizações).

